



Educação
Ambiental



**MEMÓRIA
INSTITUCIONAL
E NARRATIVA**

R165v Ramalhete, Flávia Temoteo

20 anos Educação Ambiental em Praia Grande:
Memória institucional e narrativa / Flávia Temoteo
Ramalhete, Monica Solange Rodrigues e Silva e Rafael
da Silva e Silva – Praia Grande,SP, 2017.
228p.

ISBN 978-85-921028-1-4

1. Praia Grande (SP) – Memória. 2. Praia Grande (SP)
História. 3. Praia Grande (SP) – Narrativa. 4. Educação
Ambiental – Praia Grande (SP). I. Silva, Monica Solange
Rodrigues. II. Silva, Rafael da Silva e. III. Título.

CDD-981.612

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-921028-1-4



9 788592 102814

**FLÁVIA TEMOTEO RAMALHETE
MONICA SOLANGE RODRIGUES E SILVA
RAFAEL DA SILVA E SILVA**

**20 ANOS EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PRAIA GRANDE:
MEMÓRIA INSTITUCIONAL E NARRATIVA**

1ª edição

PRAIA GRANDE
Monica Solange Rodrigues e Silva
2018

FICHA TÉCNICA

Centro de Memória da Educação da Secretaria de Educação de Praia Grande
Departamento de Educação Ambiental da Secretaria de Educação de Praia Grande

Coordenação de pesquisa e texto:

Monica Solange Rodrigues e Silva
Rafael da Silva e Silva

Coordenação executiva:

Eliane Aparecida Milani de Queiroz

História Oral – Gravação:

Assessoria Técnica do Gabinete da Secretaria de Educação de Praia Grande

Direção de Imagens:

Renato dos Santos Pereira

Entrevistadores:

Rafael da Silva e Silva
Monica Solange Rodrigues e Silva

Entrevistados:

Alberto Pereira Mourão (10/05/2017)
Antonio Paulo de Amorim Ferreira de Moraes (20/05/2017)
Carlos Eduardo Rocha Pereira (10/10/2017)
Carolina Pacheco Bertozzi (03/04/2017)
Cristiane Evaristo Araújo (10/04/2017)
Francisco Gomes da Costa Neto (27/03/2017)
Gilberto Winter (20/03/2017)
Gilson da Silva Serqueira (10/10/2017)
Glauber Gomes Lacerda (10/10/2017)
Glória Cristina Carréri Bruno (17/04/2017)
Israel Salomão Delfino (10/10/2017)
Maura Lígia Costa Russo (25/04/2017)
Rejane Cortes Pinheiro França (24/04/2017)
Sívio Schlegel de Oliveira Bello (03/04/2017)
Vandilma Silva Galindo (05/05/2017)
Vera Lúcia Giacomett de Carvalho (24/04/2017)

Transcrição:

Flávia Temoteo Ramalhete

Transcrição:

Flávia Temoteo Ramalhete
Monica Solange Rodrigues e Silva

Apoio Técnico:

Regina Maura da Mota Feres
Simony Feichas Renó

Revisão de Texto:

Catarina Aparecida Vitti Simões
Marilena Ferreira

Diagramação e Arte da Capa:

Subsecretaria de Comunicação Social

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Introdução.....	19
Apontamentos Históricos da Educação Ambiental.....	21
A Criação do Departamento de Educação Ambiental de Praia Grande.....	34
Memórias e Narrativas.....	93
Gilberto Winter: a alma ecológica.....	95
Mourão e o elemento transformador.....	117
Maura Lígia e a preservação de um ideal.....	127
Patrulha do Verde: um caminho para a vida.....	133
Glória: rompendo e mudando paradigmas.....	145
Paulo: todo respeito ao mestre.....	155
Carol, a pesca, o pescador e o ideal.....	169
Vera e a casinha encantada.....	179
Cristiane e a linguagem das crianças.....	185
Silvio Bello: o homem e o mar.....	191
Vandilma... No primeiro dia... A paixão.....	195
Rejane: semeando hortas.....	207
Francisco: um mundo maior que a dança.....	213
Referenciais Bibliográficos.....	225

APRESENTAÇÃO

Em Praia Grande, há quase trinta anos demonstramos nosso respeito à natureza e à importância da educação e consciência ambientais. Na década de 1990, criei a Patrulha do Verde, um projeto de conscientização ambiental para crianças que se consolidou como o Departamento de Educação Ambiental, instalado na área de lazer Ézio Dall'acqua (o Portinho), onde milhares de crianças aprendem sobre a importância do meio ambiente.

Incentivar desde cedo cidadania, valores e respeito à natureza é fundamental para que tenhamos um mundo cada vez melhor. Fazer cada pessoa acreditar que sua parte neste ecossistema tão rico é uma grande contribuição para o planeta é o que buscamos constantemente por meio deste programa.

Em um planeta que sofre com os impactos causados pelo homem, que por muito tempo não se preocupou com o futuro, prejudicando a natureza, acreditando ser uma fonte inesgotável, corre-se contra o tempo para resgatar o que foi perdido e evitar danos maiores. Desmatamentos, poluição, mortandade de animais marinhos e silvestres, extinções fazem parte hoje de um vocabulário assustador que não queremos para as futuras gerações. Que eles sejam substituídos pelas palavras e ações de sustentabilidade, preservação, ecologia e ecossistema.

Por isso, queremos que a geração de hoje seja comprometida com o meio ambiente que tanto faz por nós e que pede socorro. São esses jovens que mostrarão que de grão em grão, de gota em gota, conseguiremos salvar nossa natureza. São eles os agentes multiplicadores da informação e do conhecimento. São eles os grandes guardiões de nosso grande tesouro, um tesouro que deve ser verde, cristalino, azul e de todas as outras cores que só a natureza é capaz de proporcionar.

Participar com depoimento deste livro me deixa muito honrado, me traz a satisfação de ver que aquela semente plantada há anos está florescendo, e que mesmo com grandes desafios pela frente, estamos trabalhando por nosso planeta.

Que esta publicação seja mais do que uma leitura agradável de resgate da história, que seja um estímulo para ações em prol do meio ambiente.

Alberto Mourão

Cuidar do meio ambiente é proteger a nossa própria vida. Em uma época em que tanto se fala em conter os danos que o ser humano causa diariamente à natureza, Praia Grande comemora vinte anos do Departamento de Educação Ambiental.

O trabalho é inovador, reconhecido em todo o Estado de São Paulo, principalmente por contar com uma escola voltada especificamente ao tema, com laboratório, estufas, ateliê, biblioteca e museu biológico, além de uma estrutura que atende milhares de alunos da rede pública e privada, e também grupos da comunidade que participam de diversos projetos como o Praia Grande Natural, O Mar é Nosso, entre outros.

Esses projetos contam com aulas práticas, como o passeio de barco, que foi adquirido exclusivamente para atender o projeto. A embarcação passa por diversas áreas do manguezal, onde é possível recolher o lixo deixado no oceano que acaba parando nesse ecossistema, um dos maiores berçários da vida marinha do planeta.

Essa e muitas outras experiências propiciadas pela Educação Ambiental fazem com que o aluno viva a natureza em sua essência, fazendo-o perceber a importância da preservação do meio ambiente e o quanto as diversas formas de vida são sensíveis e, mesmo assim, agredidas dia após dia.

O respeito ao meio ambiente é a principal herança que podemos deixar para as nossas crianças. Mostrar o quanto necessitamos da natureza e enfatizar que a degradação da Terra afeta diretamente a vida de todos nós é a principal função desse equipamento.

O presente trabalho valoriza ainda mais um projeto tão reconhecido, inovador e fundamental. Que ele possa ser desfrutado pelos leitores e que também seja um agente de conscientização ambiental e valorização da Mãe Natureza.

Maura Ligia Costa Russo

Praia Grande realiza um trabalho diferenciado na área da Educação Ambiental, que se destaca pelo pioneirismo, além do comprometimento, engajamento e senso de responsabilidade social dos profissionais envolvidos nessa ampla trajetória. O caráter inovador se constata desde a concepção de se criar uma escola ambiental, pois a cidade se antecipou à legislação, inaugurando a unidade dois anos antes da promulgação da lei que determinou o assunto Educação Ambiental como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Quando a lei foi promulgada, Praia Grande já estava estruturada nessa área e trabalhando o tema com seus estudantes. Já tinha um núcleo próprio e uma equipe preparada para trabalhar esse assunto, fato que caracteriza mais um diferencial para o município.

Outro ponto inovador na Educação Ambiental de Praia Grande é que ela sempre se caracterizou pela contextualização e envolvimento com as questões locais e os desafios da cidade, realizando, por exemplo, aulas práticas sobre o lixo jogado no manguezal ou na praia, frequentemente com visitas a esses locais e até mesmo mutirões de limpeza desses espaços. Aulas sobre reutilização de materiais, uso racional da água e da energia e importância dos diversos ecossistemas, dentre tantos outros temas, fazem parte do cotidiano do Departamento de Educação Ambiental de Praia Grande, que recebe estudantes de todas as idades, tanto de escolas públicas como privadas, além de integrantes de projetos sociais. Mais do que transmitir informações e conceitos, o objetivo sempre foi conscientizar alunos e comunidade, visando à formação de valores e à mudança de hábitos e de atitudes perante o meio ambiente.

Este livro mostra um pouco do trabalho que comemorou vinte anos, mas que já totaliza um período bem maior, se levarmos em conta a fase anterior à inauguração da escola de educação ambiental, quando já existiam ações de conscientização em relação aos cuidados com a natureza, como o projeto Patrulha do Verde, também comentado nesta publicação.

Por toda sua importância, todo seu pioneirismo e tudo que representa, a trajetória da Educação Ambiental na cidade de Praia Grande é uma história que não poderia deixar de ser registrada, pois merece reconhecimento e serve de referência.

Professores, gestores e autoridades políticas que fizeram parte e acompanharam de perto todo esse processo expõem neste livro um pouco dos desafios, das conquistas, das ideias e das curiosidades que fazem parte dessa trajetória.

Espera-se que a história compartilhada nesta publicação sirva como inspiração para todos aqueles interessados em incentivar o respeito e a valorização da natureza e em contribuir com um mundo melhor.

Boa leitura a todos!

Nanci Solano Tavares de Almeida

Sempre muito à frente do seu tempo, a implantação de uma unidade específica voltada para Educação Ambiental na década de 1990, antes da promulgação da lei referente à inserção desse assunto como tema transversal nos currículos escolares, está entre os diversos pontos que enfatizam o perfil de pioneirismo da cidade de Praia Grande. Ao longo dos últimos anos, o Departamento de Educação Ambiental se tornou uma referência, não apenas regional, quando o assunto se trata de ensinar crianças, jovens e até mesmo adultos, sobre a importância de preservar e, além de tudo, respeitar o meio ambiente.

Projetos como **Cidadão Legal**, **Vem Passarinhar** e **Praia Grande Natural** despertam a curiosidade, principalmente, dos alunos da rede municipal de ensino. Ver nos rostos das crianças olhos brilhando por cada descoberta, ou por entenderem que podem dar sua contribuição ao descartar corretamente o lixo, auxiliar na limpeza de manguezais e praias, ou pelo prazer de plantar uma muda de árvore, mostra que o trabalho do Departamento de Educação Ambiental está no caminho certo.

Isso só se torna possível graças ao engajamento de todos, ao entendimento de que precisamos unir forças para que o mundo amanhã não sofra com as ações inconsequentes da raça humana que, muitas vezes, esquece-se do seu papel de cidadão pensando no ganho individual. E como “uma andorinha só não faz verão”, o trabalho diário de toda a equipe do Departamento se torna fundamental.

Dos professores aos funcionários da unidade, passando pela equipe técnica e gestora da Educação Ambiental, todos entendem qual o seu papel nessa luta diária. É bonito de se ver quando uma equipe fala uma só voz e, junta, corre atrás de um denominador comum que visa a conscientizar crianças, jovens e adultos. Por isso, faz-se necessário destacar e parabenizar o trabalho de cada um dos servidores que contribuem ou já deram a sua contribuição ao Departamento de Educação Ambiental.

Nada mais justo que essa trajetória de sucesso seja eternizada e compartilhada por meio deste livro, que traz detalhes de todo o processo realizado em prol de educar, de conscientizar. Que essa leitura, além de permitir a você uma viagem no tempo e conhecer toda essa caminhada, desperte o interesse em contribuir nessa jornada que também é sua!

Boa Leitura!

Eliane Aparecida Milani de Queiróz

O Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista – CBH-BS, em seus 23 anos de atuação na Baixada Santista, tem muito orgulho de suas realizações na melhora das condições de vida da população.

Reunindo nove municípios, nove entidades estaduais com atuação na Baixada e 18 entidades da sociedade civil eleitas entre as mais de 60 cadastradas, tem desempenhado um importante papel na alocação de recursos provenientes da cobrança pelo uso da água e de sua cota dos royalties obtidos pelo Estado, fornecidos pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos – FEHIDRO.

Ao longo de sua existência, já executou mais de 150 projetos e tem em andamento cerca de 50 contratos, comprometendo mais de R\$ 100 milhões desde sua criação.

São projetos de saneamento, serviços e obras, gestão de recursos hídricos e educação ambiental que visam à melhora dos padrões de saúde e vida dos habitantes da região.

Anualmente são disponibilizados cerca de R\$ 10 milhões em novos contratos, cujos produtos impactam diretamente a vida da população.

Exerce um papel importante no auxílio às prefeituras na solução dos problemas de drenagem, participando também de projetos de longo prazo como o da destinação de resíduos sólidos, recentemente concluído pela Agência Metropolitana da Baixada Santista – AGEM com recursos do FEHIDRO, financiado pelo CBH-BS.

Outro papel importante está sendo a implantação de postos hidrométricos para a coleta de chuva e vazão que permitirão um maior conhecimento das disponibilidades de recursos hídricos na região, permitindo assim seu melhor gerenciamento.

Tem financiado projetos de educação ambiental voltados às escolas ou à população em geral, conscientizando as pessoas sobre a importância da água e de seu uso consciente.

É com orgulho que participamos deste projeto que apresenta o trabalho de educação ambiental desenvolvido pela Prefeitura de Praia Grande nos últimos vinte anos.

Parabéns!

Fernando Cordeiro
Secretário Executivo do CBH-BS

Nós do Complexo Empresarial e Aeroportuário Andaraguá S/A temos a certeza de que a Educação é a base de uma sociedade estruturada, e para que essa sociedade cresça de maneira sustentável é necessário que a Educação Ambiental seja aplicada em todas as suas raízes, formando cidadãos comprometidos com o bem-estar das pessoas e com a consciência da proteção do planeta.

O Complexo Andaraguá reconhece e apoia as iniciativas voltadas à sustentabilidade e perpetuidade das espécies. Somos signatários do Pacto Global da ONU – Organização das Nações Unidas, e incorporamos às práticas empresariais diárias os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030.

Estamos comprometidos com uma sociedade responsável, que já atua na Educação Ambiental há 20 anos, e certos de que a nossa união desempenhará seu papel como agente catalisador da transformação socioambiental da região através de parcerias.

A iniciativa da publicação do livro **20 Anos Educação Ambiental em Praia Grande: Memória Institucional e Narrativa** coroa o pioneirismo, esforço e dedicação do município de Praia Grande em formar jovens conscientes do seu papel no planeta. Ações diferenciadas e comprometidas como essas revelam a importância do tema no Município e estão totalmente alinhadas aos nossos princípios do Complexo Andaraguá.

Deste modo, parabenizamos toda a equipe pela qualidade do livro e pelo trabalho desenvolvido ao longo de duas décadas na preservação do meio ambiente e na transformação de cidadãos conscientes.

“O homem só será considerado um ser evoluído no dia em que o nosso planeta deixar de aplicar a educação ambiental e doutrinar os nossos discípulos na evolução da gestão ambiental”.

André Ursini
CEO – Andaraguá S/A

INTRODUÇÃO

O Departamento de Educação Ambiental (DEA) foi criado em 1996 e desde então vem desenvolvendo trabalhos sobre a temática ambiental na rede de Educação Municipal de Praia Grande. Por essa razão, foi realizada a parceria com o Centro de Memória da Educação de Praia Grande para a realização do presente trabalho.

Uma publicação dessa natureza não pode deixar de fora as pessoas que passaram pelo Departamento e, por essa razão, optou-se como metodologia de trabalho a pesquisa em História Oral. Por meio das entrevistas com aqueles que passaram de alguma maneira pelo Departamento, realizou-se um livro de memória sem a pretensão acadêmica. Procurou-se assim trazer a voz de todos que trabalharam para a Educação Ambiental.

Foram realizadas entrevistas de História Oral com questionário semiestruturado. Em sua maioria, essas entrevistas foram realizadas no próprio Departamento. Após a realização das entrevistas, seguiu-se pelo caminho da Transcrição, levando-se em conta todos os cuidados metodológicos, tendo como base o trabalho do professor José Carlos Sebe B. Meihy (2007, p. 133 – 134). A única exceção aconteceu com a entrevista realizada com os ex-integrantes da Patrulha do Verde, pois foi realizada uma entrevista coletiva, inviabilizando a Transcrição, sendo utilizada a Transcrição.

Além das entrevistas, foram consultadas diversas fontes históricas para compor o texto narrativo deste trabalho. As fotografias, em sua maioria, fazem parte do acervo do próprio DEA e serviram de base para a compreensão dos caminhos pedagógicos adotados ao longo desses vinte anos.

Infelizmente, não foi possível a realização de entrevista com todas as pessoas que passaram pelo DEA. Como exemplo, a professora Sandra Aparecida Pires, responsável pela elaboração de parte dos materiais didáticos do DEA. Ficou, assim, a lacuna sobre como foram elaborados tais documentos, bem como sua utilização pelos professores e alunos da rede. Possivelmente, esse trabalho fica para uma segunda etapa de pesquisa.

Elaborado por historiadores, o texto teve como objetivo principal o registro da memória do DEA e suas respectivas ações, sem o compromisso de aprofundamento com as questões ambientais, mesmo que sejam inevitáveis algumas reflexões sobre o assunto ao longo da narrativa. Espera-se com este registro uma contribuição para a compreensão da temática da Educação Ambiental em Praia Grande e na Baixada Santista, assim como suscitar novos debates acerca do tema e apresentar desafios para futuras pesquisas.

APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pode-se dizer, em escala histórica, que a problemática da Educação Ambiental é relativamente recente na sociedade, ainda mais pensando no âmbito brasileiro. Pensar uma educação ambiental em que as implicações do ser humano com o meio e vice e versa acontecem de forma estruturada na educação em todos os níveis não tem mais do que setenta anos, exceto experiências isoladas que não configuram uma preocupação no sentido de educação formal. Portanto é ainda um campo em construção, que caminha na medida em que avançam as discussões acerca dos erros e acertos, seja no campo filosófico, jurídico, social etc. Porém, as questões ambientais apresentam-se de forma urgente uma vez que se percebe a dramaticidade do cenário global diante das mudanças climáticas, que necessitam de ações mais enérgicas para evitar o colapso climático e ambiental que se descortina em um futuro próximo, em que dados já são apontados por boa parte da comunidade científica internacional (ProNEA, 2005, p. 17 – 18).

Com a sedentarização do ser humano na pré-história, vislumbrou-se a possibilidade de controle da natureza. Pouco a pouco o ser humano foi desenvolvendo técnicas de agricultura e domesticação de animais que possibilitaram a fixação em um mesmo local, fazendo com que surgissem as primeiras cidades e o desenvolvimento do processo civilizacional. Com o passar de alguns milhares de anos, foi necessária a organização social, o que aconteceu por eleição ou por imposição. Pessoas que estavam de alguma maneira à frente de grupos populacionais reivindicaram para si o direito divino de governança, surgindo as monarquias da Antiguidade. Esse processo se deu em diferentes regiões do planeta, simultaneamente em algumas localidades, anacronicamente em outras. Nesses locais, a agricultura desenvolveu um papel central no sentido de possibilitar a produção de alimentos em alta escala, criando excedentes que liberaram parte da mão de obra para a realização de ofícios diferenciados, trabalhos burocráticos, sacerdotais etc.



Figura 1 - Mural da
Educação: Pré-História
Praia Grande/SP

Grandes construções elevaram ainda mais a possibilidade de transformação da paisagem e da natureza a favor do ser humano. Da América à Ásia, pesquisadores observaram a engenhosidade humana para fazer com que a água atingisse a maior porção de terra possível a fim de otimizar a agricultura. Na América do Sul e partes da China foram construídos terraços em regiões montanhosas. Na África e na Ásia, diques e canais que levavam as águas dos rios mais longe. Na região do atual México, construíam-se ilhas flutuantes para a agricultura. Ao que parece, a engenhosidade humana, ao longo da História, de um jeito ou de outro, buscou o controle natural a fim de se obter os melhores resultados do meio ambiente, principalmente, buscando a produção de alimentos.

Mesmo nessas civilizações com arquitetura notável e grande sofisticação em seus modos de produção alimentar, havia uma proximidade estrita ao que a natureza pudesse oferecer, mesmo que de forma controlada por meio da agricultura. A gestão da biomassa era fundamental para a sobrevivência do ecossistema, assim como da civilização em questão (SACHS, 2009, p. 29 – 30). Na Inglaterra do século XVI, percebeu-se uma mudança do paradigma do ser humano em relação à natureza. Se na Idade Média havia uma sociedade exclusivamente rural, a Idade Moderna é marcada pela intenção de transformar o meio às necessidades humanas de forma muito mais profunda do que foi visto até então (THOMAS, 2010, p. 18).



Figura 2 - Terraço de origem inca.

Fonte: Wikipédia - <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pisac006.jpg>

A busca pelo aprimoramento da produção em série transformou radicalmente a paisagem dos locais onde foram instaladas as fábricas. Em um breve período de não mais de cem anos, a cadeia produtiva industrial mudou radicalmente a sociedade em escala global. Junto com a transformação social, intensificaram-se ideias da possibilidade de controle da natureza pela razão humana. Diante de tantos inventos, das conquistas dos engenheiros, das possibilidades da metalurgia etc., reforçaram-se a ideia de possibilidade de controle absoluto da natureza e a necessidade de expansão dos mercados consumidores e da exploração de matéria-prima para dar conta dessa demanda (HOBSBAWM, 2010, p. 94 – 95).



Figura 3 - Mina de Carvão de Murton (1841)
Tomas Miles Richardson

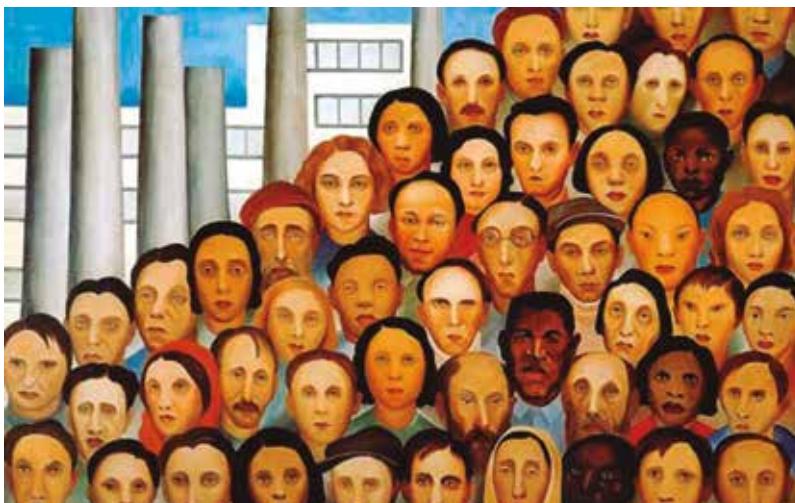


Figura 4 - Operários (1933)
Tarsila do Amaral

A rápida deterioração do meio ambiente nos países industrializados levou à manifestação dos primeiros defensores ambientais. Na Inglaterra, a partir das pequenas áreas verdes ainda existentes, em vista do processo histórico pelo qual o país passou, surgiram os primeiros defensores com a ideia de preservação para a contemplação das paisagens naturais. Na Alemanha, após a unificação¹ e o processo de industrialização do final do século XIX, uma corrente diferenciada à da Inglaterra apresentou a possibilidade de preservação da natureza para fins científicos. Mas em ambos os casos, as questões ambientais ainda estavam restritas à camada burguesa e não era um assunto amplamente discutido pela sociedade.

Consciência e ações ambientais começaram a se formar e a sair do plano utópico para alcançar o senso comum após a Segunda Guerra Mundial, principalmente com seu desfecho trágico com o lançamento das bombas atômicas no Japão. Percebeu-se naquele momento a possibilidade de autodestruição da humanidade. Junto com esses eventos mais dramáticos, vislumbrava-se, até mesmo antes dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, a organização internacional dos países em busca de interesses comuns, surgindo daí a Organização das Nações Unidas.

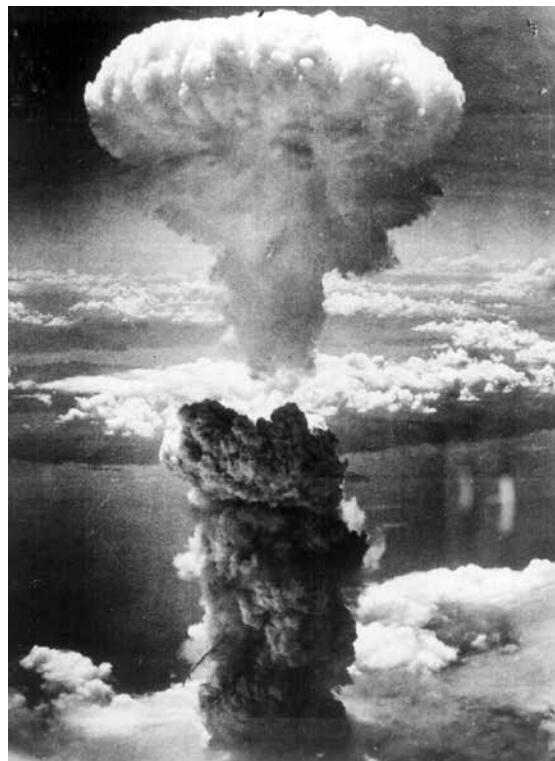


Figura 5 - Bomba Atômica.
Fonte: <https://www.archives.gov/files/research/military/ww2/photos/images/ww2-163.jpg>

¹ Antes da unificação, a Alemanha estava dividida em 39 estados, formando a Confederação Germânica. Com liderança da Prússia, houve um movimento conhecido como Zollverein para estreitar a união dos estados a fim de facilitar o comércio e a industrialização. Coube ao Chanceler Otto von Bismarck a unificação da Alemanha pela via militar.

A princípio, as questões ambientais não estavam entre as principais pautas da agência, visto que as atenções estavam voltadas para o cenário da Guerra Fria e a possibilidade de autodestruição de uma eventual guerra nuclear. Porém, a partir da década de 1960, o assunto foi introduzido gradativamente nas discussões científicas e políticas. O marco inicial das ações ambientais do ponto de vista político-científico aconteceu em 1972, quando ocorreu a Conferência Mundial do Meio Ambiente Humano, que ficou conhecida com o nome da cidade que a subsidiou: Estocolmo. Foi nesse evento que se pensou em ações pontuais para a Educação Ambiental, ficando a cargo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) a responsabilidade do direcionamento regional e internacional dos debates acerca do meio ambiente.



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Figura 6 - Logomarca da UNESCO

No mesmo ano da Conferência de Estocolmo surgiu uma publicação polêmica de largo alcance, promovida pelo Clube de Roma, um seleto grupo de empresários que passou a financiar pesquisa sobre os impactos ambientais promovidos por ações humanas. Segundo seus relatórios, o planeta Terra não suportaria a continuidade de exploração dos recursos naturais, sugerindo o “crescimento zero”. As ideias do Clube de Roma foram duramente criticadas pelos países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, que historicamente poluíram menos que os países que saíram na frente da corrida industrial, e por isso pagariam com a estagnação de suas economias. Contraditoriamente, a Declaração de Estocolmo permitia que os países em desenvolvimento se beneficiassem dos acordos estabelecidos, afirmando que as políticas ambientais deveriam afetar positivamente, e não negativamente os países em desenvolvimento.

As políticas ambientais de todos os países devem melhorar e não afetar negativamente o potencial desenvolvimentista atual e o futuro dos países em crescimento, nem obstar o atendimento de melhores condições de vida para todos, cabendo aos Estados e organizações internacionais a adoção de providências adequadas, que visem a chegar a um acordo, a fim de fazer frente às possíveis consequências econômicas nacionais e internacionais resultantes da aplicação de medidas ambientais. (Declaração de Estocolmo)

Apesar das críticas tanto ao Clube de Roma como à Conferência de Estocolmo, percebeu-se nesse momento uma mudança de paradigmas em que os assuntos ambientais, a partir daquele momento, fariam parte das pautas diplomáticas internacionais. Além disso, foi a partir de então que se pensou na Educação Ambiental como forma de atuar na preservação do meio ambiente por meio das novas gerações. A Conferência de Estocolmo previa a educação para a formação de indivíduos responsáveis em relação às questões ambientais:

É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto às gerações jovens como aos adultos, dando atenção especial às populações menos privilegiadas, a fim de criar as bases de uma opinião pública bem informada e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspiradas no sentido de sua responsabilidade em relação à proteção e melhoria do meio ambiente em toda a sua dimensão humana. (Declaração de Estocolmo)

Ambos os eventos foram fundamentais para a transformação dos paradigmas em relação à Educação Ambiental do ponto de vista global. Tanto que alguns anos depois, em 1975, as discussões sobre a importância da Educação Ambiental foram ampliadas no Seminário Internacional sobre Educação Ambiental em Belgrado, na Iugoslávia. Nesse evento, discutiu-se sobre a importância da Educação Ambiental formal e não formal para a manutenção das políticas ambientais de uma forma geral, já apontando para ações mais concretas acerca do assunto. O evento resultou na Carta de Belgrado que, dentre outros pontos, destacou que nenhuma nação deveria se desenvolver em detrimento de outra, buscando para isso uma forma sustentável de desenvolvimento. Anos mais tarde, aconteceu a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi, na Geórgia, antiga URSS. Nessa conferência, os tópicos abordados na Carta assinada no evento de Belgrado foram retomados e sistematizados, buscando tanto a valorização dos educandos quanto a natureza em si como patrimônio da humanidade.

Durante as décadas de 1960 e 1970, surgiram os conceitos do ambientalismo e da Educação Ambiental. Foi um período fundamental para a consolidação de uma problemática séria e de interesse comum. Foram nesses anos que tais questões deixaram de representar uma preocupação meramente científica e

ganharam contornos sociais e políticos. Porém na prática, muito pouco foi feito. As discussões travadas nos encontros e nas conferências ambientais não se efetivaram entre os países que as assinaram como práticas que realmente trouxessem uma transformação socioambiental em todas as esferas partindo da Educação Ambiental. Como as atenções diplomáticas estavam voltadas para a bipolaridade entre URSS e Estados Unidos e um eventual conflito nuclear entre os dois, não havia espaço para debates climáticos e políticas efetivas de Educação Ambiental.

Por essa razão, os países voltaram a se reunir em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), mais conhecida como Eco-92 ou Rio-92. Nesse evento, novos termos foram colocados para os países participantes. Foram elaborados termos vinculantes e não vinculantes, ou seja, obrigatórios ou não aos países participantes do evento. Dentre aqueles vinculantes, obrigatórios para os países assinantes, destacaram-se a Convenção sobre Diversidade Biológica, Convenção da ONU para Combate à Desertificação e Convenção sobre Mudanças Climáticas. Além dessas medidas, aquelas não vinculantes tiveram uma grande repercussão no cenário da Educação Ambiental, com destaque para a Agenda 21 Global, em uma tentativa global de se alcançar o desenvolvimento sustentável.



Figura 7
Logomarca Rio-92

O documento original possui quarenta capítulos distribuídos em mais de 400 páginas. Chama atenção para o cuidado que o desenvolvimento deveria possuir a partir daquele momento com o meio ambiente. O documento frisava a importância de, até 1996, cada governo local construir regionalmente a sua própria Agenda 21 atendendo aos interesses e problemática específica de cada região (Agenda 21, p. 381. 28.3). Como o próprio documento coloca, a educação era o ponto de convergência de todas as ações da Agenda 21. Por meio dela, tais ações seriam cristalizadas em uma sociedade sustentável, reforçando as ações que foram estabelecidas anteriormente em Tbilisi:

O ensino, o aumento da consciência pública e o treinamento estão vinculados virtualmente a todas as áreas de programa da Agenda 21 e ainda próximos das que se referem à satisfação das necessidades básicas, fortalecimento institucional e técnico, dados e informações, ciência e papel dos principais grupos. Este capítulo formula propostas gerais, enquanto que as sugestões específicas relacionadas com as questões setoriais aparecem em outros capítulos. A Declaração e as Recomendações da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre Educação Ambiental, organizada pela UNESCO e o PNUMA e celebrada em 1977, ofereceram os princípios fundamentais para as propostas deste documento. (Agenda 21, p. 429, 36.1)

A Eco-92 deixou em evidência os assuntos relacionados ao meio ambiente, com destaque à Educação. Assim, o Governo Brasileiro considerou que a Educação Ambiental seria um dos instrumentos da política ambiental como um todo. Isso resultou na formulação da Coordenadoria Geral de Educação Ambiental (COEA/MEC) e na Divisão de Educação Ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), cuja proposta de trabalho seria vincular sempre a Educação Ambiental às demais ações adotadas (ProNEA, 2005, p. 23). Anos mais tarde, fruto dos trabalhos desenvolvidos na Rio-92, foram criados o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) em 1994 e, em 1996, o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), quando se discutiu o documento intitulado Subsídio para a Formação de uma Política Nacional de Educação Ambiental, elaborado pelo MMA/IBAMA e pelo MEC.

Finalmente, o MEC lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais contemplando a Educação Ambiental.



Figura 8
Parâmetros Curriculares Nacionais

O texto da Agenda 21 previa a descentralização e a regionalização. Com isso, municípios poderiam também criar as suas agendas baseadas em sua realidade local. A primeira delas na Baixada Santista foi elaborada em Cubatão, que passou por sérios danos ambientais nas décadas anteriores. Nas décadas de 1970 e 1980, a cidade presenciou a poluição desenfreada da industrialização, sofrendo sérios impactos ambientais. Muitas pessoas desenvolveram problemas de saúde e houve uma sensível supressão da vegetação devido à chuva ácida. Medidas ambientais precisavam ser adotadas em caráter de urgência. Com isso, a cidade abraçou a proposta da Agenda 21 e tomou uma série de medidas em prol da recuperação ambiental.

Há quem diga que hoje Cubatão é exemplo em recuperação e política ambiental (NASTASI, 2009, p. 32 – 33).



Figura 9 - Escorregamentos de terra na Serra do Mar, em decorrência da degradação da vegetação por poluentes atmosféricos do Polo Industrial de Cubatão

Fonte: CETESB

Nesse contexto, surgiu o Departamento de Educação Ambiental de Praia Grande, cidade da Baixada Santista que, como um todo, presenciava um vertiginoso crescimento populacional e econômico, processo esse ainda em curso, ao mesmo tempo em que as questões ambientais emergem como uma urgência global como forma de preservar a espécie humana e a Educação é apresentada como uma das principais ações nesse sentido.



Figura 10 - Mapa da Baixada Santista

A CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE PRAIA GRANDE

Oficialmente, o Departamento de Educação Ambiental² de Praia Grande iniciou seus trabalhos em 1996. Antes disso, é possível apontar algumas ações pontuais baseadas nas narrativas dos entrevistados sobre a Educação Ambiental em Praia Grande. Gilberto Winter, por exemplo, relembra que no estacionamento do antigo prédio da Prefeitura montou uma horta orgânica. Da garagem, surgiu a ideia da instalação de um viveiro no espaço Ézio Dall'acqua³:

Comecei a trabalhar com a Prefeitura fazendo viveiros de plantas.

O prefeito da época, Wilson Guedes, admirava muito meu trabalho, por isso apoiava meus projetos [...] Então fiz meu primeiro viveiro de plantas, onde era localizada a Prefeitura naquela época, na Praça Rio de Janeiro, onde hoje fica a FATEC.

Para começar, falei com o prefeito sobre a necessidade de se fazer um viveiro para que as escolas pudessem visitar e propus que ficasse no espaço em que havia a garagem dos funcionários e ao lado uma oficina mecânica, como o espaço era grande e não havia muitos carros de funcionários na época, basicamente só o prefeito tinha carro, afirmei que não atrapalharia em nada. Fomos até o espaço, expliquei onde seria o viveiro, onde colocaríamos a tela para cobrir as sementeiras [...]. (Entrevistado Gilberto Winter)

O viveiro elaborado na Prefeitura, apesar de limitado e confinado em um espaço restrito, passou a atender um pequeno número de escolas. No acervo de Gilberto Winter, existem imagens das visitas realizadas pelas crianças. Além disso, esporadicamente, saíam pelas ruas da cidade com propostas de jardinagem. Em seguida, Winter conta como contribuiu para a instalação de um viveiro no espaço onde seria futuramente instalado o Departamento de Educação Ambiental:

Essa foi a época em que eu comecei a interagir com o espaço do Portinho.

Como eu já conhecia, quando falavam de ecologia na Prefeitura, eu já agendava e levava os alunos para o Portinho. Para não prejudicar o manguezal, fiz uma trilha

² Ao longo de sua trajetória, o Departamento de Educação Ambiental (DEA) possuiu diversas nomenclaturas, como Escola de Educação Ambiental (EA) e Coordenadoria de Educação Ambiental (CEA). Porém nesta obra, utilizou-se a nomenclatura atual em todo o corpo do texto (DEA). Tais denominações foram utilizadas conforme mudanças estruturais.

³ Espaço também conhecido como Portinho.

bastante curva nos locais onde não havia água ou raiz, pois não queria aterrar aquela área.

Eu recebia os alunos junto com a professora da escola, e enquanto percorríamos a trilha, eu explicava para cada um o que havia ali. Falava sobre as características dos caranguejos, o porquê de eles andarem para trás ou para o lado, explicando que é uma defesa deles, e todos ficavam encantados.

[...] A instalação desse viveiro foi surpreendente, eu gastei 18 mil reais na compra dele, eu, Gilberto Winter, a Prefeitura não pagou nada. Comprei em uma fábrica em Holambra, eles fazem esses viveiros para as hortas do interior, especiais para produção de mudas. Então quando vi, logo corri atrás. Ele custava 25 mil reais, mas como eu realizava um trabalho gratuito voltado à ecologia, eles fizeram por 18 mil, pois segundo eles, esse era o preço do material. (Entrevistado Gilberto Winter)



Figura 11 - Minhocário no estacionamento da Prefeitura.
Fonte: Gilberto Winter



Figura 12 - Viveiro no estacionamento da Prefeitura. Fonte: Gilberto Winter

O viveiro passou a funcionar na década de 1980. Para atender as escolas, havia um ônibus cedido pela Prefeitura que atuava por meio de agendamento para levar os alunos ao espaço. Percebe-se pelas imagens que muitas das ações estavam voltadas para a reutilização de materiais descartáveis e a plantação de gêneros alimentícios de forma sustentável.

Outra ação de destaque foi o projeto “Patrulha do Verde”, lançado em 1993, em parceria com o Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Praia Grande (CAMP-PG)⁴. Nesse projeto, jovens de 15 a 18 anos recebiam aulas teóricas e práticas sobre educação e paisagismo no viveiro instalado no espaço Ézio Dall’acqua, mas atuavam também na conservação e manutenção de áreas verdes da cidade, como praças e

jardins. O entrevistado Alberto Mourão relata:

Criou-se na época um projeto de aprendizagem de jardinagem, para despertar a questão ambiental nos alunos a partir desse primeiro contato com a natureza, tratava-se do projeto Patrulheiro do Verde.

Eu diria que a preocupação com as questões ambientais na cidade de Praia Grande começou no ano de 1993 com esse projeto, cuja proposta era que aquele cidadão no futuro já começasse a ter esse contato direto com a questão ambiental e que pudesse ser o elemento transformador, levando essa ideia para dentro de casa, levando para o seu meio. O homem cuida do seu meio e vai se moldando a partir dele, a partir da relação que estabelece com as pessoas dentro de casa, na rua, dentro do colégio, em todos os setores. Se você convive com pessoas que têm uma visão crítica de sociedade [...].

Como nós tínhamos um Departamento de Manutenção de Áreas Verdes na cidade, o projeto Patrulha do Verde surgiu uma vez que nós percebemos que poderíamos levar os alunos a conhecerem um pouco de como é mexer com a terra, analisar a qualidade dessa terra, plantar, podar, então havia um processo; o aluno ia para a escola e depois ficava meio expediente com essa patrulha, achou-se interessante esse nome de Patrulha do



Figura 13 - Mudas em viveiro.
Fonte: Gilberto Winter

⁴ “Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro de Praia Grande”, atualmente “Centro de Aprendizagem Metódica e Prática de Praia Grande-CAMP-PG”, é uma associação civil de direito privado, sem fins econômicos, fundada em 17/05/1974, com o propósito de assistência ao jovem/adolescente de 15 a 18 anos, prioritariamente em situações de vulnerabilidade ou risco social e pessoal. Registrada no CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Praia Grande/SP.

Verde na época, e a sede do projeto era no Portinho, onde hoje se encontra o Departamento de Educação Ambiental.

Nesse projeto, o aluno plantava, podava o que havia plantado e replantava em outro lugar aquelas mudas criadas ali; ele passava por todo um processo, um processo de aprendiz. O objetivo era estruturar um elemento que pudesse ter essa visão crítica de meio ambiente e, ao mesmo tempo, pudesse despertar para uma profissão. (Entrevistado Alberto Mourão)



Figura 14 - Viveiro. Fonte: Gilberto Winter

Após dois anos de trabalho, o projeto foi reestruturado, contando com a participação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Secretaria de Promoção Social, Secretaria de Serviços Públicos, Secretaria de Saúde e Secretaria de Educação. Adolescentes de baixa renda da cidade eram o público-alvo do projeto. Como foi apontado anteriormente, os adolescentes recebiam conteúdo teórico sobre preservação do meio ambiente e jardinagem, assim como atuavam externamente na manutenção e conservação de praças e jardins. Eis o texto de apresentação do projeto:

APRESENTAÇÃO:

→ Se a luta pela preservação do Meio Ambiente pode ser considerada uma guerra, as crianças e adolescentes são, sem dúvida, as melhores armas para vencer as batalhas.

○ Além de grandes multiplicadores de informações na escola, na rua e em casa, elas fiscalizam com rigor os atos cometidos pelos chamados adultos.

Pensando nisso, a Prefeitura de Praia Grande e o Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro (CAMPAG) criaram o projeto Patrulheiros do Verde. Este projeto foi lançado em 28 de setembro de 1995.

O Programa fundamenta-se em trazer o conhecimento de uma profissão específica (Jardinagem), para que jovens de ambos os sexos possam ser inseridos no mercado de trabalho.

○ São 84 meninos e meninas entre 14 e 17 anos, orientados pelo corpo técnico da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SEDAM) que, além de fornecer embasamento teórico e treinamento, procuram destacar a importância de se criar uma consciência de preservação do meio ambiente. Suas principais atividades são a reprodução de mudas, a manutenção e a limpeza das áreas verdes da cidade.

A programação irá desenvolver-se através de cronograma de atuação, dividindo-se em equipes de ação direta em praças e jardins públicos do município, além da equipe fixa junto ao viveiro de mudas, já vislumbrando as obras de ampliação futuras.

Figura 15 - Apresentação
do projeto Patrulha do
Verde. Fonte: Acervo DEA



Figura 16 - Patrulha do Verde e autoridades. Fonte: Acervo DEA (1996)



Figura 17 - Discurso de autoridades para a Patrulha do Verde. Fonte: Acervo DEA (1996)



Figura 18 - Plantio de árvore em praça. Fonte: Acervo DEA (1996)



Figura 19 - Atuação da Patrulha em praça pública.
Fonte: Acervo DEA (1996)



Figura 20 - Jardinagem no espaço Ézio Dall'acqua. Fonte: Acervo DEA (1996)

Em síntese, a Patrulha do Verde atuava tanto nas ruas, praças e jardins, como também no espaço do Portinho, antes da revitalização, como é possível perceber nas imagens anteriores. A atuação da Patrulha insere-se nas transformações pelas quais a cidade vinha passando na década de 1990. A partir daquele momento eram visíveis o crescimento populacional e a necessidade de se investir em urbanização e infraestrutura. Muitas ruas e avenidas precisaram ser calçadas ou reurbanizadas para dar conta das novas demandas. Na década de 1990, as novas obras necessárias ao desenvolvimento urbano da cidade eram o exemplo de tempos de crescimento e transformação (SILVA; SILVA E SILVA, 2016, p.64).

A partir das entrevistas com os ex-patrolheiros, é possível entender como era realizado o projeto. A Patrulha do Verde, por sua vez, daria outra pesquisa que ficará para um futuro trabalho. De qualquer

forma, havia a possibilidade de atuação na Patrulha do Azul, voltada para serviços administrativos, e na Patrulha do Verde, que cuidava das áreas verdes da cidade. Israel Salomão Delfino, por exemplo, comenta o seguinte:

[...] trabalhei no Patrulha do Azul⁵, mas algumas coisas do meio administrativo não funcionam muito para todas as pessoas, então vim para a Patrulha do Verde, em que eu me adaptei, aprendi muitas coisas, e hoje eu trabalho na área de jardinagem, apesar de ter outras profissões também. Ao longo do tempo comecei a fazer faculdade, tive que parar, mas futuramente eu volto à faculdade de novo, então assim tive uma estrutura boa [...] (Entrevistado Israel Salomão Delfino)

O entrevistado Glauber Gomes Lacerda:

A meu ver era inclusão social, porque era criança de 13, 14, com problemas familiares, então eles tentavam sempre buscar isso, tinha que ter nota boa nas escolas, sempre eles estavam pedindo, vendo presença, e era legal. Tinha o ônibus que nos buscava, a gente chegava aqui e tomava café, antes de sair, a gente almoçava e depois o ônibus levava a gente de volta. E era uma forma de tirar da rua [...] (Entrevistado Glauber Gomes Lacerda)

O trabalho de paisagismo com as plantas ornamentais ficava a cargo da professora Maria Rosa, responsável pelo ensinamento aos jovens do lido com as plantas ornamentais. Eis a fala dos entrevistados:

As atividades eram no campo mesmo, fazendo canteiro, cuidando das plantas, fazendo muda de plantas, a Maria Rosa ajudou bastante a gente também na época, incentivava a gente a mexer com planta, ensinou mesmo o passo a passo, fazendo as mudas e tudo, então o nosso trabalho era esse, fazendo as mudas e tal,

5 Projeto realizado pelo CAMP-PG em que os alunos recebem formação para atuarem na área administrativa.

ajeitando os canteiros que hoje não tem mais, mas era isso, trabalho com planta mesmo. (Entrevistado Carlos Eduardo Rocha Pereira)

Ela era a nossa professora paisagista, ela que iniciou o projeto junto com o Seu Carlinhos, ela ficou muito tempo aqui com a gente. Ela era uma pessoa muito boa, uma japonesinha, nem sei ainda, faz tempo que a gente não a vê. Foi para Santos, uma pessoa muito boa. (Entrevistado Gilson da Silva Serqueira)

Percebeu-se a necessidade de estruturar melhor as ações que já eram adotadas no município, principalmente no espaço Ézio Dall'acqua. Em 1996, a bióloga Glória Cristina Carréri Bruno apresentou ao prefeito o projeto de criação do Departamento de Educação Ambiental, e uma das ações de implantação do Departamento era sua construção no espaço Ézio Dall'acqua. A ideia de um espaço voltado para a formação de professores na Educação Ambiental era trabalhada anteriormente no Centro de Estudos e Pesquisa do Educador Municipal (CEPEM), voltado não só para essa formação, mas para a capacitação dos professores da rede em diversas áreas. Com isso, amadureceu-se a possibilidade de um espaço específico para Educação Ambiental:

No ano de 1996, apresentei ao prefeito Alberto Mourão um projeto de educação ambiental, pois eu via a necessidade e a possibilidade de ele ser implantado na cidade de Praia Grande. Ele aprovou o projeto, e nós começamos a discutir qual Secretaria poderia desenvolvê-lo [...] Nós não conseguimos implantar o projeto de pronto, pelo menos não todo o projeto como eu havia imaginado, então fui trabalhar com a Christine Marote no Centro de Estudos e Pesquisas do Educador Municipal, o antigo CEPEM, onde era realizada a capacitação dos professores na época. Eu e outros professores realizamos capacitações relacionadas ao tema de preservação ambiental, e percebemos que foi uma novidade para a maioria.

Depois, trabalhei por um tempo na Secretaria do Meio Ambiente, e finalmente regresssei para a Secretaria de Educação porque poderíamos realmente trabalhar esses temas ambientais com todos os alunos da rede municipal de ensino. (Entrevistada Glória Cristina Carréri Bruno)

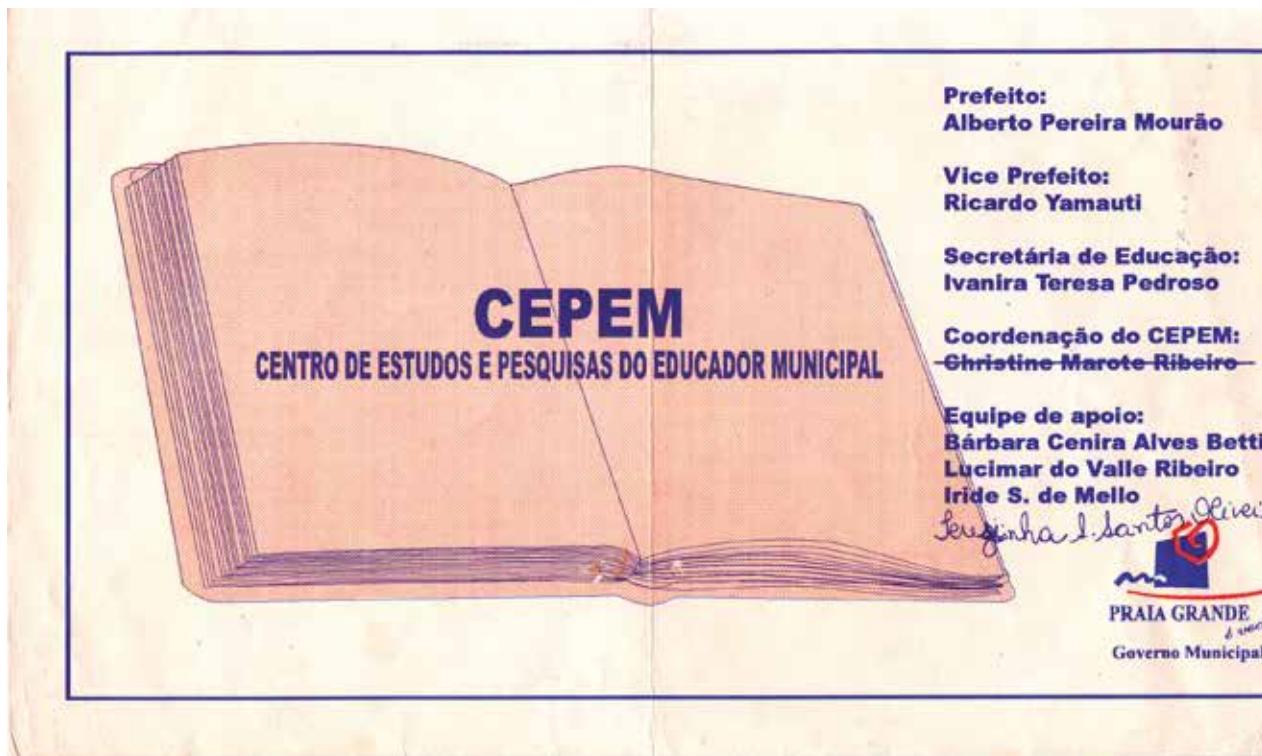


Figura 21 - Informativo CEPEM. Fonte: Centro de Memória da Educação de Praia Grande



Figura 22 - Formação CEPEM. Fonte: Acervo Centro de Memória da Educação

A entrevistada Glória segue narrando como pouco a pouco o recém-criado Departamento recebeu novos professores, ainda com um número tímido:

O processo de formação da minha primeira equipe foi gradativo, não montei uma equipe de uma só vez, foi um professor após o outro. Conforme os projetos surgiam, fazíamos uma pesquisa em torno do tema, por exemplo, um projeto para a educação infantil, um dos primeiros, somávamos o conhecimento das professoras de educação infantil, que haviam sido selecionadas por já terem experiência com alunos dessa faixa etária, mais o que eu sabia de Ciências e Biologia, montávamos o

material pedagógico que seria utilizado e oferecíamos para as diretoras, que foram agendando a visita até a casinha de madeira. Nós iniciamos em uma casinha de madeira com uma sala de aula somente, na área do Portinho, no Parque Ézio Dall'acqua, e depois de muitos anos conseguimos ampliar. (Entrevistada Glória Cristina Carréri Bruno)



Figura 23 - Inauguração da Escola de Educação Ambiental (1996).
Fonte: Acervo DEA



Figura 24 - Chalé onde funcionava o Departamento de Educação Ambiental. Hoje abriga o projeto Navega São Paulo.
Fonte: Acervo DEA (Década de 1990)

O espaço onde foi instalado o Departamento é propício e convidativo às questões ambientais devido à sua proximidade com o meio natural do manguezal e da Mata Atlântica, além dos jardins e viveiros instalados anteriormente no local. Era preciso contar com uma equipe de professores capaz de dialogar esses aspectos naturais e ambientais com uma proposta educativa, assim como estreitar o conhecimento técnico-científico à Educação Básica e transmiti-lo de forma adequada para as séries iniciais da Educação que o Departamento passava a receber.

Eu possuía o conhecimento da área de Biologia e elas tinham o conhecimento e sabiam lidar com essa parte de sensibilização; com a educação infantil nós trabalhávamos a sensibilização em relação a todas as plantas, ao lado da Escola de Educação Ambiental existiam jardins, diversas mudas de plantas ornamentais, que eram tiradas dali e plantadas nas praças da cidade, então nós passeávamos por todo esse espaço com as crianças, fazendo com que elas observassem, e incentivávamos toda essa parte de sensibilização, o cheiro, as cores, o toque, enfim esse tipo de atividade, e dentro da sala de aula, realizávamos outras atividades.

[...] Depois, professores de Biologia e Ciências também foram chamados para incorporar essa equipe. Era muito gostoso porque realizávamos o trabalho juntos, claro que como coordenadora eu fazia as orientações, mas os professores também participavam da elaboração dos projetos e do material pedagógico. (Entrevistada Glória Cristina Carréri Bruno)

Um dos primeiros a atuar no DEA foi o professor Antonio Paulo de Amorim Ferreira de Moraes. Iniciou sua carreira no magistério por influência de sua mãe que também era professora. Percebeu desde cedo que os conteúdos ministrados nas aulas de Ciências e Geografia eram muito distantes da realidade do aluno e que por vezes os aspectos de fauna, flora e geográficos da região de origem dos alunos passavam despercebidos. Por essa razão, o professor Paulo lembra que iniciou no magistério com a preocupação de aplicar o estudo de caso como forma de aproximar o conteúdo ministrado em sala de aula com o entorno da comunidade e do aluno:

Quando eu era aluno, sentia muita falta do lugar onde eu vivia, das coisas que eu vivenciava, do universo que me cercava. Eu, meus amigos, as pessoas, a escola, não tratávamos desse assunto, por isso achava estranho, alguma coisa me incomodava.

Quando fui trabalhar com educação, ser professor, eu me dei conta do estudo do meio, que eu poderia usar essa ferramenta. Na faculdade, os professores já realizavam esse tipo de trabalho, quer dizer, não foi uma invenção minha, porém não era uma prática difundida, ficava dentro de um círculo fechado para o educador.

Hoje, todos sabem o que é praia, manguezal, mas naquela época ninguém falava sobre isso, não havia uma página, uma folha, uma menção sequer referente a esses ecossistemas, esses ambientes não apareciam nos livros didáticos, nos bancos escolares.

Até mesmo hoje, se um levantamento for feito, esse conteúdo ainda é muito escasso, então você questiona: até que ponto a escola olha para o aluno como agente local de onde ele vive para poder tomar posse disso e realizar possíveis transformações? (Entrevistado Antonio Paulo de Amorim Ferreira de Moraes)

Inicialmente, o DEA começou apenas com a professora Glória, o professor Paulo e uma secretária. O professor Paulo relembra que atuou desde a inauguração do DEA. Como o Departamento era recém-criado, carecia de material próprio para exposição e ação pedagógica. Coube ao professor a liberdade para dar início à elaboração das primeiras coleções de insetos para exposição aos alunos visitantes. Era preciso também criar o material didático e de divulgação para que pudessem ser distribuídos entre as escolas.

Bem, comecei no Departamento de Educação Ambiental em Praia Grande no ano de 1996, desde a inauguração. A Glória me colocou lá como pedra fundamental, eu e a Dona Iara. Éramos apenas os três, eu era professor junto da Glória, e a Dona Iara era a secretária.

[...] As ações iniciais foram fazer pesquisa, e como eu tinha essa liberdade, comecei a montar as coleções de insetos; fazer o estudo do meio com os professores dentro do manguezal, nesse período a Prefeitura alugava catraias da Ponta da Praia, trazia-as e com os professores fazíamos o percurso dentro no manguezal conversando sobre características daquele ambiente, e na sala de aula fazíamos a parte teórica inicial; além de criar as primeiras apostilas, os primeiros textos, na época eu fiz um filme, e imagino que a primeira fita deva estar no Departamento. Esse filme, que era sobre manguezal, foi feito em VHS e distribuído para todas as escolas do município. Foi um filme interessante, didático, bem-feito, no qual eu colocava essas ideias de banco do toicinho, movimento de avanço e recuo do oceano, a questão do uso dos rios para as embarcações.

Essa questão inclusive é muito interessante porque os primeiros jesuítas que vieram para essa região do litoral usavam os rios para locomoção, os rios eram a estrada principal para se locomover na Baixada. [...] (Entrevistado Antonio Paulo de Amorim Ferreira de Moraes)



Figura 25 - Visita técnica dos professores ao Manguezal em catraia. Fonte: Acervo DEA

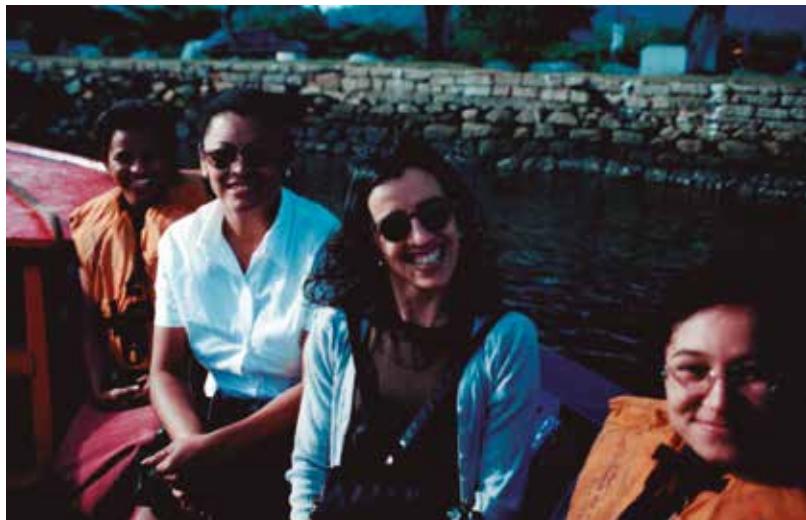


Figura 26 - Formação de professores. Fonte: Acervo DEA

O professor Paulo chegou ao DEA por meio do CEPEM, onde realizava trabalho de formação continuada de professores sobre o meio ambiente. Permaneceu no DEA por cerca de três anos, atuando também como professor em outras redes. Como a rede de Educação de Praia Grande estava em franco crescimento na década de 1990, foi necessária a ampliação do corpo docente para atender a demanda da cidade. Foi também nesse período que a rede de Praia Grande iniciou a incorporação do Ensino Fundamental II, antes inteiramente sob a responsabilidade do Estado (SILVA; SILVA E SILVA, 2014). Assim, pouco a pouco, outros profissionais foram agregados para a ampliação do quadro docente do Departamento.

Gradativamente, professores que realizavam algum tipo de trabalho envolvendo temas relacionados à Educação Ambiental eram convidados a compor o quadro docente de profissionais do DEA. A professora Rejane Cortes Pinheiro França comenta o seguinte sobre o convite de novos professores:

[...] era a afinidade mesmo com o trabalho voltado à questão ambiental. Verificava-se se o professor gostava e tinha afinidade com essa temática, se realizava algo com esse tema na escola, e fazia-se o convite; passávamos por

uma entrevista com a dona Glória, que era a bióloga coordenadora na época; se aprovados, integrávamos a equipe de Educação Ambiental.

[...] Quando comecei a trabalhar no Departamento em 2007, ainda tinha minha sala de aula no Estado, então eu trabalhava meio período na escola estadual e meio período na Educação Ambiental. Nesse mesmo ano, exonerei-me do Estado e comecei a trabalhar período integral no município de Praia Grande na Educação Ambiental. (Entrevistada Rejane Cortes Pinheiro França)

A professora Vandilma Silva Galindo foi convidada pela professora Glória em um curso de pós-graduação em Educação Ambiental, em que foi discutida a possibilidade de desenvolvimento de valores por meio da Educação Ambiental:

Quando eu fiz a pós com a Glória e as professoras da Educação Ambiental de Praia Grande, eu levantei essa ideia da ecopedagogia e da cidadania planetária, que na verdade é um complemento da educação ambiental, pois há aquela educação ambiental em que você leva o aluno para conhecer um determinado local e desperta nele a importância daquele ambiente, porém ele não atua ali, e há também a alfabetização ecológica. Então quando eu fui convidada para trabalhar na Educação Ambiental de Praia Grande, pensamos em um projeto envolvendo as leis de embasamento da educação ambiental junto a essas novas linhas de pensamento acerca dessa área, a ecopedagogia e a alfabetização ecológica.

Quando ingressei na rede de Praia Grande, já comecei atuando na Educação Ambiental. Escolhi as aulas em uma escola do município, não me lembro do nome, mas em seguida fui convidada, acho que é esse o termo, para trabalhar na Educação Ambiental, então fui afastada das minhas aulas e iniciei lá, concomitantemente às aulas do Estado.

Naquela época, já havia um trabalho sendo desenvolvido, como é até hoje, voltado a receber as crianças e passar informações, com foco nos ecossistemas

naturais, como estudos do manguezal, do mar e da Mata Atlântica. Conhecer o ambiente sempre foi o foco, a Glória sempre pensou: “primeiro devemos conhecer o que nós temos, pois conhecendo passamos a respeitar e nos relacionamos melhor com aquele ambiente”. (Entrevistada Vandilma Silva Galindo)

A professora Vera Lúcia Giacomett de Carvalho, por sua vez, trabalhava com a Educação Infantil, em creches, desenvolvendo o trabalho de reutilização de materiais:

Na época, todo mundo falava em reciclagem, mas na verdade não era reciclagem, e sim reaproveitamento de materiais, transformar os materiais em brinquedos. Nós fizemos várias oficinas também, transformando embalagens em brinquedos, e esse trabalho foi adquirindo muita força na rede municipal de ensino.

Muitas coisas nós acabamos realizando a partir da nossa vivência porque eu trouxe isso da minha experiência de vida. Quando eu era criança, eu não tinha brinquedos, nós brincávamos com o que havia na natureza e com embalagens, as poucas que existiam na época, e eu também aprendi isso em casa com os meus irmãos, daí a gente acaba levando para a escola, para a creche porque na creche nós temos que usar a criatividade o tempo todo, muita ação e muita brincadeira.

[...] coisas coloridas de reaproveitamento, e cada tampinha, cada embalagem era um boneco que se transformava em personagem, sem cara, sem nada, era apenas a embalagem, e a criança ficava vidrada. Eu contava o que quisesse, o que eu queria conversar com as crianças eu conversava por meio das embalagens.

Eu aprendi muito com os três, pois a equipe era formada por Glória Bruno, Paulo e Iracema. Tudo o que eu sei, a minha formação, a minha base teórica, foi aprendida com eles. Eu não sabia nada, eu era professora de Educação Infantil e brincava muito com os alunos, eu entendia de criança e seu desenvolvimento, o que eu sabia sobre a parte biológica e ambiental era a minha vivência. Eu fui

criada no mato, na Mata Atlântica, a minha casinha era o mato, mas com eles eu tive todo o embasamento teórico, eu cresci muito profissionalmente com eles, e como eu tinha uma linguagem mais próxima da linguagem das crianças, comecei a desenvolver o “Projeto Semeando Vida”, que era direcionado para as crianças do infantil. (Entrevistada Vera Lúcia Giacometti de Carvalho)



Figura 27 - Horta e ao fundo alunos visitando o Departamento de Educação Ambiental. Fonte: Acervo DEA

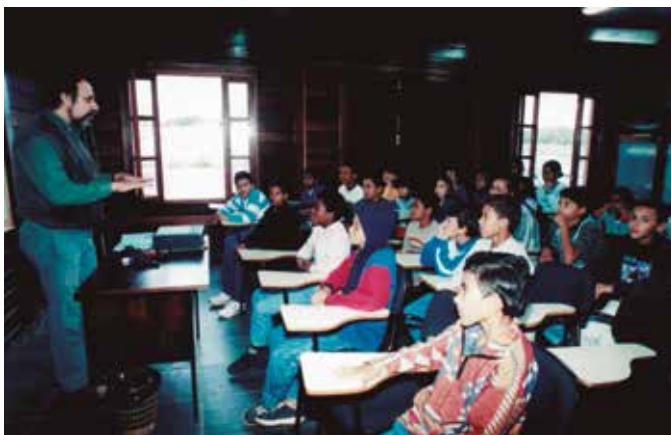


Figura 28 - Professor Paulo ministrando aula teórica aos alunos da Rede. Fonte: Acervo DEA



Figura 29 - Equipe de professores em formação de Educação Ambiental. Fonte: Acervo DEA

Em geral, os professores que ingressaram na Educação Ambiental realizavam ações nesse sentido de forma individualizada em sala de aula. Havia o convite da professora Glória e uma entrevista. Não era necessário apresentar um projeto específico. Como o quadro era composto por biólogos e professores do Ensino Fundamental II, aqueles que atendiam da quinta série em diante, havia a necessidade de compor o quadro com professores especializados no atendimento às séries iniciais. Assim houve a preocupação do convite a professores especializados na pré-escola e no Fundamental I para adequar a Educação Ambiental à idade dos alunos.

Fui convidada pela Glória, na época coordenadora, para atuar no Departamento de Educação Ambiental, nessa época só havia professores PIII atuando na Educação Ambiental, e ela achava que eram muito técnicos; através de algumas avaliações e sondagens com as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da Rede Municipal, ela percebeu que o linguajar não era muito adequado, foi então que ela resolveu trazer professores PI para uma linguagem mais próxima da linguagem das crianças.

A partir daí, nós tínhamos os biólogos, que passavam todos os conteúdos e as referências para estudarmos, a gente quase se tornou um “biólogo”. Quando surgia alguma dúvida nas aulas, algum questionamento, consultávamos o biólogo de “plantão”. (Entrevistada Cristiane Evaristo Araújo)

É possível perceber o aspecto levantado pela entrevistada Cristiane também nas falas das professoras Vandilma e Vera. As professoras da Educação Infantil e de outras áreas foram convidadas para compor o quadro docente formado, até aquele momento, por professores especificamente das áreas biológicas. A partir de então, os projetos ganharam um aspecto interdisciplinar, com linguagem acessível às faixas etárias atendidas por cada projeto.

Nos anos iniciais do DEA, os projetos eram realizados para toda a rede. Cada fase escolar era contemplada por um projeto específico. Como é possível perceber nas imagens, os projetos visavam o desenvolvimento sensorial por meio do contato com a natureza. Esse contato era possibilitado no espaço de lazer Ézio Dall’acqua, onde naturalmente o bioma manguezal era privilegiado.

Quanto aos projetos desenvolvidos, o que é interessante é que a rede ainda era pequena, a intenção era que todas as crianças da Rede Municipal passassem por todos os projetos, ano a ano.

As crianças da pré-escola iniciavam no “Projeto Semeando Vida”, no qual elas viam as plantinhas, abraçavam a árvore, o contato com a natureza, de plantar, de ver a formiguinha no seu ambiente natural, a aranha. No ano seguinte, estas mesmas crianças, já no primeiro ano, retornariam para o “Projeto Viajando pelo Mundo da Reciclagem”, no qual aprendiam sobre as questões do lixo, o descarte, a reciclagem, íamos até o “Lixão”, antigamente era um vazadouro, parávamos o ônibus em frente, mostrávamos para as crianças e falávamos da COOPERVIDA, que tem no município.

Para os alunos do segundo ano era apresentado o “Projeto Praiamar”, levávamos as crianças à praia, ao mar, com o objetivo de valorizar este ambiente

que sempre vamos a passeio e mudar um pouco o olhar para a preservação deste maravilhoso ambiente do nosso município.

No terceiro ano, os alunos passavam pelo “Projeto Viajando Pelo Mundo das Águas”, em que eram abordadas as questões da economia da água e até mesmo a questão da Dengue. Também para esta série havia o “Projeto Mata Atlântica”, íamos à Fortaleza de Itaipú, fazíamos a trilha e tínhamos o contato com a natureza.

Para a quarta série vinha o “Projeto Manguezal”, desenvolvido aqui mesmo, onde fica situada a escola, o Departamento de Educação Ambiental, o que era muito bacana era a vivência que fazíamos com o barco. (Entrevistada Cristiane Evaristo Araújo)



Figura 30 – Horta do Projeto Semeando Vida.
Fonte: Acervo DEA



Figura 31 - Projeto Semeando Vida.
Fonte: Acervo DEA



Figura 32 - Dinâmica educativa
- Projeto Semeando Vida.
Fonte: Acervo DEA



Figura 33 - Experimentando Trilha no Projeto Semeando Vida.
Fonte: Acervo DEA

Figura 34 - Alunos especiais acompanhados da Patrulha do Verde no projeto Semeando Vida.
Fonte: Acervo DEA



Todos os projetos estavam voltados para o desenvolvimento sensorial e motor por meio do contato com a natureza. Esses aspectos eram mais explorados no Projeto Semeando Vida, que colocava a criança em contato direto com os seres vivos e o ambiente natural, principalmente as plantas. Os demais projetos, além desse contato, focavam uma temática específica. O Projeto Viajando pelo Mundo da Reciclagem, por exemplo, trazia as questões referentes à conscientização sobre o destino do lixo e à importância da reciclagem. Por meio do ônibus disponibilizado pela Prefeitura, os alunos tinham a oportunidade de visitar o antigo lixão da cidade.

Outro projeto de destaque foi o “Mata Atlântica”, que posteriormente foi nomeado de “Viajando nos Caminhos da Mata Atlântica”. Esse projeto teve início em 2001 com o objetivo de chamar a atenção para o respectivo bioma, uma vez que o município de Praia Grande conta com grandes porções de preservação de Mata Atlântica na Serra do Mar. Quando o projeto foi lançado, foram anexadas junto ao processo informações quanto à importância desse tipo de mata para o equilíbrio ambiental e à necessidade de educação para a sua preservação:

Existem vários estratos nesta mata. Cada estrato é preenchido por algum vegetal, o que contribui para a enorme abundância de vida animal. Além das árvores maiores, que retêm boa parte da luz solar, há árvores menores que ocupam os espaços entre as primeiras. Há uma grande quantidade de plantas epífitas, isto é, aquelas que vivem sobre outras plantas, utilizando-as somente como suporte, sem parasitá-las. As epífitas, como as bromélias e orquídeas, conseguem uma posição mais favorável em relação à luminosidade, apoiando-se em outros vegetais. Há também as lianas que são vegetais que crescem apoiados nas copas das árvores mais altas e formam raízes que crescem em direção ao solo, onde penetram. Há também o espaço ocupado pelos arbustos, região sombria e úmida. Mais próximo ao solo, há a camada herbácea. (PROCESSO n12543)

De fato, a Mata Atlântica é o bioma mais rico do planeta, com uma variedade de fauna e flora impressionante. Ela está distribuída ao longo da costa do Oceano Atlântico, abrangendo áreas do litoral da Argentina, Paraguai, regiões sul e sudeste do Brasil. Infelizmente, é também um dos biomas mais ameaçados devido à sua fragilidade e à intensa exploração que sofreu ao longo do processo histórico do Brasil. Hoje, a Mata Atlântica está reduzida

a menos de oito por cento de sua cobertura original, limitando-se às encostas da Serra do Mar justamente pela dificuldade de ocupação que a geografia naturalmente impôs (MAGALHÃES, NAVEIRA, GONÇALVES, 2009, p. 42). Muito se tem avançado na questão jurídica para a proteção do bioma, e pode-se perceber até mesmo um amadurecimento em relação à necessidade de proteção dessas áreas. O que faz com que a Educação Ambiental ganhe ainda mais importância para a conscientização das futuras gerações.

Logo no início de seu desenvolvimento, foi feito o balanço das ações adotadas pelo projeto. Segundo consta nos relatórios foi necessário adequar a linguagem utilizada ao público-alvo. Inicialmente, a linguagem técnica foi substituída por uma linguagem adequada ao Ensino Infantil, assim como dinâmicas interativas e vivências no espaço Ézio Dall'acqua. No final da sondagem de 2001, aproximadamente 75% dos alunos avaliados obtiveram valor de 6 a 10. A própria equipe o projeto relatou:

O Projeto Mata Atlântica – 2001 passou por mudanças em sua estrutura metodológica. No ano de 2000, os alunos das 3^a séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal tinham aula teórica e prática em “Estudo do Meio” na trilha da Fortaleza de Itaipu, onde o projeto era em parceria com o Exército, e os alunos tinham conhecimento de Educação Ambiental e aprendiam também sobre o Histórico da Fortaleza. Porém, devido a diversos imprevistos que ocorreram, devido às práticas burocráticas do local, tinha-se também a questão de que a teoria dada ao ar livre no meio ambiente não possibilitava a real compreensão e fixação dos objetivos esperados pela equipe de professores que ministravam aulas de Educação Ambiental, pelo motivo dos alunos dispersarem a atenção com tanta informação visual, em relação ao meio e aos equipamentos bélicos que o Exército possui.

Então, a equipe da Divisão de Educação Ambiental achou por melhor que a aula do Projeto sobre a Mata Atlântica acontecesse na Escola de Educação Ambiental, pois poderia abordar diversos conteúdos que estão inseridos no programa das 3^a séries, relacionando-os com o tema Mata Atlântica. (PROCESSO n12543)

Independente se esta medida foi positiva ou negativa, há de se levar em conta o amadurecimento da equipe para fazer a autoanálise dos projetos desenvolvidos e os objetivos que estão sendo atingidos. Mesmo assim, apesar da aprovação dos professores, estes questionaram sobre a possibilidade de manter as visitas à Fortaleza de Itaipu, e assim foi observado:

Em relação à avaliação feita pelos professores que passaram pelo projeto, eles aprovaram a nova sistemática de aula na Escola de Educação Ambiental, porém quanto à observação do ambiente natural, alguns professores questionaram o motivo de não fazermos o passeio na própria Mata Atlântica, como acontecia nos anos anteriores com a visitação na Fortaleza de Itaipu, como constava em cronograma enviado pela Secretaria de Educação e no próprio projeto em si.

Porém, além do que já mencionado anteriormente em relação à Fortaleza de Itaipu, quanto às questões burocráticas, e o que também dificultou o acesso à mesma foram as condições em que se encontravam os ônibus que transportariam os alunos. Os veículos, devido a alguns fatores, não poderiam fazer o trajeto pela estrada em trilha da Mata Atlântica indo até o “Forte Duque de Caxias” e, por motivo de tempo, os alunos teriam aproximadamente uma hora de aula nos dois locais (Escola de Educação Ambiental – Fortaleza de Itaipu) para cada turma. (PROCESSO n12543)



Figura 35 - Vivência na Mata Atlântica. Fonte: Acervo DEA



Figura 36 - Visita monitorada ao núcleo Itutinga Pilões (2007).
Fonte: Acervo DEA

Os trabalhos desenvolvidos com o Projeto Mata Atlântica renderam a participação no Concurso II Prêmio Balanço Ambiental, promovido pela CPFL e Gazeta Mercantil. No projeto apresentado, levaram-se em consideração as ações adotadas em todos os níveis, desde a formação docente até as ações mais pontuais, como as caminhadas e as saídas a campo, apresentando os resultados obtidos em 2000 e 2001. O projeto conquistou, em 2002, o primeiro lugar. Mas independente da colocação, a apresentação de um projeto revela a consolidação dos trabalhos realizados desde a inauguração do Departamento de Educação Ambiental.

Era preciso, a partir de então, produzir o próprio material didático, contextualizado com a geografia e a problemática local. Para a elaboração, coube à professora Sandra Aparecida Pires a reunião dos dados, das informações e da arte gráfica na produção de cartilhas com os respectivos nomes dos projetos desenvolvidos. O Projeto Mata Atlântica foi renomeado para “Viajando nos Caminhos da Mata Atlântica”, apresentando características gerais, características regionais e os riscos que esse bioma sofre atualmente, contando apenas com cerca de sete por cento da sua cobertura original (PIRES, 2011, p. 8). O material foi elaborado visando o público infante juvenil em geral, contando com personagens lúdicos representando os animais típicos da região, como por exemplo, o quero-quero e o tucano. Além disso, o material trazia dados da fauna e da flora da Mata Atlântica.

Sobre a produção do material didático e a professora Sandra, a entrevistada Glória comenta:

Posteriormente, recebemos a professora Sandra Pires, que além de professora da educação infantil, era professora de português. Começamos a elaborar livros, cartilhas para acompanhar os projetos, não todos, mas muitos dos que vieram depois. Ela redigia muito bem e nós sempre fazíamos ajustes, pesquisas, e elaboramos diversas cartilhas; no total, contando com reedição e tudo, tivemos 11 cartilhas ao longo desses anos todos.

[...] Os temas abordados nas cartilhas eram Mata Atlântica, praia, manguezal, lixo e água; e cada um desses livros tinha um dirigido ao professor com sugestões de atividades para que pudesse trabalhar com seus alunos, e outro diretamente para o aluno. [...] À parte, fizemos trabalho em parceria com o Comitê de Bacias Hidrográficas, e como tivemos um aporte financeiro do FEHIDRO, fizemos então a reedição da nossa cartilha da água para professores e alunos. Foi muito gratificante. [...] muitos professores gostavam e utilizavam esse material. (Entrevistada Glória Cristina Carréri Bruno)



Figura 37 - Cartilha "Viajando nos Caminhos da Mata Atlântica"

Outro projeto de destaque referente aos biomas de Praia Grande foi o “Vivência no Manguezal”. Como o título sugere, a proposta é aproximar os alunos ao manguezal, que muitas vezes sua importância é ignorada, gerando falta de consciência e degradação ambiental. Para isso, os alunos saíam em visitas de barco pelo manguezal que cerca a cidade de Praia Grande na foz do rio Piaçabuçu.

O Gaúcho é um comerciante ali do Portinho, que inclusive está passando por problemas de saúde. Ele contribuiu muito conosco, pois havia píeres no seu restaurante e barcos que ele locava; nós fizemos um contrato de locação de um barco com ele para levar as crianças e os educadores para conhecerem a fauna e a flora do manguezal. [...] o prefeito entendeu a necessidade de nós adquirirmos esse barco, daí passamos a levar um número maior de crianças, educadores e pessoas que se interessavam por conhecer.

*Como temos uma região privilegiada com manguezal, mar, Mata Atlântica, podemos trabalhar em cima disto: levar **in loco** as crianças para poder saber a importância da preservação de tudo isso; e foi realmente um trabalho que acabou despertando essa curiosidade de todos, e as pessoas começaram a entender o papel que cada um tem na preservação e na conservação desses espaços. (Entrevistada Maura Lígia Costa Russo)*

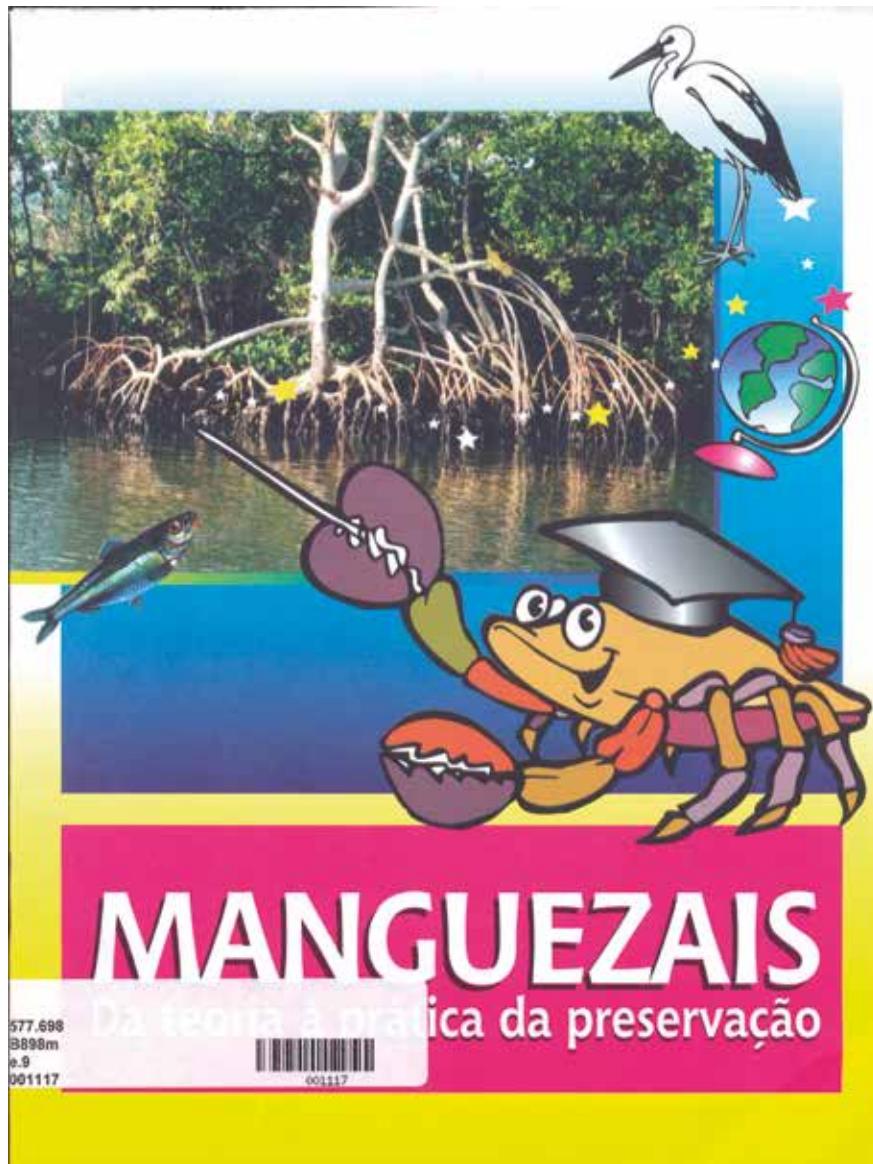


Figura 38 - Material didático
do projeto Manguezal

Por meio das imagens do acervo iconográfico do DEA e da documentação pesquisada, sabe-se que o projeto do Manguezal era voltado principalmente para a quarta série e foi implantado em 1999, ganhando corpo nos anos seguintes por meio da ampliação das monitorias com embarcação e com a produção de material pedagógico. Ainda hoje, com a embarcação própria, os alunos da rede pública e privada de Praia Grande realizam estudo do meio através de visitas monitoradas pelo manguezal da região.

No manguezal, a parte prática era de barco, houve épocas em que íamos até para o lado de São Vicente, para mostrar as diferenças do manguezal de São Vicente, as palafitas, a preservação do manguezal de São Vicente e do manguezal de Praia Grande.

[...] Ficamos sem barco por um intervalo bem pequeno, mas mesmo assim o projeto foi desenvolvido, mostrávamos o manguezal a pé, aqui próximo, mas na maioria das vezes era de barco, e eu, sempre junto. (Entrevistada Cristiane Evaristo Araújo)

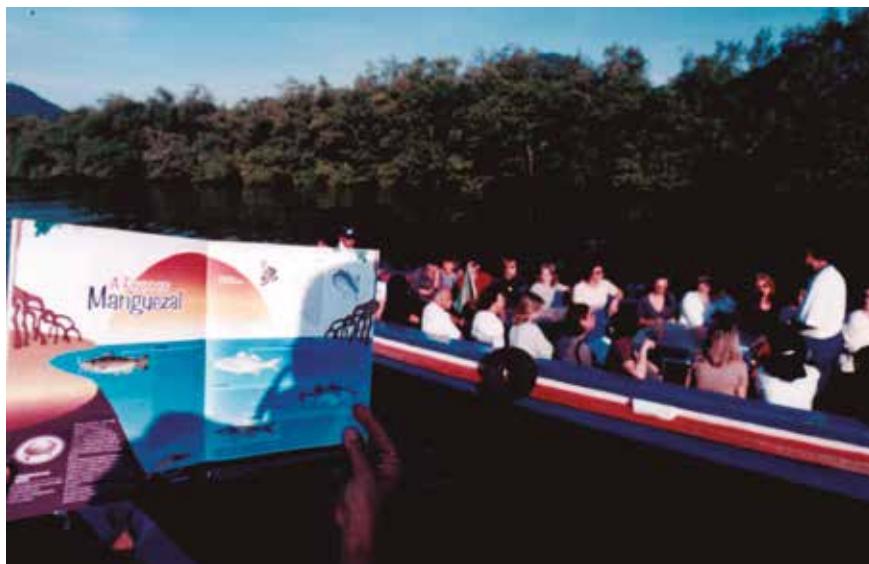


Figura 39 - Professores em visita ao Manguezal.
Fonte: Acervo DEA

Os projetos não se limitavam ao espaço Ézio Dall'acqua. O projeto Praiamar, por exemplo, tinha como objetivo trabalhar as questões relacionadas à praia e ao Oceano Atlântico levando alunos do segundo ano do Ensino Fundamental para a praia. Além das regiões de Mata Atlântica e Manguezal, Praia Grande conta com uma extensa faixa de praia em toda a sua extensão, totalizando cerca de vinte e quatro quilômetros de faixa de areia. Inevitavelmente, a praia é um cartão-postal muito procurado por moradores e veranistas. Diante dessa possibilidade, o Departamento, como foi visto anteriormente, levava os alunos da rede para visitar a praia para conhecer as características e a importância de preservação.



Figura 40 - Projeto Praiamar.
Fonte: Acervo DEA



Figura 41 – Projeto Praiamar levando as crianças à praia.
Fonte: Acervo DEA

O projeto Praiamar surgiu em um momento em que a cidade superava o estigma do turismo de um dia, o que trouxe uma imagem muito negativa para a cidade na década de 1980. (SIQUEIRA, CÁLIS, SILVA, 2001, p. 68 - 72; SILVA, SILVA E SILVA, 2016, p. 64). O estigma em relação ao esgoto surgiu no início do século XX com a construção da tubulação de saneamento que passava pela Ponte Pênsil e trazia o esgoto de Santos, que fazia parte do projeto de urbanização promovido por Saturnino de Brito. Se por um lado resolveu o problema das epidemias de Santos, que no início do século XX era a principal via de escoamento da produção de café e sofria com graves epidemias de doenças, por outro despejou diariamente grandes quantidades de esgoto na cidade de Praia Grande. Além dos impactos ambientais, colaborou para a consolidação da imagem negativa de Praia Grande nas décadas seguintes. Trabalhar as questões ambientais na faixa de areia nas praias da cidade era uma forma de desenvolver a consciência da importância de cuidar bem das praias e garantir a preservação ambiental e econômica da região.

Outros dois projetos de destaque são “Viajando pelo Mundo Marinho” e “Viajando pelo Mundo da Reciclagem”, ambos com a intenção de provocar a conscientização para a sustentabilidade por meio da racionalização, como os nomes dos projetos sugerem, da água e dos recursos materiais. Com um viés teórico, esses projetos eram direcionados para o desenvolvimento nas escolas.



Figura 42 - Lançamento da Cartilha "Viajando pelo Mundo Marinho" (2005).

Fonte: Acervo DEA

O projeto "Viajando pelo Mundo Marinho" foi reformulado em 2009 com o lançamento da nova cartilha, esta com o título "Viajando pelo Mundo das Águas", mantendo ainda a preocupação com a proteção das águas, assim como com os ecossistemas de praia e Mata Atlântica. O projeto contou com o apoio do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO):

Todas as cartilhas foram para as escolas da rede municipal na época. À parte, fizemos trabalho em parceria com o Comitê de Bacias Hidrográficas, e como tivemos um aporte financeiro do FEHIDRO, fizemos então a reedição da nossa cartilha da água para professores e alunos. (Entrevistada Glória Cristina Carréri Bruno)

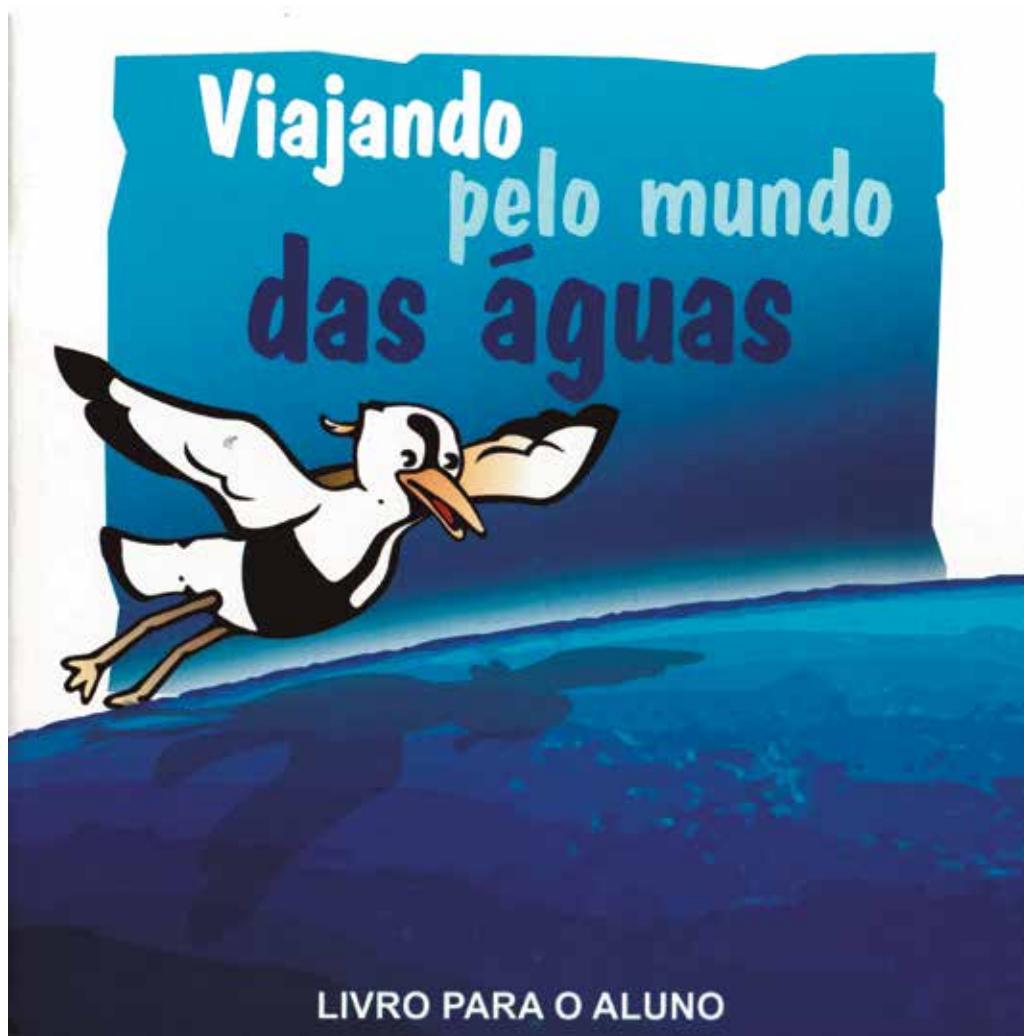


Figura 43 - Cartilha "Viajando pelo Mundo das Águas"

Em meados dos anos 2000, o chalé de madeira onde funcionava a Educação Ambiental não comportava mais o desenvolvimento dos trabalhos realizados pelo DEA, lembrando que a rede municipal de educação de Praia Grande passava naquele momento por franca expansão com a incorporação do Ensino Fundamental II. Com a proposta de revitalização do espaço, veio também a proposta para construção de um novo espaço para o funcionamento do DEA em 2006, com novas salas de aula, espaço para a construção de um museu, biblioteca, sala de reuniões com copa e demais dependências necessárias. O antigo chalé abrigou o Projeto Navega São Paulo, em parceria com a Prefeitura Municipal de Praia Grande, e o novo prédio do DEA, em funcionamento até os dias atuais, passou a atender um número maior de alunos, contemplando também o Ensino Fundamental II. O novo projeto arquitetônico foi assinado pelo arquiteto Jean Lima Matsumoto e analisado pelo arquiteto Luís Fernando Félix de Paula.

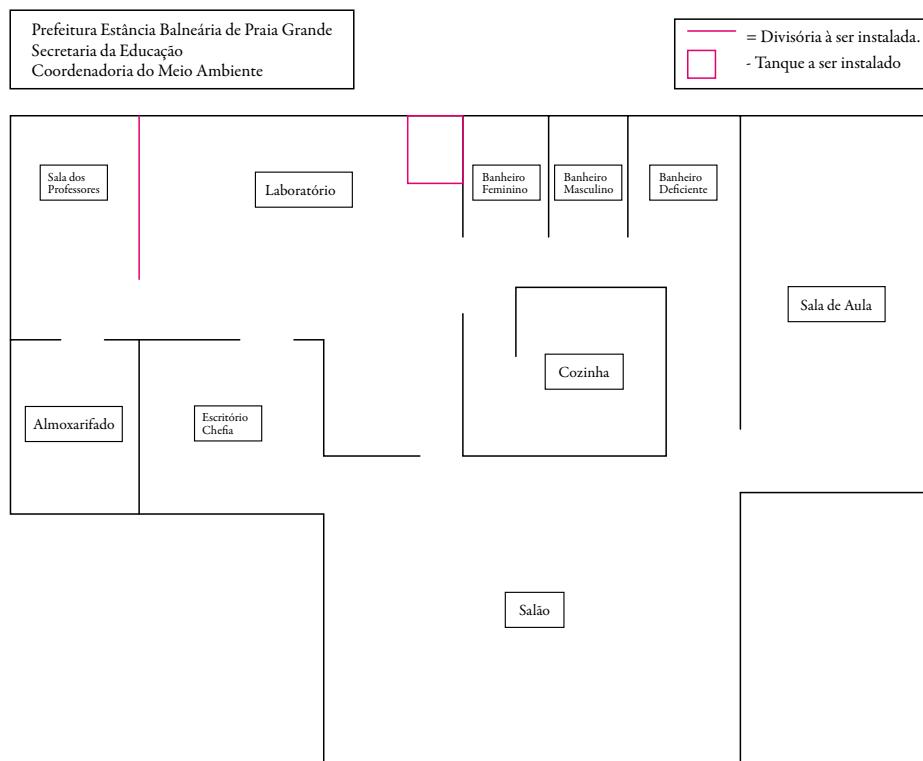


Figura 44 - Planta do projeto original do prédio do DEA



Figura 45 - Departamento de Educação Ambiental - 2017.
Fonte: Felipe França



Figura 46 - Museu Natural.
Fonte: Acervo DEA

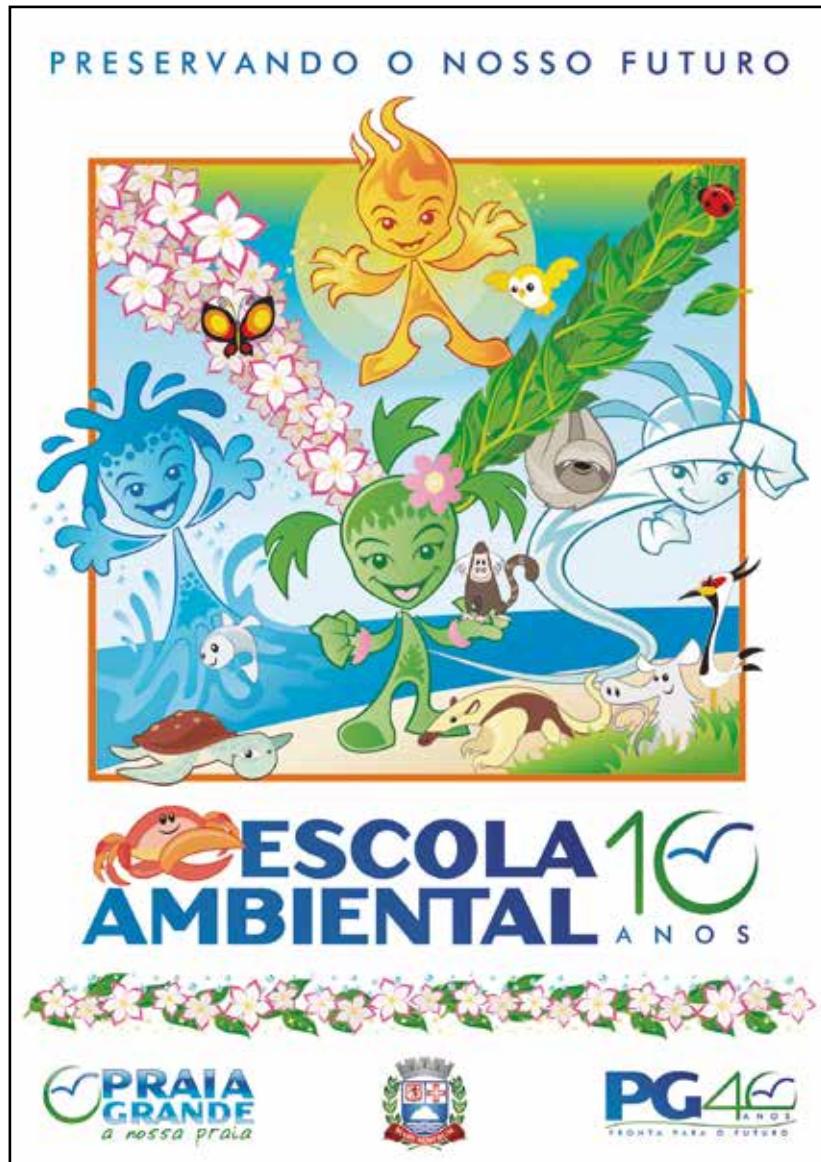


Figura 47 - Logomarca em comemoração aos dez anos de Educação Ambiental em Praia Grande

Além da Educação Ambiental, o DEA atuou em parceria para o desenvolvimento ou participação em outros projetos de pesquisa e políticas públicas. Colaborou, por exemplo, com a pesquisadora Carolina Pacheco Bertozzi, que desenvolvia projeto sobre a pesca artesanal em Praia Grande. Carolina Pacheco iniciou seus trabalhos no início da década de 1990 em parceria com os pescadores locais ainda na época da graduação em Biologia Marinha. Os pescadores eram responsáveis por guardar exemplares de peixes trazidos nas redes para serem analisados pela pesquisadora. A partir desse trabalho, iniciou as pesquisas com a Universidade de São Paulo e firmou a parceria com o Departamento de Educação Ambiental de Praia Grande no fim da década de 1990. Por meio de estudos com os pescadores de Praia Grande, percebeu-se que, somados a outros pescadores da mesma natureza, a pesca artesanal tem certa relevância para a economia, além de carregar traços históricos e culturais ameaçados pela indústria pesqueira e pela pesca em larga escala. Com isso, foi montada uma sala de exposição permanente sobre a pesca e as espécies encontradas na região.

Eu comecei a frequentar Praia Grande como turista logo no início dos anos 1990 quando meus pais compraram um apartamento na cidade. Ao entrar na Faculdade de Biologia em 1995, eu já tinha alguns amigos que eram pescadores no município, nós nos encontrávamos na praia, jogávamos bola, e um deles, o Edson, começou a guardar todos os peixes estranhos que vinham em sua rede, tudo que vinha de diferente na atividade de pesca dele, que não tinha valor econômico, ele guardava no freezer para que, quando eu voltasse para Praia Grande em um final de semana, pegasse e levasse para a faculdade.

Em 1998, montamos e iniciamos o primeiro projeto que consistia em monitorar e descrever a atividade pesqueira de Praia Grande naquele momento, pontuando como era desenvolvida essa atividade, em quais locais as redes eram colocadas, que tipo de pescado era capturado e qual era a frequência de captura.

Quando começaram as capturas dos primeiros animais, tínhamos que levá-los até São Paulo na USP para fazer a necropsia e colher as amostras, foi nesse período que eu conheci a Glória. Nós precisávamos de um espaço em que pudéssemos armazenar essas

amostras e eu fiquei sabendo que havia uma Escola de Educação Ambiental em Praia Grande.

Fui até a escola, que era em uma casinha de madeira logo no começo do Portinho, para conhecer e conversar com a Glória, na maior cara de pau. Ela me recebeu superbem, também ficou superempolgada com o trabalho que estávamos desenvolvendo, e começamos uma parceria logo em 1998. Desde então, recebemos o apoio da antiga Escola de Educação Ambiental de Praia Grande, que hoje é Coordenadoria de Educação Ambiental.

[...] Nessa sala de educação ambiental, nós temos uma exposição permanente com banners que explicam a pesca na região, a problemática da captura acidental, o que é a captura acidental, isto é, quando o pescador coloca a rede para capturar certo peixe que tem valor econômico, mas acontece de golfinhos, tartarugas, outros animais que não têm valor econômico se enroscarem nessas redes. (Entrevistada Carolina Pacheco Bertozzi)

O engajamento ambiental demonstrado nos anos de atuação do DEA possibilitou sediar a Semana da Mata Atlântica em 2012, cujas propostas buscavam integrar as políticas públicas dos municípios da Baixada Santista em relação à Mata Atlântica. Francisco Gomes da Costa Neto, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo (Fundação SEADE), destaca que a Semana da Mata Atlântica está em sua sexta edição (2017) e aponta como começou:

[...] ela teve a conotação de fazer com que pensássemos na natureza, na Mata Atlântica, e que os nove municípios da Região Metropolitana, que hoje se avizinham, mas nós fazemos parte dele, houve essa separação, é lamentável, nós estamos voltando a dizer que não deve existir mais essa separação, nós somos habitantes da Mata Atlântica, temos que respeitar o espaço natural protegido e vivermos aqui sem provocar destruição. Então, dentro dessa preocupação como base, é que eu e Glória, antiga coordenadora, estudamos, aperfeiçoamo-nos e nos estruturamos. Essa ideia surgiu na Semana da Água em março, em Itanhaém, no Dia Mundial da Água, eu



Figura 48 - Projeto que deu início ao evento da Semana da Mata Atlântica

era coordenador de educação ambiental do Comitê de Bacia nessa época.

Nós nos prontificamos a dizer: “Bom, se o aquecimento global está provocando diminuição das calotas, destruição do ozônio, buraco na nossa estratosfera, entre outros, o que nós temos que fazer? Vamos manter a floresta intacta e vamos plantar árvore”. Daí surgiu a ideia de se fazer a Semana da Mata Atlântica [...] (Entrevistado Francisco Gomes da Costa).

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO
E DA INTERAÇÃO DA POPULAÇÃO
PARA CUIDAR DE NOSSA NATUREZA

4ª DE 31 DE MAIO A 2 DE JUNHO
Semana da Mata Atlântica
da Baixada Santista

Verde que
te quero bem!

EXPOSIÇÕES | PALESTRAS | OFICINAS*

*Inscrição para as oficinas deverá ser feita pela internet.
Saiba mais em praigrande.sp.gov.br

Não perca.



COND ESB
CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO
DA REGIÃO METROPOLITANA
DA BAIXADA SANTISTA

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

AGEM
AGÊNCIA
METROPOLITANA
DA BAIXADA
SANTISTA

Figura 49 - 4ª Semana da Mata Atlântica sediada em Praia Grande (2016)

A integração com a natureza é fundamental para o bom desenvolvimento dos projetos propostos pelo Departamento de Educação Ambiental. A própria localização do DEA favoreceu e favorece esse contato, mas deve-se levar em consideração a importância das embarcações para aproximar os alunos do bioma manguezal e da própria geografia de Praia Grande e também da ilha de São Vicente. O projeto Navega São Paulo, que utiliza as dependências do DEA, possibilitou uma fecunda parceria em aproximar os esportes náuticos ao trabalho realizado de Educação Ambiental. Os esportes náuticos de Praia Grande têm uma história próxima ao DEA. Tiveram início em 2000, quando o professor Silvio Schlegel de Oliveira Bello iniciou o projeto de Vela para alunos especiais. Em seguida recebeu o apoio da Prefeitura para implantar a escola de vela:

[...] fui atuar na Secretaria de Educação e, como sempre fui “do Mar” com uma relação muito grande com a natureza por meio do esporte, como natação, mergulho, surf, esportes náuticos em geral, apresentei, no ano 2000, um projeto para alunos especiais, “Escola de Velas de Praia Grande”. O início foi aqui no “Portinho”, um projeto experimental, como voluntário, fora do meu horário na Secretaria de Educação. O prefeito viu o potencial do projeto e oficializou essa escolinha em 2001. (Entrevistado Silvio Bello)

Os projetos náuticos ganharam impulso com a parceria com o Estado de São Paulo por meio do Navega São Paulo. Como algo semelhante já era realizado pela Prefeitura por meio dos trabalhos do professor Bello, a implantação do Navega São Paulo foi facilitada e ainda se encontra em funcionamento até os dias atuais:

Em 2003, Lars Graef, por meio da Secretaria de Estado, e por meio de um Projeto de Lei, lança o “Projeto Navega São Paulo”, com o primeiro polo aqui, em Praia Grande. Nesse momento, o projeto que já era realizado se amplia, atendendo a Rede Municipal de Ensino, o SOS Bombeiros, o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e os na época chamados Centros Recreativos, hoje Complementação Educacional, que atendiam as crianças no contraturno, aquelas cujos pais trabalhavam e não tinham condições de ficar em casa, entre as várias atividades desenvolvidas, os Centros Recreativos passaram a incluir o projeto Navega São Paulo. (Entrevistado Silvio Bello)

O professor Bello segue comentando como foi o estreitamento das relações com o Departamento de Educação Ambiental:

*[...] Atuávamos aqui, na beira da água quando, em 2003, foi construído um galpão para o estacionamento da Educação Ambiental e nossa relação se estreitou mais ainda. O Departamento de Educação Ambiental pretendia realizar estudos *in loco* no manguezal com os pesquisadores e estudo do meio com os alunos da Rede pública, para fazer estas intervenções precisavam de aparelhamento e eu tinha estas embarcações, alguns veleiros monotipos pequenos e pequenos botes a motor. Como eu já disse, a Glória era a coordenadora na época e, a seu pedido, idealizei uma ilha artificial para amarrar os cascos do veleiro no bote a motor. Os passeios pelo manguezal eram realizados com muita segurança e cuidado e uso de coletes. Após aprendizagem em sala de aula, os alunos vivenciavam o Manguezal, experienciavam. Assim começou essa relação de parceria com a Educação Ambiental, nos horários em que o equipamento não era utilizado para as aulas de vela, remo e canoagem, realizávamos o estudo do meio, como disse antes, observávamos todos os procedimentos de segurança e autorizações.*

Com o tempo e aumento da demanda, o formato do projeto foi se adequando, até que, em 2008, a Secretaria de Educação adquire e incorpora ao Projeto Navega São Paulo um bote inflável para trinta pessoas, o formato anterior não era mais possível e assim foram dadas maiores condições para a realização do projeto, de uma forma mais adequada, mais confortável. (Entrevistado Silvio Belo)

E finaliza:

Com quase dez anos usando este bote, já transportamos uma média de cinco mil pessoas por ano, você pode confirmar estes dados nos registros de saída que são devidamente catalogadas. Vou citar um exemplo, quando houve a necessidade de realização de estudos na Laje de Santos, que fica fora da área costeira, há mais de vinte e cinco milhas da costa, o nosso barco é equipado para isso, mas mesmo assim há uma checagem anterior, com lista de passageiros, porque é importante registrar que, mesmo havendo uma vontade, uma necessidade, sempre foram seguidas as normas de segurança exigidas pela Marinha do Brasil e, aliada a essa possibilidade de se verificar, de dar a volta na Ilha de Santo Amaro, na Ilha de São Vicente, subir até a origem do Rio Piaçabuçu, tudo foi feito dentro de uma abordagem pedagógica, por meio de muitas parcerias e utilizando esse bote, com um grande nível de qualidade, o que proporcionou um reconhecimento nacional, várias entidades procuram o Departamento de Educação Ambiental para a realização de pesquisas utilizando este equipamento que inclusive recebeu o nome de Peaçabuçu. (Entrevistado Silvio Bello)

Ao longo dos vinte anos de funcionamento do DEA, alguns projetos receberam nomenclatura diferenciada e algumas adaptações para melhor atender a rede, como já foi visto anteriormente, que passou por grande crescimento ao longo da década de 2000 e incorporou o Ensino Fundamental II. Por essa razão, os projetos sofreram alterações a fim de alcançar com mais eficiência um número crescente de alunos. Por outro lado, na essência, os principais projetos continuaram voltados para a preservação dos ecossistemas do Manguezal e da Mata Atlântica, afinal a sede do DEA está encravada em meio ao manguezal de Praia Grande, na foz do rio Piaçabuçu.

O projeto Semeando Vida, por exemplo, um dos primeiros projetos desenvolvidos pelo DEA, tinha como objetivo levar à vivência e ao contato com a natureza por meio da educação sensorial com práticas educativas que proporcionavam aos alunos desenvolverem sentidos, habilidades e competências. Hoje, esses

objetivos ainda são desenvolvidos em outros projetos realizados pelo DEA, assim como os projetos cuja proposta é levar os alunos da rede aos ecossistemas típicos de Praia Grande, ou seja, à praia, ao manguezal e à Mata Atlântica.

As crianças realizavam diversas atividades, e uma vez por semana iriam até a Escola de Educação Ambiental no Portinho, que ainda era naquela casinha de madeira. Então preparamos um curso mesmo, um curso de formação para esses alunos, pois não iriam lá apenas para contemplar, eu achava que eles já tinham passado dessa fase, precisavam de algo maior.

Esse projeto chamava-se “Viva Bem a Vida”, vivenciando valores em benefício da vida. E a educação ambiental nada mais é do que você construir valores, conhecimento, desenvolver habilidades naquelas crianças para que tenham a competência de atuar no seu meio. Esse projeto começou quando eu entrei na Educação Ambiental já com foco nesse público. (Entrevistada Vandilma Silva Galindo)



Figura 50 - Certificado do Projeto “Vivenciando Valores em Benefício da Vida”

Outros projetos, porém, foram inseridos pelas ideias trazidas pelos novos professores incorporados ao corpo docente do Departamento. Foi o caso do projeto “Vem Passarilhar”, desenvolvido pelo professor Leonardo de Oliveira Casadei desde 2014, cujo objetivo é sensibilizar os alunos e a comunidade quanto à importância da preservação ambiental e das áreas verdes e incentivar a atividade de observação de aves no Município, fazendo com que os alunos possam se interessar em conhecer as espécies, aprendendo assim a gostar, respeitar e preservar as aves e seus habitats. Além disso, busca promover a conscientização em relação ao Meio Ambiente para o correto destino do lixo, uma vez que muitas espécies de aves morrem por ingestão acidental de resíduos sólidos (principalmente o plástico). A observação de aves leva a uma maior percepção da paisagem em todos os seus sentidos, do aspecto ambiental e humano.



Figura 51 - Projeto “Vem Passarilhar”



Figura 52 - Imagem do pássaro tié-sangue capturada no projeto "Vem Passarilhar".
Fonte: Leonardo de Oliveira Casadei



Figura 53 -
Observação de aves
no projeto “Vem
Passarilhar”. Fonte:
Felipe França

Atualmente, “Cidadão Legal”, “Encantar” e “Praia Grande Natural” também compõem o quadro de projetos realizados pelo DEA. O projeto Cidadão Legal, direcionado para alunos da Educação Infantil, busca promover desde cedo uma tomada de consciência acerca das questões ambientais, permitindo aos alunos, por meio da contação de histórias e de atividades lúdicas, conhecerem ações para minimizar os impactos ambientais causados pelo homem e uma mudança positiva da realidade. O projeto Encantar, desenvolvido com alunos do 2º ano, é constituído de uma sequência de atividades cujo objetivo é estabelecer maior interação de alunos e professores com os elementos da natureza e com o próprio corpo, por meio de recursos estimulantes, diversificados, em um espaço ao ar livre ou em uma sala de aula adaptada. O projeto Praia Grande Natural, voltado para alunos do 9º ano, aborda os três ecossistemas típicos da cidade de Praia Grande: manguezal, praia e Mata Atlântica, buscando promover a preservação e a conscientização do uso sustentável desses ecossistemas locais.

Ao longo desses vinte anos, o DEA teve que acompanhar uma rede em franca expansão, pela incorporação do Ensino Fundamental II e pelo crescimento populacional vivenciado pelo município, pois ainda nos dias atuais é o que mais cresce na Baixada Santista. Seguiu nesse percurso, uma linha coerente

de atuação com foco nas características naturais de Praia Grande para, a partir de então, estabelecer uma Educação Ambiental para a preservação e a intervenção positiva, como por exemplo, o trabalho com a reutilização de materiais descartados, a preservação do manguezal e a vivência na Mata Atlântica.

Por outro lado, novos desafios são colocados ao DEA, visto que cada vez mais a sociedade cobra de empresas e instituições públicas a consciência ambiental para o desenvolvimento. Assim, a Educação Ambiental apresenta-se como uma ferramenta fundamental no diálogo entre os diferentes setores da sociedade e a necessidade de desenvolvimento sustentável, nas suas mais variadas formas, desde o consumo, até a conscientização pública e a cidadania.



Figura 54 – Contação de histórias durante o projeto Cidadão Legal. Fonte: Acervo DEA



Figura 55 - Projeto Encantar nas Escolas. Fonte: Acervo DEA



Figura 56 - Projeto Praia Grande Natural. Fonte: Felipe França



Figura 57 - Projeto O Mar é Nosso.
Fonte: Acervo DEA



Figura 58 - Projeto
Horta – E. M. José Júlio.
Fonte: Acervo DEA

Figura 59 - Imagem do pássaro pica-pau-de-cabeça-amarela, macho e filhote, capturada no projeto "Vem Passarilhar".
Fonte: Leonardo de Oliveira Casadei



Figura 60 - Observação de aves na área de Manguezal durante o projeto "Vem Passarilhar"



Figura 61 - Projeto Horta – E. M. Maria Clotilde. Fonte: Acervo DEA



Figura 62 - Barco do DEA para visitas técnicas ao Manguezal.
Fonte: Felipe França

MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Toda família tem suas histórias e seus problemas, mas a minha família tem uma história muito difícil. Eu nasci em São Paulo, na Mooca, em 1940, e como meu pai morava no Rio de Janeiro, mudamo-nos para lá após seu casamento com minha mãe. Assim como fazíamos todos os anos, em 1947, ao ir para São Paulo passar Natal e Ano Novo com toda a família, meu pai, que sempre viajava por último, pois tinha que trabalhar, sofreu um acidente de carro, bateu contra um bonde e faleceu à meia-noite de dezembro, no momento dos fogos de Ano Novo. Depois, já muito fragilizada, minha mãe foi internada em Campos do Jordão com tuberculose, doença difícil de tratar na época.

Eu e minha irmã, então, fomos morar com meus avós. Nessa época, eles moravam em São Paulo, na Mooca, mas meu avô, Oreste Marcelli, que era pedreiro e eletricitista, sempre ia para São Vicente a trabalho e acabou comprando uma casa lá. Foi nesse período que ele conheceu um lugar da cidade de São Vicente que ainda estava se desenvolvendo, a Praia Grande atual, e começou a construir as primeiras casas.

As casas eram de madeira na época e vinham pré-moldadas do Canadá. Meu avô fazia o alicerce e montava as casas, fez aproximadamente 12, uma delas inclusive, que fica no bairro do Boqueirão, é do filho do Ademar de Barros. Eu era seu ajudante, assim como outros primos meus. Com sete anos, eu já tinha que carregar cimento, naquele tempo, não havia saco de 50 quilos, mas sim barricas que vinham do exterior de 120 quilos, nós tínhamos que enrolá-las, era muito difícil. Tudo tinha que ser importado para o local, não havia areia, tinha que vir do interior de São Paulo, não havia tijolo e nem água, andávamos seis quilômetros para buscar água na biquinha de São Vicente com um garrafão, a água de Praia Grande era salubre, nem fazer poço adiantava. Era muito complicado, mas eu estava sempre ao lado do meu avô, apesar de todo o esforço, sinto saudade daquele tempo.

Por volta dos 14 anos, decidi estudar, mas na época, meados dos anos 1950, não havia escola em Praia Grande; havia em São Vicente, porém era apenas para meninas em um colégio de freiras. Então tomei a decisão de voltar para São Paulo e falei para os meus avós:

- “Eu amo vocês, mas terei de ir embora. Eu quero estudar, entrar em uma escola e aprender”.

Com uma mochilinha nas costas e duas trocas de roupa fui ainda rapazinho, sozinho para São Paulo. Foi uma vida difícil. Trabalhava em obras também, construía aqueles primeiros sobradinhos em São Paulo, naquele tempo, ainda não havia prédios. Como eu trabalhava bem e era caprichoso, os chefes gostavam de mim.

Então comecei a procurar uma escola, mas não achava, pois com 14 anos, não tinha idade para entrar no 1º ano e cursar até o final, não foi fácil. Meu avô, italiano, ainda me ensinou a ler e a escrever, mas muito pouco. Até que um amigo, conversando com um professor e contando sobre a minha vontade de estudar, consegui. Esse professor, muito atencioso, conversou com o pessoal da escola que me permitiu participar das aulas.

Como eu era o maior da turma, as crianças riam de mim, e eu sentava no fundo da sala, encolhido, mas não desisti.

Cursei até a 4ª série nessa escola, daí em diante já são 130 diplomas, a vontade de estudar sempre foi tamanha que eu não parei mais.

Até pouco tempo, em 2008, cursei mais uma faculdade, a de Artes, em Araras. Isso porque eu já pintava, e mesmo sem estudar o assunto, ganhei diversos prêmios nessa área. Lembro-me do dia da colação de grau, Dona Terezinha, que era dona da faculdade, disse a todos que as melhores notas do curso eram as minhas, o mais velho da turma, e recebi até um troféu e um diploma por conta disso. Minha esposa e meus quatro filhos, que estavam presentes, ficaram muito orgulhosos por tudo aquilo.

Essa foi uma parte da minha história relacionada à educação. Agora, cursos sobre técnicas de plantio, Ecologia, Meio Ambiente, Ciências, fiz em média uns 40, tudo que aparecia eu fazia, mesmo morando em Praia Grande. Às vezes com sacrifício, ia de ônibus para São Paulo ou quando já estava trabalhando para a Prefeitura, ia de carro cedido pelo município. E sempre fiz tudo com muito prazer, era o que eu sempre quis fazer. Desde a infância, eu já estava ligado à questão ambiental.

Mesmo em São Paulo, eu não deixava de vir para Praia Grande, mas na época não era fácil de chegar à região. O caminho era pela Serra Velha, estrada de curvas sinuosas, com muita subida e descida, ainda não existia a Rodovia Anchieta e nem a Rodovia dos Imigrantes, poucas pessoas tinham carro naquele tempo, apenas meu tio possuía um carro velho. Então utilizávamos um ônibus pequeno, tipo jardineira, ônibus grande como os de agora nem passaria, e ele fazia o trajeto apenas uma vez por dia. Quando eu viajava, observava tudo de lá de cima da Serra, avistava apenas o telhado de uma casa e o restante era água, hoje, são vários pontos de luz, mudou muito.

Meu tio, único homem entre 13 mulheres, chamado João, mas mais conhecido como Lino, que também estava em Praia Grande trabalhando com meu avô, levava-me à praia cedinho, por volta das 4h da manhã. Ele morava perto da Igreja de Santo Antônio, na Avenida Presidente Kennedy [na realidade, essa igreja fica na Avenida Presidente Castelo Branco, no bairro Boqueirão], inclusive foi meu avô quem construiu aquela igreja, e eu o ajudei, tijolo por tijolo.

Aliás, muito do que foi construído em Praia Grande tem a participação do meu avô, do meu tio e minha. Participamos da fundação da Santa Casa, do Lar dos Velhinhos, somos um dos fundadores de Praia Grande, por tudo que meu avô realizou quando chegou à cidade, que ainda era São Vicente, e depois também por termos ido à Brasília lutar pela sua emancipação, apesar de muitas vezes não ser relatado na história, o que é uma injustiça com a minha família.

Então esse meu tio, que não era nenhum ecologista, mas um senhor já, que entendia de muitas coisas, inclusive a época correta em que as tartarugas desovavam, levava-me à praia e eu via as tartarugas, as aves, os peixes, e já tinha amor por tudo aquilo. Se um peixe ficava se debatendo na beira da água, eu o jogava para o fundo do mar, meu tio até

dizia para eu deixar porque a natureza cuidava, mas eu queria ajudar.

Lembro-me de pescadores que utilizavam rede de arrasto na pesca, um grande erro. Um português, dono dessa pescaria, era quem comandava tudo. Colocavam-se dois barcos no mar, com aproximadamente 200 metros de distância um do outro, um prendia uma ponta da rede e o outro, a outra ponta, e eles faziam movimentos circulares. Ao chegar à praia, os caiçaras, que eram ajudantes moradores daqui, puxavam por igual aquela rede, e o português batia: bum-bu, bum-bu, para que todos dessem o passo e puxassem a rede por igual.

Quando a rede chegava na primeira onda da praia, era possível ver aquele monte de peixes pulando, e eles pegavam apenas o que lhes interessavam para levar para Santos, São Paulo, até para o interior, porque na Praia Grande não havia freguesia na época. Os peixes que sobravam ficavam para as famílias da região, nós também pegávamos, comíamos peixe todo dia, de manhã e à noite. E eu sempre colocava os peixinhos que sobravam nos cestos de volta no mar, caranguejos também, enquanto os outros acreditavam que aquilo não era necessário, eu sabia que eles poderiam morrer se eu não fizesse nada. Desde então, mesmo sem conhecer esse nome na época, as pessoas já me chamavam de ecologista, e eu sabia que queria trabalhar com isso mesmo, era o que eu gostava.

Então, quando tive a oportunidade, voltei para Praia Grande, já casado e com meu primeiro filho. Eu tive uma oficina de letreiro, e como em Praia Grande não havia nada naquele tempo, tive de trabalhar com tudo. Minha oficina era perto da Peg-Pão; na época, não havia essa padaria, eram apenas seis casas, e como eu não tinha assim um bom português, estava sempre atrás de livros, pois tinha que escrever placas para portugueses, espanhóis, um era da quitanda, outro era da padaria, até cheguei a escrever algumas erradas, mas depois corriji-las. Agora é tudo computadorizado, mas fazia-se muita força naquela época porque os letreiros eram feitos manualmente, inclusive os desenhos.

Nesse momento, como já estava trabalhando com tinta, comecei a pintar quadros, telas, enduralex ou madeira, pintava o que tinha. Naquele tempo, não havia tinta nem pincel adequados em Praia Grande, até esmalte de unha de mulher usei para pintar, mesmo assim, as pessoas começaram a elogiar meus quadros, aí comecei a desenhar animais, tudo voltado à “ecologia”.

Uma vez que não havia letrista na região, eu tinha tanto trabalho que até de madrugada precisava fazer placas. A Praia Grande estava crescendo e o comércio acompanhava seu ritmo, pessoas do bairro Ocian, até de São Vicente, faziam placas comigo, foi uma ótima fase, consegui comprar minha casa, alguns bens e criar meus filhos. Como estava ganhando um bom dinheiro na época, com mais estabilidade, comecei a atuar nessa área da Ecologia. Tudo o que eu pudesse fazer para ajudar o meio ambiente eu quis fazer, mas nessa época ninguém me conhecia ainda.

Antes disso, dediquei-me à pintura, mas não relacionada à ecologia. Comecei a participar de salões de arte, mas não em Praia Grande, pois não havia na época. Aliás, o primeiro salão de arte na cidade fui eu quem fiz, apesar de

meu filho pedir para não usar o pronome eu, e sim nós, digo eu porque essa é a realidade, fiz sozinho, sem a ajuda de ninguém. Então mandava minhas obras para salões de arte do interior, de diversas localidades. Ganhei medalhas de ouro, prata, bronze, muitos prêmios, era difícil não ser reconhecido, sempre ganhava algo importante quando concorria.

Participei de um salão de arte promovido pela aeronáutica em comemoração aos 50 anos, era o Jubileu de Ouro, fiquei em primeiro lugar do litoral, conseguindo me classificar e concorrer com o Brasil todo. Havia cerca de oitocentos artistas no evento, que aconteceu no Rio de Janeiro. Concorrendo aos prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugar, havia participantes da Bahia, do Rio de Janeiro, e eu consegui ficar entre os três.

Diferente dos outros salões, que já avisavam a colocação do participante antes da premiação, esse não foi assim, fiquei sabendo no dia do evento, foi uma grande surpresa, consegui ficar em primeiro lugar. O engraçado é que até hoje não ganhei o prêmio completo, era uma viagem para o exterior e uma parte em dinheiro, fiquei apenas com o dinheiro e o quadro ficou à disposição de quem promoveu o evento.

Participei de diversos salões de arte importantes, mas esse foi o principal. Eu fiz três quadros. Como o salão era promovido pela aeronáutica, achei por bem fazer algo relacionado a isso. Então pesquisei sobre Santos Dummont, inventor do avião, fui até sua casinha na montanha em Petrópolis, Rio de Janeiro, observei suas questões relacionadas à superstição, como a escada, própria para subir apenas com o pé direito, números que ele não utilizava, como o número 13, e desenhei, assim, a casa dele na montanha com a escada, seu rosto, e misturado ao rosto dele uma construção que também era a casa dele e um avião sobrevoando. Eu tinha que ganhar aquele prêmio não apenas pela qualidade da pintura, que até que era boa, mas principalmente pelo tema que eu escolhi, pois estava de acordo com a proposta do salão: 50 anos de aviação.

Essa minha relação com a pintura começou quando tinha sete anos, já aqui em Praia Grande. Nessa época, eu não tinha papel, tinta, nem lápis de cor, mas eu tinha a praia. Na areia há a parte fofa, a que é mais ou menos fofa e tem aquela parte lisinha, em que a água vai e volta; com uma espinha de peixe, eu já desenhava pescador, tartaruga, aves, e todos já elogiavam. Comecei a desenhar pequenininho, mas não tinha como pintar, desenhava tudo ali, passava a espinha e ficava em relevinho. Não sei onde estão as fotos, aliás, essas fotos não são daquele tempo porque não havia máquina fotográfica na época, tirei as fotos depois de adulto para mostrar como fazia. Como aquele artista que usa apenas lápis, em preto e branco, eu já fazia arte, mas sem tinta. No entanto, comecei a pintar quadros apenas quando obtive material, que foi na época da oficina.

Depois, na década de 1980, iniciei os trabalhos aqui em Praia Grande relacionados à Educação Ambiental. Comecei a trabalhar com a Prefeitura fazendo viveiros de plantas.

O prefeito da época, Wilson Guedes, admirava muito meu trabalho, por isso apoiava meus projetos, apenas

afirmava que não possuía recursos financeiros, mas que eu poderia realizar o que quisesse na cidade. Então fiz meu primeiro viveiro de plantas, onde era localizada a Prefeitura naquela época, na Praça Rio de Janeiro, onde hoje fica a FATEC.

Para começar, falei com o prefeito sobre a necessidade de se fazer um viveiro para que as escolas pudessem visitar e propus que ficasse no espaço em que havia a garagem dos funcionários e ao lado uma oficina mecânica. Como o espaço era grande e não havia muitos carros de funcionários na época, basicamente só o prefeito tinha carro, afirmei que não atrapalharia em nada. Fomos até o espaço, expliquei onde seria o viveiro, onde colocaríamos a tela para cobrir as sementeiras, ele questionou sobre possíveis estragos e cheiro ruim, afirmei que não haveria nada disso, e então ele aprovou a construção do viveiro, que foi um grande sucesso.

Começou, então, o que a gente pode chamar de arborização urbana. Eu já havia plantado algumas árvores, mas pedi ao prefeito, e ele aceitou, que colocasse nos carnês do IPTU: “plante a sua árvore na sua casa”, já com as instruções de como plantar e qual árvore plantar, para que não plantassem árvores enormes em calçadas, pois podiam danificar toda sua estrutura, comprometer as tubulações de água, explicávamos tudo isso na época. Professoras também visitavam o viveiro com os alunos e gostavam bastante. Emissoras de televisão, como a Tribuna, faziam reportagens com a gente, gravavam as crianças plantando, foi muito bom.

Nesse período, precisei até mesmo ir para a mata buscar sementes porque estava difícil de achar, eu costumava dizer aos alunos que era preciso plantar árvores também na mata, não apenas na cidade.

Plantamos milhares de árvores na cidade, em todos os bairros, ganhamos um reconhecimento da ONU por conta disso. Plantamos mais árvores do que Curitiba, que na época era reconhecida como a cidade que mais plantava árvores no município. Foi uma alegria muito grande conseguir plantar tantas árvores.

Em parceria com o Rotary Clube Lions, plantamos o pau-brasil na frente de todas as escolas, com um cercadinho que explicava a origem do nome do país, para que as crianças pudessem ter esse conhecimento. Depois de um tempo, fiquei chateado por apenas três escolas, das 28 em que plantamos, terem conservado a árvore, isso para fazer garagem, aumentar a escola, mas enfim, fizemos uma coisa boa.

Até mesmo na mata estava difícil de achar pau-brasil, então eu pedia para que mandassem sementes para mim de um município do Rio de Janeiro que ainda tinha várias dessas árvores, e eu plantava no meio da mata, no meio das outras árvores que ainda existiam.

Fizemos muita coisa, saímos em diversas reportagens, ganhamos prêmios por conta disso. Muitas vezes, as pessoas falam de ecologia, de ajudar o meio ambiente, mas apenas vestem uma camiseta com alguns dizeres sobre isso e não plantam, não agem, não saem do discurso.

Sempre afirmei isso em minhas palestras, as pessoas têm que de fato realizar ações ecológicas. Por exemplo, só pensaram em economizar água quando começou a faltar em São Paulo, mas isso é uma coisa que eu já venho repetindo há muito tempo, a torneira aberta sem necessidade, o chuveiro, tudo para a coisa funcionar de verdade, e não apenas fingir ser ecológico.

Antes de trabalhar com o prefeito Wilson Guedes, eu já havia trabalhado para a Prefeitura na época do prefeito Dozinho. Havia construído quiosques na área do Portinho, como não existia na época, pensamos na comodidade dos visitantes de São Paulo que o local recebia, para que não ficassem no sol quente o dia inteiro.

A dificuldade foi exatamente o telhado, pensaram em telha, mas disse que o ideal seria fazer com sapê, como oca de índio, e bambu. Daí, fomos buscar o bambu, que também era difícil, no interior de São Paulo e o sapê em Taubaté, lugar que já morei quando era pequeno. Nesse período, trabalhei com pessoas que eram da Prefeitura e que também não eram, construímos os quiosques e as pessoas puderam aproveitar fazendo churrasco, aniversário, observando a água, foi um sucesso. Não havia nem a construção de madeira onde é o Navega hoje, não havia nada no Portinho, era apenas manguezal. Depois, aos poucos, é que foi sendo aterrado com areia da praia. Em seguida, construíram a igreja, que eu também ajudei a construir, enfim, essa foi a época em que eu comecei a interagir com o espaço do Portinho.

Como eu já conhecia, quando falavam de ecologia na Prefeitura, eu já agendava e levava os alunos para o Portinho. Para não prejudicar o manguezal, fiz uma trilha bastante curva nos locais onde não havia água ou raiz, pois não queria aterrar aquela área.

Eu recebia os alunos junto com a professora da escola, e enquanto percorríamos a trilha, eu explicava para cada um o que havia ali. Falava sobre as características dos caranguejos, o porquê de eles andarem para trás ou para o lado, explicando que é uma defesa deles, e todos ficavam encantados.

Falava da importância do manguezal às espécies marinhas, dos micro-organismos que são alimentos para filhotes de peixes, que é no manguezal que acontece a desova de algumas espécies, onde se desenvolvem e futuramente retornam para desovar também. Explicava tudo isso para as crianças, e algumas delas, muitas vezes, nunca tinham ouvido nada a respeito. Sempre acreditei que o professor deve mostrar na prática o que acontece, e não ficar apenas na teoria, por isso que muitos alunos não se interessam por determinado assunto, eles precisam vivenciar para que haja o interesse.

Não era somente no Portinho que eu realizava meus projetos, eu também ia até as escolas dar aulas, recebia das escolas particulares pelas aulas de ecologia e arte, mas da escola pública não, eu não cobrava, era tudo de graça.

Quando eu chegava nas escolas, até atrapalhava o andamento das aulas, pois quando os alunos me viam pela

janela, acenavam, gritavam meu nome, isso porque havia um agendamento, eu não podia dar aula para todo mundo, então era uma hora para uma determinada turma em um determinado dia.

Eu sempre fazia viveiros, que eram as sementeiras para a produção de mudas, e sempre com material reaproveitado; utilizávamos saquinhos de leite, ainda não havia as caixinhas e garrafa era mais difícil naquela época. Fazíamos um furo no fundo do saquinho e enchíamos com uma mistura de areia, serragem e um pouco de terra adubada, pois não era fácil conseguir terra. Construíamos minhocário também em garrafas para utilizar o húmus, e eu explicava tudo isso para os alunos.

Além disso, fiz compostagem nas escolas. Foi até engraçado porque eu pedia aos alunos que levassem cascas de legumes, frutas, restos de comida em geral, mas houve um momento que era tanto que pedi que parassem de levar porque já tinha muito, além disso, como na época eles já realizavam podas nas praças da cidade, eu misturava também as folhas dessas podas, que eu pegava com alguns ajudantes, no processo da compostagem, e em cerca de três meses, o composto orgânico já ficava pronto para uso.

Eu também fazia uma experiência interessante com os alunos. Pegávamos cinco saquinhos e em cada um colocávamos misturas de substratos diferentes, por exemplo, em um colocávamos mais serragem, em outro, mais terra adubada, em outro, mais areia ou mais composto orgânico, e plantávamos em cada saquinho uma muda do mesmo tamanho, como alface tipo crespa, daí anotávamos tudo, depois, podíamos observar que uma ficava mais bonita, outra meio murcha. Até o Instituto de Botânica fez testes para mim, indicando quanto tinha de ferro, cloro, entre outros.

Os pesquisadores do Instituto gostavam disso porque já servia de teste para eles também. Eles testavam o substrato, então, por exemplo, substrato da árvore W.1, tudo começava com a inicial do meu sobrenome, sendo W.1, W.1.2, e assim por diante, eles analisavam o quanto cada uma crescia, o tempo em que cada uma havia sido semeada e duração, dias de germinação, tudo isso era medido.

Cheguei até a fazer uma experiência em que o Instituto queria colocar o meu sobrenome, Winter, como nome científico da planta. Como eu fazia viveiros de todo tipo, na horizontal, na vertical, na parede, em cima de alguma coisa, tudo para aproveitar o sol, peguei uma mudinha de morango, que eu havia plantado em garrafas tanto na escola como no viveiro, e plantei dentro do tambor de uma máquina de lavar antiga, mas em vez de deixar na horizontal, porque pé de morango cresce rasteiro, coloquei uma vareta e o pendurei, sempre cuidando direitinho.

Alguns meses depois, tornou-se uma arvorezinha de dois metros e meio, com um tronquinho de sete centímetros, galhinhos em cima, com flores e morango. Nessa época, porém, eu tive que viajar, fiquei meses fora fazendo palestras com convidados de diversos lugares, Ceará, Rio Grande do Sul, e minha esposa, ocupada, esqueceu-se de regar o pé de morango, que ficava bem no fundo quintal, e como não era período de chuva, o pé de morango acabou morrendo

seco; brincando, eu cobro isso dela até hoje. Infelizmente, isso aconteceu; na época, os pesquisadores ficaram muito entusiasmados com uma árvore de morango, imagina só.

Enfim, eu fiz muitas experiências, isso porque acredito que o professor deve ter certeza daquilo que fala, daquilo que realmente dá certo. Por exemplo, eu plantei cenoura dentro de uma garrafa de dois litros, e sendo a cenoura uma raiz, como a mandioca, a batata, encheu delas ali dentro, apenas as hastes ficaram para fora, passaram pelo bucal da garrafa.

Falei sobre isso em um congresso, inclusive. Todos os participantes do evento eram cientistas ou botânicos, exceto eu, mas devido aos resultados do meu trabalho, fui convidado mesmo não sendo doutor no assunto. Ao explicar sobre a cenoura, fui questionado por um engenheiro agrônomo, de uns 35 anos, se a garrafa não tinha sido cortada e eu havia colocado a cenoura dentro. Afirmei que não e que todos poderiam vê-la, pois estava em exposição no local. Expliquei tudo, que havia plantado a cenoura dentro da garrafa, colocado em um sol não muito forte, colocado húmus; depois ele até me pediu desculpas pelos questionamentos. Quer dizer, há muitas coisas difíceis de acreditar, tem que existir a prova mesmo.

Montei também um aquário autossustentável, feito com aproximadamente 42 garrafas. Ele se mantém por seis meses, não há necessidade de colocar nada, apenas água por conta da evaporação. Apesar de os outros aquários exalarem um odor ruim devido às fezes do peixe e restos de comida, esse aquário não, utilizei micro-organismos eficazes, capazes de eliminar resíduos orgânicos. Os japoneses fazem uma separação entre os micro-organismos eficazes, aqueles que têm a capacidade de limpar, e os ineficazes, de ação oposta. Obtive essa informação porque estou sempre atento a livros, jornais, televisão, tudo que esteja relacionado às plantas, à ecologia. Conversei, então, com um japonês, chefe do setor onde acontecia essa separação, que me explicou como é que funcionava e me forneceu uma garrafinha com esse líquido, bastava colocar duas ou três gotinhas no aquário ou na piscina que o local não exalaria mau cheiro. Algo maravilhoso, esses micro-organismos não são capazes de eliminar resíduos químicos, mas orgânicos sim. Há um município brasileiro, não sei ao certo se é Curitiba, em que esse micro-organismo é utilizado para realizar a limpeza da água, ele já é utilizado no Brasil.

Comecei a colocar esse micro-organismo nas plantas também, na água usada para fazer a rega. O resultado foi ótimo, as verduras ficavam maiores, mais bonitas, tudo ficava melhor, inclusive o aquário que não ficava com cheiro ruim, e a água sempre limpinha.

Nesse aquário, eu colocava ainda plantas aquáticas, que também auxiliavam na limpeza da água, e peixes de diferentes tipos, pois existem aqueles que ficam no fundo do aquário, outros no meio, e os chamados de paulistinhas, que costumam ficar na parte de cima do aquário, tudo para ficar equilibrado, eu ficava estudando tudo isso.

Mas e a comida? Eu não colocava. Havia um pequeno setor no aquário em que eu colocava uma bala de mel,

por exemplo, molhadinha envolta ainda no papel, depois de duas horas mais ou menos, já havia formigas ali; outro setor, no qual ficava gotejando até ele se encher, fazia como uma alavanca, virando então as formigas para dentro do aquário, os peixes esperavam isso acontecer para se alimentarem, isso acontecia também com pernilongos, ovos de pernilongos, larvas. Um aquário de fato autossustentável, que se mantinha por cerca de seis meses.

Além disso, esse aquário não precisava de bombinha ligada à energia elétrica para a oxigenação como os aquários comuns. Eu utilizei um painel, que conforme o vento soprava, ele girava e oxigenava o aquário; as peças eram do motor de um carro velho, aquelas que fazem o movimento de manivela, porém aquilo tinha engrenagens muito barulhentas.

E, depois de passar uma noite inteira pensando em como aquele barulho estava incomodando os peixes, ao acordar, fui até a oficina que tinha no fundo da minha casa e como eu já havia feito muita coisa utilizando ímãs naturais, acabei esbarrando em alguns deles que estavam guardados por lá e eles caíram no chão, daí tive a ideia de utilizá-los nas engrenagens. Eu colocava um ímã positivo em frente a outro também positivo, para que não se atraíssem, na ponta de cada engrenagem, dessa forma, elas não batiam uma na outra, giravam em silêncio. Lembro-me com alegria que consegui um aquário com água caindo, circulando e sem barulho algum.

Quando não havia vento, usava um ventilador para que as engrenagens girassem. Houve um congresso que eu participei inclusive em que tive de colocar um ventilador para que tudo funcionasse. Diferente de outro que aconteceu no Rio de Janeiro, na praia, em que o aquário pôde ficar ao ar livre. Nesse, japoneses e americanos olhavam e não entendiam como aquelas engrenagens não faziam barulho, escutava-se apenas o barulho da água.

Eu costumava dizer às pessoas, parentes ou não, que Deus havia me concedido essas ideias, elas surgiam naturalmente, eu apenas corria atrás para aperfeiçoá-las. Apesar de meu pai ter falecido cedo, minha mãe ter ficado doente, entre outras coisas, eu recebi da Natureza a criatividade, as ideias e até mesmo soluções. Se eu tenho um problema, basta dar uma volta que, em seguida, quando retornar, já estará resolvido, às vezes, eu mesmo resolvo, percebo que as coisas acontecem assim, então agradeço sempre por tudo isso.

Havia momentos que não eram fáceis. Quando eu ia para o meio da mata, por exemplo, em que plantávamos e trabalhávamos com os índios, perdi dois carros na época. Isso aconteceu porque na Serra tudo era terra batida, tínhamos que passar por riachos, que se formavam à medida que a água descia pelos morros, e como não havia a possibilidade de se construir pontes, passávamos com o carro pela água, com cautela para que não afundasse. No entanto, ao mesmo tempo em que era difícil, também era prazeroso ouvir o barulho das cachoeiras, dos passarinhos, ao passar por ali.

Como a Serra é formada por uma área desnivelada, cheia de morros, quando os índios viam meu carro de lá de baixo, as crianças de 7, 8, 12 anos saíam correndo 1 km antes de eu chegar à aldeia e já entravam e subiam em cima

do carro, que chegava a ficar baixo. Eles adoravam porque levávamos Coca-Cola, bolachinha, coisas que eles nunca haviam comido e nem podiam. Era uma alegria, por mais que o carro quebrasse e tudo mais, o convívio com os índios era muito enriquecedor.

Pude observar que os índios não batem nos filhos, não gritam, nada disso, apenas olham para as crianças, e elas obedecem. Que educação! Uma coisa linda. Se um índio quer entrar na lagoa, por exemplo, e o pai olha para ele e não permite, o menino simplesmente volta. Um irmão não bate no outro, não há violência. Há índios no Amazonas ou os pataxós, por exemplo, que enfrentam outras tribos, atiram flechas, mas entre a família não há violência, principalmente a Tupi-Guarani, e eu ficava encantado observando tudo isso.

Aprendi a fazer o artesanato deles também. Tudo era feito utilizando recursos da natureza, eles usavam uma espécie de agulha feita de bambu, até mesmo a linha era um cipozinho, impressionante. Nada era comprado, era maravilhoso de ver. Tudo foi compensador para mim.

Foi uma época muito difícil, era desgastante fisicamente também, mas eu lembro o resultado de tudo isso, e foi maravilhoso.

Com aquele projeto de ir até a escola, dar na mãozinha dos alunos a semente e eles plantarem em cada saquinho de leite cerca de três ou quatro sementes, nós plantamos muitas mudas na mata. Para se ter uma ideia, só de uma escola com 200 alunos, por exemplo, plantava-se cerca de 600 mudas, contando que cada aluno plantava em média três sementes e quase todas germinavam. Uma escola com mil e poucos alunos daria cerca de duas mil mudas. Digo isso porque quando falei em uma reportagem que plantamos em média 450 mil mudas das espécies ameaçadas de extinção na Mata Atlântica, entre elas pau-brasil, mogno, palmito-juçara, e mudas de outras espécies também, exceto o que eu não havia contado porque foi muito mais do que isso, havia uma pessoa ou outra que comentava que era muito, então eu costumava explicar dessa forma, se em uma escola tinha 80 alunos, e se cada um plantasse três sementes diferentes, haveria um total de 240 mudas. Assim que se alcançou esse número de 450 mil mudas.

Essa ideia de ir à aldeia começou porque nós formamos uma ONG chamada Guanhanhã, que quer dizer “terras altas”, “morros”, em Tupi-Guarani, e essa ONG tinha o projeto de replantar na Mata Atlântica. Eu sabia que havia índios lá, mas não tinha ideia de como era a cultura deles, quantos eram e nem como estavam.

A sede da ONG era em Peruíbe, local onde se realizavam as reuniões dos associados. Como a ONG tratava de questões ecológicas, todos queriam se associar: médico, advogado, até juiz, porém não participavam com frequência, apenas quando havia um evento de final de semana, com churrasco, que estava todo mundo.

Nessas reuniões, discutíamos sobre as espécies de mudas que já haviam sido plantadas ou não e sobre os locais de plantio também. Se já havia sido plantado muito pau-brasil, mudava-se a espécie, e se em Itanhaém ou Peruíbe

já tivesse sido plantada determinada quantidade de mudas, mudava-se a localidade, passar-se-ia a plantar em Ilha Comprida, por exemplo.

Normalmente, encontrávamos os índios quando saíamos para plantar as mudas na mata. Havia áreas que eles não permitiam a entrada, então tínhamos que conversar com o cacique e pedir permissão, explicávamos o motivo e a nossa entrada era liberada.

Nesse período, eu comecei a observar as dificuldades que esses índios passavam e eu nem sabia. Com a invasão do homem branco em todo o litoral, espécies de animais, como macaquinhos, tatu, entre outros, acabaram diminuindo na mata por conta do tráfico de animais, e os índios, que se alimentam desses animais, ficaram sem a carne, que é necessária para todo mundo, alimentando-se apenas de raízes, cascas de árvores, folhas.

Sabendo disso, e o pajé também havia falado dessa dificuldade, começamos a buscar solução, tentar explicar e pedir que parassem de fazer isso, porém chegamos a ter problemas com os contrabandistas. Fomos ameaçados, até o carro do presidente da ONG levou um tiro uma vez na estrada, eles estavam cortando palmito também e não estavam dispostos a compreender nenhuma situação. Naquela época, a quantidade de traficantes não era tão grande como é atualmente, a situação hoje está ainda pior.

Então, em uma dessas reuniões, eu falei: “já estamos plantando, agora temos que pensar um pouco na situação dos índios, no que está acontecendo com eles”. Comentava com os associados sobre toda a situação que o cacique relatava, mas eles falavam que eram outros órgãos, como a FUNAI, que deveriam cuidar disso, e eu insistia que se eles não estavam fazendo nada, nós deveríamos fazer.

Foi difícil no início, mas começamos a conversar. Os próprios índios, chefes das tribos de diferentes lugares, participavam das reuniões, relatando suas dificuldades, tudo era anotado para que depois se observasse o que era prioridade ou não, no entanto, os problemas eram quase sempre os mesmos entre as tribos.

Então afirmei que o necessário era a doação de cestas básicas para os índios já que não estavam se alimentando corretamente. Argumentei ainda falando sobre sua importância e que eles eram os verdadeiros donos do Brasil, que já estavam aqui na chegada dos nossos descendentes, portugueses, espanhóis, italianos, e que era preciso fazer alguma coisa já que queríamos que as crianças se alimentassem e ficassem bem, insisti que era nosso dever, mesmo assim ainda tinham dúvidas.

Como eu sempre fiz, apesar de meu filho me repreender por afirmar que muitas coisas realizei sozinho, eu fui em busca de uma solução. Tomei conhecimento, em um anúncio de televisão, que haveria um congresso no Anhembi em que a esposa do presidente da época Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, estaria presente junto de outras esposas de prefeitos e governadores, então pensei que deveria ir até lá relatar o que estava acontecendo com os índios à

primeira-dama, pois ela não deveria estar a par do assunto.

Além dessa questão relacionada à alimentação, os índios estavam sofrendo por não conseguirem atendimento médico. Antes, os índios não ficavam doentes, mas depois que começamos a entrar na mata e ter contato com eles, passaram a ficar gripados e adquirir outras doenças.

Testemunhei uma índia com um bebê nos braços e uma criança de aproximadamente seis anos, ambos nus, andando cerca de 11 km, da aldeia até o centro da cidade, em direção ao posto de saúde. O cacique já havia me dito que os índios eram desprezados nos postos de saúde, explicou-me que as índias percorriam toda a montanha, chegavam exaustas no posto e, por não possuírem documento, eram atendidas por último ou, muitas vezes, o médico ia embora e não as atendia.

Então falei com um colega, que realizava um bom trabalho de filmagem e edição, que filmaríamos aquilo para comprovar o que estava acontecendo com as índias, pois o cacique já havia falado e eu também já havia presenciado aquela situação. O cacique afirmou que poderíamos filmar a índia que eu observara, pois ela teria de voltar ao posto de saúde, não havia sido atendida e a criança ainda não estava bem. Expliquei que filmaríamos uma parte de seu trajeto, atravessando a água, tudo que costumava fazer, assim como as outras índias.

E fizemos isso. Com meu carro, filmávamos a índia e a criança a pé nas áreas de maior dificuldade, nas outras, trajetos mais longos, levávamos no carro. Quando chegamos ao posto de saúde, fiquei sentado lá dentro como se fosse alguém esperando para ser atendido e meu colega, filmando, ficou do lado de fora. A índia entrou com a criança, falou com a recepcionista, que a mandou esperar, nem sentar ela conseguiu porque ninguém cedeu lugar a ela, mesmo com uma criança no colo. Eu fico furioso com isso.

Depois de um tempo, a índia foi falar com a recepcionista novamente. Todos que estavam na sua frente já haviam sido atendidos, outros que chegaram depois também, mas ela continuava ali, e tudo isso sendo filmado. Quando finalmente chegou sua vez, a recepcionista afirmou que não sabia se ela seria atendida, levantei do lugar em que estava e falei: “Você não tem vergonha na cara? Uma mulher, você deve ter filhos, casada, como faz isso com uma senhora? É mulher igual a você!”. A recepcionista afirmou: “Mas é índia...”. Eu continuei afirmando que ela estava errada, que aquilo era um absurdo. Nesse momento, meu colega, que estava filmando tudo, chegou mais perto, e a recepcionista, meio assustada, disse-me para reclamar com outra pessoa do posto de saúde. Foi o que eu fiz.

Bati nas portas das salas onde os médicos ficavam, até que um saiu e eu contei toda a situação. O médico afirmou que não tinha conhecimento sobre aquilo, senão, atenderia normalmente seguindo a fila de espera. Enfim, ele a atendeu.

Eu levei essa filmagem para aquele congresso em que a primeira-dama estaria presente, eu já a tinha guardada, pois

havia feito para levar às Autoridades, para o IBAMA, por exemplo, se bem que mandei diversas cartas a esse órgão e nunca obtive resposta.

Nesse dia do congresso, então, eu apenas consegui entrar porque tinha o crachá da nossa ONG, porém não tive acesso à sala em que estavam a primeira-dama e as outras esposas de governadores e prefeitos, como eu não estava inscrito, não me permitiram entrar e muito menos falar com a primeira-dama, mesmo explicando que o assunto era a questão indígena.

Pensei o que poderia fazer. A distância que havia entre essa antessala em que eu estava e a sala onde estava a primeira-dama era de aproximadamente 12 metros. Daí, quando a primeira-dama terminou seu discurso de abertura do congresso e passou o microfone para outra pessoa, eu dei um dos meus gritos, poderia até ser tenor por gritar tão alto, e disse a ela que as primeiras-damas das aldeias estavam morrendo de fome, doentes, assim como as crianças. Falei do conforto que todas tinham em Brasília ou nas prefeituras, ar-condicionado, ventilador, comida, até os pobres tinham, exceto aqueles que estavam aqui antes de Pedro Alvares Cabral, os índios.

Ela até se levantou, fez um gesto pedindo que eu esperasse, mandou a assessora dela, uma japonesinha, e eu expliquei tudo. Falei que tinha um vídeo, bem editado, de 35 minutos, mas que apenas cinco minutos bastavam para que ela pudesse observar a situação dos índios. A moça, então, levou-me até ela, sem ninguém entender o que estava acontecendo.

Expliquei no ouvido dela devagarinho, ela se surpreendeu e me perguntou o que eu queria realmente. Daí eu disse que era necessário que todos tomassem conhecimento acerca do que estava acontecendo com os índios, e que também precisava de cestas básicas para que eles pudessem comer. Ela questionou se eles não se alimentavam de coisas da mata, afirmei que não e que esta era a situação: crianças magrinhas e com fome. Ela parecia não acreditar, então, falei sobre o vídeo e que ele confirmaria tudo aquilo, apenas cinco minutos.

Ela pediu para um rapaz colocar a fita, eu fui ajudá-lo, pois queria fazer as paradas e explicar os detalhes, até que anunciaram minha apresentação, explicando que eu era um ecologista e falaria sobre os índios, além de citarem que apesar de não estar na programação, a primeira-dama havia autorizado a minha fala.

Quando iniciou, a sala ainda estava barulhenta, burburinhos, tosses, comum em locais com muita gente, mas eu expliquei sobre o que era o vídeo, ressaltéi que gostaria que todos soubessem apesar de ter pessoas ali que já sabiam daquela situação, pois eu já havia recorrido a prefeituras de diversas localidades relatando tudo, porém sem resultado.

Conforme o vídeo foi passando e eu explicando, com mais ou menos três minutos já, fiquei impressionado com o silêncio que tomou aquela sala, não havia mais ninguém falando ou cochilando de tão dramáticas que eram as cenas, as esposas dos prefeitos e governadores ficaram fragilizadas vendo o sofrimento daquela índia junto da criança.

Após os cinco minutos, parei o vídeo e ao começar a explicar, a primeira-dama falou que se houvesse mais fita, poderia continuar; pediu que diminuíssem algo que já estava na programação e continuou o vídeo.

No final do vídeo, apareceram as coisas boas que tinham sido realizadas na mata. A gente plantando com os índios, todos alegres brincando comigo no meio da roda deles, eu os imitando na dança, tudo, além do resultado: a quantidade de mudas que havíamos plantado na mata. Quando terminou, todos aplaudiram, a primeira-dama se levantou e aplaudiu de pé. Em seguida, tivemos apenas uma pequena conversa sobre o assunto. Isso tudo aconteceu em uma sexta-feira, na segunda-feira seguinte, um caminhão chegou à minha casa em Praia Grande, com cestas básicas que a primeira-dama, Dona Ruth Cardoso, havia providenciado.

Logo dividimos tudo e começamos a distribuição das cestas. Primeiro, para as tribos em Peruíbe, uma cesta para cada família. Tenho tudo isso marcado até hoje, número de crianças e índios de cada lugar. Nossa! A alegria deles era contagiante.

Tive que levar tudo no meu carro. Descarregamos as cestas no sítio do presidente da nossa ONG, Ladislau, e não na minha casa. De lá, eu pegava meu carro, o Ladislau o dele, e saíamos para entregar as cestas nas tribos. Isso no início, depois, começamos a deixar em postos de gasolina na estrada, falamos com os donos e eles permitiram, era longe, mas mais perto do que as tribos, e pedimos para que os caciques buscassem suas cestas. Em cada posto ficava a quantidade de cestas exata para cada família.

Os índios tinham dificuldade para buscar, mas era melhor do que nada. Não tínhamos condições de continuar levando todas as vezes que as cestas chegavam, eram muitas tribos e isso era todo mês.

No início, a cesta básica era normal, mas depois, conversando com uma pessoa que a primeira-dama havia deixado no gabinete para tratar exclusivamente desse assunto comigo, como havia coisas que os índios não usavam, falei o que era mais apropriado para eles, como arroz, feijão, farinha de trigo, entre outros. A cesta não era aquela de 25 kg, e sim a de 35 kg, a primeira-dama conseguira mais barato com uma empresa que já prestava serviço a ela. Foi uma maravilha.

Consegui porque corri atrás, sozinho, os associados depois me felicitavam e faziam gestos de aprovação, mas poderiam ter ajudado. Sei que as cestas foram doadas até 2000, mas depois eu soube que não deram mais, nessa época, eu já não ia mais para lá.

Outra coisa que realizei foi ensiná-los a fazer horta. O terreno era muito propício, com declives e ótimo substrato, com folhas da mata e bastante húmus, não precisava acrescentar nada, já tinha tudo ali, era uma maravilha.

Fazíamos as hortas inclinadas, como uma escadaria, como se fazia na Holanda. Colhíamos de tudo, cenoura,

repolho, couve-flor, era fantástico, as crianças adoravam comer tudo aquilo, e todas as aldeias tinham.

Até que um dia, uma representante da FUNAI que visitou o local, não me lembro se era diretora ou presidente, repreendeu-me, afirmou que os índios não comiam alface ou cenoura, e eu falei: “eles comem o quê? O que a senhora manda todo mês para eles, a senhora manda carne, manda tudo, não é?”

Por falar em carne, implantamos piscicultura nas aldeias. O nosso presidente da ONG, Ladislau, que tinha dinheiro porque possuía empresas e apesar de aposentado, seu filho ainda as mantinha em São Paulo e Rio de Janeiro, construiu no meio da mata uma piscina, o que foi errado e ele foi até repreendido por órgãos competentes na época, mas que ajudou muito os índios. A piscina não era feita de cimento; como a água escorria de cima dos morros e ficava empoçada em determinados lugares, ele fazia várias espécies de piscina, usando pedras. Isso tudo sem usar bomba ou oxigenação por já haver a caída natural da água. O Ladislau ajudava no que podia.

Conseguimos muitos tipos de peixes para os índios cultivarem, além de ensinar como mantê-los, e então cada aldeia passou a ter a sua piscicultura e todos passaram a ingerir peixe, algo que era muito difícil apenas quando iam até a praia e conseguiam pescar.

Era muita alegria ver aqueles indiozinhos pescando, uns com varinha, outros mergulhando e pegando com a própria mão, começando a comer o peixe que eles estavam cuidando. Ficaram anos alimentando-se do que era proveniente da horta e da piscicultura, sem precisar comer macaco ou coisas assim.

Conseguimos também usar quiosques que os próprios índios faziam como postinho, então, uma vez por semana, um enfermeiro da Prefeitura daquele município, com soro para picada de cobra, entre outros remédios, visitava aquele local para cuidar dos índios. Por essas ações, várias emissoras, Cultura, Globo, fizeram reportagens mostrando as coisas boas que fizemos lá.

No âmbito da Educação Ambiental, depois de bastante tempo, implantei meu viveiro de mudas no Portinho e passei a receber as escolas para visita naquele local.

Um ônibus levava os alunos e eu desenvolvia várias atividades com eles. Com os maiores, turmas da 7ª, 8ª série, fazíamos a trilha no manguezal, orientava o lugar por onde deveriam passar para que não caíssem; mas alunos de 1ª, 2ª série, os pequenos, não era possível, se uma criança caísse, seria uma situação muito constrangedora, então explicava tudo para eles só que de dentro do viveiro, eles cresceriam e teriam a oportunidade de fazer a trilha também.

A instalação desse viveiro foi surpreendente, eu gastei 18 mil reais na compra dele, eu, Gilberto Winter, a Prefeitura não pagou nada. Comprei em uma fábrica em Holambra, eles fazem esses viveiros para as hortas do interior, especiais para produção de mudas. Então quando vi, logo corri atrás. Ele custava 25 mil reais, mas como

eu realizava um trabalho gratuito voltado à ecologia, eles fizeram por 18 mil, pois segundo eles, esse era o preço do material. Eles trouxeram e montaram pra mim, tudo por minha conta. Como não tinha cerca, comprei o alambrado, e em vez de fazer vigas de cimento, utilizei garrafas de dois litros, cheias de cimento e ferro. Localizava-se entre o Navega e a administração da SESURB hoje.

O meu projeto tinha o nome de Projeto Verde Didático, que iniciou logo quando eu saí do prédio da Prefeitura, na década de 1980, ainda na gestão do Wilson Guedes, inclusive foi ele quem autorizou. Nesse projeto, os alunos visitavam o viveiro, plantavam a sementinha e eu explicava tudo para eles. Quando eram os maiores, fazíamos também a trilha no manguezal.

Como o Portinho era um espaço público, eu precisei de autorização da Prefeitura e na época recebi o apoio dos prefeitos Dozinho, depois Wilson Guedes e Yamauti também, que me apoiaram logisticamente, mas sem nunca desembolsar um tostão, pois já explicavam desde o início a situação econômica do município no momento, por isso eu tinha que comprar o material e tudo mais.

Na época do prefeito Mourão, na década de 1990 já, havia no Portinho também a Patrulha do Verde, mas eu explicava para as crianças que ali eram mudas para jardinagem o que os patrulheiros faziam. Eles plantavam, cuidavam, tudo direitinho. Eles tinham em média 14 anos e eram muito interessados. Quando os alunos iam participar do meu projeto, eu sempre chamava os patrulheiros para serem meus ajudantes, porque era eu sozinho com aquele monte de crianças. Eles enchiam de substrato os saquinhos para todos plantarem, separavam as sementes, todos de uniforme, era bem bacana. Eu os ajudava e eles me ajudavam com as crianças das escolas.

Eu ensinava os patrulheiros a plantar, e como eles estavam sempre reformando praças da cidade, eu dava dicas relacionadas a paisagismo também, curso que já havia realizado. Falava das técnicas para se plantar mudas já desenvolvidas, pois para plantar uma muda já grande é necessário saber qual substrato usar, se existe a necessidade de cobrir a muda para não ficar exposta ao sol muito quente, a importância de colocar minhocas na terra para a oxigenação das raízes, ensinava tudo isso para eles.

Eu sempre fui uma pessoa que buscava e ainda busco ajuda. Por exemplo, se há um assunto que interessa mais a você, vou fazer o possível para ajudá-lo, inclusive pedindo ajuda de outra pessoa, sempre agi dessa forma, por isso acredito que as coisas sempre deram certo. Nunca fiz tudo sozinho, exceto em algumas situações como a do congresso em São Paulo, em que fui sozinho porque os outros não quiseram me acompanhar, mas eu sempre contava com a ajuda de alguém para poder realizar as atividades.

Em relação aos índios inclusive, se quiserem falar apenas sobre isso, tenho muito para contar, vamos falar por umas cinco horas, tenho fitas, tenho tudo, posso falar tudo sobre os índios. Com 77 anos, começo a falar de uma coisa e me lembro de outra, desculpe por atropelar às vezes.

Então, trabalhei com o Projeto Verde Didático no Portinho até 2000, depois acabou tudo, houve mudanças e retiraram meu viveiro de lá. Inclusive, cometeram uma falha, não sei de quem foi a culpa, por isso não posso afirmar que foi ordem direta do prefeito, mas quando procurei o chefe do setor de obras para saber onde estavam as minhas coisas, ele me informou o lugar onde poderia encontrar, porém não havia nada, perdi tudo. O viveiro, que eu poderia usar em outro lugar, a máquina de cortar madeira, ferramentas, enfim, perdi muita coisa, fiquei sem nada. Até mesmo uma escrivaninha em que eu guardava documentos não recuperei. Eu passava quase 24 horas lá, além do mais, minha mulher ficava brava comigo, às vezes, eu nem dormia em casa, usava uma cadeira de praia que tinha lá para dormir um pouco e de manhã já recebia a turma para trabalhar. Era assim.

Perdi, ainda, os canhotos do carnê do INSS, que eram do banco Itaú, eu pagava todo ano, estavam todos os comprovantes de pagamento guardados em uma pasta de papelão. Quando eu fui me aposentar, no INSS não constava nada, então me informaram que eu precisava daqueles canhotos para comprovar a minha contribuição, porém falei que não os tinha mais, nem cheguei a contar a história de que estavam todos guardados em um móvel que foi jogado fora e eu nem fazia ideia de onde estava.

Até isso eu perdi, eu pagava quatro salários por mês para poder ter uma boa aposentadoria, no entanto, tive que me aposentar por idade, apenas um salário. O tanto que trabalhei pela minha cidade, pelo litoral, e ganhar apenas um salário, é muito triste. Hoje, minha situação está muito difícil por ganhar pouco, tento vender meus quadros na praia, mas não está fácil. O Brasil todo está vivendo uma situação complicada, quem vai deixar de comprar comida para comprar um quadro? Ninguém vai querer comprar um quadro para pôr na parede, por isso ficou muito mais difícil para nós artistas.

Na época em que trabalhei no Portinho, várias pessoas importantes foram conhecer meu trabalho, secretários, o ministro do Meio Ambiente, este, inclusive, havia visto meu trabalho pela televisão e foi me parabenizar pelo projeto que desenvolvia. No entanto sempre esperei uma ajuda deles, mas nada. Havia um, não me lembro seu nome, que visitava o projeto mais vezes, e afirmou que o Estado me ajudaria, mas infelizmente nada. A ajuda que eu queria não era dinheiro, mas um apoio logístico, a Prefeitura nunca pôde ajudar, então que eles dessem, por exemplo, o material que era utilizado, apesar de a maior parte ter sido material reaproveitado, ou o dinheiro do combustível ou um veículo do Estado ou da Prefeitura para que eu pudesse pegar sementes na mata. Não, era tudo por conta do Seu Winter, isso não foi fácil não, pelo menos ganhava bem na época, estava bem estabilizado, como eu não bebo, não fumo, não gasto com nada, podia gastar com isso. Nunca pensei em ganhar dinheiro, na verdade, minha mulher e meus filhos reclamam, mas nada disso, sempre trabalhei de graça para as escolas públicas, comunidades e tudo mais. Fui a comunidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, dava aula em qualquer lugar.

Tive também uma participação muito intensa na Eco-92, momento em que estiveram aqui no Brasil mais de 176 representantes de todo o mundo. Eu não esperava que acontecesse daquela forma, havia tendas enormes para cada país participante, dentro de cada uma delas havia estandes para cada Estado convidado pelo trabalho realizado, por

exemplo, a do Brasil tinha os estandes da Bahia, de São Paulo, entre outros. Havia tendas dos Estados Unidos, Japão e vários outros.

Eu fui convidado pelo estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizada a conferência, não precisei arcar com despesas como transporte, estadia, alimentação, tudo foi pago pelo Estado.

Enquanto estava lá com meu estande, com o Projeto Verde Didático, atendendo alguns visitantes, brasileiros e estrangeiros, outros estandes também atendiam apenas alguns visitantes, então pude perceber que a tenda do Brasil era a menos visitada. A do Japão estava cheia, da Itália, de vários outros países, mesmo sem tanta novidade referente ao meio ambiente como tinha a nossa. Havia outros expositores do Brasil, como de Curitiba/Paraná, do Rio Grande do Sul, com coisas boas sobre o meio ambiente, mostrando a limpeza da cidade, por exemplo, em que você não acha uma folhinha no chão, uma ponta de cigarro, nada, estava tudo lá registrado, filmado em fita cassete, não era nem DVD ainda. Enfim, poucos visitantes iam lá.

Mas aí o que aconteceu? Como no Brasil acontece de tudo, desde aquele tempo, a empresa que contratou as pessoas que montaram todas aquelas tendas, toda aquela estrutura da conferência, não estava pagando os funcionários, pois alegava que também não havia recebido do Governo.

E o Governo do Brasil não gastou um tostão, foi a Alemanha que pagou por tudo, milhões de dólares, na verdade, todos os países doaram uma soma muito grande para o Brasil, mais ainda do que o Brasil gastou, de acordo com uma reportagem que vi na Record, e que ainda sobrou dinheiro destinado para o meio ambiente, mas que também não foi usado.

Por questão burocrática, aquilo não foi pago para a empresa, e os funcionários o que fizeram? Desligaram as luzes, os transformadores, desligaram tudo, deixaram apenas o transformador da área onde havia um posto médico. Pensaram pelo menos nisso, mas de resto desligaram tudo.

Eu estava com o meu aquário feito de garrafa plástica, e meus peixes estavam bem porque era o cata-vento que estava girando o oxigênio. Agora o do japonês que era um aquário enorme, que pegava de uma parede a outra, com funcionamento computadorizado, água, comida, tudo elétrico, com aqueles peixes lindos, coloridos, estava perdendo o ar.

Então a tradutora-interprete do Japão veio me perguntar como o meu aquário estava oxigenando se não havia energia, quis saber ainda se ele funcionava com bateria, daí eu disse que não havia bateria, que não havia nada.

Vieram em seguida uns quatro ou cinco japoneses e ficaram observando o aquário, agachavam-se no chão, olhavam por cima dele, houve um momento que encheu tanto de gente que parecia essas atrizes quando saem nas

ruas para gravar alguma coisa. Ficou aquela loucura, até me empurraram para trás, todos curiosos para saber como aquele aquário estava girando se não havia bateria nem energia.

Expliquei para o japonês, com o auxílio de sua tradutora-interprete, e pedi que fôssemos até o posto médico pegar uma daquelas mangueirinhas usadas no hospital, pois não tinha outro jeito. Logo tive essa ideia.

Fomos até o posto médico, pegamos 15 metros da mangueirinha, tive de adaptar ligando uma na outra, coloquei no meu cata-vento e a outra ponta no aquário do japonês. Aquilo ficou borbulhando, os peixes até brigavam uns com os outros, mas apesar de a oxigenação dele ser muito mais forte do que a minha, que era perfeita para os peixinhos que eu tinha no meu aquário, salvaram-se os peixes dele.

Todos filmaram aqueles peixes brigando, holandeses, chineses, foi uma loucura. Além disso, todos vieram falar comigo, queriam saber como eu havia feito aquilo, que explicasse tudo. Lá, estava a produção do Jô Soares, porque sempre que acontecia um grande evento no Brasil ou fora, ele fazia uma montagem e gravava seu programa do local, ele inclusive me convidou para falar com ele durante a reportagem; participei de mais de 20 reportagens, até mesmo para a CNN, para uma televisão do Japão também, enfim, não parava mais. A tenda do Brasil, por conta dessa situação comigo, lotou o tempo todo, as pessoas de outras tendas até reclamavam, lembro com orgulho.

Depois que fiz a entrevista com o Jô Soares, durante um ano, não tinha mais sossego. O telefone tocava o dia inteiro, chegava até a tirá-lo do gancho, era sempre alguém me pedindo para fazer palestras e coisas assim. O que foi bom porque comecei a cobrar um determinado valor para dar cursos em escolas particulares. Consegui levantar um bom dinheiro, foi muito bom ter ido a essa conferência, na verdade, essa conferência foi boa para todos nós.

Também ficou claro nessa conferência, e isso foi falado no mundo inteiro, que os americanos não priorizam a Ecologia. O país mais evoluído do mundo, e nada. Eles e a China. Até recentemente em Quioto, em 2002, ficou firmado que providenciariam ações, mas nada mudou. A China não fez nada, agora que estão discutindo novamente esse assunto porque os chineses, e uma parte do Japão também, estão usando máscaras especiais por causa do ar, ninguém consegue respirar direito, então está complicado. E os Estados Unidos também. Não sei como mudarão essa situação, mas alguma coisa deve ser feita.

Tenho pouco envolvimento atualmente com as questões ambientais aqui em Praia Grande, a não ser quando me convidam para participar da Semana do Meio Ambiente em junho, porém não da forma que eu realmente gostaria.

Eu gostaria de montar, por exemplo, meu castelo ecológico e poder falar com os professores durante a exposição para que eles transmitissem o conteúdo para os seus alunos, facilitando a comunicação e alcançando um número maior de estudantes. Se você é um professor de 200 alunos na sua escola, por exemplo, você pode dividir com seus colegas e passar. Estou disposto a orientar e o que eu inventei, o que eu aprendi, toda a minha experiência, posso

dividir com todo mundo.

Vou levar para onde? Para o caixão, não posso. É bom que mais gente aprenda, às vezes, não teve oportunidade como eu tive, apesar de eu correr atrás sempre.

Fiz muitas experiências, a armadilha para pernilongo da dengue, por exemplo, tenho uma especial. Já mandei até para o Governo Federal, mas eles não respondem. Houve uma pessoa, acho que de São Paulo, tenho salvo nos meus e-mails, que afirmou que infelizmente não poderia fazer uma parceria, pois a verba que recebia do Governo Federal era para a questão da dengue, a formação do funcionário e tudo mais, porém que também era destinada a outras coisas e que se houvesse uma armadilha que funcionasse, eliminando o pernilongo, perderia essa verba. Um absurdo, não é? E a pessoa está falando sério, não está mentindo, impressionante.

Se você fizer uma armadilha utilizando uma garrafa plástica mesmo, sem água para os pernilongos machos e com água para as fêmeas, e colocá-la em um cantinho da sua casa ou do seu apartamento, a fêmea que estiver lá, por exemplo, depositará seus ovos ali ao encontrar a água na armadilha, e mesmo que já tenha sugado seu sangue para alimentá-los, nada acontecerá, os ovos não se fecundarão.

No entanto, sem essa armadilha, essa fêmea pode usar uma calha ou qualquer outro lugar, uma garrafa na rua ou uma tampinha, para depositar seus ovos, e lá sim, eles fecundarão e transmitirão a doença.

Se essa armadilha tivesse sido usada alguns anos atrás, não haveria tantos casos de dengue. Depois trarei a armadilha para vocês, para que todos vejam como é simples fazê-la, não se gasta nada, utiliza-se apenas uma garrafa plástica de 2 litros que normalmente é jogada fora.

A minha mensagem, então, para os municípios de Praia Grande e para os alunos que participam de projetos do Departamento, nesses mais de 20 anos de Educação Ambiental da cidade, é que todos, independentemente da idade, não tenham apenas um discurso ecologicamente correto, mas que realizem de fato ações ecologicamente corretas.

Em casa, por exemplo, separar o lixo seco, como plástico, garrafa plástica, vidro, latinha de alumínio, do lixo orgânico, como resto de comida, cascas de frutas, de legumes, já ajudará e muito, até mesmo se a cidade não oferecer serviço de coleta seletiva ou cata-treco, pois, se em todas as casas houvesse essa separação, os próprios catadores já saberiam onde está o material que pode ser reaproveitado sem precisar revirar todas as sacolas de lixo, evitando um pouco o forte fedor dentro dos caminhões de lixo devido aos resíduos orgânicos em sacolas já abertas. Acredito, ainda, que os funcionários que trabalham em caminhões de lixo deveriam utilizar uma máscara protetora para não ficarem expostos todo o tempo às bactérias, inclusive já havia dito isso para funcionários da cidade de Praia Grande alguns anos atrás.

Realmente espero que as donas de casa, as mães dos alunos, separem em sacolas plásticas transparentes as latinhas de alumínio que tiverem em casa, que é o mais procurado por quem está na miséria, sem resto de comida ou outras coisas ali, para que os catadores peguem apenas o que lhes interessa e já levem para vender, sem precisar colocar a mão no que está estragado ou lambuzado.

Porque o que vemos, no entanto, são as donas de casa misturando tudo, e os catadores acabam abrindo todas as sacolas e revirando o lixo, alguns ainda têm consciência, colocam todo o lixo dentro da sacola novamente e amarram, porém de cada dez apenas um tem essa consciência, os outros nove deixam o lixo todo espalhado pelo chão. O lixeiro que passa com pressa recolhe apenas a maior parte, deixando o resto na rua. Por isso a separação do lixo é tão importante, não custa nada, tudo que se compra já vem em sacolinha plástica. Fazer isso já é uma ação ecológica correta.

Outra ação que também acredito ser muito importante, especialmente entre os jovens, apesar de ser um pouco mais difícil, é plantar. Se toda vez que você comer um abacate, uma laranja ou mexerica, por exemplo, pegar uma caixinha de leite, colocar terra e a semente da fruta que comeu, ela vai germinar, então é só procurar um lugar para plantar, no sítio do seu avô ou da sua tia, em qualquer lugar. Ao menos uma árvore você plantará em sua vida, e isso era o que todos deveriam fazer.

Meu nome completo é Alberto Pereira Mourão, eu sou formado em Ciências Contábeis e Direito e empresário da construção civil. Iniciei minha carreira política como vereador da cidade de Praia Grande, depois fui vice-prefeito e agora estou no quinto mandato como prefeito da cidade.

No primeiro governo que liderei a partir do ano de 1993, realizamos uma reforma administrativa no município. O objetivo era dar nova dinâmica à administração em relação a planejamento de médio e longo prazo; pois não podemos pensar apenas no hoje, como é a situação do nosso país, onde não há um plano de 5, 10 e 15 anos, vive-se efetivamente administrando o dia a dia, e isso para uma sociedade é perverso.

Então a ideia era se reestruturar e pensar em todos os seus setores, pois toda ação tem uma reação, é um processo natural da vida, e nós precisávamos disso. Estruturamos a Secretaria de Planejamento, que já tinha um projeto ambiental como preocupação inicial, inclusive criou-se na época um projeto de aprendiz de jardinagem, para despertar a questão ambiental nos alunos a partir desse primeiro contato com a natureza, tratava-se do projeto *Patrulheiro do Verde*.

Eu diria que a preocupação com as questões ambientais na cidade de Praia Grande começou no ano de 1993 com esse projeto, cuja proposta era que aquele cidadão no futuro já começasse a ter esse contato direto com a questão ambiental e que pudesse ser o elemento transformador, levando essa ideia para dentro de casa, levando para o seu meio. O homem cuida do seu meio e vai se moldando a partir dele, a partir da relação que estabelece com as pessoas dentro de casa, na rua, dentro do colégio, em todos os setores. Se você convive com pessoas que têm uma visão crítica de sociedade, acredito que você também passe a ter uma visão melhor da sociedade, tornando-se contestador, o homem tem que começar a pensar, ele não pode: “dois e dois são quatro”, mas por quê? Você tem que forçar o ser humano a pensar porque assim ele buscará muito mais respostas para as suas dificuldades.

Então o projeto voltado às questões ambientais começou praticamente com a *Patrulha do Verde*, que é anterior à criação do Departamento de Educação Ambiental, apenas depois se vinculou a esse processo educacional, como vêm se estruturando todas as áreas; a Educação Especial, por exemplo, também começou com um projetinho bem embrionário lá atrás, e também havia uma divisão como na questão ambiental; e essa inclusive é fundamental, pois a sobrevivência do homem está em buscar o equilíbrio dentro da Terra.

Como nós tínhamos um Departamento de Manutenção de Áreas Verdes na cidade, o projeto *Patrulha do Verde* surgiu uma vez que nós percebemos que poderíamos levar os alunos a conhecerem um pouco de como é mexer com a terra, analisar a qualidade dessa terra, plantar, podar, então havia um processo; o aluno ia para a escola e depois ficava meio expediente com essa patrulha. Achou-se interessante esse nome de Patrulha do Verde na época, e a sede do projeto era no Portinho, onde hoje se encontra o Departamento de Educação Ambiental.

Nesse projeto, o aluno plantava, podava o que havia plantado e replantava em outro lugar aquelas mudas criadas ali; ele passava por todo um processo, um processo de aprendiz. O objetivo era estruturar um elemento que pudesse ter essa

visão crítica de meio ambiente e, ao mesmo tempo, pudesse despertar para uma profissão. Eu falava na época: “pode se tornar uma pessoa ligada à botânica amanhã”, de repente poderia gostar daquilo e resolver abraçar a profissão, no meio do caminho poderia decidir e falar: “vou trabalhar mais na área da jardinagem, então vou começar por aí para depois desembarcar em outras profissões mais avançadas”, quer dizer, era para realmente despertar a discussão. Quatro anos depois desse projeto então surge o Departamento de Educação Ambiental.

Tudo está interligado dentro de um município, costumamos dizer que a Secretaria de Educação, o processo educacional, não se dá de maneira isolada, assim como a saúde não é isolada; não é possível trabalhar de forma isolada, pois se o papel da educação é formar um cidadão mais consciente, como é que ele terá consciência se não convive com o dia a dia desse processo, portanto tudo deve estar interligado dentro dele.

Não se pode falar em saúde, por exemplo, se a pessoa não tem noção de que é ela quem cuida da sua saúde, não é o médico; cada um é responsável por sua saúde, a partir do momento que a pessoa tem comportamentos diferenciados, será um ser humano melhor no futuro independente do processo de saúde, pois o que se tentará curar será o defeito da máquina que a pessoa não cuidou adequadamente pelo comportamento que teve. No meio ambiente o processo é o mesmo. Às vezes, nós estamos recuperando ou fazendo leis para evitar uma coisa que na verdade deveria acontecer de forma natural para todos nós; o que fizemos foi aproximar cada vez mais tanto o Departamento de Educação quanto o de Meio Ambiente ao dia a dia da Administração.

Daí, depois do prédio onde o Departamento de Educação Ambiental iniciou seus trabalhos, houve a inauguração de um espaço maior, pois você vai ampliando as ações e melhorando-as; o mundo é dinâmico, não é estático, até porque você começa como pode, e não como quer; mesmo quando você acha que já terminou, a sua vida está apenas começando.

É a necessidade de renovação que faz você se tornar um ser extremamente vivo, e vivo não apenas por estar andando, mas porque está interagindo com o mundo; se não interagir, você será simplesmente um ser vegetativo. Acredito que isso também seja válido para as administrações, os departamentos e as divisões externas; o Departamento de Educação Ambiental está em um processo evolutivo, e não será esse que está aí agora, ele tem a necessidade de interagir com a dinâmica principalmente do jovem, pois é com o jovem que temos de nos preocupar agora, o adulto nós temos que fiscalizar hoje e tentar conscientizar um pouco pela pressão, o jovem é aquele que transformará totalmente esse processo porque terá no seu subconsciente a ideia da necessidade de preservação do espaço.

O Portinho, local onde fica a sede do Departamento de Educação Ambiental, já tem mais de 40 anos e sempre foi um equipamento abandonado, que ainda hoje não é tão frequentado pela população, pois as pessoas veem o manguezal, sentem o cheiro do ambiente e falam: “é podre”. Só faltam querer passar algum produto para desinfetar aquela área, entendendo que cheira mal por haver esgoto ali; pode até haver algum elemento estranho em decorrência da questão ambiental, mas não há dúvida de que o manguezal sempre cheirá mal, parece que nós nos afastamos um pouco daquele

ambiente por essa situação.

Havia a necessidade de criarmos ali um lugar de lazer, mas que mantivesse um total equilíbrio. Daí, quando fizemos a reformulação do espaço, buscamos entreter todas as faixas etárias, há espaço para a criança, para o adolescente e para o mais avançado na idade. Eu defendo muito a ideia de todas as faixas etárias estarem sempre juntas nas atividades, pois acho que seja isso que falte para o país, o respeito pelas gerações passadas e futuras, de forma que consigamos compreender a importância de cada momento na evolução da raça humana. O Brasil tem esse defeito profundo, e acho que está ligado a uma questão cultural relacionada à nossa formação.

Depois da reestruturação, é possível ver que há a questão da pesca, mas com equilíbrio, a questão da navegação, além de ser um ponto de apoio para realizar os passeios monitorados educacionais, que são importantes para mostrar a degradação e a presença de vida naquelas áreas. Nós não conseguimos construir uma passarela, que ficaria em cima do manguezal, naquela área que vai em direção à pista; em todo aquele trecho, a ideia era realizar passeios monitorados dentro do sistema, mas é um projeto que devemos persistir. O desenho está feito, mas precisamos de uma autorização ambiental. Não cortaremos nada, faremos pequenas palafitas para que a pessoa possa transitar e observar a vida dentro desse manguezal.

Em relação às questões ambientais, eu costumo dizer uma frase que pode até chocar: “o homem para nascer tinha que ter autorização ambiental”, pois ao nascer, já se torna um elemento de impacto ambiental. O nosso corpo no espaço irradia 80 watts de energia, então se colocarmos 10 pessoas em uma sala, por mais que o ambiente seja equilibrado, dali um tempo ficará calor porque os corpos começam a irradiar essa energia; tanto é que o cálculo de ar condicionado não se dá apenas pela metragem cúbica do ambiente, mas pela metragem cúbica mais o fluxo de pessoas que estará dentro daquele ambiente.

O homem, quando nasce, já é um elemento que produzirá cerca de 800 gramas de lixo diariamente, ele será indutor desse consumo. Além disso, dois terços do corpo humano são constituídos de água, dois terços de armazenamento de água são constantes até a existência do ser humano, então se nós temos dois terços de água no mundo, imagina a cada crescimento da população, estamos armazenando água no corpo de alguém e consumindo pelo nosso dia, para o banho, para a higiene pessoal, para a alimentação porque produção de alimento depende de água, a agricultura depende de água para produzir alimento para o ser humano.

Daí você percebe que no descarte o homem provoca lixo, na existência ele provoca impacto de calor na massa da Terra; há também o saneamento básico, a necessidade de consumo, e a partir do momento que ele se torna um consumidor de outras áreas fora da alimentação, como roupas, carros, extração mineral, tudo, ele consumirá uma porção de coisa, então nós temos que achar uma forma de o mundo crescer, a raça humana crescer e evoluir, mas que isso não seja uma crise civilizatória para todos nós.

Se nos questionarmos: onde foram parar as civilizações passadas? Por que sua extinção? Será que nós chegaremos a um processo de crise civilizatória? Já tivemos crise civilizatória, e acho que estamos a caminho de uma nova, não quero dizer que isso acontecerá o ano que vem, mas para a evolução de uma sociedade, em número, 100, 200, 300 anos, é amanhã, pois você não conta hoje; a tudo que nós temos que dar uma desacelerada hoje, devemos pensar em um processo de superprazo, mas esse superprazo para uma civilização é pequeno, nós não temos tempo para mais nada.

Acredito que um novo componente, ou talvez seja um dos componentes, quando você junta conflitos sociais, que também estão um pouco ligados a isso, como religião, economia, à questão da ausência de meios, pois chega uma hora que de tanta extração ele não aguenta mais, é óbvio que teremos um stress mundial; para evitar isso, nós temos que buscar um equilíbrio dentro desse processo de crescimento, e o meio ambiente é a parte mais importante disso, pois nós sempre temos aquele processo de nada pode, mas nós continuamos crescendo populacionalmente, então nós precisamos buscar alguma coisa que entenda isso porque os meios de produção estão testando produção porque você está crescendo.

Se falássemos assim: vamos olhar para o Brasil que tem 200 milhões de habitantes, daí voltamos no tempo para quando o país tinha 100 milhões de habitantes, produzia-se X de agricultura para comer, agora eu tenho que produzir o dobro para essas pessoas, 50, 60 anos depois, e aí? Eu não estou produzindo um bem supérfluo, estou produzindo comida, energia para consumo, estou produzindo a captação de água e tratando essa água para ele poder consumir; três bens que não são supérfluos para a vida do ser humano, mas nós continuamos, agregaram-se mais 100 milhões de pessoas e o discurso ainda é equivocado. Nós precisamos encontrar um meio de como viver nesse ambiente de forma equilibrada, protegendo aqueles que estão mais indefesos, como meio ambiente, animais, toda fauna e flora, que na verdade têm uma função efetiva para a nossa própria sobrevivência, e sem querer nós os agredimos e acabamos nos agredindo também porque sucumbiremos com a extinção deles. Precisamos buscar esse equilíbrio, e essa discussão tem que sair da histeria, sair desse processo, hoje então precisamos de uma certificação para nascer, você não pode fazer mais nada.

Podemos fazer tudo, desde que façamos o quê? A política do reaproveitamento dos meios. Não podemos extrair, mas vamos estabelecer regras que possam reaproveitar tudo aquilo que estamos tirando do solo. A discussão sobre a expansão de uma cidade, por exemplo, Praia Grande possuía 30 mil habitantes há 40 anos, hoje, a cidade já está com 315 mil habitantes e chegará nos próximos oito anos a 400 mil habitantes, não é possível colocar dez vezes mais população em uma região sem expandir, então a discussão gira em torno de é melhor verticalizar ou horizontalizar uma cidade?

Eu defendo hoje que se deve verticalizar uma cidade para evitar o desmatamento e aproveitar melhor o espaço urbano desmatado. Há uma discussão antiga de que a verticalização é danosa, não sei se é mais danosa do que horizontalizar, você tem mecanismos para fazer a verticalização com qualidade de vida, o que não pode é continuar expandindo porque uma cidade horizontalizada é claro que buscará espaço. Se Praia Grande hoje tivesse que construir tudo o que está construído aí de forma horizontal, tudo térreo, nós teríamos desmatado 100% da cidade e talvez não coubesse.

Para se ter um número mais adequado, a cidade tem hoje 180 mil imóveis, desses 180 mil aproximadamente 120 mil são apartamentos. Eu teria que aumentar dois terços da cidade para poder horizontalizá-la, o que é humanamente impossível.

O que eu quero dizer é que nós paramos de discutir a questão ambiental do ponto de vista de buscar respostas, mas sempre com o pensamento: eu existo, meus filhos e netos virão, então eu preciso achar uma forma de deixar para eles um equilíbrio disso daqui, se não, eu estou criando um ambiente errado.

É chocante dizer isso, mas quando o ser humano nasce e não tem onde morar, ele invade o manguezal, invade a mata, desmata, ele faz isso porque é uma questão de sobrevivência para ele, e nós precisamos buscar uma resposta para essa situação. Então quando eu afirmo que temos de nos aprofundar nisso, quero dizer que só a educação pode despertar esse pensamento.

Se o ser humano tiver noção de tudo que estou falando agora, pois eu acredito que essa seja uma questão que deve ser discutida, quando ele tiver essa percepção de que para ele viver ele precisa de forma mínima de tal coisa, e essa mínima coisa que ele precisa para viver do ponto de vista biológico, se não pensar como recuperar isso, ele terá de agredir o meio ambiente, e hoje a tecnologia tem que vir para isso.

E aí, não estou defendendo o estado socialista não, mas acredito que devemos começar a pensar que a tecnologia não tem que vir para concorrer economicamente e oferecer ao ser humano coisas que talvez não fossem tão necessárias, mas deve vir para fazer uma atualização tecnológica que nos permita vivermos em mais pessoas com menos meios. Por exemplo, se eu não precisar construir uma nova hidrelétrica porque eu consigo com essa mesma energia manter a população atual e mais uma quantidade que vai crescer, eu já fiz o meu trabalho tecnologicamente.

Acredito que um exemplo seja o LED, que surgiu para isso. Para se ter uma ideia, o Brasil tem hoje em torno de 20 milhões de lâmpadas de iluminação pública; Praia Grande possui 32 mil lâmpadas de iluminação pública. Se substituíssemos hoje 100% de todas as lâmpadas públicas do país, a redução do consumo seria do tamanho da Itaipu. Nós vamos colocar agora lâmpadas de LED de 80, 90 watts, que representam uma lâmpada de 360, 400 watts, então eu tiro uma lâmpada de consumo de 400 watts e substituo por uma de 80, 90 watts, consumirei menos energia; agora soma isso para ver o tamanho do consumo de energia todos os dias apenas para a iluminação pública.

Quando se fala em projeto de aparelho econômico, o que se vende às vezes é: “olha, você tem que comprar aquele aparelho que possui o indicador de consumo”, mas nós só pensamos no nosso bolso, essa é a questão. Temos que parar de pensar no bolso, “eu estou economizando energia”, não, se todo mundo na sua casa começasse a falar: “hoje, escutei o Mourão falar isso, vou sair daqui e vou substituir todas as minhas lâmpadas por lâmpadas de LED em casa”, setores público e privado, imagina o tamanho do enxugamento da necessidade de demanda, pois automaticamente se você reduzir o consumo de energia para a iluminação pública e para o consumo residencial, pois existe a necessidade da

geladeira e de outros equipamentos, essa geração de energia que sobrar acaba beneficiando o setor produtivo, que precisa continuar produzindo em todas as áreas para vivermos.

Então eu digo: “tecnologia, que venha para nos ajudar a manter o equilíbrio”, e não para expandir uma necessidade de extração, pois para fazer uma nova hidrelétrica, por exemplo, você precisa alagar um determinado espaço e, dessa forma, causar impacto no meio ambiente.

É o que eu defendo também na questão do lixo. Hoje já existe tecnologia para acabar com praticamente 98% de todo o resíduo sólido; o custo é alto? Sim, mas a sociedade precisa discutir. Tirar dinheiro do BNDES para financiar a compra de uma empresa de comunicação, como foi feito no passado, empresa essa que não tem o fim específico de ajudar a equilibrar a necessidade de ampliar as ações na área de meios para sobrevivermos, acredito que esse não seja o papel adequado do BNDES.

A posição mais adequada do BNDES seria: “financiarei projetos que efetivamente possam ajudar o homem a melhorar sua condição de vida, sem necessariamente aumentar a extração de meios”, aí entra o financiamento para as usinas de lixo, quer dizer, elas não se tornam um império do ponto de vista do equilíbrio econômico, pois quem injeta dinheiro quer receber de volta tanto o capital principal, como o desembolso dos juros do capital empatado, conta que fica pesada para a sociedade pagar; mas se uma parte desse projeto for subsidiada por meio de juros baixos, esse equilíbrio acontecerá.

A tecnologia de novos equipamentos também avançou bastante. Uma usina hoje está custando 30% do valor do que se falava no passado, porém ela pode ter um impacto grande. Por que eu falo da usina? Porque quando eu falei no início que nós geramos 800 gramas de lixo diariamente, eu preciso levar esse lixo para algum lugar, então jogarei no aterro o que acarretará em um impacto ambiental *ad aeternum*, porém se eu pegar esse material e tratá-lo, eu posso gerar energia. Para que isso aconteça, eu preciso investir o dinheiro, então se eu preciso de 100 milhões para investir ali, eu preciso que exista os 100 milhões com juros adequados; e o impacto criado no meio do ser humano, no entorno da vida das pessoas em uma comunidade é enorme, pois você não só gerará energia com aquela solução técnica, e aí ela se autoequilibrará, como também, o mais importante, não precisará enterrar lixo em lugar algum e gerar impacto, é com essa visão de sociedade que temos de trabalhar.

Eu não posso, mas tenho falado inclusive em algumas reuniões junto aos órgãos responsáveis pelo controle que “quem casa quer casa e quem nasce precisa viver”, uma brincadeira; mas não há dúvida que nós precisamos encontrar instrumentos para chegar a esse equilíbrio, tanto do ponto de vista tecnológico como do financeiro, para não entrarmos naquela crise civilizatória que estamos observando por aí. Europa e África são lugares que já pontuam essa crise, além de todos os conflitos que vemos em países por aí; nós nos unimos em um mundo globalizado, agora começamos a dizer que não queremos nos globalizar mais, como se isso fosse possível hoje. É possível apenas com um tiro de canhão em cima de

um satélite de transmissão para acabar com as transmissões de comunicação entre os povos, com a proibição de todos os aviões levantarem voo e irem de um país para o outro, e com navios de baixa velocidade para levarmos seis meses para chegar a outro país, daí nós nos isolamos, cada um no seu continente.

Não existe essa possibilidade, o que existe é parar com esse radicalismo e fazer uma discussão menos acalorada sem apontar culpados, os culpados somos todos nós. Eu devo estar consumindo algo que não era para consumir, como todos os outros também, e às vezes é por falta de opção, não porque eu queira; mas ninguém quer sentar para discutir, a questão é sempre econômica, eu vou produzir mais, mais e mais, apenas isso. Daí começamos a criar selos, Empresa Tal, amiga do meio ambiente, mas será que é amiga do meio ambiente? É mesmo? Agora o marketing ambiental se tornou isso.

Acredito que deveríamos ter uma auditoria independente de um órgão da ONU, ou algo assim, para quando alguém colocar uma propaganda como “aquela multinacional tem compromisso com o meio ambiente”, auditá-la primeiro, e não uma auditoria de fachada, mas uma auditoria que mostre que é real a preocupação daquela empresa, que não é apenas uma maneira de levar uma mensagem para o consumidor.

Acredito que seja na educação que essas questões começarão a chegar. Se você não criar um ser humano pensante e consciente, ele não irá a lugar algum, assim eu acho que o método construtivista faça o aluno pensar, ele tem que ser crítico, se não for crítico, não sairá do lugar.

Essa semana me contaram um fato engraçado. Uma pessoa, já com certa idade, falou de um de seus professores, resumirei um pouco essa história, ele inclusive era aluno do Mackenzie há muitos anos. Ele disse que quando estudava, o professor de matemática chegou à sala de aula e passou três ou quatro problemas, escreveu-os na lousa para os alunos resolverem. No dia seguinte, o professor perguntou qual era o resultado que os alunos haviam encontrado, eles falaram: “5”, “6”, “7”, “8”, “10”, e o professor disse: “está tudo errado”, e os alunos: “mas como está errado?”, ele afirmou: “o problema não tem solução”. Os alunos ficaram indignados. Ele contou isso porque ele foi pressionado pelos alunos a fazer um documento e levar à Diretoria para poder tirar o professor do colégio, da faculdade.

No dia seguinte ou dois dias depois, após o requerimento de seu afastamento, o professor foi ao laboratório, havia comprado comida e refrigerante, e fez uma festa para os alunos, alguém pode dizer: “está corrompendo os alunos para não ser mandado embora”. No entanto, estava todo mundo comendo, e o professor disse: “Deixe-me perguntar uma coisa para vocês: por que vocês queriam me mandar embora da faculdade? Será difícil vocês me tirarem daqui, estou aqui há 20 e tantos anos, não conseguirão me tirar daqui.” Daí um aluno falou assim: “Sabe o que é, professor? É que o senhor passou o problema, depois de nós falarmos tanto, o senhor fala que não tem solução, então isso não é aula nenhuma”. O professor então disse assim: “Isso é mero engano seu, o problema não tinha solução, como muitas coisas no mundo não têm solução, mas quando eu passei o problema para vocês, vocês se debruçaram sobre aquilo e ficaram fazendo contas

e cálculos, cálculos, e cálculos, isso aí fez vocês pensarem, eu não estou aqui para dizer para vocês que o problema tem solução e pronto, eu estou aqui para fazer vocês serem estimulados a pensar sobre o problema, pois uma hora alguém achará uma solução para algum problema, agora se vocês não forem estimulados a pensar, vocês serão estáticos, não farão nada”.

Essa é a realidade, o mundo está nesse caminho, nós estamos vivendo uma coisa que o outro faz, eu não preciso pensar. Quando dez pensam é muito ruim, precisamos que todos pensem porque isso irradia até uma consciência, na pior das hipóteses, quando dez acharem a solução, os outros 100 falarão assim: “cara, agora nós vamos por aqui”, pois pelo menos se debruçaram para pensar, precisamos que isso aconteça, porque às vezes, de repente, os outros 100 poderão falar assim: “eu não farei isso que esse cara está pensando”, porque eles nem tiveram a intenção de se debruçar sobre a questão.

Com relação à questão ambiental, pode ser que meia dúzia pense sobre a questão do equilíbrio, e aí vira uma ilha da exceção que não consegue progredir, porém se todo mundo estivesse trabalhando, quem ocupasse os espaços públicos no país começaria a pensar um pouco de forma diferente porque ele já teria essa índole.

Durante esses 20 anos de trajetória, então, a Educação Ambiental aqui em Praia Grande avançou muito. Hoje, existe uma sistematização das políticas públicas em todas as áreas da Administração, não apenas na Educação, que se irradia, lógico. Há um intercâmbio entre essas políticas, há um diálogo consolidado, mas que deve ser aprofundado. Seria uma mentira falar que está pleno, não está pleno, é necessário aprofundar, eu venho insistindo muito que não há isolamento de nenhuma Secretaria, há uma interligação, como na educação existe uma interligação entre as disciplinas, não há dúvida de que na hora da execução, no dia da operacionalização daquilo que você aprendeu, ela tem uma ligação no processo normal das empresas e uma Prefeitura é uma empresa.

Acredito que lá fora, no meio da rua, gradativamente isso está começando a crescer. Percebemos alguns jovens já com esse processo de consciência, pois você não muda, para mudar uma geração são 25 anos, mais de 25, e para reciclar todo esse processo, vamos levar muito tempo; é aquilo que eu afirmei no início, aos já formados, do ponto de vista físico, só a fiscalização e a pressão; às gerações futuras, a educação porque aí existe o tempo de transição que precisamos.

Acredito ainda que conseguimos evoluir bastante, o monitoramento, o passeio em áreas degradadas, mostrando o impacto, às vezes, o receio de levar a um lugar impactado dá impressão de que há negligência por parte do poder público, mas não, o prefeito não foi lá e jogou entulho no manguezal, foi o cidadão que com uma caçamba de lixo, de RCC¹, (resíduos) da construção civil, achou que manguezal, porque cheira mal, era lugar de descarte. “Joga lá no manguezal”, era assim que se falava antigamente, e a partir do momento que você descarta naquele ambiente, fica desprovido da crítica ao governo, e sim à sociedade, por que crítica à sociedade? Porque não sou eu quem pego a geladeira e jogo no rio, não pego o fogão e jogo no mar, entendeu? Podem dizer: “Mas a Prefeitura deve recolher”. Haja pessoas e meios para

fazer isso, porém se houver consciência, isso não acontecerá.

Não haveria necessidade de ter esse gasto e nem gerar esse impacto ambiental, e quando você mostra isso no processo educacional, o aluno fica chocado. Esta semana, nós estamos deflagrando uma operação policial, por minha determinação, para pegar e levar para a delegacia de Meio Ambiente, caçambas de entulho de construção civil jogadas no fundo do bairro Vila Antártica; é chocante olhar aquilo lá, mas eu não tenho culpa como prefeito. Se levar a criança lá do bairro para ver aquilo e mostrar o impacto que está gerando, falar o que aquilo pode provocar na vida deles, porque o aluno acha que não será atingido por aquilo, mas ele está com sete, dez, quinze anos, ele será muito mais atingido do que nós por aquele processo, aí talvez ele comece a irradiar ali uma fiscalização, ele tem que ser fiscal, ele tem que fotografar, tem que telefonar para poder denunciar. E o cara que fez aquilo, quando começa a ser apertado, não faz mais; nós precisamos fazer isso. Acredito que a educação pode ajudar, mas sair do âmbito da crítica ao governo, o governo somos todos nós.

Enfim, a criação do Departamento de Educação Ambiental, como todo projeto, começou pequenininho para poder sentir as necessidades gradativas, acredito que cumpriu o seu papel, vem cumprindo, volto a falar não é estático, não deve ser, se não, estaria contradizendo aquilo que eu principalmente afirmei aqui: o ser humano precisa ser estimulado a pensar.

Nós temos que avançar mais no processo principalmente daquelas áreas da educação que nós não temos jurisdição dentro da rede municipal, fora da rede municipal nós acabamos não influenciando, e há um volume muito grande ainda, devemos avançar nesse processo, como projeto de Estado, do ponto de vista de governos. A Secretaria tem que pensar um pouco em como interagir com essa rede estadual e particular, e nós estamos falando em quase 20 mil alunos, são 15 mil jovens que talvez não estejam abraçando de forma sistêmica esse processo.

Uma das coisas que precisa ser discutida ainda esse ano é como nós atingimos e monitoramos o trabalho que eles estão realizando, se está surtindo efeito ou não dentro da rede pública, pois ele faz parte do processo de cidadão e a educação, “mas isso é um projeto da Secretaria do Meio Ambiente”, não, ela pode até estar trabalhando junto, mas não colocará um fiscal dentro do colégio para saber se o aluno está tendo a adequada informação e participando de um projeto; e oferecer talvez a participação e ampliação dos nossos projetos para essa rede para abrangê-la também.

Se nós temos a certeza de que temos de mudar a cabeça desse adolescente, dessa criança, desse aluno para ser um adulto mais consciente no processo de entender a questão ambiental, um pouco daquilo que eu falei no início, devemos entender que não podemos segregar 20% da população escolar.

Meu nome completo é Maura Ligia Costa Russo, nasci em Santos e trabalho na Prefeitura de Praia Grande desde 1980. Sou formada em Educação Especial, mas iniciei no município como professora da Educação Infantil. Atuei como pedagoga da Educação Especial no Núcleo de Reabilitação Física e Mental Henry quando foi inaugurado em 1991. Depois, retornei para a Secretaria de Educação e atuei como chefe de divisão pedagógica por um tempo. Em seguida, fiquei por oito anos no departamento de educação, por onze anos e meio como secretária de educação e agora sou vice-prefeita do município de Praia Grande.

Quando iniciei minha carreira como professora no município, não havia essa preocupação com Educação Ambiental. A cidade era muito jovem, hoje com 50 anos, na época, a cidade tinha apenas 13 anos e ainda estava em processo de emancipação, ainda se encontrando como município, carecia ainda de muitas coisas.

Em relação às escolas também, elas possuíam estruturas razoáveis, até porque a escola onde iniciei, Escola Municipal Dorivaldo Francisco Loria, era nova, com boas acomodações, porém eram na verdade creches, com um trabalho ainda muito voltado à questão social, tanto é que as creches eram ligadas à Promoção Social, ao Fundo Social, então o cunho maior era esse, a questão pedagógica era muito limitada, ainda havia a prática dos professores ao uso do mimeógrafo, o professor era quem produzia suas atividades; e as crianças, por sua vez, faziam colagens, recortes, claro, dava-se ênfase à questão ambiental, mas não como hoje. Inclusive acredito que hoje realmente existe uma discussão muito mais ampla com a sociedade, com toda a população, o que naquela época não acontecia.

Depois de atuar como professora, eu atuei como assessora técnica na Secretaria de Educação por uns quatro anos. Em 1989, quando o atual prefeito Alberto Pereira Mourão assumiu como secretário de educação, eu assumi a divisão pedagógica. Depois de oito meses, quando o prefeito Mourão saiu da Secretaria de Educação, eu fui para a área da saúde, para o Núcleo Henry, trabalhar com os portadores de necessidades especiais. Quando o prefeito Mourão foi eleito em 1993, eu assumi o departamento de educação, saí da área da saúde e retornei para a educação.

E foi justamente nesse período que os trabalhos com a Educação Ambiental começaram a se fomentar. O prefeito Mourão, no pouco tempo que ficou como secretário de educação, criou uma empatia muito grande com a área, formado em Direito e Ciências Contábeis, ele não conhecia profundamente a educação, mas como vice-prefeito foi convidado na época para assumir a Secretaria de Educação e se envolveu de uma maneira surpreendente. Ele fez com que nós pudéssemos contribuir para o seu conhecimento em relação ao funcionamento de tudo, além de ele também pelo pouco tempo que passou por ali contribuir para que nós reversemos alguns vícios que existiam dentro da própria Secretaria, como em relação à atribuição de aula, ao funcionamento da própria unidade, ele fez muitas interferências.

Depois, quando o Mourão assumiu como prefeito, já possuía uma visão significativa acerca do que ele esperava da educação da cidade, então se inicia esse processo de discussão sobre o trabalho que deveria ser realizado no âmbito da Educação Ambiental, voltado às discussões mais amplas de levar isso para dentro das escolas, pois muitas vezes

o professor por ter de cumprir uma grade de atividade, não consegue dar a mesma ênfase como o faria se houvesse um órgão independente que pudesse ir até as escolas e fazer esse trabalho direto com os professores, então toda uma discussão se inicia em relação a essa ênfase maior que se daria à Educação Ambiental.

Acredito que a equipe que estava à frente desse projeto de Educação Ambiental, a professora Glória Bruno e a equipe composta por ela, realmente começou de uma sementinha. Eles tinham todo um ideal em relação ao que se esperava alcançar, mas sempre tudo com muita dificuldade. Então as coisas foram sendo implantadas ao longo do tempo e foram acontecendo. Havia o resultado, o trabalho que existia dentro das escolas tinha uma devolutiva, e era possível a partir daí crescer em relação a projetos, planos e metas para poder trabalhar melhor a questão da Educação Ambiental.

Os projetos iniciais eram relacionados à Mata Atlântica, à água, à questão da reciclagem, que eu acredito que até hoje seja um tema de grande discussão; e começou-se a levar isso para dentro das escolas para que também houvesse por parte dos diretores e de toda a equipe pedagógica esse trabalho voltado à questão da reciclagem, por exemplo, pois nós sentíamos a necessidade de fazer com que as crianças fossem multiplicadores dentro de suas famílias.

A partir daí, por meio dessas sementinhas que foram plantadas junto às unidades escolares, começamos a perceber os resultados: a participação das crianças, a participação dos professores, as discussões que se faziam também nas Semanas de Educação, em que se realizavam palestras voltadas à questão ambiental, e o interesse das pessoas, pois se tornou um tema em evidência. Acredito que tenha sido nesse período que a Educação Ambiental, que é a questão da preservação do meio ambiente, começou a acontecer de uma forma mais intensa, foi o momento em que a mídia passou a dar realmente mais vulto sobre isso, as pessoas começaram a se interessar mais, e nós percebemos que os resultados vieram em consequência.

Sem dúvida houve avanços na Educação Ambiental do ano de 1996 ao decorrer do início do século XXI. Na verdade, como departamento de educação, participei muito junto à Secretaria de Serviços Urbanos, que tinha todo um trabalho voltado à questão da coleta seletiva, e eu tinha até muitos embates com eles porque havia uma dificuldade muito grande de implantar programas dentro do município, programas que fossem efetivos, pois não era apenas pensar o projeto, era fazer com que o projeto fosse colocado em prática e desse resultado; mas quantos foram colocados em prática e não avançaram?

Então era frustrante você debruçar sobre aquilo, acreditando que nós como educação pudéssemos ter um resultado positivo, com certeza pelo número de crianças que se tinha em proporção à população, que era muito significativo em relação à família, porém a coisa se perdia no meio do caminho; no entanto, nós não perdíamos a motivação, e dali a pouco surgia outro projeto.

Até hoje discutimos sobre isso, principalmente com relação à coleta seletiva tanto no que diz respeito à

conscientização das pessoas de fazer a separação, quanto à nossa parte enquanto poder público de oferecer realmente essa coleta de maneira efetiva, fazendo com que as pessoas criem esse hábito de uma forma mais concreta, pois ainda hoje sentimos essa dificuldade.

Temos a certeza de que há muito ainda para ser feito, mas sabemos que já trilhamos um caminho e avançamos muito. Já estamos comemorando os 20 anos desse trabalho da Educação Ambiental, hoje com a Eliane à frente, que veio de outro órgão, vestiu a camisa e comprou a proposta, avançando muito em relação a tudo que nós acreditamos e com a expectativa de que vamos evoluir cada vez mais.

Lembro-me que houve um momento inclusive, entre os anos de 2013 e 2014, que nos chegou a informação de que possivelmente a Escola de Educação Ambiental deixaria de existir. Na verdade, ainda tomamos aquele espaço como escola, porém ela não é escola, foi escola, depois coordenadoria, e agora departamento. E como nós conhecemos toda a história, sabemos como aconteceu, que daquela casinha pré-fabricada que havia no Portinho nós conseguimos construir aquele prédio com todas as acomodações necessárias, com museu, salas de capacitação, laboratório; eu fiquei extremamente indignada, posso até dizer, pois não acreditava que nós pudéssemos acabar com tudo. Eu sou favorável ao aprimoramento, e não acabar com aquilo que um dia nasceu de uma necessidade e que tínhamos por obrigação dar continuidade.

Havia apenas aquela informação em off, nada muito oficial, até que chegou em minhas mãos um processo com essa proposta de fechar a Escola de Educação Ambiental. Eu consegui pela emoção externar todo um trabalho existente na época de 15 anos, que não poderia jamais se findar. Fiz minhas considerações, encaminhei-as ao prefeito, e ele entendeu que realmente era inadmissível fechar aquele espaço e que nós teríamos sim que dar continuidade ao trabalho e aprimorá-lo, e não acabar com um trabalho tão lindo e existente ali.

Particpei de muitas histórias ao longo desses 20 anos, mas o que me marcou muito, mesmo porque é bastante recente, foi essa possibilidade de alguém ter tido a insanidade de querer fechar um espaço tão lindo como aquele, que nós temos tanto orgulho e que para a própria região é referência, acredito que no estado de São Paulo são poucos os municípios que têm o privilégio de possuir uma área como aquela tanto pela localização como pelas acomodações e pelo lindo trabalho existente.

Realmente as minhas manifestações valeram a pena, e eu agradeço muito ao prefeito Mourão por ter entendido. Não foi uma iniciativa dele, mas da equipe que estava à frente da Secretaria, no entanto, ele conseguiu compreender que de fato não era aceitável fechar aquele espaço, e hoje nós colhemos as vitórias.

A implantação da Escola de Educação Ambiental ocorreu dois anos antes de a LDB, Lei de Diretrizes e Bases, incluir as questões ambientais como tema transversal obrigatório no currículo; nós somos pioneiros, no entanto, romper certos paradigmas não foi fácil na época. Por não haver referência alguma, tudo aconteceu realmente a partir

de uma vontade, de uma ideia que surgiu. Começou-se então dentro de uma proposta colocar a Educação Ambiental em prática; e, como todo início, foi complicado, com dificuldades, mas depois ela veio ser assegurada pela LDB quando realmente entrou como proposta curricular, e desde então tivemos a certeza de que estávamos no caminho certo e que a aposta valera a pena.

Tivemos a vantagem de já ter iniciado esse trabalho, e ele estava em um processo de evolução, não era um processo de início, o que fez com que nós pudessemos avançar e, claro, todo o apoio que nós sempre tivemos dos governantes, na época o prefeito Mourão como prefeito, e os que o sucederam também sempre acreditando no trabalho, permitiu que pudessemos evoluir muito nessa questão.

Hoje essa discussão está na mídia, ninguém em sã consciência será contra qualquer proposta de trabalho em relação ao meio ambiente, mas na época romper esses paradigmas e essas resistências torna-se um ganho muito grande para esses 20 anos de Educação Ambiental em Praia Grande.

As pessoas muitas vezes não têm o entendimento do resultado, porque mesmo que seja pequeno quanto a tamanho, é gigante quanto à proporção em relação à conscientização de uma criança, da própria família, dos seus educadores, pois eu acredito que nós devemos inculzir realmente esse espírito de preservação do planeta, cada um tem o seu papel e temos que cumpri-lo. Acredito que de repente sejam uma palavra, um envolvimento ou uma atividade que você realiza com o educador no sentido de mostrar a ele a importância de se trabalhar os temas que você vai inculcando e fazendo com que realmente consigamos atingir os objetivos.

Para nós que estamos na Baixada Santista e que vivenciamos muitas questões relacionadas à dengue, a Educação Ambiental só veio somar, pois questões como essa foram trabalhadas com alunos e professores, em uma campanha muito grande, então acredito que esse seja um legado também.

Outra grande alegria foi quando nós conseguimos adquirir o barco para a realização dos projetos. Por estarmos em uma região privilegiada, cercada por manguezal e Mata Atlântica, levávamos as crianças e os educadores para uma vivência no manguezal, utilizando um barco que na época pedíamos emprestado para o Gaúcho.

O Gaúcho é um comerciante ali do Portinho, que inclusive está passando por problemas de saúde. Ele contribuiu muito conosco, pois havia píeres no seu restaurante e barcos que ele locava; nós fizemos um contrato de locação de um barco com ele para levar as crianças e os educadores para conhecerem a fauna e a flora do manguezal. Essa locação aconteceu logo no início da Escola, houve um determinado momento em que se implantou o projeto de preservação do manguezal e para poder conscientizar melhor as crianças, pensou-se na possibilidade de levá-las para conhecer a fauna e a flora, então passamos a locar o barco do Gaúcho.

Quando passamos a otimizar os recursos, percebemos que com o valor que era gasto com a locação daria para

adquirir um barco próprio. Nesse momento, iniciamos o processo de aquisição de um barco. Quando conseguimos concretizar esse sonho e o barco chegou, foi uma grande alegria e é até hoje pela oportunidade que se tem de levar as pessoas para essa vivência.

Isso aconteceu no momento em que o prefeito entendeu a necessidade de nós adquirirmos esse barco, daí passamos a levar um número maior de crianças, educadores e pessoas que se interessavam por conhecer.

Como temos uma região privilegiada com manguezal, mar, Mata Atlântica, podemos trabalhar em cima disto: levar **in loco** as crianças para poder saber a importância da preservação de tudo isso; e foi realmente um trabalho que acabou despertando essa curiosidade de todos, e as pessoas começaram a entender o papel que cada um tem na preservação e na conservação desses espaços.

O passeio de barco além de proporcionar um conhecimento ambiental mais didático da fauna e flora do manguezal, proporciona também uma experiência de vida muito interessante não só para os alunos, mas para nós também. Lembro-me que na primeira oportunidade que tivemos de conhecer a área quando o barco chegou, a equipe toda foi, nós mesmos que temos mais oportunidades não conhecíamos, nunca havíamos experimentado, eu particularmente nunca havia tido a oportunidade e fiquei encantada de ver, então imagina os alunos que muitas vezes veem no livro, no conto do professor, mas não na vida real; ali eles tinham a oportunidade de vivenciar, e tudo fica mais fácil quando se tem o concreto, e não apenas o abstrato. Acredito que essa vivência no que se refere a conhecimento realmente é rica demais a ponto de ficar marcada para toda a vida.

Então até a escolha desse espaço foi pensada, pois se trata de uma área privilegiada, que tem o espaço adequado no sentido de estar próximo do mar, do manguezal, de se ter o acesso fácil, de poder levar as crianças em um ambiente diferenciado, pois a gente sabe das nossas dificuldades com transporte, de deslocar as crianças, muitas vezes a equipe se desloca e vai para a escola, mas era importante também para as crianças saírem e vivenciarem um ambiente novo.

Há alunos que vão morar em um determinado bairro e ali permanecem, ali sua vida acontece, a escola, o comércio, os pais trabalham naquele entorno, e muitas vezes eles nem sabem que na cidade existe uma praia, nunca foram à praia; quantas crianças nós conhecemos assim que vivem apenas o seu bairro, isso é um problema de migração que existe, então dar essa oportunidade para que todos possam visitar, ter contato com a fauna e a flora, mesmo antes na casinha pré-fabricada que era mais simples, rústica e com um estilo diferenciado, as crianças podiam vivenciar, foi muito bom.

Depois a casinha começou a se deteriorar, e nós repensamos o que fazer naquele espaço, então o ideal seria fazer uma construção mais consolidada que pudesse ter uma duração maior e uma melhor conservação, foi quando se construiu o espaço do Departamento, mais próximo do mar para ter esse contato, e onde há também o projeto Navega. Ficou um ambiente extremamente saudável, permitindo que as crianças tivessem essa oportunidade de

conhecer algo que a cidade oferece de uma maneira prazerosa, e acabou tornando-se um complexo.

Enfim, acredito que avançamos muito, mas ainda temos muito a fazer. Ainda enfrentamos sérios problemas principalmente com RCC, resíduo de construção civil, pois existe um hábito muito ruim no município de as pessoas descartarem os resíduos em qualquer lugar, em qualquer esquina, e esse é um trabalho que nós estamos nos debruçando no sentido de conscientização.

Recentemente, fizemos uma reunião criando o número 153, que é o canal de comunicação da população para fazer denúncias com relação a isso, pois nós percebemos que existem pessoas que cobram 50 reais de um munícipe, por exemplo, para descartar um resíduo, porém não possuem local adequado para ser realizado esse descarte, fazendo-o na primeira esquina; os custos do recolhimento e do descarte daquele resíduo acabam ficando para a própria Prefeitura.

Mesmo com todos os Ecopontos¹ já criados na cidade, com todo o trabalho realizado na educação com relação à Educação Ambiental, sentimos que ainda precisamos avançar na questão da conscientização da população, como já havia dito, tanto com relação à coleta seletiva, à separação do lixo seco do lixo úmido, a essa conscientização mostrando a importância; como também cabe a nós seguir as regras estabelecidas de coleta para as pessoas não esmorecerem e não deixarem de separar, além de intensificar esse trabalho de RCC, que eu acredito que pelo envolvimento que há hoje na Secretaria de Serviços Urbanos, na Secretaria do Meio Ambiente, com a divulgação do número 153, possamos realmente começar a colher melhores resultados.

1. Os Ecopontos são espaços adequados oferecidos pela Prefeitura de Praia Grande para o descarte de lixo reciclável.

É um trabalho incessante de conscientização que todos nós devemos nos envolver, entendendo que ele não para, ele precisa acontecer sempre, de uma forma permanente, para que realmente consigamos viver em uma cidade mais organizada.

Repito avançamos muito, sentimos muito orgulho da cidade em que vivemos, mas sabemos que essas campanhas, esses projetos não podem morrer, devemos sempre enfatizar a importância de tudo isso para que realmente possamos colher melhores resultados e sentir cada vez mais orgulho do lugar onde vivemos, é isso que nós esperamos.

Rafael – Projeto 20 Anos de Educação Ambiental. Entrevista de história oral realizada no Departamento de Educação Ambiental de Praia Grande, São Paulo, no dia 10 de outubro de 2017, às 9h, com ex-participantes do Projeto Patrulha do Verde, são eles: Glauber Gomes Lacerda, Carlos Eduardo Rocha Pereira, Israel Salomão Delfino e Gilson da Silva Serqueira, contando também com o apoio da TV Seduc.

Bom dia, senhores, a gente poderia começar com cada um contando a sua história, falando um pouquinho da família, da infância, um resumo da história de cada um até os dias atuais?

Gilson – Bom dia! Sou Gilson da Silva Serqueira, tenho 37 anos, entrei aos 16 anos na Patrulha do Verde, e trabalhei de 1996 a 1998. Foram dois anos muito bons, aprendi muitas coisas. Hoje sou casado, tenho uma filha, que fará dois anos o mês que vem, e gosto muito de estar nesta área, toda terça-feira à noite a gente vem e bate um futebolzinho aqui. Sempre relembramos os tempos em que ficávamos brincando aqui, onde hoje é o estacionamento, na época, era o nosso pátio, em que nós ficávamos com as nossas brincadeiras, trabalhos; havia os membros da comissão que nos orientavam, porém era mais descontração do que trabalho, eram poucos os horários de trabalho, era mais descontração mesmo com a rapaziada. Hoje, nós temos muitos amigos, temos contato com muita gente ainda, acho que eram quase 150 mais ou menos, e mantemos contato direto com pelo menos 100. Infelizmente, por conta do trabalho, não foi possível que todos estivessem aqui, porque lembrar é muito bom.

Israel – Bem, meu nome é Israel Salomão, quando eu entrei na Patrulha, eu cheguei justamente com os meus 15 anos de idade, 14 para 15. Foi uma época boa, em que eu aprendi muitas coisas. Quando eu cheguei em Praia Grande, éramos apenas eu e minha mãe, então eu entrei nos Patrulheiros justamente para ajudá-la, vim para a Patrulha do Verde e aprendi a trabalhar com jardinagem, a mexer com plantas, essas coisas, mas o que mais pesou foi a questão da amizade, muitas coisas que aconteciam, a gente chegava aqui e tinha aquele momento de brincadeira, mas também tinha o momento de as pessoas fazerem aquela observação, tinha os coordenadores da gente aqui que nos orientavam, então muito mais do que trabalho, tinha amizade também, e eu cheguei em uma situação bem... Não foi tão ruim, mas foi uma situação meio complicada para mim, então aqui eu encontrei amigos, colegas, irmãos, e nós temos amizade até hoje. Hoje trabalho nas Áreas Verdes e carrego todo o conhecimento que eu tive aqui, apesar de eu ter outras profissões também, mas me ajudou muito a ser centrado, porque éramos somente eu e minha mãe, então eu tinha que trabalhar e aqui eu tive um aprendizado muito legal, de companheirismo, colegas, irmãos, e da Patrulha do Verde hoje o que a gente carrega é lembrança, saudade dessas áreas que a gente vê aqui e que evoluíram bastante, e praticamente quando a gente começou, as praças da cidade eram cuidadas por nós, juntava aquela galera toda, e para ter ideia, a gente fazia uma praça em um dia, descia aquela galera do ônibus, e a gente montava a praça todinha em um dia.

Então hoje a cidade está do jeito que está, bonita, arrumada, com as praças lindas, mas teve aquela galera lá atrás que plantou, teve aquela galera lá atrás que fez essa estrutura toda, então a Patrulha do Verde para a gente foi praticamente um estudo, posso dizer uma aula, uma faculdade, que hoje a gente carrega, o aprendizado de lá a gente está utilizando

hoje em dia no nosso trabalho. Então a Patrulha do Verde para a gente foi uma porta não só de entrada, mas sim um caminho para a vida.

Rafael – Israel, a sua família não é daqui?

Israel – Não, eu e minha mãe viemos de Minas para cá, morar de caseiro, só que aí tivemos alguns problemas, o dono da casa vendeu a casa e falou: “vocês que se virem”. Eu tive uma pessoa que me ajudou muito, que foi a Alcione, uma dentista, ela me apresentou um rapaz da Prefeitura que me indicou o CAMP-PG, nessa época eu tinha 13 anos, porém não tinha como eu entrar por causa da minha idade, entrava com 14 e faltavam poucos meses para eu completar os 14, mas eu fui aceito com 13 anos de idade, até a conclusão do curso eu já tinha completado a idade para trabalhar como Patrulheiro. Aí eu fui do Azul, trabalhei no Patrulha do Azul, mas algumas coisas do meio administrativo não funcionam muito para todas as pessoas, então vim para a Patrulha do Verde, em que eu me adaptei, aprendi muitas coisas, e hoje eu trabalho na área de jardinagem, apesar de ter outras profissões também. Ao longo do tempo comecei a fazer faculdade, tive que parar, mas futuramente eu volto à faculdade de novo, então assim tive uma estrutura boa, graças a Deus.

Rafael – Entendi.

Carlos – Bom dia! Meu nome é Carlos Eduardo da Rocha Pereira, tenho uma filha de quatro anos, trabalhei na Patrulha de 1996 acho que até 1998. Bom, foi a minha primeira experiência de trabalho mesmo, foi o pontapé inicial para saber o que eu realmente queria, porque até então eu não tinha contato nenhum com verde, contato nenhum com planta, e da Patrulha eu comecei a gostar do que eu fazia, comecei a gostar de planta, gostar do verde, gostar da natureza, eu acho que foi o pontapé inicial, como o Israel falou, aqui não começou como um trabalho, começou como uma família, foi o local em que a gente se conheceu e onde a gente começou a realmente criar uma família, de verdade, e até hoje a gente deixa isso fortalecido, a gente se encontra, bate um papo, a gente está sempre se reunindo, fazendo churrasco, fazemos tudo, e eu acho que esse é o ponto, não deixar morrer aquilo que foi o nosso primeiro trabalho, que realmente levou a gente para a vida, graças a Deus, foi o que a gente conseguiu fazer até hoje e fazer bem.

Rafael – Certo, e sua família é daqui também ou não?

Carlos – É de Santos, mas eu vivi a vida toda em Praia Grande.

Rafael – Você entrou na Patrulha com...?

Carlos – Tinha 15 para 16, entrei velho já para a época. Fiquei um ano e pouco, dois anos, naquela época era com 14, entrei com 15 e pouco.

Rafael – A idade limite era 17?

Carlos – 18. O dia que fazia 18 saía. E com 18 eu fiz o concurso para a Prefeitura e já entrei para as Áreas Verdes, dois meses depois. Já fiquei direto, durante esses 20 anos até agora.

Rafael – Ok.

Glauber – Bom dia! Meu nome é Glauber Gomes Lacerda, tenho 35 anos, eu entrei na Patrulha do Verde com 14

anos e fiquei até os 18, e para mim não é nem repetir a história que os meninos falaram, é um aprendizado, é amizade que a gente carrega até hoje, tudo o que eu aprendi no começo de ruim, porque a gente também não aprende só coisas boas, a gente aprende coisas ruins, mas a gente leva para a gente o que acha que tem de melhor, então eu procurei sempre absorver as coisas boas, entendeu? E é isso, sou pai de família, tenho dois filhos, uma menina de nove anos e um de um ano, estou há 14 anos na Prefeitura, trabalho nas Áreas Verdes, a gente sempre se encontra, aniversário de filho, churrasco, a gente está sempre com essa amizade. Foi uma época muito boa, devo muito ao Seu Carlinhos, que não pôde estar aqui hoje, acho que por motivo de trabalho, não deu para ele vir, e é isso. A gente trabalha nessa área, trouxe muita coisa daquela época para cá, e a gente está levando até hoje. A gente vem aqui e é lembrar, se eu começar a falar muito aqui, eu começo até a chorar [risos]. Imagina, 100, 150 garotos de 16, de 17, de 14, de 13, então é isso, só tenho a agradecer também a oportunidade de vocês terem se lembrado da gente e terem nos chamado para dar esse depoimento.

Rafael – Certo. E o que era a Patrulha do Verde? Dá um resumo de como era esse projeto, do que era o projeto.

Glauber – Assim, a meu ver era inclusão social, porque era criança de 13, 14, com problemas familiares, então eles tentavam sempre buscar isso, tinha que ter nota boa nas escolas, sempre eles estavam pedindo, vendo presença, e era legal. Tinha o ônibus que nos buscava, a gente chegava aqui e tomava café, antes de sair, a gente almoçava e depois o ônibus levava a gente de volta. E era uma forma de tirar da rua, como eu mesmo que chegava em casa duas, duas e pouco, passava mais um tempinho, e entrava na escola às sete horas da noite.

Gilson – Sem contar o pessoal que tinha da... Perto da Santa Casa ali, do... Tinha gente que vinha da Fundação para cá, eles ficavam aqui, que era da Casa da Criança, trabalhava com a gente, aí depois voltava para lá também... Aí tinha esse trabalho também de integração, pegava o pessoal que ficava lá, que já tinha idade, aí ficava com a gente aqui, depois eles voltavam lá para a Casa, eles moravam lá no orfanato, atrás da Santa Casa, um pessoal legal, acho que uns cinco, a maioria deles foi adotada, acho que eles foram para longe, para Minas, a gente tem pouco contato porque eles sumiram, mas foi uma época muito boa.

Rafael – Essa turma que vinha realizava as mesmas atividades que vocês?

Todos – Era a mesma coisa, normal, como a gente, tudo ligado ao meio ambiente.

Israel – Quando a gente ia viajar, fazer alguma coisa, o pessoal tinha um time de futebol, todo final de semana quando tinha jogo, a gente se reunia, a galerinha se arrumava, a gente ia para os campeonatos, participava, e assim, graças a Deus, a gente tem orgulho de falar disso, o nosso time sempre foi vitorioso, a molecadinha sempre jogou bem, foi um negócio assim que se pegar lá atrás tem troféus, tem camisetas, tem muita coisa legal. E particularmente, agora vou falar da minha vida, eu aprendi muita coisa aqui, hoje eu trabalho com música e com dança, e meu primeiro contato com música foi aqui, porque a gente tinha uma fanfarra, era uma equipe da Patrulha do Verde que tinha a fanfarra, porque havia o pessoal do Azul que tinha, e a gente montou uma aqui também. Então nessa fanfarra a gente tocava surdo, tocava bumbo, tocava prato, e depois foi feita a parte de música, que era tocar violino, aprender

a tocar violoncelo, tanto que a gente foi a primeira camerata de Praia Grande, e eu tenho essas fotos ainda, achei em casa. Quando a gente foi fazer apresentação, foi muito especial porque a gente foi ali na Guilhermina, na Colônia de Férias, que é perto do Extra, na Avenida Guilhermina mesmo, então foi assim uma coisa muito legal porque a gente chegava aqui para trabalhar, o pessoal que participava dessa área musical, a gente fazia a nossa parte de trabalho, mas tinha um intervalo para a gente poder ensaiar, então a gente ia, ensaiava, o ônibus levava a gente porque era na Casa da Cultura, lá no Forte, e a fanfarra era aqui mesmo lá onde era o... Que lembra o Seu Winter, que a gente estava falando aquele dia onde era a estufa do Seu Winter, a gente tinha a fanfarra ali dentro, a gente fez um trabalho bem legal.

Então a gente tem muito mais para poder contar porque é uma história, a gente não aprendeu só a mexer com planta, a gente não aprendeu só a mexer com a jardinagem, a gente teve outros quesitos também que cada um carrega para a vida, então meu interesse, eu vou falar particularmente pela música, porque hoje além de jardineiro eu sou músico, sou professor de dança também, então a gente tem alguma coisa, uma raiz ali na Patrulha do Verde, que incentivou a gente para poder levar outras coisas para a vida também.

Rafael – Entendi. E que horas era o horário de entrada? E quando vocês faziam essa entrada, quais eram as práticas que havia aqui no projeto?

Carlos – Então o horário era às sete horas, não era? Das oito às duas, a gente se perfilava na chegada, cantava o hino, todo dia, depois tomava o café, e começavam as atividades, mas sempre cantando o hino primeiro.

Rafael – Essas atividades eram em sala de aula?

Carlos – Não, as atividades eram no campo mesmo, fazendo canteiro, cuidando das plantas, fazendo muda de plantas, a Maria Rosa ajudou bastante a gente também na época, incentivava a gente a mexer com planta, ensinou mesmo o passo a passo, fazendo as mudas e tudo, então o nosso trabalho era esse, fazendo as mudas e tal, ajeitando os canteiros que hoje não tem mais, mas era isso, trabalho com planta mesmo. A maioria dos meninos.

Rafael – Você comentou da Maria Rosa, ela era professora? Quem era Maria Rosa?

Israel – Ela era paisagista na época.

Gilson – Ela era a nossa professora paisagista, ela que iniciou o projeto junto com o Seu Carlinhos, ela ficou muito tempo aqui com a gente. Ela era uma pessoa muito boa, uma japonesinha, nem sei ainda, faz tempo que a gente não a vê. Foi para Santos, uma pessoa muito boa.

Rafael – Entendi. Aí essas mudas que vocês cultivavam aqui iam para as praças?

Todos – Isso.

Rafael – Aí vocês tinham que cuidar dessas plantas com o auxílio dessa professora?

Todos – Isso.

Rafael – E em seguida levava...

Gilson – Isso, a gente saía, aqui tinha o portal lá na entrada na cidade, a gente ia...

Carlos – Levava para as praças e, ao mesmo tempo, tinha a visitação aqui no nosso viveiro, porque as escolas vinham visitar o viveiro que a gente fazia. Então levava para as praças e ao mesmo tempo a gente fazia o nosso viveiro aqui para as pessoas virem visitar.

Rafael – Sim. As pessoas vinham visitar e vocês davam a monitoria?

Todos – Isso. E já dava uma plantinha também. Explicava, ensinava a plantar...

Rafael – Legal. Eu vi uma imagem, eu imaginei isso: “olha, tem dois patrulheiros aqui ao lado, acho que são eles que estão fazendo...”.

Carlos – Isso.

Gilson – O pessoal já específico, eles chegavam e já ficavam até arrumadinhos, a gente ficava até com raiva porque a gente saía para trabalhar e eles já ficavam todos bonitinhos, só esperando para a visita...

Rafael – Aí chegavam as escolas e eles recebiam...

Carlos – Isso, daí eles mostravam os nomes das plantas e tudo.

Glauber – Do jeito que tem isso aqui hoje, mas só que na época não tinha, então eles iam lá no viveiro, passeavam, perguntavam o nome de planta, todas essas coisas a gente sabia.

Gilson – A gente sabia o nome de plantas, aí já ficava o monitor que só levava os visitantes, o guia, e ficavam os trabalhadores que faziam as mudinhas, ensinavam como eles faziam, o passo a passo, era um negócio bem interessante, e do resto da galera uns ficavam escondidos para a gente não sair na filmagem, outros estavam por esse mangue aí afora bagunçando, porque a gente fazia um ecoturismo aqui, a gente andava essa área todinha aqui.

Rafael – Como assim um ecoturismo mangue afora?

Gilson – A gente saía andando nesse manguezal aí, tinha vezes que a gente ficava enrolando, pegava caranguejo, o Carlinho mandava: “vai pegar caranguejo para a gente colocar no caranguejeiro lá”, a gente saía andando por aí e quando a gente ia ver, a gente já estava lá na pista andando pelo manguezal, aí já enrolava a metade do dia.

Glauber – Não tem jeito, você imagina, vinte anos atrás, 150 adolescentes [risos], não é brincadeira não, para segurar... Coitado do Seu Carlinhos.

Israel – Só ele mesmo conseguiu.

Glauber – Só ele mesmo, mas foi show de bola.

Israel – E era uma galera unida, fazíamos o trabalho e, por exemplo, vamos sair todo mundo junto, quando a gente começava o trabalho, a gente falava: “vamos começar e vamos sair todo mundo junto”. E tinha a questão da visitação da galerinha porque a gente tinha um viveiro de caranguejo, teve um tempo também que a gente fez um viveiro de animais, que quem cuidava era até o Seu Eusébio, a gente fez um poço também que tinha uns peixes, a gente tinha uma criação de peixe aqui, tinha fonte, os próprios patrulheiros que construíram, entendeu?

Gilson – E sem contar do “Praia Limpa”. A gente esperava dar o final do ano porque quem fazia o “Praia Limpa” era a gente. A gente tinha as equipes, a praia todinha de fora a fora, e o ônibus ia deixando, quando não era o ônibus, era

a kombi que ia deixando a gente, aí todo mundo naquela época com vergonha, os shorts eram curtos, a camiseta, e até vou falar da situação que aconteceu na Ocian [risos].

A gente estava trabalhando, acho que não foi ninguém daqui, teve um rapaz que ele foi mexer com um Patrulheiro da gente, ele achou que o moleque estava sozinho, pensa que não descemos do ônibus, coitado desse rapaz [risos], quebramos tudo, não gosto nem de falar, mas barraca voou para tudo quanto é lado, foi uma bagunça, foi um fato que depois disso nós nunca mais fizemos o “Praia Limpa” [risos].

Israel – Um fato é a questão da união, por quê? Por mais que a gente brincasse e tudo, como família mesmo que tem discussão, a gente brigava um com o outro, mas se alguém de fora agredisse com palavras ou fizesse alguma coisa, sempre tinha alguém para defender, e querendo ou não, hoje está a prova disso aqui, nós estamos aqui, a gente se comunica, a gente tem amizade, é aquela coisa que a gente fala: “era muito mais que um trabalho, era muito mais que um trabalho”. Não tenho vergonha de falar eu passei por uma situação em que muitos estenderam a mão e me ajudaram, estenderam a mão e me ajudaram porque éramos apenas eu e minha mãe na época, e quando eu cheguei na Patrulha, a vida não estava tão suave, então o que eu carrego, o que eu trago com carinho, é que no momento que eu mais precisei foi a molecada da mesma idade que eu que estendeu a mão para ajudar, eu não tinha roupa, ganhei tênis, foi uma molecada que trouxe roupa para mim, entendeu? Então é uma coisa que querendo ou não a gente carrega, e ajuda muita coisa.

Rafael – **Tinha uma ajuda de custo? Vocês recebiam?**

Israel – A gente recebia, tinha salário.

Rafael – **Ainda hoje é assim?**

Todos – Sim.

Carlos – Se não me engano, acho que é meio salário que eles ganham hoje.

Glauber – Hoje em dia é fichado, naquela época não era fichado. Era contrato.

Rafael – **Entendi. Aí vocês comentaram que tinha o Seu Carlinhos. Quem era o Seu Carlinhos? O que ele fazia?**

Glauber – Então, no caso, ele era o nosso monitor, nosso paizão. A gente chegava aqui e era ele que nos recebia, ele que acompanhava o ônibus, a gente tinha os pontos em que a gente esperava e ele que buscava, ele que passava o serviço, ele era o nosso chefe.

Rafael – **Ele mesmo dirigia o ônibus?**

Todos – Não.

Glauber – Mas ele não era tido como chefe, ele era tido como um paizão, como a gente está falando, porque ele é fora de série, entendeu? Só ele mesmo para aguentar a gente.

A gente teve cursos, cursos sobre o manguezal, sobre poluição sonora, era a Dona Glória que dava, acho que ela até se aposentou já, ela que dava esses cursos para a gente, então tudo é conhecimento, a gente aprendeu muita coisa, coisa que eu não sabia sobre o manguezal, que é estuário de peixes e tal, muita coisa, muita coisa mesmo, e era ela que

dava o cursinho para a gente ali, a gente às vezes trabalhava até o meio-dia, aí às vezes ia lá para uma hora de curso, depois almoçava e ia embora, era assim, sempre teve curso, vinha gente de tudo quanto é lugar, entendeu? O projeto era bem-visto, acho que também tinha muita ajuda de fora, porque a gente ouvia falar que tinha ajuda do Governo, porque era um projeto-piloto no caso, e foi uma pena ter acabado, quem sabe um dia não pode voltar aí.

Gilson – Hoje em dia, até o pessoal pergunta para a gente, quem tem um filho na idade, se o Projeto Patrulha do Verde não vai voltar porque via a gente, o pessoal mais velho fala: “quero colocar meu filho, mas queria colocar na Patrulha do Verde”, daí a gente fala: “Patrulha do Verde, infelizmente, não tem mais”, e eles: “não tem como ver”, aí eu falo: “isso aí é coisa do Mourão, não sei, o Prefeito tem que ver se vale a pena, não sei”. Para nós, valeu muito a pena.

Glauber – Tem muita gente que lembra também. Quando a gente está trabalhando, porque na época tinha doação de plantas, de árvores e tal, então o pessoal pergunta, sempre pergunta na praia: “você sabe se lá no Portinho”, porque o pessoal mais antigo lembra, “ainda tem doação de plantas e tal?”, “não, agora não tem mais”, aí falam: “por que fizeram isso?”, ou o pessoal fala: “lá no Portinho tem doação de plantas?”, porque aí já querem vir para poder pegar muda, porque vinha muita gente direto, entendeu? Perguntam onde é o viveiro.

Gilson – Perguntam onde é o viveiro e falam: “porque agora a gente vai lá e está aquele negócio feio, aquele asfalto, era tão bonito”.

Glauber – Porque ali onde é o estacionamento era o local onde havia os canteiros e tudo, o viveiro, então a gente fazia muda, já chegamos a ir para São Paulo, lá para o Ceasa, buscar sementes e tal, então a gente aprendia mesmo desde o começo. Algumas coisas que chegavam que eram podas, a gente pegava a terra, enchia os saquinhos, fazia as mudas, aí tinha o tempo, mudava, até chegar o tamanho certo de ir para a praça, e a gente ia tocando aí.

Rafael – Entendi. Pessoas que vinham de fora podiam receber mudas das que vocês plantavam?

Todos – Sim.

Rafael – Gratuitamente?

Carlos – Sim.

Glauber – Sim, gratuitamente, chegava e podia levar. Os visitantes, os munícipes vinham para pegar e plantar nas suas calçadas e tal, então podia pegar também. A gente anotava a planta e eles levavam, é tanto que até hoje às vezes a gente está trabalhando na praia e tem muita gente que vem e pergunta.

Rafael – Se ainda tem a doação de plantas?

Glauber – É.

Israel – E tinha todo um controle, como ele falou, o pessoal vinha e pedia uma planta, daí a gente pegava, anotava direitinho quem estava levando, endereço...

Gilson – Isso, endereço, depois a gente ia conferir se a planta estava plantada. A gente acompanhava também.

Israel – Se tinha chegado ou não, entendeu? Então tinha toda uma estrutura porque era um trabalho que funcionava,

e funcionava muito bem, e como o Glauber falou, seria bom para essa molecadinha nova ter esse contato porque hoje em dia é mais eletrônico, a galera vive mais no celular, você vê hoje em dia a criançada não tem essa postura de mexer na terra, de trabalhar com planta, é muito difícil. Então seria bem louvável mesmo, bem legal se tivesse pelo menos um trabalho voltado a isso, voltar a mexer com a criançada, por exemplo, quando a criança vem da escola, ter um pessoal para poder ensinar isso para as crianças, fazer esse trabalho novamente com as crianças, ou seja, aquele negócio assim de voltar às origens, voltar ao passado, mexer com terra, mexer com planta, porque vai criar amor, vai criar carinho com a natureza, se torna diferente.

Gilson – Tanto é que o Carlinhos que era o chefe da gente, a gente tinha naquela época era o walkman, o celular estava saindo, chegava, guardava na mochila, a gente não podia ter nada disso, a gente tinha que se concentrar no serviço, entendeu? Nada de eletrônico. Hoje, se chegasse e ele visse, ele já mandava embora, cortava o ponto, advertência, era bem rigoroso mesmo, no horário de trabalho não podia, era uma coisa muito legal.

Rafael – Entendi. Aí vocês comentaram que tinha a parte teórica, que era com a Dona Glória, tinha a parte prática aqui, e como era a parte prática nas praças e também na praia?

Gilson – Então na parte prática a gente saía, um pessoal, não saía todo mundo, tinha vezes que montava duas, três equipes, porque tinha o Carlinhos e tinha o Magal, ele saía com uma equipe de dez mais ou menos e o Carlinhos com outra equipe, e a gente saía para a praça, chegava na praça tinha o Seu Eusébio, porque hoje é maquininha de cortar grama, mas naquela época era o alfanje, e quem mexia com alfanje era o Seu Eusébio, tinha o Seu Eusébio e o Seu Zé, eles passavam o alfanje primeiro nas pracinhas, e a gente fazia a manutenção, aí a gente ia ver, de repente a gente jogava um adubo, um calcário, colocava terra, fazia adubação, aí tinha a Maria Rosa, que era a coordenadora, ela explicava tudo para a gente, o jeito de podar a planta, se estava na época, ela explicava o jeito de plantar, de repente a gente plantava a planta e ela: “Ah, essa planta aqui está do lado contrário, planta para cá para ela estar sorrindo”, ela falava, “sempre que você for plantar a planta, planta sorrindo porque a planta não morre”, explicava tudo para a gente, tudo certinho.

Israel – A direção que tem que estar, o que tinha que fazer, como que tinha que posicionar a planta para ela crescer, não amontoar uma em cima da outra, então a gente teve um ensinamento, a gente teve um aprendizado, para poder fazer um trabalho, não foi simplesmente: “Ah, chega aí e faz”, foi orientado, teve uma orientação, então todo mundo que estava fazendo sabia o que estava fazendo, e quando tinha alguma coisa que não entendia, ela vinha explicar para a gente, então foi uma estrutura de trabalho que a gente teve, a gente foi aprendendo com o tempo, e todo mundo, todo mundo aprendia a mesma coisa, não tinha: “você vai aprender isso e você vai aprender aquilo”, não, todo mundo sabia trabalhar, porque caso desse algum problema, sempre alguém poderia substituir, então a formação de um era a formação de todos, foi uma estrutura muito bem montada e muito boa para a gente.

Rafael – E eu acredito que existam árvores aí na cidade que foram vocês que plantaram até hoje.

Israel – Sim, tem, existe, tanto que tem praças que se for buscar e olhar nas placas está lá: Patrulha do Verde.

Rafael – Tem?

Israel – Tem umas placas: Patrulha do Verde.

Glauber – Tem algumas praças que ainda têm.

Todos – Algumas foram reformadas, mas ainda tem.

Glauber – A da Mulher na Kennedy, Praça da Mulher na Kennedy, ela tem a placa lá da Patrulha do Verde.

Gilson – Tem a planta que a gente plantou.

Israel – E a árvore ainda existe lá até hoje, está lá até hoje.

Glauber – Porque outras foram reformadas e tal, então...

Rafael – Entendi. Vocês comentaram que o espaço aqui era bem diferente. Vocês poderiam descrever como era esse ambiente que nós estamos aqui na época de vocês? Tinha a estufa do Winter, parece que o estacionamento não era estacionamento, vocês comentaram.

Gilson – Vindo lá da frente tinha o Boi Bão, aquelas três coisas eram do Boi Bão, aí não tinha aquele estacionamento ali, era mato ali onde está o barco do Navega, aí começaram a construir a casa de madeira, que a gente chamava de casa de madeira, era tudo mato, só tinha a casinha da gente ali, aí a gente foi começando a fazer os canteiros e foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, quando pensar que não, chegou e encostou na casinha de madeira, aí fez a estufa do Seu Winter, mais no fundo a gente fez um caranguejeiro, tinha uma estufa que a gente preparava a terra, a gente ganhava serragem, ganhava terra preta da Usiminas acho, não sei, eu não lembro, a gente ganhava a terra, a gente preparava a terra, ensacava e deixava pronta para a gente usar nas praças. Desse lado de cá, ali não tinha aquelas quadras, era um campo society, tinha dois campos, não tinha aquele motocross, eram dois campos de futebol grandes. A lanchonete do Portinho era aqui, tinha uma barraquinha velha do Freitas, tinha uma casinha velha do Freitas, os quiosques eram de palha, não era asfaltado, era rua de terra. Aqui essa parte sempre foi assim.

Rafael – A sede da Patrulha do Verde era onde?

Gilson – Onde é ali agora a Secretaria dos quiosques. Aí foi crescendo, de acordo com as pessoas que foram chegando.

Rafael – E vocês comentaram que tinha o Seu Freitas.

Gilson – Isso, tinha o Freitas.

Rafael – Quem era o Freitas?

Gilson – O Freitas era igual o Seu Eusébio, era uma relíquia daqui, ele até já faleceu. Tinha um barraquinho, uma casinha ali, um quartinho pequenininho que fizeram para ele guardar o alfanje longe da gente; eles guardavam porque nós éramos moleques e não podiam deixar vacilando, alfanje, facão, então tudo era guardado do lado de cá, e o Freitas que tomava conta dessa parte [risos].

Carlos – Ele era o funcionário que a gente é hoje.

Gilson – Isso. Ele era um funcionário da Prefeitura na verdade, ele, o Seu Eusébio, o Zé, eles eram funcionários da Prefeitura, que eram cedidos para a gente, porque como a gente não podia mexer com alfanje, com facão, eles não

deixavam, a gente só mexia com sacho, com rastelo e a tesourinha, era com o que a gente mexia, com facão eles não deixavam não, era mais as pazinhas, essas coisas assim. Tesourão, algumas pessoas [risos].

Rafael – Desculpa a minha ignorância, mas que ferramenta é o alfanje?

Carlos – O alfanje é aquela foice que você usa para cortar, aquela antiga.

Rafael – Vocês comentaram que tinha a estufa do Seu Winter também, que trabalho era realizado nessa estufa?

Israel – Então, quando eu fui para a estufa do Seu Winter, eu saí da cozinha e fui para a estufa do Seu Winter, e lá na estufa a gente tinha o mesmo que tem no orquidário hoje, porque a gente plantava em garrafa pet, era alternativo, vamos supor, a pessoa não tem o vasinho de planta, mas tem uma garrafa pet que vai ser dispensada, cortava-se ela, faziam-se os furos e plantava a semente, e pela estrutura que montava, ensinou a fazer uma estufa de garrafa pet, a gente cortava, e as mesmas garrafas que a gente plantava a gente colocava dentro das outras garrafas que já ajudavam no clima, que era como um clima artificial, para ajudar as plantas a crescerem, então foi um aprendizado diferente, porque a gente conseguiu a estrutura para fazer o que a gente faz hoje, apesar de muitas plantas hoje virem de fora, mas antigamente era a gente que produzia, era a gente que fazia desde a semente até o plantio, até a finalização da praça. No começo quando estava, vamos falar assim, o chão batido de terra, as plantas plantadas, então a gente já tinha essa estrutura, e tudo saía dessa estufa, a gente tinha uma coisa muito legal. Então assim tinha aquela parte também de pintar, de fazer uma estufa decorada, se você fosse fazer um jardim, alguma coisa diferenciada, dava um opcional a mais para a gente.

Rafael – Entendi. Bom, a gente vai caminhando para o final da entrevista, vocês comentaram que tinha uma galerinha do futebol e vocês jogam até hoje?

Israel – O futebol? O futebol eu vou deixar para o Carlos [risos].

Carlos – O futebol mudou um pouquinho porque a Patrulha não existe mais, mas tem o time da Áreas Verdes, a gente tem o campeonato interno da Prefeitura, hoje eu já não faço mais parte da Áreas Verdes, mas os meninos fazem ainda, e a gente continua disputando os campeonatos internos da Prefeitura. Só que antigamente a Patrulha do Verde jogava em todos os lugares, Guarujá, Santos, viajava, representava a cidade em vários lugares, e como ele falou era um time bom, era difícil de perder, hoje já não tem mais, hoje só sobrou a gente, mas a gente joga só interno na Prefeitura mesmo, não tem mais aquele time da Patrulha, que era muito bom também, juntavam-se as meninas que iam torcer, juntava a gente, fazia viagem, o Seu Carlinhos arrumava ônibus, arrumava tudo, era diferente, o negócio era legal.

Gilson – O Ocian Praia Clube, porque a maioria dos campeonatos era lá, então a gente só ia no sábado de manhã e o ônibus ia e ficava lá, eram três times que a gente tinha, era coisa legal. Com muitos acidentes, teve o Hugo que quebrou a perna no campo lá, até hoje anda meio mancando, mas fazia parte, quem joga bola é assim mesmo, mas o time era, era não, o time é bom, o time da Áreas Verdes ainda continua bom.

Rafael – E como vocês estão atuando nos dias de hoje?

Gilson – Então, quando eu saí da Patrulha do Verde, eu fiquei acho que um ano mais ou menos, não chegou nem um ano, eu entrei na Prefeitura como jardineiro e segui, estou como jardineiro na Prefeitura, aí devido ao conhecimento que a gente já tem, vai ficando muito tempo na casa, hoje eu sou encarregado da parte da praia, Forte – Solemar, toda área da praia, e a gente faz os demais, o que precisa a gente faz, mas estamos todo mundo junto, um para ajudar o outro.

Israel – Eu trabalho com a jardinagem também, praticamente eu sou o coringa, de vez em quando eu estou podando coqueiro, de vez em quando eu estou fazendo varrição, então consigo trabalhar em todas as áreas dentro das Áreas Verdes, se precisar fazer um jardim também, eu faço, e fora isso eu ainda tenho minhas outras funções também, como eu falei no começo das coisas que eu carrego, hoje eu sou músico também, faço um trabalho com música, dou aula de dança também, então o que a gente aprendeu naquele passado nos ajudou e ajuda até hoje, então foi muito gratificante, nessa área aí a gente tem só a agradecer.

Carlos – Então, eu já mudei um pouquinho. Eu sou funcionário público ainda desde aquela época, eu já saí da Patrulha e já virei funcionário público direto, trabalhei acho que uns 15 anos na Áreas Verdes, só que agora eu estou na Prefeitura ainda, mas em outro local, na limpeza de praças, essas coisas, na Manutenção. Hoje eu sou encarregado do Rapa Treco da Prefeitura e justamente com o Seu Carlinhos, que era o chefe daqui, ele saiu da Áreas Verdes e foi para a Regional 2, e eu estou com ele lá até hoje, então teve essa pequena mudança, mas na Prefeitura também.

Glauber – Então, eu trabalho aqui de motorista nas Áreas Verdes, estou há quatorze anos e trabalhei uns treze anos e meio junto com o pessoal na parte direto da jardinagem, e há uns quatro, cinco meses, eu estou com uma equipe de corte de grama, e a gente cuida da Mirim até o Solemar, e é isso, mais ou menos umas doze pessoas, mas é dentro da Áreas Verdes, é o mesmo departamento só me colocaram em outro setor.

Rafael – Ou seja, o conhecimento que vocês adquiriram na Patrulha foi fundamental para a condição profissional que vocês têm hoje?

Todos – Sim.

Glauber – Ah, sim, fundamental porque é aquele negócio, a gente procurou trazer o que tinha de bom e vamos levar para o resto da vida, espero [risos].

Rafael – Está bom. A gente vai caminhando aí para o final da entrevista, vocês gostariam de comentar mais alguma coisa para finalizar?

Glauber – Ah, eu queria só agradecer a oportunidade de vocês terem se lembrado da gente, e a gente fica: “mas faz muito tempo”, até a gente conversou que faz muito tempo, não sei, mas é como você falou, “vai ser um bate-papo, você vai falando, vai lembrando e aquelas lembranças vão vindo na mente”, e é isso, agradecer a oportunidade e estamos aí, qualquer coisa pode chamar [risos].

Carlos – Só agradecer mesmo.

Meu nome completo é Glória Cristina Carréri Bruno e nasci na cidade de São Paulo. A minha formação inicial foi Biologia pela Universidade de São Paulo, USP, depois fiz diversos cursos de especialização, inclusive mestrado em Saúde Pública, pois trabalhava em outra área na época. Eu era pesquisadora científica na Superintendência de Controle de Endemias, SUCEN, trabalhava com mosquitos vetores de doenças, faz muitos anos isso, mas hoje em dia nós ainda vemos muitos casos, infelizmente, a situação piora e melhora. Depois fui trabalhar na área da educação.

No ano de 1996, apresentei ao prefeito Alberto Mourão um projeto de Educação Ambiental, pois eu via a necessidade e a possibilidade de ele ser implantado na cidade de Praia Grande. Ele aprovou o projeto, e nós começamos a discutir qual Secretaria poderia desenvolvê-lo, até que ficou estabelecida a Secretaria de Educação, na época a secretária era Ivanira Pedroso. No entanto, ingressei na Prefeitura apenas no ano de 1997.

Nós não conseguimos implantar o projeto de pronto, pelo menos não todo o projeto como eu havia imaginado, então fui trabalhar com a Christine Marote no Centro de Estudos e Pesquisas do Educador Municipal, o antigo CEPEM, onde era realizada a capacitação dos professores na época. Eu e outros professores realizamos capacitações relacionadas ao tema de preservação ambiental, e percebemos que foi uma novidade para a maioria.

Lembro-me que na época do CEPEM nós trabalhamos a questão da dengue, um problema que enfrentamos até hoje. Partimos do seguinte questionamento: o que podemos fazer para que a dengue diminua? Trata-se justamente de um problema comportamental, e como eu já havia trabalhado naquela instituição do Governo do Estado, a SUCEN, foi bastante tranquilo vir para a Praia Grande e trabalhar com isso.

Elaboramos alguns mostruários do ciclo da vida do mosquitinho, com o ovo, a larvinha, tudo para que as pessoas pudessem conhecer, mas a questão principal é não deixar acumular água, por isso se trata de uma questão de comportamento das pessoas.

Eu já havia realizado vistorias pela SUCEN na região próxima ao Porto, e lá nós víamos potes de margarina, por exemplo, jogados no quintal, então é preciso limpeza e organização por parte das pessoas, e não deixar juntar água em potinhos, vasilhos, entre outras coisas.

Isso é algo que devemos falar sempre, hoje acredito que as pessoas conheçam bem, são muitos anos falando sobre o tema, mas sempre deve haver um agente público para ir até os locais e relembrar toda a população, pois de vez em quando as pessoas relaxam mesmo.

Nessa época do CEPEM, nós realizamos essa capacitação com os professores e eles mesmos elaboraram uma série de atividades. Os professores eram nossos alunos; eles elaboraram, nós compilamos tudo e fizemos uma publicaçãozinha também, fizemos a divulgação daquele material. E tudo foi trabalhado nas escolas, pois os professores trabalhavam meio período na escola e meio período na formação, era muito bom.

Depois, trabalhei por um tempo na Secretaria do Meio Ambiente, e finalmente regressei para a Secretaria de Educação porque poderíamos realmente trabalhar esses temas ambientais com todos os alunos da rede municipal de ensino.

O processo de formação da minha primeira equipe foi gradativo, não montei uma equipe de uma só vez, foi um professor após o outro. Conforme os projetos surgiam, fazíamos uma pesquisa em torno do tema, por exemplo, um projeto para a educação infantil, um dos primeiros, somávamos o conhecimento das professoras de educação infantil, que haviam sido selecionadas por já terem experiência com alunos dessa faixa etária, mais o que eu sabia de ciências e biologia, montávamos o material pedagógico que seria utilizado e oferecíamos para as diretoras, que foram agendando a visita até a casinha de madeira. Nós iniciamos em uma casinha de madeira com uma sala de aula somente, na área do Portinho, no Parque Ézio Dall'acqua, e depois de muitos anos conseguimos ampliar.

Aquele espaço foi sede da Secretaria do Meio Ambiente por algum tempo, e eu já trabalhava lá na época. Quando a Secretaria do Meio Ambiente foi para outro lugar na Prefeitura, eu permaneci no espaço com algumas pessoas para começar a implantar os projetos de Educação Ambiental ali.

A primeira equipe era formada essencialmente por professores de educação infantil, pois a rede era voltada para alunos dessa faixa etária. Eu possuía o conhecimento da área de biologia e elas tinham o conhecimento e sabiam lidar com essa parte de sensibilização; com a educação infantil nós trabalhávamos a sensibilização em relação a todas as plantas, ao lado da Escola de Educação Ambiental existiam jardins, diversas mudas de plantas ornamentais, que eram tiradas dali e plantadas nas praças da cidade, então nós passeávamos por todo esse espaço com as crianças, fazendo com que elas observassem, e incentivávamos toda essa parte de sensibilização, o cheiro, as cores, o toque, enfim esse tipo de atividade e, dentro da sala de aula, realizávamos outras atividades.

Essas então foram as ações iniciais. Depois, professores de biologia e ciências também foram chamados para incorporar essa equipe. Era muito gostoso porque realizávamos o trabalho juntos, claro que como coordenadora eu fazia as orientações, mas os professores também participavam da elaboração dos projetos e do material pedagógico.

Posteriormente, recebemos a professora Sandra Pires, que além de professora da educação infantil, era professora de português. Começamos a elaborar livros, cartilhas para acompanhar os projetos, não todos, mas muitos dos que vieram depois. Ela redigia muito bem e nós sempre fazíamos ajustes, pesquisas, e elaboramos diversas cartilhas; no total, contando com reedição e tudo, tivemos 11 cartilhas ao longo desses anos todos.

Os temas abordados nas cartilhas eram Mata Atlântica, praia, manguezal, lixo e água; e cada um desses livros tinha um dirigido ao professor com sugestões de atividades para que pudesse trabalhar com seus alunos, e outro diretamente para o aluno. Todas as cartilhas foram para as escolas da rede municipal na época. À parte, fizemos trabalho em parceria com o Comitê de Bacias Hidrográficas, e como tivemos um aporte financeiro do FEHIDRO,

fizemos então a reedição da nossa cartilha da água para professores e alunos. Foi muito gratificante.

Lembro-me que muitos professores gostavam e utilizavam esse material, porém outros não, pois afirmavam que era mais trabalho. Os professores na escola têm muito trabalho mesmo, assim como a secretária, a diretora, todos, mas muitos dos professores que participavam com os seus alunos viam como eles se encantavam com esse trabalho ambiental. Normalmente, fazíamos trabalhos de vivência no ambiente, levávamos as crianças para ver os jardins e fazíamos outras atividades. Depois, na área de estudo do manguezal, nós inicialmente fazíamos a locação de um barco, mas finalmente, depois de alguns anos, nós conseguimos um barco próprio, comprado pela Prefeitura, que é utilizado até hoje para andar pela região. E você conhecer o manguezal por meio de uma incursão por barco é bem diferente de ficar apenas olhando na beirada no manguezal, enriquece muito, é possível ver as aves, todo o entorno, então é realmente muito prazeroso. Percebíamos que pelo menos, não 100% claro, mas a maioria gostava muito, alunos e professores, embora às vezes houvesse aqueles que não abraçavam muito a ideia.

O fato de a Coordenadoria de Educação Ambiental, criada pela Lei 957, de 06 de dezembro de 1996, ser anterior aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que incluíram nos currículos escolares o meio ambiente como tema transversal em 1998, poderia até ser um fator de resistência de alguns professores, no entanto, as pessoas em geral que estavam sintonizadas com o mundo já sabiam da importância desse tema. Em 1992, aconteceu a Eco-92, também chamada Rio-92, em que o mundo parou, representantes do mundo inteiro estavam presentes assinando protocolos e discutindo sobre a necessidade da preservação ambiental, já havia um meio ambiente deteriorado desde aquela época, já faz muito tempo; mas enfim, naquele momento houve essa comoção, e quem lia jornal, revista, e estava a par do que ocorria no mundo não poderia achar isso muito diferente.

Claro que eu falo do ponto de vista da minha área, Biologia, Ciências, preservação ambiental, mas acredito que pessoas de todas as áreas poderiam perceber isso desde aquela época, pois foram muitas publicações em torno desse tema, revistas e jornais foram intensos na época, é o período que você observa o início da publicação de tudo sobre meio ambiente aqui no Brasil. Eu fui às bibliotecas do estado de São Paulo, da Secretaria do Meio Ambiente, e realmente todas as publicações são próximas ao ano de 1992. Todos queriam ter a sua publicação para apresentar naquele momento; um pouquinho antes, os brasileiros fizeram suas publicações, pesquisadores e cientistas, para levar a essa conferência mundial, e desde então realmente esse tema cresceu.

Por essa perspectiva, não havia a necessidade de as pessoas falarem que a Educação Ambiental não era importante, mas eu acredito que, apesar de tudo, o ser humano é meio lento, a maioria das mudanças acontece de maneira mais lenta mesmo; então você está acostumado com aquele currículo que vem desde não sei quando e no momento em que você introduz uma coisa nova, aquilo acontece devagar, lentamente, e hoje em dia vejo que graças a Deus essa questão avançou bastante.

As resistências foram uma das dificuldades, outra foi a questão das condições de trabalho. Logo no começo,

a Educação Ambiental possuía um ônibus exclusivo, fazia-se o agendamento, o ônibus pegava os alunos nas suas escolas, levava-os até o Portinho, as crianças participavam das atividades, e depois o ônibus as levava de volta, era o ano inteiro assim. Mas o que aconteceu? Nós passamos por vários governos municipais e cada um com seu ponto de vista, felizmente mantiveram a Educação Ambiental, mas em cada governo havia uma nova discussão. Houve uma época em que ficamos sem esse ônibus exclusivo, ficava à nossa disposição apenas uma vez por semana, ele era utilizado em outros projetos da Secretaria de Educação, não apenas no nosso. A visão ao longo dos anos foi variando, mas fiquei muito satisfeita por termos conseguido trabalhar de outra forma, nós requisitávamos alguns carros da Secretaria e os nossos professores iam até as escolas, a nossa metodologia também dependia das nossas condições.

Então com a Eco-92 todo mundo começou a ter um olhar para a questão ambiental, e apesar de ser tudo muito novo, estamos falando de 20 anos atrás, já se falava em reciclagem, por exemplo, parece que é novidade agora, mas não é, imagina. No entanto, a aceitação era muito difícil, mostrar a importância disso também não era nada fácil.

Atualmente é muito importante, ninguém diz que não, mas naquela época tivemos que romper paradigmas, persistindo, seguindo a expressão popular “... tanto bate até que fura”, pois insistimos em falar sobre o tema, em demonstrar de diversas formas, por meio de diferentes metodologias, falando a mesma coisa ano a ano com alunos e pessoas diferentes, então acredito que aquilo foi disseminando, esse conhecimento foi se propagando, surgindo uma nova postura a que devemos ter em relação aos cuidados com o meio ambiente.

Hoje acredito que esteja diferente, não como nós imaginaríamos: “o mundo maravilhoso”, mas acho que vem mudando, por exemplo, a questão do lixo, a molecada toda, os pequenos até já sabem: “papel no azul”, a cor da separação do lixo reciclável, os pequenos já sabem, nós também trabalhamos isso com os pequenos naquela época, há muitos anos, e eles já estão maiores, são adultos. Não dá para ser igual depois de passar por um projeto, você vê, você adquire o conhecimento, você fica com outra mentalidade.

Chegamos a funcionar à noite também, mas por pouco tempo, foi na época em que focamos na parte de horta. Havia uma professora, Vandilma Galindo, que tinha um vasto conhecimento sobre horta, ela ficou uns bons anos trabalhando na Educação Ambiental. Ela tinha amor, paixão, e outros professores tinham uma parte também do conhecimento, então o projeto foi crescendo. Nessa época, nós pegávamos alguns professores das salas de aula porque foram anos seguidos de trabalho em horta.

Os nossos professores iam até as escolas, falavam com alguns professores que tinham afinidade e gostavam dessa parte de horta, e eles implantavam a horta nas suas escolas, mantinham-na durante um tempo, falavam sobre os processos da alimentação, do preparo, de como higienizar aquele alimento e alimentavam-se. As crianças começaram a comer mais verduras, legumes, mudando devagarzinho o seu hábito alimentar também, pelo menos alguns deles demonstraram interesse e mudaram mesmo.

Esses professores, no ano seguinte, vieram fazer capacitação no Portinho e contar como estava o trabalho na escola; nós fizemos a proposta de acompanhá-los e também municia-los com novas informações, por isso nesse momento tivemos o horário noturno na Educação Ambiental. Os encontros eram uma vez por semana, trocávamos informações, fornecíamos mais conteúdo e novas propostas.

Nós estávamos tão contentes, tão entusiasmados com o trabalho que estava sendo realizado, todos se interessando, professores e alunos gostando muito, então vimos a necessidade da mudança de sede, fizemos a proposta inclusive de ter essa parte da horta. Como estávamos querendo ampliar, necessitando de mais espaço físico, e tínhamos o apoio da Prefeitura, da secretária e do prefeito na época, foi maravilhosa essa mudança.

Houve a nossa sugestão e eles falaram: “podem ir em frente”. Auxiliamos até na elaboração física mesmo, apontando a disposição das salas, a dimensão dos ambientes. Havia coisas que nós não sabíamos, éramos novatas no assunto, com relação à estufa, por exemplo, fomos a Santos, a São Paulo, para o interior onde havia esse tipo de estufa, então tive sempre muita liberdade, muita liberdade; claro que pedia autorização, mas sempre foi tranquilo e com muito apoio.

Na nova sede então há quatro salas de aula, sendo um laboratório, uma biblioteca, uma para artesanato e reciclagem, e uma sala de aula mesmo; e no fundo há a área da compostagem e a estufa, com hidroponia e horta orgânica para contemplar essa parte da horta. Fazíamos parceria com as bibliotecas também, que até hoje são vinculadas, há pessoas que vêm atrás dos livros daqui, que são específicos, realizam teatrinhos para as crianças, entre outras atividades.

Tudo isso foi realizado com a equipe, que foi crescendo ainda mais. Havia uma indicação e fazíamos uma seleção por entrevista; a pessoa mostrava interesse, nós conversávamos, víamos o trabalho que estava desenvolvendo em sala de aula ou se havia trabalhos ligados a essa área; e se a pessoa realmente tinha o perfil, juntava-se à equipe. Procuramos colocar pessoas de diversas áreas também, havia uma professora de Arte, a Filomena Coletto, um professor de Geografia, Sérgio, outros de Biologia e de Educação Infantil também. Era multiprofissional, não havia professores de todas as áreas, o que seria maravilhoso, mas conseguimos trazer professores de algumas áreas diferentes para a Educação Ambiental.

Houve uma época em que tivemos uma professora de Química também, Miriam. Ela tinha um conhecimento maravilhoso, já possuía mestrado na área e uma vontade muito grande de trabalhar, então agregar uma pessoa assim na equipe é muito importante.

Toda a equipe interagiu no início do ano, não só os professores entre si, mas realizávamos algumas capacitações e visitas a alguns lugares com a equipe de professores, pois na época foi necessário. Todos os professores adoravam trabalhar na Educação Ambiental. Realmente era muito gostoso, prazeroso e estimulante porque realizávamos atividades diferenciadas e com maneiras diferentes de se trabalhar.

Dentre todos os projetos é difícil destacar apenas um, todos eram elaborados com muito carinho, às vezes demorávamos anos para juntar o material necessário. Sempre acreditei que o visual é muito enriquecedor para o aluno e, principalmente, ele poder ter uma vivência no local. O aluno poder ir à praia, tirar o tênis, o chinelo, pôr o pé na areia e na beirada da água, pegar aqueles bichinhos da areia e poder olhar, analisar com os colegas, com o professor, depois ir ao costão rochoso, observar o abrir e fechar das craquinhas, escutar o barulhinho, isso eles não terão em outra oportunidade, é difícil, pelo menos os alunos da nossa rede.

O aluno não esquece esse tipo de vivência, às vezes pode não saber definições ou funções exatas, mas ele sabe que esteve lá e que aquilo foi muito bom, muito gostoso e prazeroso. Daí nós falávamos assim: “mas aquilo é criação de quem? Existe aquela criação maravilhosa de Deus, que fez toda essa Natureza para nós, e nós não podemos desprezar, não podemos poluir”, então nós semeávamos tudo isso.

Esse projeto sobre praia, por exemplo, demorei quatro anos para juntar uma grande quantidade de peixinhos de tipos diferentes, de barriga achatada, não achatada, bicudo, sem bico, aquela mandíbula de tubarão, em que os meninos podem colocar os dedinhos, coisas que realmente empolgam, eles gostam e eu também adoro tudo isso.

Durante esses quatro anos, desenvolvíamos outros projetos, enquanto juntávamos todo o material, foi um projeto que eu amei fazer. O da Mata Atlântica mais ainda, pois fui um dos últimos, foram anos e anos juntando, amalhando, tentando fazer o melhor, ter bastante material para mostrar porque a nossa biodiversidade é um show, há muitas coisas, então quantas folhas, flores, quantos bichos nós temos na mata, e aqui nós podemos ver uma pequena parte de tudo isso, é muito empolgante.

O primeiro projeto desenvolvido logo depois que a Secretaria do Meio Ambiente saiu da casinha e nós ficamos com o espaço para a Educação Ambiental foi o do manguezal. Como eu acho muito importante ter a vivência, ir ao local, ao meio ambiente, eu falei: “bom, como faremos um passeio de barco?”. Então fomos até as catraias na Ponta da Praia em Santos para ver como poderia ser feito, se precisava de licitação, entre outras coisas. Daí, alugamos uma catraia por alguns meses, nessa época o professor Paulo estava com a gente também, então tivemos esse diferencial da maioria dos locais que não possuem isso.

Depois de alguns anos, a Prefeitura resolveu não alugar mais, decidi que teríamos o nosso barco, e nós fomos atrás do nosso barco. O projeto sobre o manguezal foi o primeiro a ser desenvolvido então, e a primeira publicação que tivemos dentro da Escola de Educação Ambiental foi sobre o manguezal, “Vivência no Manguezal”.

Fiquei à frente da Escola de Educação Ambiental por mais ou menos 16 anos e formei várias equipes durante esse período. A cada administração havia uma conversa com a secretária de educação, que apresentava as possibilidades naquela época, e eu como coordenadora via quais eram os projetos possíveis de acordo com a quantidade de professores disponíveis. Se pudesse ampliar, ampliávamos, se não, encolhíamos; então durante esses 16 anos passei

por várias administrações.

Apesar de tudo isso, mesmo quando era necessário enxugar a equipe, realizávamos os projetos de outra forma, os professores iam até as escolas, isso porque a Praia Grande sempre deu atenção a essa área, não deixou morrer, embora em alguns momentos a equipe estivesse enxuta, até hoje nós temos a Educação Ambiental.

Fico muito feliz, acredito que seja uma visão da Secretaria de Educação do Município, inclusive nós estávamos inseridos no Plano Municipal de Educação. Se olharmos por esse ângulo e fizermos uma pesquisa nas secretarias de educação de uma forma geral que seja do estado de São Paulo, elas não incluem, como era inserido aqui. Uma época nós éramos Departamento, depois Coordenadoria, mas estávamos sempre inseridos ali, bem colocados e individualizados, além de nossos objetivos e atividades apresentados. Acredito que a Praia Grande foi e tem sido um município que valorizou demais a Educação Ambiental.

Na época em que eu coordenava a Educação Ambiental, nós tivemos o reconhecimento em vários setores. Houve um período em que estávamos com representante no Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista, CBH, tínhamos uma cadeira no Comitê, podendo participar da Educação Ambiental de toda a Região Metropolitana. Nesse momento, nós fomos um dos municípios que propusemos a Semana da Água com a Caminhada da Água, a primeira aconteceu em Praia Grande, fomos os pioneiros nisso também. Depois, nos anos seguintes, cada município sediava a Caminhada da Água, mas nós começamos, lançamos esse projeto.

Em seguida, lançamos uma capacitação para todos os professores durante uma Semana da Água, em que todos os professores da Região Metropolitana vieram até Praia Grande, ficaram dois dias na cidade, passaram por diversas capacitações e receberam uma cópia do nosso livro da água, além de fazerem o passeio de barco. Foi grandioso porque nós, enquanto município, capacitamos toda a região, quem normalmente realiza esse tipo de capacitação é o Estado. Havia representantes de toda a região, então foi muito bom, nós propusemos esse projeto e ele foi executado.

Em anos seguintes, o próprio Comitê premiou o trabalho que era desenvolvido aqui na Escola de Educação Ambiental. Na época, o prefeito era o Roberto Francisco, e a entrega da premiação aconteceu no Palácio dos Bandeirantes.

Premiou-se um trabalho de Educação Ambiental relacionado à água que estávamos desenvolvendo com os alunos. Na época, a Carolina trouxe o presidente de uma ONG da Alemanha, que inclusive tem representação pelo mundo inteiro; e ele veio conhecer o trabalho da Educação Ambiental. Depois, maravilhado, ele escreveu uma carta afirmando que estava espantado com o tipo de trabalho, com a maneira que realizávamos o trabalho; uma pessoa da Alemanha e que trabalha no mundo inteiro afirmou: “o tipo de trabalho realizado aqui poderia ser replicado para pelo menos as pessoas da América do Sul.”.

Em 2002, nós tivemos outra premiação, financiada pela CPFL, em que o projeto Mata Atlântica foi apresentado, todo o interior paulista estava apresentando projetos, quem se interessasse, e nós ganhamos. Fomos a uma cidade perto de Campinas receber a premiação, uma festa maravilhosa. Assim o nosso trabalho foi sendo divulgado, não foi apenas realizado aqui dentro no município, mas foi divulgado para toda a região e por aí a fora.

Em 2012, realizamos a primeira Semana da Mata Atlântica, depois, cada município passou a sediar essa Semana anualmente. Nessa mesma época, nós pegamos a publicação da Mata Atlântica e levamos para a Rio+20, estivemos lá também, distribuímos muito daqueles livretos. Estava acontecendo um congresso nacional de Educação Ambiental lá, então entregamos para todo o mundo aquela cartilha da Semana da Mata Atlântica, foi para o mundo inteiro, para o Estado inteiro e para a região toda; nós fomos plantando onde havia oportunidade. Apresentamos aproximadamente 16 trabalhos em congressos de diversas áreas, na área da Educação, da Biologia e de Meio Ambiente também.

Antes mesmo de iniciar o trabalho de Educação Ambiental naquela casinha onde antes era a Secretaria do Meio Ambiente, eu já tinha muito em mente que nós tínhamos que divulgar os ecossistemas do município de Praia Grande não só para as pessoas em geral, mas para os alunos, que isso deveria ser a primeira coisa.

Tudo acontecia devagar, como dava para ser. O projeto realizado na casinha com as crianças já estava ligado à educação, e não ao meio ambiente; a professora Verinha já trabalhava lá nessa época. Tínhamos muita liberdade em relação ao que e como trabalhar, elaborávamos os projetos, e não existia uma estrutura dizendo como fazer, a ordem era: “Realize o trabalho de Educação Ambiental. Como? Eu não sei. Faça, você é da área, você faz”. Ainda não existiam os parâmetros curriculares, mas quando foram publicados, nós já estávamos seguindo aquelas diretrizes, por isso não tivemos problema algum.

Então não existe uma obrigatoriedade de fazer isso ou aquilo, o mais importante é que as pessoas percebam que existe esse meio ambiente natural, não só o natural, existe o artificial, a cidade etc., mas a nossa maior dificuldade na época era conhecer e valorizar esse natural. “Por que o natural é importante? Por que deve ser mantido? Por que deve ser preservado? Por que esse manguezal que é fedido?” Daí, falavam: “Vamos aterrar o manguezal”, e nós dizíamos: “Não, não se deve aterrar o manguezal, só em alguns momentos, em alguns lugares, mas o que devemos realmente fazer é preservar, por quê?” Então apresentávamos o porquê disso, transferíamos todo o conhecimento.

Levarei essa experiência para toda a vida. Estou aposentada há um ano e não tenho desenvolvido nenhum trabalho na área, mas estou me remoendo para participar de algum projeto, voluntariamente ou como estagiária, não sei ainda como seria isso, já comecei a pesquisar, mas não defini ainda. O trabalho de Educação Ambiental é maravilhoso, e eu o amo. Hoje, o que tenho feito muito são arranjos de flores, e as flores são maravilhosas, é uma atividade que também me remete à Educação Ambiental.

O legado desse trabalho de 20 anos, iniciado por mim e pela minha equipe, é olhar para trás e ficar satisfeita

de saber que nós contribuímos, geramos uma mudança de comportamento, de sentimento, fazendo as pessoas enxergarem o meio ambiente de forma diferente; plantamos árvores, realizamos a parte de arborização uma época também, então trabalhamos com gente, tanto adultos quanto crianças, adultos também porque nós realizávamos eventos, tínhamos parceria com a Secretaria de Promoção Social, a terceira idade participava conosco na Semana da Primavera, fazendo passeios de barco, plantios, entre outras atividades.

Trabalhamos também com a Coopervida, com a Secretaria de Saúde, na Semana da Primavera, por exemplo, fomos ao hospital levar flores de pano às pessoas que estavam internadas, um trabalho que foi muito lindo. Levamos alunos para visitar os idosos internados na casa de repouso. Então foi uma época que nós trabalhamos mais esse cunho socioambiental, abordando outros quesitos que não a natureza, mas o sentimento das pessoas, o respeito ao próximo, entre outros. Realizamos muitos projetos, e todos bastante diversificados.

Fico muito satisfeita e muito feliz com essa oportunidade de falar sobre esse período, esse trabalho. Muitos estudantes de faculdade vêm até aqui perguntar sobre os projetos e o funcionamento da Escola de Educação Ambiental, mas nós não temos um retorno, eles não trazem os trabalhos para podermos ver e prestigiar, teríamos que ir à biblioteca e procurar; mas eu sei que será muito fácil ter o retorno dessa filmagem, dessa entrevista, e assim contribuir para que fique na memória das pessoas como o trabalho aconteceu. Damos uma pincelada, pois há muito que dizer; mas é supergratificante, muito bom, e muito obrigada.

Eu nasci em um lugar muito interessante para uma criança crescer, em São Vicente, no Portinho, Porto Velho, no final da linha do Bonde nº 1 e nº 2. O meu quintal era o Morro dos Barbosas, era ali que eu brincava, meus amigos e eu brincávamos na maré, no manguezal. Tivemos a oportunidade de viver junto à natureza, brincar dentro do meio ambiente, caçar passarinho, pegar borboleta, enfim a proximidade com a natureza era muito grande, muito forte.

Na época, nos anos de 1960, a cidade não tinha esse perfil urbano que tem hoje. Uma das coisas mais interessantes de que me lembro e conto sempre para as pessoas foi quando colocaram o primeiro semáforo na cidade de São Vicente, na Praça do Correio. Toda a população foi olhar a novidade, não havia trânsito, não havia nada, mas ficávamos olhando e esperando mudar as cores, verde, amarelo, vermelho, atentamente. Foi o primeiro semáforo instalado, portanto é possível ter uma ideia de como o perfil da cidade era rural.

Nesse período, corríamos por toda a cidade. O transporte mais moderno que havia era o bonde, não havia ônibus, e trólebus apenas em Santos. Em São Vicente, então, a locomoção era por meio do bonde ou a cavalo, lembro-me que a preocupação das mães era o estouro da boiada porque desciam os bois do trem em São Vicente e caminhavam com eles pela cidade para levá-los até o matadouro ou distribuí-los por ali mesmo.

Esse matadouro era na Zona Noroeste em Santos, perto da Avenida Nossa Senhora de Fátima. O referencial da cidade era esse matadouro, que empregava muita gente também. Em São Vicente, depois da Ponte Pênsil, havia o conhecido Curtume Cardamone, que era uma vila de operários da indústria do couro, e perto da minha casa havia o Guamium, uma vila de pescadores fundada por imigrantes portugueses, o curioso é que todos são estrangeiros: portugueses, italianos.

Ter essa vivência com a pesca artesanal, que era o que se tinha na época, não consumir nada industrializado, brincar com canoa, ir pescar, remar, pegar berbigão na maré, siri, caranguejo, tudo isso era brincadeira, estava sempre envolvido com a natureza. Então para mim a Educação Ambiental é como falar da minha vida, do lugar onde nasci.

Acredito que estudar Biologia tenha sido uma continuidade daquilo que vivi. Minha vida sempre esteve ligada a isso, eu tinha um morro como fundo de quintal, manguezal, praia, então a Biologia sempre foi a minha vida.

Depois de formado, como eu era filho de professora, entrei para o magistério. Comecei a dar aula, gostei e desenvolvi muitos projetos relacionados ao estudo do meio porque percebia que a escola era e ainda é muito estéril.

Quando você começa a conversar com as pessoas sobre ensinar ciências, você percebe que, ao abrir os livros didáticos, existe pouquíssima informação sobre a região em que você nasceu, onde você vive, então o aluno acaba aprendendo muitas coisas as quais não pertencem a ele, não estão ligadas ao meio em que ele está inserido. Eu sentia muito isso na escola também. Quando eu era aluno, sentia muita falta do lugar onde eu vivia, das coisas que eu vivenciava, do universo que me cercava. Eu, meus amigos, as pessoas, a escola, não tratávamos desse assunto, por isso

achava estranho, alguma coisa me incomodava.

Quando fui trabalhar com educação, ser professor, eu me dei conta do estudo do meio, que eu poderia usar essa ferramenta. Na faculdade, os professores já realizavam esse tipo de trabalho, quer dizer, não foi uma invenção minha, porém não era uma prática difundida, ficava dentro de um círculo fechado para o educador.

Hoje, todos sabem o que é praia, manguezal, mas naquela época ninguém falava sobre isso, não havia uma página, uma folha, uma menção sequer referente a esses ecossistemas, esses ambientes não apareciam nos livros didáticos, nos bancos escolares.

Até mesmo hoje, se um levantamento for feito, esse conteúdo ainda é muito escasso, então você questiona: até que ponto a escola olha para o aluno como agente local de onde ele vive para poder tomar posse disso e realizar possíveis transformações?

As pessoas estudam as pirâmides do Egito, o Rio Amazonas e sua importância, conteúdos interessantes, mas quando você fala de sambaqui, da ocupação europeia, as pessoas olham com certa estranheza. Então se você se afasta da sua identidade e não tem essa visão de uma linha onde essa transformação aconteceu, até que ponto você está interagindo na tal sociedade que você quer que mude? Até que ponto a escola de fato presta um serviço quando o professor faz o aluno ficar de costas para a América Latina? Acho que ele está prestando um desserviço, pois olhar o centro europeu é importante, estudar todas as civilizações é importante, mas o local de onde você veio, onde você atravessa seu primeiro momento, você tem que saber a respeito, é muito importante.

Você olha a praia hoje e afirma que é um local agradável, sem ter noção do que foi a praia, do que aconteceu com ela para estar na situação que está. Não faz muito tempo que você ia à praia e não pisava na areia, mas em conchas. Isso faz parte da história das praias do Litoral Paulista, por exemplo, se você conversar com pessoas mais antigas na região que frequentavam a praia, elas se lembrarão disso.

As pessoas costumavam ir à praia a cavalo, em Praia Grande inclusive havia a conhecida pesca puxada por bois, isso não se trata apenas de uma situação interessante, mas de uma questão histórica, é algo que retrata a vida de uma cidade, traduz a memória de uma cidade, não dá para encarar isso como uma coisa simplesmente exótica.

O que é a praia hoje? Hoje ela tem outra conformação, você vai à praia para tomar sol, tomar cerveja com os amigos, no entanto, a praia é um ambiente carregado de questões científicas importantes. Se você pegar simplesmente um punhado de areia, levar à escola para que os alunos possam observá-lo através de uma boa lente de relojoeiro, é possível notar que esse punhado de areia está repleto de microconchas ou microfósseis, isto é, por meio apenas de um punhado de areia, pode-se dizer muita coisa a respeito da praia que você está pisando.

Os geógrafos chamam as areias da praia de areias pretéritas, um nome bastante interessante, pois mostra a idade da praia que você está pisando. Essas areias foram formadas há muitos milhões de anos e não nasceram na região, elas foram levadas pelos grandes rios, jogadas no oceano e as grandes correntes marinhas do planeta acomodaram essas areias nas praias. Então se você pensar apenas em relação a sedimento de areia, você já tem uma série de histórias a respeito do sedimento da paisagem onde você vive.

Um professor que vai iniciar o conteúdo de definições de planalto, planície, entre outros, primeiramente deve se apropriar da vivência de seus alunos em relação à paisagem e então partir para suas definições teóricas. É possível usar a seguinte provocação como exemplo: se você sai de bicicleta de Praia Grande e vai margeando a praia até Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe, perceberá que todo o trajeto será uma grande planície, não haverá nenhum acidente geográfico, nenhum morro, nem uma lombada sequer, mas como aconteceu esse desenho?

Toda essa área há pouco tempo estava debaixo de 12 metros de água, tudo era fundo de oceano. Com as diferenças de temperatura, o oceano chegou até o pé da Serra, tudo era alagado. Agora, imagina que aqui há uma floresta estabelecida, com vegetação de restinga, árvores, e o mar se eleva, afogando toda essa floresta que costeia os continentes, tudo apodrecerá debaixo d'água, ficará como borra de café. O que impede o avanço do mar são as montanhas, no caso dessa região, a Serra do Mar, formada por um paredão rochoso, daí quando o mar recua e se acomoda, forma-se então a faixa litorânea. No Brasil, a linha da maré se acomodou na costa há 1700 anos. Com essa área livre de água, a vegetação da Serra do Mar passa a ocupar toda essa planície, começa a fazer uma seleção vegetal e os animais começam a ocupar essa área também. Então o que é possível observar quando se faz um buraco na faixa de areia de Praia Grande e região? O que os pescadores chamam sabiamente de banco do toicinho.

Há uma faixa toda de areia, debaixo dela há uma faixa de coloração marrom, como borra de café, que corresponde ao momento de inundação da planície costeira, e embaixo mais uma porção de areia. Então, ao levar o aluno para estudar alguns locais do litoral paulista, ele ficará surpreso com esse novo sentido àquilo que já está acostumado a ver, poderá observar toda aquela dinâmica, e apesar de o relógio geológico se tratar de mil anos, milhões de anos, é possível mostrar isso ao aluno.

Dessa forma, com um punhado de areia em sala de aula, é possível mostrar microfósseis para o aluno ou para aqueles que estão acostumados com aula teórica, é possível levá-los à praia, dar-lhes um punhadinho de areia e, com uma lente de aumento, fazê-los observar fósseis ali, estimulando aquele aluno, dando-lhe ânimo para estudar. Ao retomar o assunto na aula: “sabe aquele banco do toicinho ou aquela terra cor de pó de café?”, o aluno começará a identificar isso sem precisar de definição, apenas com a observação da paisagem.

Como eu havia dito, durante a infância eu morava no Porto Velho, na Avenida Newton Prado, no Morro dos Barbosas, no final do Bonde, e a minha memória auditiva é de uma sirene da fábrica de vidro que tocava às 7h para chamar os operários, a cidade toda acordava. O horário do trem também determinava, era possível ouvir o

trem chegar na cidade. Outra coisa para quem morava por aquela região era um pássaro típico da Mata Atlântica, a araponga, que às cinco horas da manhã começava a martelar, pois o canto dela parece um martelo, e todos tinham essa memória auditiva também.

Então a questão ambiental, a questão da natureza era muito próxima. Hoje as pessoas veem a questão da preservação da natureza como uma coisa muito distante, como se apenas os países de primeiro mundo preservassem, as pessoas não têm ideia de que preservação ambiental é a primeira condição para que se tenha a vida do homem no planeta, só faz sentido preservar o panda, a baleia, entre outros, se se quer preservar o homem.

Além disso, é muito fácil falar em preservar coisas as quais você observa a olho nu, como a foca ser morta, uma floresta ser derrubada, a Amazônia ser devastada, mas é complicado quando se fala em plâncton marinho, por exemplo, organismos microscópicos, como resolver?

É fácil resolver isso, se você pegar um vidro de conserva, como o de palmito, pedir para um aluno ir à praia e pegar um pouco de água do mar, fechar esse vidro e levar para a sala de aula, ele verá que dentro dessa mostra de água existem centenas de bichinhos se movimentando, já sendo um passo inicial para você começar a conversar com o aluno sobre alguma coisa prática.

A escola pode ser interessante? A escola pode ser muito mais interessante quando ela começa a olhar o lugar onde ela está inserida.

Se você olhar hoje em Santos, um ambiente totalmente urbanizado, é complicado falar de preservação para o sujeito, ele é urbano, ele nasceu dentro de um ambiente que está totalmente urbanizado, daí você mostra o outro lado. A escola está distante do homem, não vejo como ela possa prestar algum serviço, apesar de realizar coisas importantes, há muito que pode ser ajustado e refinado.

Eu ingressei no magistério público paulista em 1978, na Escola Estadual Prof.^a Maria Pacheco Nobre, perto da FATEC, no bairro do Boqueirão em Praia Grande, e já comecei com problemas.

Como eu era professor ACT, professor Admitido em Caráter Temporário, já incomodava. Poucas pessoas falavam comigo, havia certa discriminação, os professores tradicionais não olhavam com bons olhos o ACT, eles já tinham uma tradição de trabalho e eram professores da Escola Positivo, na qual eu também fui educado, em que se usavam questionário, exercícios de memorização, entre outros.

Comecei a trabalhar com aulas práticas, por exemplo, se o assunto era sobre plantas, já pegávamos folhas e começávamos a montar um herbário; se ia falar de minhoca, todos tinham que levar a minhoca e estudá-la na classe, ter aula prática mesmo.

Como eu tive essa formação, quis muito levar o que eu aprendi para dentro da sala de aula. Devido à minha formação natural de ter nascido em um ambiente de litoral, próximo a essa paisagem, achei que esse seria o caminho que deveria traçar, e como eixo axial de trabalho sempre pensei que o primeiro passo seria formar o aluno leitor porque você não deve ser a principal linha para formar ninguém, você pode ser uma linha condutora, pode apontar para o aluno: “olha, o primeiro passo é você saber ler muito bem”, é nisso que acredito.

A partir desse eixo axial, você pode fazer algumas provocações na sua área em conjunto com história, português ou geografia, sem sobreposição de assunto, mas mostrando para o aluno que essas divisões, português, matemática, geografia, história, não existem, elas convivem.

Se você falar de um molusco, você falará sobre sambaqui, e se você é professor de ciências, falará: “estou falando sobre molusco, sobre bivalve, e os bivalves são importantes porque são filtradores”. Vejam os bivalves, que podem ser encontrados na praia, nos manguezais e em outros ambientes debaixo da água em uma região mais profunda, são aqueles animais, por exemplo, que possuem duas conchinhas, por isso bivalves, são duas valvas, e o que eles têm em comum? Eles possuem dois tubinhos, por um deles ele suga a água, da qual ele traz todo o alimento para sobrevivência, “aqueles micro-organismos que você coletou naquele vidro”, já ensinou o aluno a coletar plâncton, então ele saberá que aquela água tem vida em abundância, que não é uma água estéril, e que aqueles animais servem para alimentar essa conchinha e trazer oxigênio também; e pelo outro tubo ele solta os detritos e o CO².

Se você imaginar que existem milhares e milhares de bivalves, você percebe que esses animais formam um pulmão superficial na praia, então você começa a traduzir para o aluno a importância da vida. Ora, se você usar qualquer produto químico, você afetar a vida de todos esses organismos. Qual produto químico eu vou usar? O protetor solar, por exemplo. Ao passar esse óleo e entrar na água, você solta uma espécie de nata de monocamada gigantesca, esse óleo será sugado pelos organismos e os matará. Como demonstrar a poluição marinha para os alunos? É fácil, basta levar para a sala de aula uma bacia com água e colocar uma gota de óleo em cima, o aluno observará que aquele óleo se espalhará, e se em cima dessa gota de óleo você colocar uma gota de detergente, você quebrará a tensão superficial do óleo e ele se espalhará pela superfície inteira.

Também pode fazer diferente, acrescente talco em uma bacia com água, ficará aquela camada fininha de talco, e ali você coloca uma gota de detergente, o aluno verá que com apenas uma gota de detergente ou de óleo você mexe quimicamente nesse ambiente. A discussão sobre o assunto fica mais significativa e traz mais propriedades para o aluno.

Você é professor de geografia, por exemplo, e na 5ª série começa a falar sobre rochas com os alunos, rocha sedimentar, metamórfica, fazendo com que eles decorem tudo aquilo; quando o aluno vai para a 6ª, 7ª série, o assunto sobre rochas é esquecido. No entanto, se você propuser que os alunos façam uma coleção de rochas, ele pegará uma rocha mais clara ou mais escura e verá que há propriedades diferentes em cada uma delas; ao risco, uma mais dura

do que a outra; ou ele perceberá que uma é muito mais pesada, mais metálica, ou muito mais densa, daí quando esse aluno estiver na 8ª série nas aulas de química, quando terá introdução à matéria, ele lembrará e ficará mais fácil entender sobre densidade, por exemplo, o que mostra que essas disciplinas não estão separadas.

Um professor de história pode retomar o assunto relacionado aos moluscos ao falar sobre Grécia, por exemplo; sobre a cor do manto usado pelos cônsules, nobres da época, dizendo aos alunos que as pessoas que tinham mais dinheiro na Grécia possuíam um manto cor púrpura, e que se obtinha aquela coloração por meio da extração da tinta púrpura dos moluscos, usada para tingir os mantos dos homens.

Então todos esses assuntos podem estar correlacionados e a questão ambiental pode ser muito bem trabalhada, além de fornecer a esses alunos uma configuração prática e uma formação mais sólida.

Se isso não acontece, o aluno passa do 1º para o 2º ano sem nunca ter visto uma coleção, acho importante que o aluno veja um inseto, pegue, desmonte. Aí você começa a falar: “mas você não está trabalhando só a morfologia”.

Quando comecei a trabalhar na Educação Ambiental, uma das coisas que iniciei enquanto estava lá foi pegar amostras de insetos dos locais e montar uma coleção para que os visitantes tivessem noção. Inventariar, isso não foi feito nas cidades litorâneas, elas foram urbanizadas sem que houvesse levantamento de flora e fauna, não se sabe o que foi destruído porque não há um inventário. Não é possível falar sobre fazer qualquer tipo de projeto de construção de uma cidade sustentável sem saber o que há no local, sem que haja esse levantamento. É trabalhar a questão de forma visível é muito fácil, mas falar do mundo microscópico com o aluno, plâncton, fitoplâncton, por exemplo, fica muito distante, por isso acredito que coleção de referência seja muito importante nas escolas, mas elas não têm.

Os poucos museus que existem estão sujeitos às variações de verba, destina-se verba para o museu, destina-se verba para a pesquisa, mas as escolas poderiam ter outra dinâmica com relação a isso.

No caso da Educação Ambiental, começamos a fazer esse trabalho de expor uma pequena coleção, alguns animais taxidermizados, para tentar aproximar um pouco a população dessa questão ambiental.

A visão que eu tenho do papel do meio ambiente é esta: trazer o sujeito para conhecer o local onde ele vive.

Além do magistério, cursei Biologia e tive uma sorte muito grande. Fiz pesquisa, fui para a Universidade de São Paulo, trabalhei com insetos e besouros no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, na Avenida Nazaré, atrás do Museu do Ipiranga. Nesse período, trabalhei com o Dr. Ubirajara e a Dra. Cleide Costa, foi um momento muito prazeroso em que eu aprendi muito.

Tive muita sorte também porque um dos meus colegas da Universidade, que estava bem mais adiantado do que

eu, o professor Ronaldo, trabalhava com borboletas e toda vez que ele ia fazer coleta no meio ambiente me arrastava com ele. Suas teses de mestrado, doutorado e livre-docência foram todas relacionadas às borboletas do Parque Estadual Xixová-Japuí, no morro da Fortaleza de Itaipu, então ele passou bastante tempo estudando as borboletas. Antes mesmo de fazer o mestrado pela Unicamp, ele já fazia essa coleta, ele era muito envolvido com isso, e eu ficava sempre com ele, aprendi muita coisa com o Ronaldo, e foi ele quem me indicou para trabalhar com insetos no Museu de Zoologia, foi um período muito bom.

Na Universidade, havia também um professor que gostava bastante do meu trabalho e levou-me para a Universidade de São Paulo para trabalhar com cnidários, corais, águas-vivas, entre outros, passei um período e fiz alguns cursos envolvidos com essa área relacionada às anêmonas, corais, então minha vida foi muito voltada à questão prática também.

Para ter uma ideia, muitos alunos do curso de Biologia de Santos se destacaram na comunidade científica, o Ronaldo, que é reconhecido internacionalmente e trabalha com borboleta, a esposa dele também, que fez doutorado no INPA e trabalhou com abelhas, o Luiz Alonso, que é bastante conhecido, foi ele quem montou aquele museu do mar na Ponta da Praia, então havia umas figuras que realmente gostavam da Biologia e levavam isso muito a sério, estudavam para valer, para se dedicar o resto da vida àquilo também.

E eu fiquei voltado à área da educação, fiquei preso na educação, que era o mais próximo da minha vida, trabalhar com sala de aula, e quando percebi, 37 anos já tinham se passado, desde 1978 trabalhando com educação, agora que me aposentei do Estado. É interessante porque mesmo depois de tanto tempo eu vejo que a distância da formação dos alunos ainda é...

Na Praia Grande, a Glória me chamou para trabalhar com ela e nós começamos a pensar nesse perfil de montar uma coleção de insetos, conchas, para ter essa memória da cidade naquele lugar, e começar os projetos sobre manguezal que são muito interessantes e importantes, especialmente o estudo do meio com o barco que é muito agradável e é fundamental por várias situações, porém há coisas esquecidas, nós não trabalhamos restinga, essa faixa litorânea importantíssima onde há um conteúdo gigantesco para falar sobre plantas medicinais ou cobertura vegetal. É a primeira área observada com bastante egoísmo, não sei se esse seria o termo correto, pelos corretores imobiliários. Isso porque os maiores empreendimentos litorâneos são construídos justamente próximos da linha de maré onde há a restinga, que é essa cobertura vegetal próxima ao mar, em seguida as praias, então se você olhar nos livros, o que se tem sobre praia?

Se perguntarmos a um aluno o que é maré alta e maré baixa, ele não sabe nem qual a importância de ser maré alta ou maré baixa, ou seja, ele nasce no litoral, mora nesse local, vive por 40, 50 anos ali, é bem formado e ao ser questionado sobre isso, fala: “mas não perdi nada não sabendo o ciclo das marés”, porém seria interessante se soubesse. Claro que não perderá nada se não souber, mas a partir do momento que adquire o conhecimento sobre determinado assunto

relacionado ao local onde vive, a pessoa começa a ter outra visão para aquilo. Pode-se falar sobre maré alta e maré baixa, sobre a influência do ciclo lunar sobre as marés, ou ardentia, sobre a bioluminescência.

Em uma escola em que eu lecionava em São Vicente, pedi para que os alunos fossem até a praia, entrassem até o joelho na água da praia à noite, em uma noite de preferência sem lua, sem luz de lua nova, e mexessem a mão, balançassem, fizessem bastante movimento dentro da água, então algumas pessoas estranharam, outras falaram assim: “esse professor foi o primeiro professor maluco que fez essa proposta, vamos lá ver o que acontece”.

Quando você faz esse movimento dentro da água, você toca em animais que são microscópicos e a sua mão acende, fica bioluminescente, como se tivesse uma radiação, é o que os pescadores chamam de ardentia, são organismos que acendem ao toque. Quando você passa uma rede em uma noite sem iluminação lunar, a rede inteirinha fica bioluminescente, é muito bonito, seu corpo fica bioluminescente quando você mergulha e nada, como uma explosão de luz verde, como se houvesse microvagalumes, micropirilampos dentro da água.

Todas essas coisas não são apenas bonitas esteticamente, apesar de se poder sim ter esse olhar da área de artes em relação ao belo e explorar isso, mas há muita história a esse respeito, há a tradição oral dos pescadores sobre isso, além de toda biologia envolvida que você pode discutir e dar outra dinâmica para o aluno.

Quando eu ingressei na sala de aula, uma das coisas que fiz foi pegar os livros de ciências que tinham mais circulação e começar a estudar. Naquela época, no Estado, uma vez por ano formavam-se grupos de professores que selecionavam os livros de ciências, história, geografia, entre outros, que vinham para a escola. Eu me lembro que eram 11 livros de ciências, de quatro ou cinco editoras, por exemplo, o livro de ciências da 5ª série falava sobre a formação do solo, se era arenoso, rochoso, falava sobre aeração do solo, adubação verde, plantação em curvas de nível, tudo isso porque a grande moda era montar horta em escola.

Falava-se tudo sobre solo, formação de rochas magmáticas, sedimentares, porém o aluno morava em um lugar, por exemplo, onde ele cavava um buraco e o que encontrava era areia ou solo de manguezal, porém nada se falava sobre praia, areia, manguezal, restinga, quer dizer, o que estava sendo ensinado para aquele aluno?

Havia inclusive um experimento famoso no qual você colocava em um funil, esses de coar café, tanto de areia, tanto de matéria orgânica, até obter o solo ideal que era 60% de areia, 5% de calcário, 10% de argila, havia uma tabelinha e o aluno tinha que decorar, aquilo era cobrado na prova, no entanto, não se falava sobre manguezal, restinga e praia, então eu questionava: “Você fez o que com o aluno? Você trabalhou o quê? Que tipo de desserviço você prestou para a formação do aluno?”. Aluno este que decorou tudo aquilo, que foi cobrado nas provas, futuramente em testes de vestibulares, mas aí você pergunta: “O que é manguezal? O caranguejo para que serve?”.

Em uma atividade que estávamos realizando na Educação Ambiental, dentro do manguezal, com um grupo de

cerca de 30 professores, por acaso havia dois alunos em um barco pescando e eles perceberam que no grupo havia uma professora achando tudo aquilo, manguezal, uma grande novidade, professora de biologia achando tudo aquilo uma novidade, aí um dos alunos falou: “Oi, professora, tudo bem? Poderia pegar um caranguejo para mim?”. Isso porque ele nasceu no manguezal, ele trabalha naquele ambiente, é pescador.

Eu fiz treinamento para professores durante 11 anos em várias prefeituras, levava-os para a praia, para a Mata Atlântica, restinga, manguezal, e conversava com eles sobre esses ambientes. Eles viam aquilo como novidade, nas universidades ou faculdades em que haviam se formado não tiveram essa oportunidade. Cansei de ouvir relatos até mesmo de professores de Praia Grande, com os quais conversei bastante, em que se mostravam satisfeitos e costumavam falar como tinha sido interessante ter ido comigo observar aqueles lugares.

Em parte é bom, sentia-me envaidecido por poder falar que realizei um trabalho de qualidade, mas por outro lado é triste porque você começa a perceber como as pessoas são mal formadas, e que nós somos mal formados em muitas coisas. O Brasil padece dessa terrível epidemia, você não tem uma biblioteca, não forma esse aluno leitor, ávido de conhecimento, a escola acaba se tornando um lugar difícil de trabalhar cada vez mais. Se você não seduz o aluno, não oportuniza questões práticas,...

Em Peruíbe, por exemplo, temos as Ruínas de Abarebebe¹, um sítio arqueológico muito importante, que mostra toda a história e como essa região é uma das mais ricas em sambaquis da costa litorânea, no entanto, o museu está fechado. E se você observar um livro dessa cidade ou dos municípios da Baixada Santista, duvido que encontre algum que toque no assunto sobre sambaqui, falará sobre as pirâmides do Egito, mas não sobre sambaqui. Recentemente os livros de história começaram a incorporar esse assunto, mas timidamente ainda, mais relacionado a essa parte de ocupação da América.

Na Cosipa, há a famosa Lagoa do Furadinho, um sítio arqueológico também muito importante, explorado pela Dra. Dorath Uchoa, que fez a estratificação de alguns sambaquis e tratou bastante desse assunto, da nossa história, da ocupação humana. Como se deu a ocupação humana? A ocupação humana começa no litoral.

Então para começar a falar sobre litoral ou quando abordar o assunto sobre conchas, como falamos dos bivalves, por exemplo, se você é um professor de história, abordará o assunto sobre conchas com seus alunos da série que tem essa correlação e falará sobre um grupo de pessoas que aprenderam a fazer acampamento há 300 mil anos, e que depois aprenderam a se deslocar nos litorais, por que nos litorais? Porque era o local com provisão de comida mais fácil. Havia duas relações importantes, então, para poder caminhar ao longo do litoral, você dependia de água doce

1. A Igreja do Abarebebe é identificada como uma das primeiras construída no Brasil. Foi erguida na segunda metade do século XVI, com o fim de catequizar os índios tupis que viviam na região. Ali se estabeleceu também o segundo colégio de meninos do Brasil e no seu entorno formou-se o único aldeamento do litoral de São Paulo: o Aldeamento de São João Batista. É patrimônio histórico nacional e paulista, tombado pelo IPHAN e CONDEPHAAT (1984).

e também dos moluscos, é por isso que há sambaqui dentro dos manguezais, nos rios, há conchas em rios de água doce, aqueles moluscos grandes chamados de conchal que têm mariscos, há também sambaqui de água doce, que são menores.

Bem, comecei no Departamento de Educação Ambiental em Praia Grande no ano de 1996, desde a inauguração. A Glória me colocou lá como pedra fundamental, eu e a Dona Iara. Éramos apenas os três, eu era professor junto com a Glória, e a Dona Iara era a secretária.

A Glória queria divulgar a todos o trabalho que estava sendo realizado, o que foi muito bom porque não ficou um trabalho de departamento fechado, e também muito positivo, pois participamos de fóruns em São Paulo para mostrar que a Praia Grande tinha um trabalho relacionado ao meio ambiente, no Guarujá também, então começamos a divulgar aquele pequeno trabalho, ainda que embrionário; mostrar não só para os professores de Praia Grande, mas mostrar para as outras áreas que ali nascia um trabalho relacionado à questão ambiental. Isso foi bom porque as outras prefeituras que tinham alguma coisa começaram a divulgar e as que não tinham caminhavam para essa direção também.

As ações iniciais foram fazer pesquisa, e como eu tinha essa liberdade, comecei a montar as coleções de insetos; fazer o estudo do meio com os professores dentro do manguezal, nesse período a Prefeitura alugava catraias da Ponta da Praia, trazia-as e com os professores fazíamos o percurso dentro no manguezal conversando sobre características daquele ambiente, e na sala de aula fazíamos a parte teórica inicial; além de criar as primeiras apostilas, os primeiros textos, na época eu fiz um filme, e imagino que a primeira fita deva estar no Departamento.

Esse filme, que era sobre manguezal, foi feito em VHS e distribuído para todas as escolas do município. Foi um filme interessante, didático, bem-feito, no qual eu colocava essas ideias de banco do toicinho, movimento de avanço e recuo do oceano, a questão do uso dos rios para as embarcações.

Essa questão inclusive é muito interessante porque os primeiros jesuítas que vieram para essa região do litoral usavam os rios para locomoção. Os rios eram a estrada principal para se locomover na Baixada, as naus paravam na Ponta da Praia, a pessoa ia até o Matadouro com pequenas barcaças, atravessava de mula o local e andava por essa região toda com canoas e burricos.

Acredito que ainda existam cópias desse filme, pois foi encaminhado para todas as escolas. Eu tinha a matriz, eram duas ou três fitas VHS, mas acabou... Uma parte desse vídeo até chegou a ser publicada no YouTube, mas eu não procurei mais.

Fui o primeiro professor a ser chamado pela Glória, um tempo depois, entrou a professora Iracema, uma professora de Biologia, mas tinha outra linha de trabalho, diferente da minha. Se não me falha a memória, a professora Iracema

e o Donizete que levaram o Navega Brasil para o Portinho, se não estou enganado, foi ideia deles começar a trabalhar com caiaque, veleiro, naquela região, acho que já tinham até um projeto registrado relacionado a isso. Nesse período, eu já não estava mais lá, tive que me afastar por conta de horário.

Eu conheci a Glória por meio da secretária de educação da época, a Ivanira. Como eu trabalhava com formação de professores direcionada para essa questão ambiental e já havia trabalhado com professores da prefeitura de São Vicente, de Santos e de outras cidades do litoral com essa questão da paisagem litorânea, a Ivanira soube do meu trabalho e me contratou para realizar um treinamento para seus professores. Foi o momento em que a Glória me fez a proposta de trabalhar com ela, já que ela estava desenvolvendo um trabalho relacionado ao meio ambiente, e eu prontamente aceitei.

Lembro-me do dia da inauguração do Departamento de Educação Ambiental no qual a Maura Ligia estava presente e me disse assim: “Paulo, é tudo que você quer, não é?”, então eu afirmei: “É, deram mel para abelha, não é?”.

E o que nós começamos a desenvolver foi esse trabalho relacionado à paisagem litorânea, porém ali ficou restrito ao manguezal. Lembro-me que a Glória escreveu uma cartilha sobre manguezal e que graciosamente ofereceu-a para todas as escolas do município.

Além dos projetos que nós desenvolvemos, outros acabaram surgindo por necessidade, como foi o caso de um relacionado ao ciclo do Anopheles, inseto que pode transmitir vírus, como hoje está aí Zika Vírus, Chikungunya, e na época também se trabalhava algumas questões parasitárias, entre outras preocupações, lembro-me que trabalhamos isso montando o ciclo desse inseto em uma placa de Petri.

Houve outro projeto também que tivemos de fazer relacionado aos pombos e à questão das doenças, pois havia muita reclamação na época. O principal projeto da Educação Ambiental era trabalhar a paisagem costeira, mas havia outros projetos que acabavam sendo realizados por necessidade, urgência urbana.

Houve muita coisa interessante no Departamento de Educação Ambiental, eu peguei o embrião da Educação Ambiental, hoje está bem diferente da época em que trabalhei, cresceu bastante.

Permaneci na Educação Ambiental por cerca de dois ou três anos e saí por incompatibilidade de horário. O professor é forçado a trabalhar em duas redes, seja particular ou estadual e municipal, ele não se dá o luxo de trabalhar em uma só, e eu trabalhava em duas redes, era diretor de escola também.

Na Prefeitura, primeiro eu fiquei apenas no período da manhã, por um bom período pela manhã, depois manhã e tarde, depois eu fiquei tarde e noite. À noite, eu fazia muita coisa relacionada à pesquisa, escrevia bastante, porém ficava sozinho. Então a Educação Ambiental não tinha mais como comportar meu trabalho à noite sozinho e acabei

voltando para a sala de aula. Havia a opção de ficar de manhã, tarde ou... Como não deu para conciliar o horário, voltei para sala de aula.

Realizei um projeto com a Monica Solange Rodrigues e Silva, ela foi minha aluna no magistério na Escola Estadual Jardim Bopeva, em Praia Grande, e nessa época ela já era diferente dos demais. Você percebia que ela já tinha ideias próprias sobre a história, sobre o meio ambiente. Depois ela se tornou professora do município e eu também. Quando ela começou a desenvolver o projeto de história, de montar o museu da cidade, convidou-me para trabalhar com ela, e de aluna virou minha chefe.

A Monica sempre teve o interesse muito grande de trabalhar com a questão da história da cidade de Praia Grande, é muito dela isso, e como eu já tinha certo envolvimento no assunto por ter trabalhado com sambaqui, conhecido de perto o trabalho da professora Dorath Uchoa, e também havia trabalhado no museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo, conhecendo e tendo contato com o material das coleções, o convite que a Monica me fez foi irrecusável. Era mais uma coisa bastante sedutora: trabalhar naquilo que você gosta, e por mais que os projetos já existissem, a Monica dava a liberdade de você desenvolver algum projeto para somar com o trabalho dela.

Inicialmente, ela escreveu o livro sobre Praia Grande, *Paisagens da Memória*, inclusive tenho um exemplar que ela me deu, e lembro-me que na época em que ela estava escrevendo esse livro junto das outras autoras, Fátima Valéria Siqueira e Magna Flora Cális, conversamos longamente sobre a questão da ocupação humana, falei sobre alguns materiais, dei algumas dicas e ela aproveitou tudo.

Depois desse livro, a coisa começou a tomar corpo. Ela foi trabalhar no museu da cidade e eu fui convidado. Nossa equipe era muito boa, mas por razões administrativas era necessário que eu tivesse jornada dupla para poder continuar a trabalhar com a Monica, e ela também por razões administrativas acabou se afastando; mas enquanto ela esteve no museu da cidade, o trabalho foi muito, muito bom.

Na época, eu tive a oportunidade de montar coleções de conchas, de fazer uma semana em que o pessoal do turismo podia ver as bancas de conchas com as coleções, saber qual era o papel daquela concha nesse ambiente, para que servia, qual a importância, não era questão apenas de estética e beleza; também havia questões com os professores do município, era aberto à visitação pública, era muito bacana, tinha uma dinâmica muito legal.

Uma pena que a Monica não esteja mais à frente do museu, não sei quem está agora, mas enquanto ela esteve lá..., o perfil dela sempre foi trabalhar com essa questão da história oral.

Então eu acho que eu trabalhei mais questão ambiental com a Monica do que no Departamento, pois ainda era um projeto embrionário e eu não fiquei tanto tempo assim.

Também consegui desenvolver ações voltadas para essa questão ambiental atuando no Estado. Eu ainda trabalhava em Praia Grande quando me mudei para o Guarujá e comecei a trabalhar na Escola Estadual Dr. Hugo Santos Silva. Na época, era muito mais fácil e barato comprar apartamento no Guarujá do que em outras cidades do litoral, por isso me mudei para lá.

Nessa escola, assim como em todas as outras, era necessário montar um projeto para poder sair com os alunos da escola; se não tivesse projeto, você não tirava o aluno da sala de aula. Então eu tinha um projeto em que levava os alunos para a praia, para a mata, e como havia um pedacinho de Mata Atlântica próximo à escola, um morro, dava para fazer essa brincadeira, e todas as saídas eram anotadas, isso porque normalmente havia uma troca com a Diretoria de Ensino.

Em um belo dia, a coordenadora da Escola Hugo Santos, Helena, perguntou-me: “Paulo, a dirigente, professora Ângela, está trabalhando em um programa de pós-graduação e perguntou se poderia usar seu material”, permiti prontamente.

Eu possuía os registros dos alunos com fotografias, tabelas, sondagens, que eram provinhas que aplicávamos antes de o aluno conhecer aquilo e depois, avaliações, trabalhos; eu tinha tudo fotografado e registrado porque se não fizesse dessa forma, não poderia sair da sala de aula. Além disso, as pessoas também criavam rótulos de “está enrolando, vai levar para passear”, infelizmente, as pessoas têm muito essa visão tacanha de que se você sai com o aluno para fazer uma atividade prática, você está brincando, está enrolando. Então autorizei e fiquei feliz por alguém ter se interessado pelo trabalho que mofaria depois um tempo.

O que aconteceu? Em 2003, se não me falha a memória, meu trabalho foi selecionado e eu recebi um prêmio de professor do ano. Fui chamado, recebi alguns prêmios, um ventilador, um livro assinado pelo autor sobre meio ambiente, um passeio em uma churrascaria que tinha no alto da Serra, Boi no Rolete, algo assim, e um jantar no Clube dos Ingleses. Também recebi um diploma de professor do ano. No entanto, eu não havia entendido a profundidade daquilo e lembro-me que a dirigente, Mariângela, ficou muito agradecida por eu ter cedido o trabalho, e eu fiquei feliz por ela tê-lo usado, pois esse trabalho que a gente realiza acaba empoeirado e ninguém se importa com o que fazemos.

Olha que curioso, esse trabalho foi publicado em um congresso internacional de ciências na Unaerp, no Guarujá. Nesse momento me dei conta que a professora Ângela, por meio desse trabalho que desenvolvi com os alunos, fez sua tese de mestrado e depois doutorado com o meu projeto sendo incorporado no acervo de estudos dela, senti-me feliz com isso, nunca imaginei que pudesse dar em alguma coisa. Na verdade, só mais um trabalho tímido, sem grande expressão, mas o interessante é que se trata de um trabalho escasso, que devia ser mais adensado para que outras escolas também trabalhassem dessa forma.

A Monica, por exemplo, para escrever o livro *Paisagens da Memória*, certamente reuniu muito material das entrevistas que fez e acumulou muito conhecimento também podendo publicar outras coisas. A minha realidade é muito parecida com a dela. Só acho muito chato porque daqui um tempo morreremos e todo esse material, todo esse conhecimento que você acumulou vai embora, não servirá para nada.

Durante 11 anos eu fiz treinamento com professores, eu era pago para isso, contratado pela Diretoria de Ensino, pelas prefeituras, na época isso era comum. Aí você acumula um material gigantesco porque vai montando slides, transparências, fotografias, fazendo apostilas, revistas e textos para trabalhar com os professores e, de repente, percebe que todo esse material acumulado pode ser perdido e que precisa fazer alguma coisa para que isso não aconteça, escrever um livro, por exemplo.

Então acredito que a Educação Ambiental de Praia Grande teve um papel muito importante, pois se criou um espaço físico-administrativo que tornou quase que obrigatório desenvolver algo voltado à questão ambiental.

Não sei quem está lá agora, mas certamente um monte de garotada idealista que quer mostrar, transformar e difundir esse conhecimento. Essa passagem pela Educação Ambiental, trabalhar com aquelas pessoas, foi muito prazeroso, trabalhar com a Monica também foi muito bom, ter sido seu professor e depois seu funcionário foi muito bom também.

Eu sou formada em Biologia pelo Instituto de Biociências na Universidade de São Paulo, USP, conclui o curso no ano de 1998 e depois fiz mestrado e doutorado na área de Oceanografia Biológica, mais especificamente relacionada à pesca e à conservação marinha.

Fui professora durante 14 anos no Centro Universitário Monte Serrat, UNIMONTE, em Santos, e há dois anos atuo como professora adjunta na Universidade Estadual Paulista, UNESP, em São Vicente, no campus do Litoral Paulista.

Eu comecei a frequentar Praia Grande como turista logo no início dos anos 1990 quando meus pais compraram um apartamento na cidade. Ao entrar na Faculdade de Biologia em 1995, eu já tinha alguns amigos que eram pescadores no município, nós nos encontrávamos na praia, jogávamos bola, e um deles, o Edson, começou a guardar todos os peixes estranhos que vinham em sua rede, tudo que vinha de diferente na atividade de pesca dele, que não tinha valor econômico, ele guardava no freezer para que, quando eu voltasse para Praia Grande em um final de semana, pegasse e levasse para a faculdade.

E foi exatamente assim que começou a minha interação com os pescadores, por meio desse pescador, o Edson, que trabalhava na Boutique do Peixe no Canto do Forte. Ele foi me apresentando os outros pescadores e eu comecei a interagir com eles, perguntar e saber cada vez mais sobre a pesca.

Até que em 1998, tivemos o primeiro relato da captura acidental de uma espécie de golfinho bastante ameaçada de extinção, até essa data não existia nenhum relato recente de captura acidental no litoral de São Paulo.

Quando o Edson relatou que havia ocorrido uma captura acidental dessa espécie, da toninha, ficamos interessados porque era algo que ainda não tinha sido registrado em tempos atuais no estado de São Paulo. O último registro havia sido na década de 1960. Então vimos a oportunidade de começar um projeto relacionado a essa espécie que era a única espécie de golfinho ameaçada de extinção no Brasil.

Meu professor na USP se interessou bastante também, então começamos a entrevistar os pescadores e percebemos que realmente existia a possibilidade porque essas capturas acidentais aconteciam com certa frequência. Em 1998, montamos e iniciamos o primeiro projeto que consistia em monitorar e descrever a atividade pesqueira de Praia Grande naquele momento, pontuando como era desenvolvida essa atividade, em quais locais as redes eram colocadas, que tipo de pescado era capturado e qual era a frequência de captura.

Quando começaram as capturas dos primeiros animais, tínhamos que levá-los até São Paulo na USP para fazer a necropsia e colher as amostras, foi nesse período que eu conheci a Glória. Nós precisávamos de um espaço em que pudéssemos armazenar essas amostras e eu fiquei sabendo que havia uma Escola de Educação Ambiental em Praia Grande.

Fui até a escola, que era em uma casinha de madeira logo no começo do Portinho, para conhecer e conversar com a Glória, na maior cara de pau. Ela me recebeu superbem, também ficou superempolgada com o trabalho que estávamos desenvolvendo, e começamos uma parceria logo em 1998. Desde então, recebemos o apoio da antiga Escola de Educação Ambiental de Praia Grande, que hoje é Coordenadoria de Educação Ambiental.

O projeto foi crescendo cada vez mais, começamos a relatar a captura acidental também de tartarugas, outros pesquisadores, que também trabalhavam com pescado, foram se associando e interessando-se por outros assuntos.

Em 2000, nós conseguimos ampliar esse trabalho para a comunidade pesqueira do bairro Ocian, antes nós trabalhávamos apenas com a comunidade pesqueira da Boutique do Peixe no bairro do Canto do Forte. E, cada vez mais, mais pesquisadores, estudantes, estagiários foram se envolvendo no trabalho.

No ano de 2002, defendi meu mestrado com um tema também pioneiro, pois descrevia a atividade pesqueira artesanal, cujas informações e conhecimento ainda eram muito incipientes, realizava-se muito trabalho relacionado à pesca industrial, porém pouco se falava da pesca artesanal.

Foi um trabalho que chamou bastante atenção por tratar justamente de uma frota de pequena escala, artesanal, com uma cultura enraizada, em que não há apenas o fator econômico relacionado, mas há também o fator cultural da história. Inclusive, no dia da minha defesa, houve certa discussão quanto à importância desses pescadores em relação à produção econômica de pescado, e o que nós defendemos foi justamente isto: se você analisar individualmente cada um desses pescadores, tratar-se-á de uma parcela muito pequena, mas se você contar a quantidade de pescadores artesanais de pequeno porte espalhados ao longo de toda a costa dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, observará que eles possuem uma pesca muito parecida, artesanal, e que a produção deles quando somada tem uma grande significância.

A partir daquele momento, iniciou-se também uma discussão sobre a importância de se trabalhar essas pequenas comunidades artesanais para se estimar tanto a produção pesqueira deles quanto o impacto de suas atividades na conservação de espécies ameaçadas, pois esse tipo de pesca realizado na região costeira é aquele com pequenos barcos, com pequena autonomia de mar, o que obriga os pescadores a necessariamente pescar muito próximo à costa. Assim eles acabam interagindo com espécies muito costeiras que muitas vezes por diversos fatores sofrem um impacto muito forte ou tornam-se ameaçadas.

Ainda no ano de 2002, resolvemos fundar uma associação civil para que pudéssemos buscar financiamento para dar continuidade ao trabalho, era um trabalho de monitoramento, e não um trabalho pontual. A ideia era fazer esse monitoramento ao longo do tempo, pois a atividade pesqueira, a artesanal principalmente, é muito dinâmica, hoje os pescadores estão trabalhando de uma forma, com um determinado tipo de rede, daqui um ano, pode ser que eles alterem esse tipo de rede, por exemplo, eles são os donos do próprio empreendimento, são os donos da embarcação,

são os donos do equipamento, eles trocam o local de pesca, pescam quando querem; a frota artesanal, portanto, é muito dinâmica, por isso a necessidade de existir um monitoramento dessa atividade pesqueira.

Então como precisávamos de financiamento para continuar esse projeto, achamos que seria uma boa alternativa fundarmos uma associação para que pudéssemos participar de editais e captar recursos financeiros para o projeto. Dessa forma, em 2002, fundamos a associação civil em Praia Grande com o nome de Projeto Biopesca na época e, desde então, damos continuidade aos trabalhos.

Hoje nós temos uma sede, cedida pela Prefeitura, que fica dentro da comunidade pesqueira da Boutique do Peixe, o que é muito interessante porque a gente faz essa articulação dos pescadores com o público que frequenta o local, principalmente os turistas.

A Boutique do Peixe tem um papel importante para o turista, isso porque o turista quando vai para o litoral, ele quer comer o pescado, ele quer ver o barco de pesca, então a Boutique do Peixe no bairro do Canto do Forte e mesmo o mercado do peixe no bairro Ocian têm uma circulação muito grande de público local e de turistas também, por isso essa nossa sala de Educação Ambiental, mostrando como é a pesca artesanal e qual o impacto que ela causa, é extremamente importante para a divulgação dessa problemática na conservação de algumas espécies marinhas.

Nessa sala de Educação Ambiental, nós temos uma exposição permanente com banners que explicam a pesca na região, a problemática da captura acidental, o que é a captura acidental, isto é, quando o pescador coloca a rede para capturar certo pescado que tem valor econômico, mas acontece de golfinhos, tartarugas, outros animais que não têm valor econômico se enroscarem nessas redes. O pescador não tem interesse em capturar uma tartaruga ou um golfinho, esses animais não possuem valor econômico para o pescador, pelo contrário, é perda, prejuízo porque quando um animal desses se prende na rede, ele a destrói, então para o pescador também não é interessante a captura acidental.

Na sala de Educação Ambiental, nós tentamos mostrar o que é a atividade pesqueira, conceituar o que é a captura acidental e falamos sobre a necessidade de encontrar alternativas para reduzir isso, e apresentamos as principais espécies que são acidentalmente capturadas nessa região, que no caso são a toninha, espécie de pequeno golfinho, há réplica em tamanho natural da toninha, para que as pessoas possam conhecer um golfinho porque a maioria das pessoas não conhece; e a tartaruga-verde, espécie de tartaruga que tem muita ocorrência nessa região, há réplicas de tartaruga também. Além de haver todo um acervo de material biológico, como feto de golfinho, crânio de golfinho, barbatana de baleia, tudo para que as pessoas possam pegar e conhecer. Há também um espaço que a gente deixa para as crianças pequenas pintarem desenhos com motivos marinhos e o mais importante, em minha opinião, é que sempre há um monitor na nossa sala de Educação Ambiental acompanhando a visita e dialogando com quem está conhecendo esse espaço. Esse é o trabalho que nós realizamos para o público em geral.

Com os pescadores, realizamos um trabalho de Educação Ambiental mais contínuo, com mais metodologia, informativo, mostrando para eles que estamos ali para ajudá-los também, que o nosso trabalho é de conservação marinha e que queremos conservar peixes, golfinho, tartaruga, o ecossistema de maneira geral, e consequentemente conservar a produção deles.

Realizamos um extenso trabalho com os pescadores em 2014 e 2015, que foi a Caravana do Pescador, levamos três oficinas e palestras em momentos distintos para eles. Na primeira oficina, falamos sobre o sentimento deles em relação ao local em que trabalhavam e foi feita uma dinâmica em grupo, em que eles apontavam o local de pesca, criavam mapas, tudo com uma metodologia específica. Nesse mapa, eles mostravam os problemas, as vantagens e fizemos com que eles discutissem a problemática daquela região, a pesca deles.

Em um segundo momento, cerca de dois meses depois, contratamos uma pessoa do SEBRAE, desenvolvemos uma cartilha para os pescadores, específica para tratar da questão da Educação Ambiental e de sua conscientização, levamos essa pessoa do SEBRAE para falar com esses pescadores artesanais sobre a necessidade de ser um empreendedor sustentável, principalmente eles que trabalham com recurso natural, são profissionais que ainda se utilizam de recursos da natureza, por isso eles, em especial, devem ser os primeiros a preservar e a conservar aquele local que é sua fonte de renda. Levamos o SEBRAE justamente para mostrar que ser pescador é ser empreendedor, é ser um empresário que gerencia seu próprio negócio. O pescador tem a embarcação, as redes de pesca, o funcionário e ainda tem que gerir aquilo de uma forma sustentável, por isso nós biólogos não quisemos passar essa mensagem, mas sim o SEBRAE que abordaria o tema de maneira mais empresarial.

Como já havíamos conceituado a vida desses pescadores naquele local e mostrado a necessária visão empresarial que deveriam ter, no terceiro momento, fizemos uma roda de conversa, e eu levei para esses pescadores todas as informações que tínhamos sobre pesca no mundo.

Percebemos que quando conversávamos e questionávamos o pescador artesanal sobre a falta de pescado, ele sempre achava uma justificativa local para a pesca estar ruim ali. Se estivesse na Praia Grande, o pescador diria que o problema era o emissário, ou o barco dos arrastes de camarão que estava muito perto; se estivesse em Mongaguá, o pescador daquele município diria que o problema era a plataforma de pesca, por exemplo. Os pescadores artesanais não conseguiam perceber que o problema da redução da pesca é um problema mundial, eles não tinham acesso a essa informação.

Nesse terceiro momento, então, apresentamos dados de pesca do mundo, mostrando exatamente aquilo que os pescadores viviam naquela região. Falamos dos pescadores artesanais da China, da Argentina, do Uruguai, mostrando que as dificuldades eram as mesmas vividas por eles. Afirmamos que a sobrepesca [pesca predatória], a redução dos estoques pesqueiros, a ameaça às espécies marinhas não eram problemas locais, mas sim um problema mundial. Instituímos também os murais do Pescador Amigo, em cada comunidade pesqueira instalamos um mural em que

continuamos levando informações aos pescadores, como época de defeso, reportagens interessantes, entre outros.

Então a Educação Ambiental com os pescadores é realizada de forma contínua. Temos uma equipe que visita as comunidades pesqueiras pelo menos duas vezes por semana, eles tomam nota de onde a rede foi colocada, da quantidade de pescado, se houve algum animal de captura acidental, essa equipe interage com os pescadores no dia a dia para saber o que está acontecendo na pesca. E isso faz com que os pescadores de Praia Grande colaborem muito conosco, costumamos dizer que tudo que vamos testar, nós sempre testamos com os pescadores de Praia Grande.

Em 2008, o Consórcio Internacional para Redução de Bycatch, bycatch é o termo usado para captura acidental em inglês, realizou um concurso internacional para quem idealizasse um equipamento de pesca que reduzisse a captura acidental de golfinhos em redes de espera. O mundo inteiro participou. O ganhador foi um rapaz que idealizou redes com sulfato de bário, isto é, ao fazer o nylon, colocar-se-ia sulfato de bário e essa rede se tornaria mais refletiva e mais visível para esses animais, pois o problema é que golfinhos e tartarugas não enxergam essas redes de nylon comuns, e eles queriam testar isso. A ideia teoricamente era ótima, mas será que reduziria? Para testar, no ano de 2012, esse mesmo Consórcio, cujo majoritário é o New England Aquarium, nos Estados Unidos, abriu um edital também para o mundo inteiro, pois queria um local onde já houvesse dados pretéritos de captura acidental para poder colocar essas redes e monitorá-las.

Nós aplicamos o projeto e conseguimos, junto de uma equipe da Argentina. Iniciamos esse projeto em 2012, testamos com os pescadores de Praia Grande, pois como trabalhávamos com eles desde 1998, já existia um diálogo muito bom. Se eu chegar hoje no Guarujá, por exemplo, eu não consigo um diálogo como esse, os pescadores acabam escondendo coisas que acontecem, eles têm medo de fiscalização, se colocaram a rede em um lugar irregular, por exemplo, não contam. Em Praia Grande é diferente, os pescadores abrem o jogo conosco, e esse diálogo é muito importante, assim como eles entenderem que o nosso trabalho não é para prejudicar o trabalho deles, pelo contrário, é para melhorar a produção pesqueira, melhorar o ecossistema, por isso Praia Grande é a nossa base experimental. Por fim, a rede de bário não funcionou para a espécie que estávamos testando, e na Argentina também não apresentou resultados satisfatórios.

Então o nosso trabalho de Educação Ambiental com os pescadores de Praia Grande começou em 1998 e segue até hoje. A instalação da nossa sala na Boutique do Peixe aconteceu em 2006 quando a Prefeitura cedeu esse espaço oficialmente para a gente. Costumamos fazer reuniões com os pescadores, levar o pessoal da Acqua para conversar com eles e fazer apresentações, para isso usamos o próprio espaço da peixaria, pois a sala é um espaço mais para o público em geral.

Iniciei meu contato com a Glória, como disse anteriormente, também em 1998. Nesse ano, mudei-me para Praia Grande para começar o projeto com os pescadores, porém como o iniciei sozinha, eu não tinha local para levar os animais e processar as amostras, enfim não conhecia nada na cidade, apenas como turista. Foi nesse momento que

a procurei e disse: “Glória, eu preciso de ajuda porque eu não tenho um local para processar material”, e ela ficou encantada, pois tinha a intenção de montar um museu marinho, porém não tinha material; eu tinha o material, mas não tinha onde deixá-lo, então nosso contato inicial foi muito relacionado a essa troca de materiais mesmo.

Eu levava os animais que morriam nas redes de pesca, a Glória e sua equipe processavam, faziam a taxidermia, o esqueleto e assim foram montando o museu. A Glória sempre me convidava para as atividades que eram desenvolvidas dentro da Escola de Educação Ambiental, inclusive foi ela quem conseguiu a nossa sala dentro da Boutique do Peixe. Ela batalhou junto com a gente na Prefeitura para que tivéssemos aquele espaço, pois nós trabalhávamos muito a Educação Ambiental com os pescadores, mas não com o público em geral. Nós até deixávamos banners expostos na Escola de Educação Ambiental, mas nós também queríamos atender o público, então a Glória batalhou muito para que nós conseguíssemos aquele espaço dentro da Boutique do Peixe para começar a apresentar essa problemática, ela foi uma peça fundamental para essa conquista.

Esse projeto também chegou às salas de aula de Praia Grande por intermédio da Glória, eu dei palestras dentro da Escola de Educação Ambiental. Com a Eliane também, há projetos da Eliane em que minha equipe vai ao Departamento, dá palestras, faz exposição, fazemos tudo juntos.

Em 2013, 2014, realizamos um grande projeto com os alunos de Praia Grande, trabalhamos o que a gente chamou de “Educação Ambiental Contínua” com as crianças das escolas. Foi um programa em que íamos até a escola e permanecíamos a semana inteira no local com uma sala de aula, trabalhando com aqueles alunos continuamente durante uma semana.

No primeiro dia, era uma palestra, no segundo dia, uma dinâmica sobre ecossistema, no terceiro dia, uma gincana; trabalhávamos com crianças do 5º ano, por isso várias atividades lúdicas ao longo da semana, sempre focando a temática da pesca. Desenvolvemos duas cartilhas de Educação Ambiental, uma voltada para o pescador e outra para crianças com idade entre 8 e 12 anos. Finalizávamos o projeto levando os alunos no último dia para conhecer uma comunidade pesqueira; eles chegavam, eram recebidos na Boutique do Peixe e dividíamos esses alunos em equipes. Uma equipe ficava na sala de Educação Ambiental, recebendo informações sobre os banners, sobre o material que estava ali; a outra equipe ia para a sala de pesquisa também na Boutique do Peixe, onde os estagiários trabalham, para observar o que é o trabalho de um biólogo, o que é pesquisa, as amostras, todo o material no freezer; e uma terceira equipe descia para a praia, conhecia os barcos, as redes, a história da pesca na região; essas crianças faziam esse circuito que depois terminava com uma grande gincana.

Quando levamos a primeira turma inclusive, um ônibus com 40 crianças, eu fiquei morrendo de medo e pensei: “esses pescadores vão morrer do coração quando essas crianças descem”. Então fui conversando com eles, falei que seriam em média 40 crianças, que tivessem paciência, pois eu achava que os pescadores ficariam incomodados com a presença dos alunos, mas aconteceu exatamente o contrário.

O pescador artesanal sempre esteve muito marginalizado na costa brasileira inteira, desde todo o processo de colonização, por isso quando aqueles pescadores viram as crianças interessadas, perguntando sobre o ofício deles, pegando na rede, questionando, eles se sentiram pela primeira vez, pararam o que estavam fazendo para responder a todas as crianças e mostrar-lhes tudo. Ficamos dois anos realizando esse projeto, atendemos diversos alunos do município de Praia Grande, no entanto, não foi restrito a alunos desse município, também atendemos alunos de Santos, Guarujá, Peruíbe, Mongaguá, todos conheceram os pescadores de Praia Grande.

É impressionante pensarmos que existam crianças que estão no 5º ano, moradoras de Santos, que nunca foram à praia; residem naquela zona portuária, estudam por ali e nunca tiveram a oportunidade de descer o canal e ir à praia. Então ficamos até comovidos com esse projeto por ver a falta de amparo, a falta ainda de mostrar a essas crianças que elas estão inseridas em um ecossistema.

Quando falamos de Educação Ambiental, falamos não somente de preservação das espécies, não somente dessa questão da conservação, mas tentamos mostrar para as pessoas que nós também somos um animal e que estamos inseridos em um ecossistema, e que precisamos conviver com esse ecossistema de uma maneira adequada, da mesma forma que vivemos de uma maneira adequada dentro da nossa casa, nós não jogamos o lixo no chão dentro de casa, por exemplo.

É preciso mostrar para essas crianças que elas estão inseridas em um ecossistema extremamente importante, que é o ecossistema costeiro, e que moram na beira de um estuário que é riquíssimo. Se hoje temos essa quantidade de alimento proveniente do mar, é graças ao manguezal, aos estuários, é esse ecossistema que leva os nutrientes para todo o oceano, e essas crianças não têm noção de onde estão morando.

Se havia crianças que não conheciam o mar, imagina um barco ou a própria atividade pesqueira, elas nunca tinham visto uma rede de pesca. Então nesses dois anos foi muito gratificante levar essas crianças e mostrar, trabalhar essa questão do ecossistema, da pesca, pois isso também resgata a cultura caiçara, que muitas vezes acaba esquecida por conta de toda a especulação imobiliária, de tudo o que acontece no litoral. Nós acabamos nos esquecendo que eles foram os primeiros nessa região, isso é importante.

Os pescadores estão espalhados por toda a costa do Litoral Paulista. Em Praia Grande, existem dois polos concentrados, organizados pela própria Prefeitura, que deu a base, construiu o mercado na Boutique, no Canto do Forte, e o mercado no bairro Ocian, organizando a vida desses pescadores, pois antes eles vendiam pescado em barracas de madeira na praia, além disso, existem alguns outros pescadores espalhados pelo município, nos bairros Guilhermina e Aviação, por exemplo, há mais dois ou três, que não vendem na praia, mas pescam, desembarcam ali, tiram o barco e vão embora com o barco. Em Mongaguá, não há área de concentração de pesca, mas pescadores espalhados ao longo da costa e, em Itanhaém, há uma concentração na Praia dos Pescadores.

A realidade da pesca artesanal em toda a costa de São Paulo, Paraná e Santa Catarina é o pescador artesanal isolado ou, quando muito, pequenas comunidades de até quatro pescadores. E a grande dificuldade de trabalhar com eles é essa porque eles estão separados, por isso você não consegue. No entanto, se você vai trabalhar com a pesca industrial, você chega ao TPPS em Santos, o Terminal Pesqueiro de Santos, e sabe o dia e a hora que a embarcação chegará, todas as embarcações chegam ali com agenda, com horário, inclusive há rádios para comunicação.

No momento, não estamos fazendo esse monitoramento, mas já monitoramos a frota industrial. Era praticamente por telefone, ligavam e falavam: “estamos chegando”, então nós íamos para lá.

O pescador artesanal, por outro lado, não tem hora para sair, não tem hora para entrar, não tem um local fixo, então para monitorarmos esses pescadores, precisamos de esforço humano. Eu preciso ter duas ou três equipes diariamente dentro de um carro percorrendo a praia para encontrar esses pescadores e questioná-los sobre como está a pesca, entregar-lhes material informativo, avisar quando começa o defeso, entre outros. Esse trabalho de conscientização, educação e monitoramento da pesca é um trabalho dispendioso em relação a esforço humano, pois encontrá-los é muito difícil, eles não têm horário, pescam quando querem, na hora que querem, então você não consegue encontrá-los, essa é a dificuldade.

Com relação à Educação Ambiental nas escolas, no momento, por falta de recurso financeiro não estamos mais realizando o projeto “Educação Ambiental Continuada”, em que atuamos na sala de aula, e nem temos previsão para a sua continuidade. Estamos realizando o que chamamos de PAS, Programa de Sensibilização Ambiental, em que levamos uma exposição móvel do Biopesca, como a que fica dentro da Boutique do Peixe, temos um furgão para levar essa duplicata, junto da equipe que realiza ações pontuais em um único dia, e não mais uma semana inteira; levamos a exposição para a escola, damos a palestra e explicamos a exposição.

Em Praia Grande, então, eu tive a oportunidade de ampliar meus horizontes em relação à Educação Ambiental. Eu mudei para a cidade em 1998 e em 2002 comecei a lecionar no Centro Universitário Monte Serrat em Santos, daí comecei a frequentar muito essa cidade, antes eu ficava apenas na Praia Grande. Depois comecei a frequentar São Vicente, a Secretaria de Educação de São Vicente, a Secretaria de Educação de Santos, a do Guarujá, de Bertioga também, e nenhuma, nenhum outro município tinha naquela época um departamento ou secretaria especial para trabalhar a questão da Educação Ambiental, logo, Praia Grande foi extremamente pioneira nisso.

Acredito que a ideia talvez tenha sido da Glória, não tenho certeza disso, mas quem teve essa ideia de trabalhar a questão ambiental no município antecipou-se inclusive à Lei Federal da Educação Ambiental; cerca de dois anos antes, começamos a fazer Educação Ambiental no município de Praia Grande, antes mesmo de o Governo Federal se preocupar com essa questão.

Então o trabalho de Educação Ambiental é diferenciado na cidade, até hoje o único município da Baixada Santista

que eu conheço que tem um setor preocupado com Educação Ambiental é Praia Grande, em que todas as crianças da rede pública de ensino têm dentro da sua grade horária de ensino uma visita ao Departamento de Educação Ambiental. Bertioga há dois anos está começando, mas Praia Grande já realiza esse trabalho há bastante tempo.

Desse modo, Praia Grande está à frente em relação à questão da Educação Ambiental, o município tem uma vocação ecológica, ambiental, que deve ser trabalhada cada vez mais. A cidade possui áreas verdes que precisam ser mais exploradas no sentido da Educação Ambiental, do ecoturismo, áreas extremamente ricas do município que realmente precisam ser exploradas dessa maneira.

Eu nasci em São Vicente, nossa cidade vizinha, onde morei por pouquíssimo tempo, eu me conheço praiagrandense desde sempre. Minha vida, tanto profissional quanto familiar, se formou aqui em Praia Grande, casei-me em Santos e regressei para o município. Sou formada em Magistério e em Pedagogia e fiz pós-graduação em Educação Ambiental também aqui em Praia Grande.

Eu iniciei minha carreira na educação de Praia Grande no ano de 1992. Comecei trabalhando com Educação Infantil, Recreação, e nós já trabalhávamos a questão da reciclagem. Na época, nós tínhamos a chamada sucateca nas creches, e eu adorava porque podia resgatar os brinquedos populares, além de sempre gostar muito de trabalhar a natureza junto com a reciclagem.

Naquele período em que eu trabalhava na creche, eu não sabia o que era Educação Ambiental, não tinha consciência desse conceito de reaproveitamento e reuso, eu trabalhava espontaneamente com os materiais, as embalagens, eu adorava. A Educação Infantil é muito rica no se que refere à imaginação, e eu trabalhava muito isso com eles porque eles gostavam de manipular as embalagens, que são muito coloridas, sempre plásticas; e o plástico inclusive é um material que não traz perigo algum para as crianças, é colorido, possui formas diferentes, como as embalagens de shampoo, então eu trabalhava muito essa questão e percebia que eles adoravam.

Fazíamos o faz de conta desde o Berçário II, com crianças de dois anos e meio até seis anos, e eu fui desenvolvendo esse trabalho nas creches, fui evoluindo. Nas Semanas de Educação, nós sempre expúnhamos esses trabalhos, eles faziam muito sucesso na época, e a rede foi absorvendo essa prática, nesse momento então que eu descobri que fazia Educação Ambiental.

Na época, todo mundo falava em reciclagem, mas na verdade não era reciclagem, e sim reaproveitamento de materiais, transformar os materiais em brinquedos. Nós fizemos várias oficinas também, transformando embalagens em brinquedos, e esse trabalho foi adquirindo muita força na rede municipal de ensino.

Muitas coisas nós acabamos realizando a partir da nossa vivência porque eu trouxe isso da minha experiência de vida. Quando eu era criança, eu não tinha brinquedos, nós brincávamos com o que havia na natureza e com embalagens, as poucas que existiam na época, e eu também aprendi isso em casa com os meus irmãos, daí a gente acaba levando para a escola, para a creche porque na creche nós temos que usar a criatividade o tempo todo, muita ação e muita brincadeira.

Eu trabalhava na Escola Maria da Costa Carvalho, no bairro Solemar, mas ela foi extinta, construiu-se a Escola Sérgio Dias naquele mesmo bairro. Eu trabalhei sete anos com creche, sempre nessa linha da recreação, com muita brincadeira, muito faz de conta, muita historinha. Eu assistia muito à TV Cultura, e na época havia aquela caixinha no programa Hora da História, que de dentro saíam diversas coisas, e eu contava as histórias assim, tirava as coisas da caixinha, mas o que havia na caixinha? Muitas tampas coloridas, coisas coloridas de reaproveitamento, e cada

tampinha, cada embalagem era um boneco que se transformava em personagem, sem cara, sem nada, era apenas a embalagem, e a criança ficava vidrada. Eu contava o que quisesse, o que eu queria conversar com as crianças eu conversava por meio das embalagens.

Tudo isso acabou se tornando um projeto que foi disponibilizado para toda a rede. Nós apresentávamos esse projeto nas Semanas de Educação, para os atendentes de creche. Foi um trabalho de bastante destaque, tornou-se famoso, e as creches passaram a seguir bastante essa linha.

Acredito que tenha sido esse trabalho que fez com que eu me envolvesse com os projetos da Escola de Educação Ambiental, a Glória Bruno me descobriu trabalhando assim, tivemos muita afinidade, e ela me convidou para trabalhar na Educação Ambiental com a Educação Infantil.

Na época da fundação, lembro-me que trabalhavam apenas biólogos na Educação Ambiental, o Paulo Ferreira de Moraes, que é muito conhecido em Praia Grande, e a Iracema Vigliar, uma superbióloga. A equipe então era composta essencialmente de biólogos, mas necessitava de uma dimensão pedagógica no infantil porque a maioria da rede ainda era formada por Educação Infantil.

Eu aprendi muito com os três, pois a equipe era formada por Glória Bruno, Paulo e Iracema. Tudo o que eu sei, a minha formação, a minha base teórica, foi aprendida com eles. Eu não sabia nada, eu era professora de Educação Infantil e brincava muito com os alunos, eu entendia de criança e seu desenvolvimento, o que eu sabia sobre a parte biológica e ambiental era a minha vivência. Eu fui criada no mato, na Mata Atlântica, a minha casinha era o mato, mas com eles eu tive todo o embasamento teórico, eu cresci muito profissionalmente com eles, e como eu tinha uma linguagem mais próxima da linguagem das crianças, comecei a desenvolver o “Projeto Semeando Vida”, que era direcionado para as crianças do infantil.

Eu fui convidada para trabalhar na Educação Ambiental no ano 2000, eu ingressei junto com a Sandra Pires, professora que ajudou a escrever os vários livrinhos, as cartilhas da Educação Ambiental; nós levávamos os materiais e ela escrevia. Na época, a Escola de Educação Ambiental era na casinha onde hoje é o Navega São Paulo.

Nossa! Aquela casinha era encantada, era mágica, fazíamos mágica ali dentro; as crianças, todos que entravam se encantavam. Por ser de madeira, ambientávamos com muitas plantas, com sons da natureza, cheirinhos, trabalhávamos muito os cinco sentidos com as crianças, o olfato, a visão, trabalhávamos muito o tato com eles, e lá era uma casinha encantada, parecia aquela casinha da floresta. As crianças chegavam e ficavam encantadas ali dentro, era mesmo um encantamento o que nós fazíamos com eles.

Acredito que a Educação Ambiental seja encantar, você só consegue transformar a visão de mundo e mudar as atitudes das pessoas quando você encanta, quando você toca na alma mesmo, e ali nós conseguíamos tocar na alma

das crianças, dos professores, todo mundo saía encantado, eles diziam: “eu vou fazer, eu vou fazer”, e levavam as ideias para continuar trabalhando nas escolas. Havia pessoas que não acreditavam que pudesse haver transformação em apenas um encontro, mas havia uma transformação sim.

Como a equipe passou a ser formada por dois biólogos, três com a coordenação, e duas professoras de Educação Infantil, para a elaboração dos projetos, os biólogos inicialmente realizavam uma espécie de capacitação. Nós tínhamos reuniões em que eles levavam todas as informações sobre os ecossistemas, a parte biológica, os animais, as plantas, instruíam-nos em relação ao laboratório, e depois nós dávamos aula para eles, era como se traduzíssemos para a linguagem das crianças, nós transformávamos as aulas deles em materiais pedagógicos, fazíamos painéis, cartazes, e treinávamos bastante para ter o aval deles e poder começar a receber a rede municipal.

Nesse período, eram os alunos que vinham até a Educação Ambiental. Os projetos eram direcionados de acordo com a faixa etária dos alunos, o nível escolar. Para que todos os alunos passassem por aqui, de 1ª a 4ª série, que agora é 5º ano, se eu bem me lembro, nós tínhamos cinco projetos na época, então cada faixa etária passava por um, assim quando terminassem o ciclo do ensino fundamental, todos teriam passado por todos os projetos da Educação Ambiental.

Os projetos eram desenvolvidos nas salas ambientes que nós montávamos e também no laboratório, nós sempre trabalhávamos em todas as aulas a teoria e a prática, em todos os projetos, a prática era a vivência no ambiente. No “Projeto Amar o Mar”, que depois se tornou “Projeto Praia Mar”, por exemplo, que era desenvolvido na escolinha de Educação Ambiental lá na casinha e que continuou aqui também no novo espaço, os alunos passavam pelo laboratório para ver um plâncton, e era encantador porque o plâncton era o grande mistério: o que é plâncton? Na época, nunca se tinha ouvido falar em plâncton, hoje em dia é normal, está até no desenho Bob Esponja; mas naquele momento eles ficavam encantados de ver no microscópio. O primeiro microscópio da rede municipal, inclusive, foi dado aqui para a Educação Ambiental, depois, com o tempo, foram comprados laboratórios científicos com microscópios para todas as escolas. Na época, foi um projeto pioneiro.

Então eles viam os plânctons, um acervo enorme de animais marinhos, com moluscos, peixes, mamíferos, eles estudavam todos eles. Tudo isso era desenvolvido no laboratório. Havia um aquário vivo e eles pegavam na mão, tinha muita vida, eles estudavam tudo de pertinho. Iniciávamos com uma aula teórica e depois levávamos os alunos à praia para vivenciar, identificar os animais que conseguíamos achar e retirar o lixo que havia no ambiente porque era necessária a prática de preservação, de limpeza, tem que amar, e nós dizíamos assim: “você têm que amar o ambiente, nós dependemos dele para sobreviver”. Eles estudavam e ainda tinham a missão de limpar, de deixar mais limpo do que haviam encontrado, de tentar resgatar algumas vidas e preservar aquilo que nós ainda tínhamos. Nós falávamos: “a missão de vocês hoje é salvar o planeta, salvar o ambiente marinho para a gente sobreviver, a gente tem que sobreviver”, nós mexíamos muito com a emoção.

Nós também fazíamos um acompanhamento desses projetos no ambiente escolar. Havia os educadores ambientais que visitavam as escolas, às vezes, faziam questionários, davam palestras. Anualmente, havia um calendário de datas ecológicas importantes e visitas para saber se algum projeto estava sendo desenvolvido na escola e qual era o projeto. Além disso, o Projeto Político Pedagógico da escola deveria conter um projeto ambiental, toda escola tinha um projeto ambiental, e nós acompanhávamos e capacitávamos os professores também. Eles vinham aqui buscar materiais emprestados, e sempre que eles precisavam, nós íamos até a escola dar uma reforçada. Às vezes, pediam palestras, opinião, ajuda para montagem, faziam mostras de Ciências, Educação Ambiental, então havia um acompanhamento anual, até mesmo mensal, acho que dava para fazermos.

Havia os projetos da horta também. Aqui era o carro-chefe, e era de onde saíam as mudinhas e a terra para as escolas, e além de trabalharmos aqui, nós acompanhávamos na escola dando suporte e assessoria para eles.

A mudança da casinha para esse novo espaço foi grande, muito grande. Nós ficamos com medo de perder o encantamento porque lá era aquela casinha, como se fosse a casinha de chocolate da floresta, que encantava; deu um medinho, deu medo de perder o encantamento, mas, pelo contrário, não se perdeu, ampliou-se. Passamos a ter um laboratório grande, lá só tínhamos uma salinha, um museu enorme com um acervo bem maior, a iluminação aumentou, melhorou bastante; então tudo se ampliou, o trabalho aumentou bastante, e foi necessário aumentar bastante a equipe, a equipe era pequenininha.

Os professores eram chamados por afinidade pelo trabalho. Não dava para simplesmente ter uma formação e vir para cá, era preciso afinidade com o trabalho em si porque muita gente tem formação, mas não é todo mundo que tem afinidade, que tem esse encantamento, que chega e acredita de verdade, respeita e ama. Então a equipe foi composta assim, não precisava ser somente biólogos, podia ser biólogo, pedagogo, geógrafo, qualquer formação referente às coisas da natureza, até a pedagogia, porque o importante é encantar, é passar a mensagem, é seduzir, nós falávamos assim: “operação sedução”, nós tínhamos que seduzir o nosso público, o nosso público tinha que se encantar e levar adiante essa mensagem.

Havia uma observação dos professores que já desenvolviam um trabalho nessa temática ambiental nas escolas, e era por esse trabalho que os professores eram convidados para vir para cá, não precisava necessariamente de uma formação em Educação Ambiental, bastava ser professor. O professor é um educador, e para ser um educador ambiental, ele precisa se envolver com o meio ambiente, precisa sentir, acreditar e amar. Contudo, nós sentíamos a necessidade de buscar essa formação.

Nós nunca ficávamos parados, fazíamos cursos de capacitação o ano inteiro, sempre buscando aprimorar os nossos conhecimentos, as nossas técnicas. Nós nunca ficamos parados no tempo, estávamos sempre nos atualizando, sempre buscando coisas novas em relação ao trabalho e de preferência de custo baixo, custo zero porque nós sabemos que além de você trabalhar a questão ambiental, você não pode trazer mais custos e gerar mais lixo, não pode produzir

coisas que serão inúteis, então nós temos que trabalhar com a natureza, diminuir o lixo, recuperar as coisas, e nós trabalhávamos muito os 5 Rs, os Rs.

Geralmente, falavam-se 3 Rs, aqui nós falávamos 5 Rs. Em primeiro lugar, repensar os seus hábitos de consumo e descarte, repensar as suas atitudes; depois, recuperar ao máximo tudo o que você tem para ser recuperado; reutilizar, como as embalagens, transformar em coisas novas, em objetos úteis e não em coisas que virarão lixo de novo, como os pneus, que estão aí até hoje, não virarão lixo nunca, estão sempre sendo reusados; restaurar, e por fim, reciclar. Há muitos anos a reciclagem ficava muito confusa, o que é reciclar?

Reciclar não é reutilizar. Reutilizar é você pegar um copo de requeijão e reutilizá-lo, pegar uma garrafa de vidro e reutilizá-la com água, como um vaso. Reutilizar: dar uma nova função para aquela embalagem, prolongar o tempo de uso dessa embalagem para não virar lixo e não aumentar o lixo no planeta; então você reutiliza ao máximo as embalagens para dar a ela uma vida útil mais longa e diminuir a questão do lixo. A reciclagem, por outro lado, é você devolver para a indústria para que ela volte a ser uma nova embalagem.

Esses conceitos até hoje ainda não são muito entendidos, todo mundo pensa: “vamos fazer uma oficina de reciclagem, vamos fazer vasilhinhos”, mas não é. Quando você pega uma embalagem e a transforma em outro objeto, você está transformando aquela embalagem em um objeto útil, mas você não está reciclando. Se você jogar cola ou tinta naquela embalagem, depois ela se tornará lixo, ela não servirá mais para a reciclagem. Então é muito perigoso você achar que está reciclando quando na verdade não está, você está transformando em lixo no final.

Então, gradativamente, a equipe que era composta por dois biólogos foi crescendo, e passaram a integrá-la professores de outras áreas, que com cursos, receberam a denominação de educadores ambientais, mas os biólogos nunca deixaram de fazer parte da equipe. Eles são supernecessários, importantes e fundamentais, nós educadores precisamos deles porque eles são os nossos cientistas. Eles são aqueles que pesquisam, trazem a fundamentação, trazem toda a bagagem teórica importantíssima, pois o que nós não sabemos nós perguntamos para eles, por exemplo, em relação a um animalzinho: “apareceu um animalzinho aqui, que animal é esse? De onde ele veio? O que ele come? Do que ele precisa?”, aí entra o biólogo, ele está ali para salvar vidas, a vida dos animais, das plantas porque ele tem todos os conhecimentos como os médicos, os biólogos são os médicos da natureza e eles são fundamentais, eles são necessários.

Não dá para pensar em Educação Ambiental sem ter um profissional da Biologia, pois nós recorremos a eles a todo o tempo, toda novidade que aparece: “Cadê o biólogo? Chama o biólogo para nos ajudar a desvendar o mistério”.

Eu fiquei 12 anos no Departamento de Educação Ambiental, a minha carreira profissional se constituiu nesse período, toda a minha bagagem. O que eu sou hoje profissionalmente eu devo à Educação Ambiental, pois eu cresci, eu amadureci, eu trabalhei aqui com todo esse embasamento teórico com sustentação, com firmeza, não foi

dando um tiro no escuro, fazendo experiências malucas. Aqui, nós tivemos uma bagagem muito, muito forte, muito importante, a minha carreira profissional, a sensibilidade, a questão de preservação e de cuidar do outro porque a Educação Ambiental nós começamos por nós mesmos, cuidando do nosso próprio ambiente. Qual o primeiro ambiente a ser cuidado? Seu corpo, o seu eu, para você cuidar do outro, você precisa cuidar de si mesmo, você precisa ter saúde, você precisa ter alegria de viver, então a Educação Ambiental me deu todo esse suporte, a minha carreira profissional foi realizada aqui.

Em relação ao contexto nacional, o trabalho com a Educação Ambiental de 12 anos atrás e hoje é muito diferente. Hoje a Educação Ambiental é transversal, ela tem que acontecer diariamente nas escolas, isso está muito mais claro para os educadores, não é mais novidade. No entanto, se fizermos uma pesquisa e questionarmos: “Vocês estão fazendo Educação Ambiental?”, as respostas serão: “Fazemos trabalhos pontuais”. Os trabalhos pontuais não são Educação Ambiental, Educação Ambiental é todo dia, toda hora, é um processo, pois você tem que cuidar da água, você tem que cuidar da energia, você cuida do lixo, do ambiente dentro da sala de aula, fora da sala de aula.

A Educação Ambiental começa pelo respeito, pelos valores, e trabalhar valores na escola é fundamental, então Educação Ambiental é a base mesmo da educação, e foi esse caminho que a minha carreira percorreu, toda essa bagagem, essa sensibilidade, trabalhar o ser humano, fazer com que ele sinta a alegria de viver, sensibilize-se com um pássaro, com uma flor, com uma borboleta, com uma formiga, desvie de um caminho de formiga para não pisar.

Agora estou trabalhando no CRAS, os adolescentes não têm esses conceitos, mas comigo têm porque eles não vão esmagar um grilo, não vão pisar, vão pular.

Meu nome é Cristiane Evaristo Araújo, sou formada em Magistério pelo Liceu São Paulo e em Pedagogia. Entrei na Prefeitura no ano de 1996, nessa época, as professoras que tinham Pedagogia o cargo era PII¹, eu sou uma das poucas com esse cargo. Trabalhei na Educação Infantil e Fundamental até o ano de 2001 e, em 2002, fui para a Educação Ambiental onde permaneci até 2012, após isto, fui para a direção da Escola de Complementação Educacional 19 de Janeiro, hoje, atuo como professora nessa mesma escola.

Fui convidada pela Glória, na época coordenadora, para atuar no Departamento de Educação Ambiental, nessa época só havia professores PIII² atuando na Educação Ambiental, e ela achava que eram muito técnicos; através de algumas avaliações e sondagens com as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da Rede Municipal, ela percebeu que o linguajar não era muito adequado, foi então que ela resolveu trazer professores PI para uma linguagem mais próxima da linguagem das crianças.

A partir daí, nós tínhamos os biólogos, que passavam todos os conteúdos e as referências para estudarmos, a gente quase se tornou um “biólogo”. Quando surgia alguma dúvida nas aulas, algum questionamento, consultávamos o biólogo de “plantão”, com o tempo, tornou-se algo tão normal, que parecia que vinha de dentro da gente, aquela “coisa” nascia que já dávamos a resposta certa.

A Glória teve essa preocupação em aproximar o olhar mais técnico do professor III com um olhar pedagógico, mais próximo das crianças.

Quanto aos projetos desenvolvidos, o que é interessante é que a rede ainda era pequena, a intenção era que todas as crianças da Rede Municipal passassem por todos os projetos, ano a ano.

As crianças da pré-escola iniciavam no “**Projeto Semeando Vida**”, no qual elas viam as plantinhas, abraçavam a árvore, o contato com a natureza, de plantar, de ver a formiguinha no seu ambiente natural, a aranha. No ano seguinte, estas mesmas crianças, já no primeiro ano, retornariam para o “**Projeto Viajando pelo Mundo da Reciclagem**”, no qual aprendiam sobre as questões do lixo, o descarte, a reciclagem, íamos até o “Lixão”³, antigamente era um vazadouro, parávamos o ônibus em frente, mostrávamos para as crianças e falávamos da COOPERVIDA⁴, que tem no município.

Para os alunos do segundo ano era apresentado o “**Projeto Praiamar**”, levávamos as crianças à praia, ao mar, com o objetivo de valorizar este ambiente que sempre vamos a passeio e mudar um pouco o olhar para a preservação deste

1. PII – Professor da Rede Municipal de Ensino, que atuava na Educação Infantil, com formação em magistério e Ensino Superior antes da aprovação da LDB em 1996.

2. PIII – Professor Especialista.

3. O “Lixão” foi desativo pela Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Praia Grande no ano de 2003 sendo substituído pela área de Transbordo.

4. COOPERVIDA: Cooperativa de Coletores e Recicladores de Materiais Orgânicos e Inorgânicos Nova Vida.

maravilhoso ambiente do nosso município.

No terceiro ano, os alunos passavam pelo “**Projeto Viajando pelo Mundo das Águas**”, em que eram abordadas as questões da economia da água e até mesmo a questão da Dengue. Também para esta série havia o “**Projeto Mata Atlântica**”, íamos à Fortaleza de Itaipú⁵, fazíamos a trilha e tínhamos o contato com a natureza.

Para a quarta série vinha o “**Projeto Manguezal**”, desenvolvido aqui mesmo, onde fica situada a escola, o Departamento de Educação Ambiental, o que era muito bacana era a vivência que fazíamos com o barco.

Os projetos eram desenvolvidos assim: iniciava na pré-escola com o Semeando Vida e atendia um cronograma de projetos para as séries no sentido de dar continuidade nos anos seguintes. Com o crescimento da Rede Municipal de Ensino, não foi mais possível esse tipo de atendimento, a cidade cresceu demais e por isso ficou a cargo das escolas optarem por qual projeto passar.

Em todos os projetos do Departamento de Educação Ambiental, a SEDUC destinava um ônibus para o transporte dos alunos.

Como metodologia, havia sempre uma parte teórica, ou com atividades lúdicas ou explanação, na época utilizávamos retroprojektor. Após a parte teórica, saíamos a campo, ou na praia ou mesmo aqui, no manguezal. Não era aqui, nesta unidade, era na casinha de madeira, me deixa ver se me recordo, acho que foi em 2007 ou 2008 que viemos para esta unidade. Pude participar da construção desta unidade, até da planta tive o prazer de participar, de falar: “Não! Isto fica melhor assim”.

No manguezal, a parte prática era de barco, houve épocas em que íamos até para o lado de São Vicente, para mostrar as diferenças do manguezal de São Vicente, as palafitas e a preservação do manguezal de São Vicente e do manguezal de Praia Grande.

Essa vivência foi desenvolvida desde o ano de 2002, sempre, o tempo todo. Ficamos sem barco por um intervalo bem pequeno, mas mesmo assim o projeto foi desenvolvido, mostrávamos o manguezal a pé, aqui próximo, mas na maioria das vezes era de barco, e eu, sempre junto.

Quando foi inaugurada a sede nova do Departamento de Educação Ambiental, eu estava atuando mais no administrativo, como ATP [Assistente Técnica Pedagógica], eu ajudava a Glória no administrativo e no pedagógico da escola.

5. Fortaleza de Itaipú – Construída em 1909, com a finalidade de defender a entrada do Porto de Santos em substituição à Fortaleza de Santo Amaro, composto pelos Fortes Duque de Caxias, Jurubatuba e General Rego Barros.

O prédio antigo era uma casinha linda! Casinha pré-moldada, onde hoje funciona o Navega⁶, tinha uma sala onde ficavam expostos os materiais taxidermizados e em vidros, em outra sala, funcionava o administrativo e, em outra, a coordenação e uma sala de aula. Era bem pequenininha, mas era um lugar muito gostoso. Ao lado, havia uma estufa, onde começamos uma horta.

Não lembro se no ano de 2005 ou 2006, iniciamos o “**Projeto Viva Bem a Vida**” que atendia as crianças das nove escolas do município de Complementação Educacional. As crianças faziam inscrição e vinham até a nossa unidade uma vez por semana, duas escolas a cada dia da semana, havia professores destinados a este projeto, enquanto os outros aconteciam paralelamente.

Neste projeto específico, com duração de um ano, as crianças recebiam certificados de Ambientalistas Mirins.

Antes de atuar na Educação Ambiental, em 1996, como eu disse, eu dava aulas para a pré-escola, que participava do Projeto Semeando Vida, que era muito bem-aceito. Vínhamos para cá, havia o contato com a natureza. Os professores eram os biólogos, e mesmo com uma linguagem mais técnica, era encantador. Depois, modéstia a parte, como dizia a Glória, os professores vieram para encantar, com uma linguagem mais próxima das crianças.

Era muito bom, tinha continuidade porque não era somente uma passagem pela coordenação, pelo Departamento de Educação Ambiental, havia uma sondagem que era aplicada sempre que as crianças chegavam para saber o desenvolvimento da criança, qual o conhecimento que se tinha sobre o assunto que seria abordado. Para os pequeninos era realizado por meio de desenho, para os outros, aplicávamos uma atividade mais alternativa. Ao término do projeto, era realizada uma nova sondagem para avaliar o conhecimento adquirido. Para a continuidade do projeto nas escolas, os professores recebiam material de apoio. Eu, como professora, recebi este material de apoio para usar na escola.

A escola gostava tanto deste projeto, que fazíamos questão de colocá-lo no planejamento, fazíamos questão de participar.

Com o tempo, o material de apoio foi se aprimorando, foram elaboradas as cartilhas como material didático, com todos os projetos que citei, menos o Semeando Vida. Tem a cartilha da água, do lixo, da Mata Atlântica, do Manguezal, a primeira foi sobre o Manguezal. Essas cartilhas eram voltadas para o aluno e para o professor, na do professor com sugestões de atividades para o uso em sala de aula, e também foram distribuídas em todas as bibliotecas das escolas e da cidade.

6. Projeto Navega São Paulo – Desenvolvido pelas Secretarias de Esporte, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo (SELT) e de Saneamento e Energia, esse projeto socioesportivo é patrocinado pela Sabesp e copatrocinado pela Cesp e Imesp por meio da Lei de Incentivo ao Esporte (do Ministério do Esporte). O objetivo é formar atletas e servir também como uma ferramenta de inclusão social.

O município produziu as cartilhas e, geralmente, o lançamento era realizado na Semana do Meio Ambiente, fazíamos sempre algo grandioso, com palestras, para a apresentação deste material.

Com a mudança da sede, juntamente com o crescimento do município, foram necessários novos professores, e eu passei a dar apoio a estes professores, as atividades passaram a acontecer paralelamente, aqui e nas escolas, os ônibus com as crianças continuavam a chegar para os projetos, e levávamos as palestras e oficinas para as escolas, então, um grupo de professores atuava aqui e outro grupo nas escolas. Eu passei a cuidar dos agendamentos das escolas ao mesmo tempo em que orientava as escolas quanto aos projetos mais interessantes para elas, passei também a atuar como suplente da Glória em algumas comissões, como no Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista – CBHBS⁷, como conselheira do Parque Xixová-Japuí, fiz parte do Plano de Manejo do Parque Xixová-Japuí e também do CONDEMA, aqui do município.

Não posso deixar de falar da grande oportunidade que foi a de fazer muitos cursos, um leque se abriu, meu mundo e de outras professoras, saímos de uma visão limitada e, quando viemos trabalhar aqui, abriram-se os horizontes com os cursos de aperfeiçoamento, que fazíamos ou por nossa conta ou por incentivo da coordenação.

Quando novos professores chegavam, íamos a campo, para um melhor conhecimento dos locais do município onde pudéssemos trabalhar, como para a cachoeira do Guariúma.

Fizemos vários cursos em vários locais e, quando falávamos da estrutura que tínhamos, mesmo quando era na “casinha”, todos se admiravam, isto demonstra que em questão de Educação Ambiental estamos “na frente” já há algum tempo. Quando levávamos o nome da Educação Ambiental para qualquer lugar que íamos, em um Fórum, em um encontro, sempre que nos apresentávamos e mostrávamos a nossa forma de trabalhar, ninguém acreditava. Muitos professores, coordenadores de outros municípios vieram conhecer o nosso “cantinho”.

O Departamento de Educação Ambiental, aqui em Praia Grande, é um órgão da Secretaria de Educação, e isto é o que o difere de outros locais, que, em sua maioria, é ligado à Secretaria do Meio Ambiente. Acredito que estar ligado à Secretaria de Educação contribuiu para este potencial, para sermos o que somos hoje.

7. O Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista foi criado pela Lei 9.034 de 27/12/94 – com fundamento no Artigo 19 e seguintes do Estatuto. Tem sua área de atuação nos municípios de Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente, os quais formam a Região Metropolitana da Baixada Santista e possuem, em conjunto, uma área de 2.422,776 Km² e uma área de drenagem que atinge 2.887 Km². A população fixa da região é de 1.678.513 habitantes, segundo o IBGE (2010), porém, na temporada de verão, pode alcançar cerca de 3.000.000 de pessoas. Os principais rios da bacia são: Cubatão, Mogi e Quilombo na área central; Itapanhaú, Itatinga e Guaratuba ao norte; Itanhaém, Branco e Preto ao sul. Os municípios litorâneos formam uma faixa de 162 quilômetros de praias entre Peruíbe e Bertioga e têm, em seu território, cerca de 120 Km² de manguezais ainda preservados.
<http://www.sigrh.sp.gov.br/cbhbs/apresentacao>

Na época que atuei como diretora de escola, pude perceber o efeito do trabalho realizado pela Educação Ambiental, ainda tinha o curso de “Ambientalista Mirim” para crianças de sete a quatorze anos, as diretoras comentavam:

-“Sabe aquele terrível da escola, vou mandar para vocês”, e eles realmente vinham, participavam das atividades, colaboravam e levavam para a escola. Havia o projeto “Educação Ambiental em Ação na Escola”, os professores desenvolviam as atividades no Departamento de Educação Ambiental e depois tinham que entrar em ação na escola, foi bem interessante, as crianças acabavam sentindo-se ambientalistas mirins e, na escola, queriam fazer a diferença com ações relacionadas ao meio ambiente, por isso acredito que os projetos surtiam efeito na vida deles.

Não ficamos apenas aqui, no nosso mundinho, o Departamento de Educação Ambiental nos possibilitou conhecer outras realidades e contribuir com a nossa experiência e aprender com outros municípios e, quanto a participar, por exemplo, de um plano de manejo em um parque situado aqui, em nossa cidade, foi superimportante, pois fazemos parte da história e pudemos contribuir.

Participamos também da **REABES** – Rede de Ambientalistas da Baixada Santista, sempre trocando, vendo acontecimentos ligados à Educação Ambiental na Baixada Santista, não sei como está agora, mas íamos sempre às reuniões, que na época eram realizadas em cada município, onde conhecíamos um pouco de cada cidade, pois, às vezes, moramos ao lado e não conhecemos, aqui mostramos o nosso manguezal, a Mata Atlântica, um pouco do nosso município.

Nessas reuniões, o foco era a questão ambiental, como contribuir para melhorar esta questão, e participavam professores, núcleos de algumas cidades, de parques, do Jardim Botânico da cidade de Santos, da Prefeitura de Santos, Mongaguá, Itanhaém etc.

Comunicávamo-nos muito por meio da Internet, e-mail, e... Não me recordo; uma vez por mês nos reuníamos, sempre com um evento ligado ao meio ambiente.

Nessas reuniões, discutíamos questões como o Plano de Manejo, antes deste plano ninguém podia utilizar o parque, não havia um acesso legal, nesse sentido, foi estruturado para que as pessoas pudessem ter acesso. Hoje, há uma guarita, para o combate às invasões, trilhas. Também atuamos para intervir na prática de fogueiras e churrasco na praia.

No Parque Xixová-Japuí⁸, no lado do município de São Vicente, na Praia de Paranapoã, há índios, não podíamos interferir, mas está preservada, é deles, e a parte do parque localizada em nosso município é onde se encontra a Fortaleza de Itaipú, é o local mais preservado, e isso é um grande privilégio.

Das ações diretas nesse Plano de Manejo do Parque, houve o plantio do palmito-juçara, na Semana do Meio Ambiente, uma ação de preservação realizada pelo Projeto Viva Bem a Vida.

Quando fui para a direção de uma escola de Complementação Educacional, a minha experiência no Departamento fez com que eu pudesse levar a Educação Ambiental para a escola, por meio do Projeto Político Pedagógico, e atuar em parceria com o Departamento.

Atualmente, como professora de Valores desta mesma escola, continuo trabalhando a questão ambiental, tanto que o projeto do PPP da escola chama-se “Eu, o outro e o meio ambiente”, um projeto que adaptei da Educação Ambiental.

Hoje, vejo que com o crescimento da Rede Municipal de Ensino, as ações passaram por transformações, mas os novos professores, os sucessores, continuam com a mesma linha de trabalho, que continua bacana, não morreu, ao contrário, parece que vejo a Educação Ambiental mais valorizada, porque às vezes parecia que não víamos o nosso trabalho, porque é um trabalho de formiguinha, tem que haver muita insistência.

Agora a visibilidade é maior, parece que cresceu, ampliou.

Uma lembrança que me emociona, foi a de um momento muito especial, quando fomos a uma aldeia indígena, no município de Itanhaém, com as crianças do projeto Viva Bem a Vida, estou em dúvida se em Itanhaém ou Peruíbe, porque são próximas. Escolhemos uma escola onde a diretora já desenvolvia um projeto de ancestralidade, da questão indígena.

Foi um momento maravilhoso, foram apresentados aspectos da cultura indígena, as crianças participaram, jogaram futebol. Nesse momento, tivemos a ideia de convidá-los para conhecer a nossa realidade, e este intercâmbio foi realizado no Dia da Mata Atlântica. Passaram o dia na escola, almoçaram, assistiram ao vídeo da visita da escola na aldeia, brincaram com as crianças, foi um projeto maravilhoso.

8. Localizado em Praia Grande e São Vicente, na Baixada Santista, o Parque Estadual Xixová-Japuí é um fragmento de Mata Atlântica que recebe milhares de visitantes todo ano. Criado em 1993, seus 900 hectares preservam biomas como o ecossistema marinho, costão rochoso, praia arenosa, mata de restinga e mata de encosta. A Trilha do Curtume permite observar características de Mata Atlântica em matriz urbana, além de uma construção de 1914 que curti couro de gado e chegou a levar o título de melhor couro do mundo. Pode-se observar o Oceano Atlântico e a Praia de Itaquitanduva, mas a visita precisa ser agendada.
<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-estadual-xixova-japui/>

Meu nome é Silvio Bello, sou professor formado em Educação Física, Pedagogia, Psicopedagogia, Ensino Religioso, Educação Física Escolar e em outras Pós-Graduações nessa área. Iniciei meu trabalho em Praia Grande há uns 27 anos, comecei implantando uma escolinha de surf. Houve essa abertura da Administração Pública, o prefeito, na época, tinha muita visão, era uma nova gestão, um divisor de águas para Praia Grande e, naquele momento, achei que era importante e comecei esse trabalho na escolinha de surf.

Na sequência, fui atuar na Secretaria de Educação e, como sempre fui “do Mar” com uma relação muito grande com a natureza por meio do esporte, como natação, mergulho, surf, esportes náuticos em geral, apresentei, no ano 2000, um projeto para alunos especiais, “**Escola de Velas de Praia Grande**”. O início foi aqui no “Portinho”, um projeto experimental, como voluntário, fora do meu horário na Secretaria de Educação. O prefeito viu o potencial do projeto e oficializou essa escolinha em 2001.

Nesse mesmo ano, Lars Graef, para mim um vulto no esporte e um grande amigo, assume a Secretaria Estadual de Esporte, ele já havia realizado o projeto “**Navegar**”, no Governo Federal, e realizava em Niterói o “**Projeto Graef**”, nossas atuações eram muito afinadas, conversávamos diariamente e, semanalmente, eu ia a São Paulo, representando a prefeitura, para discutir o projeto realizado em São Paulo.

Em 2003, Lars Graef, por meio da Secretaria de Estado, e por meio de um Projeto de Lei, lança o “**Projeto Navega São Paulo**”, com o primeiro polo aqui, em Praia Grande. Nesse momento, o projeto que já era realizado se amplia, atendendo a Rede Municipal de Ensino, o SOS Bombeiros, o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e os na época chamados Centros Recreativos, hoje Complementação Educacional, que atendiam as crianças no contraturno, aquelas cujos pais trabalhavam e não tinham condições de ficar em casa; entre as várias atividades desenvolvidas, os Centros Recreativos passaram a incluir o projeto Navega São Paulo.

Atuávamos aqui, na beira da água quando, em 2003, foi construído um galpão para o estacionamento da Educação Ambiental e nossa relação se estreitou mais ainda. O Departamento de Educação Ambiental pretendia realizar estudos *in loco* no manguezal com os pesquisadores e estudo do meio com os alunos da Rede pública, para fazer estas intervenções precisavam de aparelhamento e eu tinha estas embarcações, alguns veleiros monotipos pequenos e pequenos botes a motor. A coordenadora na época era a Glória Cristina Carréri Bruno e, a seu pedido, idealizei uma ilha artificial para amarrar os cascos do veleiro no bote a motor. Os passeios pelo manguezal eram realizados com muita segurança e cuidado e uso de coletes. Após aprendizagem em sala de aula, os alunos vivenciavam o Manguezal, experienciavam. Assim começou essa relação de parceria com a Educação Ambiental, nos horários em que o equipamento não era utilizado para as aulas de vela, remo e canoagem, realizávamos o estudo do meio, como disse antes, observávamos todos os procedimentos de segurança e autorizações.

Com o tempo e aumento da demanda, o formato do projeto foi se adequando, até que, em 2008, a Secretaria de Educação adquire e incorpora ao Projeto Navega São Paulo um bote inflável para trinta pessoas, o formato

anterior não era mais possível e assim foram dadas maiores condições para a realização do projeto, de uma forma mais adequada, mais confortável.

Com quase dez anos usando esse bote, já transportamos uma média de cinco mil pessoas por ano, você pode confirmar esses dados nos registros de saída que são devidamente catalogados. Vou citar um exemplo, quando houve a necessidade de realização de estudos na Laje de Santos, que fica fora da área costeira, há mais de vinte e cinco milhas da costa, o nosso barco é equipado para isso, mas mesmo assim há uma checagem anterior, com lista de passageiros, porque é importante registrar que, mesmo havendo uma vontade, uma necessidade, sempre foram seguidas as normas de segurança exigidas pela Marinha do Brasil e, aliada a essa possibilidade de se verificar, de dar a volta na Ilha de Santo Amaro, na Ilha de São Vicente, subir até a origem do Rio Piaçabuçu¹, tudo foi feito dentro de uma abordagem pedagógica, por meio de muitas parcerias e utilizando esse bote, com um grande nível de qualidade, o que proporcionou um reconhecimento nacional, várias entidades procuram o Departamento de Educação Ambiental para a realização de pesquisas utilizando este equipamento que inclusive recebeu o nome de Peaçabuçu.

1. Rio Piaçabuçu: Rio que deu origem ao nome da cidade, Piaçabuçu ou Peabuçu, de origem Tupi-Guarani. Por quatro séculos foi o principal caminho de acesso à região.

Este bote é bem atuante, hoje não tem nada agendado, mas amanhã de manhã já tem passeio, chamamos de passeio para suavizar, mas é estudo, e a agenda é bem cheia.

Recapitulando, tive a iniciativa de montar a escolinha de surf, na época procurei a prefeitura, naquela época, o prefeito era o mesmo que o atual, o que me motivou a esta procura, além da vontade que já existia antes, foi a mudança ocorrida no paradigma da cidade, temos uma Praia Grande até noventa e pouco e outra daí em diante. Podemos ver o pioneirismo de Praia Grande em vários projetos de sucesso, à frente, às vezes, há pioneirismo em determinado setor, depois perde a vanguarda, mas neste caso não, pois além do pioneirismo, mantêm-se estes projetos por longa duração e esta continuidade dos projetos desenvolvidos é um dos fatores que fomenta e motiva outros, porque se sabe que há incentivo, foi o que aconteceu na Praia Grande, esse fenômeno político-administrativo que propiciou não só a escolinha de surf, um projeto particular, dentro das arenas de verão, com patrocínio particular, tornar-se projeto público, mas a escolinha de vela também, que depois foi incorporada ao Navega São Paulo, gerando 17 núcleos, muitos em outros lugares fecharam, mas aqui, em Praia Grande, desde que foi dada a primeira aula, nesses 17 anos, nunca fechou.

Não paramos um dia, nem nas férias, oferecemos o projeto Escola de Verão, atendemos os alunos e as suas famílias, de uma maneira mais lúdica, mais participativa, para que eles possam frequentar este espaço de segunda a sábado, das 8h às 16h.

Praticamos o chamado “Esporte Educacional”, pois não visamos à competição nem à terapia, mas sim à formação do indivíduo, questões como civismo, cidadania, meio ambiente e Ecologia e, é claro, parcerias. Então, por exemplo,

a Marinha do Brasil nos apoia muito quanto ao civismo, as atividades cívicas são realizadas sempre junto às unidades da Marinha do Brasil, algumas delas são comemoradas até com eventos esportivos, como a Regata da Escola Naval, a mais tradicional do Brasil, em que já participamos de vinte das setenta edições realizadas.

Estas parcerias são muito importantes, ninguém consegue fazer nada sozinho. Nossos alunos participam das ações da Educação Ambiental e nossos professores e estagiários participam de cursos, pois nossas aulas são realizadas no Manguezal, e esses cursos são importantes, pois, como eles não têm esta formação, encontram subsídios para explicar qualquer dúvida do aluno e assim, com essa parceria, atendemos nosso aluno de maneira completa.

A parceria com o Departamento de Educação Ambiental oportunizou aos alunos vivenciarem várias ações, como a Semana da Água, Semana do Meio Ambiente, Dia da Limpeza das Praias, entre outras.

Ao longo desses anos, cada evento foi realizado de uma forma diferente, mas, como já disse, a importância da continuidade faz com que não se perca tempo, o processo não é interrompido por lapsos, períodos interstícios que tem como resultado a interrupção, atraso ou o encerramento de grandes projetos de pesquisa. Essa continuidade nos manteve na vanguarda, vou citar um exemplo, quando participamos de eventos esportivos de competições, sejam elas internacionais, tanto na Europa como nos Estados Unidos, independente do nível, sempre as utilizamos como ferramenta pedagógica, para criar metas, estratégias junto aos alunos que gostam mais de competição, mas todos aqui no projeto são vistos com a mesma força. Então, às vezes, o aluno vem para treinar para uma competição, outras para fazer uma limpeza do Manguezal. O mesmo aluno, com a mesma intensidade, com a mesma vontade e a mesma aplicação.

A parceria com o Projeto Navega São Paulo envolve mais do que simplesmente verba, vai além, envolve a entrega de materiais, o fomento a várias ações, a capacitação de profissionais e recursos para sustentar as ações e o apoio logístico a várias outras ações, assim acontecendo ao longo dos anos. Não ocorre de uma maneira estanque, em que o Estado vem ao município com um núcleo, é uma relação de parceria, entre Governos Estadual e Federal, ONGs, e instituições como a Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Marinha do Brasil, atuando em diferentes momentos e de diferentes formas, preenchendo lacunas que certamente existiriam se fosse somente um projeto do Governo Estadual, e estas lacunas só não aconteceram pelo apoio da Prefeitura, que trouxe estrutura, alimentação, transporte, profissionais concursados, devidamente habilitados, capacitados e atuantes. O envolvimento é amplo e em todas as direções.

O envolvimento com o Departamento de Educação Ambiental se deu antes da implantação do “Navega”, assim que comecei, em 2000, como sou da Educação, já conhecia alguns professores e professoras, nas conversas percebia as dificuldades e elas também perceberam as possibilidades que poderia oferecer, as conversas foram amadurecendo, transformaram-se em reuniões e assim iniciamos as primeiras experiências, e as ações foram construídas conjuntamente, por todos os envolvidos na época.

Por este envolvimento, as questões ambientais serão sempre pauta das minhas aulas, no dia a dia com os alunos. Por exemplo: há cinco anos, estava falando sobre energia limpa quando um aluno fez um questionamento sobre o porquê de os barcos não fazerem uso desta energia já que se conhece essa tecnologia, aproveitando este questionamento e o interesse da turma, lancei um desafio para o planejamento e a execução da construção de um barco movido à energia solar, como também sou formado em eletrônica, aprofundi o assunto e planejamos em diversas fases. Os alunos se envolveram nas diversas questões, custos, como usar a madeira sem corte de árvores, para isso usamos material reciclável de cascos velhos de barcos e de veleiros, madeira de demolição, até de restos de fogueira retiramos madeiras nobres, como ipê, peroba, que iriam para o lixo, para o aterro sanitário.

Toda a estrutura foi construída assim, o painel solar foi retirado de um antigo barco, um veleiro que eu tinha com mais de quarenta anos, mas que funcionava normalmente. Fomos ao ferro-velho buscar uma bateria de carro, fizemos a medição com amperímetro e aproveitamos a oportunidade para ensinar a utilização do multímetro. Até a tinta usada para a pintura do barco foi recuperada do ferro-velho, de material de descarte, quando colocamos na água começou a andar. E aquela turma, aquele grupo conseguiu vislumbrar essa possibilidade e levar à frente várias ideias, como o Eco nota 2, com maior capacidade, maior distância e maior autonomia, esse primeiro barco foi batizado como Eco nota 1, a vontade do grupo era crescer, difundir essa ideia, isso ainda não aconteceu, mas a proposta permanece, o que é mais importante, e após cinco anos, várias turmas depois, este barco ainda é um referencial dentro do projeto.

Para finalizar, quero deixar registrada a importância de se reconhecer o papel do Departamento de Educação Ambiental, do Navega São Paulo e da concretização dessa parceria que se desenvolveu ao longo desses anos elucidando as pessoas das questões ambientais e sociais, porque a ignorância vem do não saber, o que acarreta preconceito e o mau uso, e quanto mais as pessoas conseguirem ampliar seus horizontes, melhor será sua qualidade de vida, da sua família, para o seu bairro, para a sua cidade, para a sociedade. E a possibilidade de realizar isso aqui, de uma forma tão dinâmica, como a realizada aqui no Portinho, pela prefeitura de Praia Grande, nos dá orgulho de participar desse processo.

Vejo os projetos realizados em Praia Grande sobre as questões ambientais como um exemplo para o Brasil e para o mundo, pela possibilidade de realizar de uma forma tão viva e tão verdadeira a oportunidade deste conhecimento e assim melhorar a vida de todos.

VANDILMA... NO PRIMEIRO DIA... A PAIXÃO

Meu nome completo é Vandilma Silva Galindo, sou brasileira, de pais nordestinos, mas nasci no Paraná. Formei-me em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Santa Cecília no ano de 1986 e sou pós-graduada em Educação Ambiental Prática nas Escolas. Atuei na Secretaria Estadual do Estado de São Paulo como professora durante 30 anos, e também como professora na Escola de Educação Ambiental de Praia Grande.

Enquanto cursava a Universidade, não pensava em atuar na educação, tinha aquele sonho de ser pesquisadora, até me inscrevi no Instituto Butantan para pesquisa, no entanto, eu tinha um sonho ainda maior, o de me casar. Então eu realmente optei pelo casamento, pela família, e prestar o concurso no estado de São Paulo favoreceu isso, na educação, seria possível conciliar casa, trabalho, marido e filhos.

Confesso que não era apaixonada, não era uma área que tinha sonhado para mim, mas acho que desde o primeiro dia que eu entrei na sala de aula, eu me apaixonei e percebi que ali eu tinha mais que uma profissão, eu tinha uma missão.

Apaixonei-me, logo prestei concurso no Estado e, em 1987, ingressei na área e a minha carreira toda foi na rede estadual, na qual aprendi muito; claro, a Universidade te dá uma bagagem boa de conhecimento, mas foi durante o percurso, no trabalho com a educação, que eu realmente me formei como professora, como educadora que sou até hoje.

Como havia dito, essa profissão permitiu que eu conciliasse a minha família e o meu trabalho. Em 2004, aconteceu um fato marcante na minha vida, infelizmente, perdi meu marido. Então vi a necessidade de trabalhar em outra rede para complementar a renda, com duas filhas e toda aquela situação financeira, eu pensei: “e agora?”. Na época, surgiu a oportunidade do concurso seletivo em Praia Grande; prestei, acho que passei em segundo lugar e logo fui chamada para trabalhar, daí começou a minha história em Praia Grande, meu marido faleceu em dezembro de 2004, acho que em abril ou maio de 2005 eu já ingressei na Rede Municipal de Ensino.

Antes disso, por volta do ano de 2003, eu fiz uma pós-graduação em Educação Ambiental Prática nas Escolas, o que me encantou muito. Durante o curso, eu conheci a Glória, coordenadora da Escola de Educação Ambiental de Praia Grande, e as professoras Cristiane e Sandra, um grupo que não tinha vínculo nenhum, mas nós nos encontramos naquela ocasião. Quando eu passei no concurso de Praia Grande em 2005, a Glória me convidou para trabalhar na Escola de Educação Ambiental, pois já conhecia o trabalho que eu desenvolvia no Estado.

Fiz esse curso de pós-graduação sobre Educação Ambiental, pois eu precisava de mais fundamentação teórica com relação a esse tema, falava-se tanto de Educação Ambiental e eu precisava saber o que era de fato a Educação Ambiental, e se o que eu fazia era Educação Ambiental.

Então, com aqueles questionamentos na minha cabeça, pensei que apenas estudando poderia saber se realmente

estava no caminho certo ou não. Se é que existe um caminho certo porque na educação o que havia a princípio eram os parâmetros curriculares, os PCNs, que davam um norte de como se poderia trabalhar Educação Ambiental ou pelo menos como tema transversal dentro da educação básica. E aqueles questionamentos me fizeram buscar, estudar e foi aí que eu conheci esse grupo.

O curso era muito bom porque havia momentos de apresentação em que cada um tinha a oportunidade de falar o que desenvolvia de Educação Ambiental dentro da sua rede, dentro da sua sala de aula, dentro da sua comunidade. Eram tantas informações e tudo aquilo era Educação Ambiental, mas cada um tinha o seu jeitinho especial dentro das suas possibilidades. E depois que eu ingressei na rede de Praia Grande houve o convite porque já conheciam o trabalho de Educação Ambiental que eu realizava na minha escola. Inclusive eu fiquei 24 anos nessa escola do Estado em que me efetivei, portanto lá pude realizar um trabalho muito interessante de Educação Ambiental dentro da comunidade escolar.

Durante a minha graduação, não havia esse discurso de Educação Ambiental, falava-se muito em Ecologia, estudávamos as relações que existem entre os seres vivos, mas sem contextualizar com os problemas ambientais que hoje já são muito mais amplos, não são apenas problemas ambientais, são socioambientais, então algo assim foi sendo construído. Havia muito estudo do meio, os professores sempre nos levavam para vivências em determinados locais, para conhecer as características dos ecossistemas, dos ambientes naturais, mas ainda não se falava em Educação Ambiental, na Universidade isso ainda não era citado.

No entanto, logo no início da minha carreira como professora no ano de 1988, já comecei a aplicar a prática, não usando o nome de Educação Ambiental, mas seguindo aquilo que eu acreditava que era Educação Ambiental. Naquele ano, eu trabalhava em uma escola na área continental de São Vicente, em um bairro muito próximo ao local onde depositaram um lixo químico, o pó da China. Eu trabalhava naquela comunidade, via aquelas pessoas muito próximas àquele local, mas sem saber o que era aquilo, e para mim a Educação Ambiental sempre foi trabalhar o local; lógico, inicialmente o local, conhecer o seu contexto, o seu ambiente, a sua cultura, a sua história e, dessa forma, criar uma identidade naquela criança, naquele adolescente.

Naquela época, então, a minha visão de Educação Ambiental era esta: inserir a criança, o adolescente dentro do seu contexto, ter um olhar, sentir, e despertar no aluno aquela sensação de pertencimento, “eu pertenço a este local, então eu tenho que cuidar”, até hoje penso dessa maneira, essa sempre foi a minha concepção de Educação Ambiental.

Entendo que o conhecimento seja extremamente necessário para que os alunos entendam questões tão complexas, eles têm que ter o conhecimento científico, por isso sempre fui mesclando o conhecimento científico para que compreendessem e assim desenvolvessem habilidades para ter uma compreensão daquela problemática e poder atuar.

Quando eu fiz a pós com a Glória e as professoras da Educação Ambiental de Praia Grande, eu levantei essa ideia da ecopedagogia e da cidadania planetária, que na verdade é um complemento da Educação Ambiental, pois há aquela Educação Ambiental em que você leva o aluno para conhecer um determinado local e desperta nele a importância daquele ambiente, porém ele não atua ali, e há também a alfabetização ecológica. Então quando eu fui convidada para trabalhar na Educação Ambiental de Praia Grande, pensamos em um projeto envolvendo as leis de embasamento da Educação Ambiental junto a essas novas linhas de pensamento acerca dessa área, a ecopedagogia e a alfabetização ecológica.

Quando ingressei na rede de Praia Grande, já comecei atuando na Educação Ambiental. Escolhi as aulas em uma escola do município, não me lembro do nome, mas em seguida fui convidada, acho que é esse o termo, para trabalhar na Educação Ambiental, então fui afastada das minhas aulas e iniciei lá, concomitantemente às aulas do Estado.

Naquela época, já havia um trabalho sendo desenvolvido, como é até hoje, voltado a receber as crianças e passar informações, com foco nos ecossistemas naturais, como estudos do manguezal, do mar e da Mata Atlântica. Conhecer o ambiente sempre foi o foco, a Glória sempre pensou: “primeiro devemos conhecer o que nós temos, pois conhecendo passamos a respeitar e nos relacionamos melhor com aquele ambiente”.

No entanto, ao chegar à Escola de Educação Ambiental, iniciou-se outro momento, começaríamos a receber outro público, não apenas alunos de outras escolas que fariam uma visita, não apenas professores que também só visitariam o espaço, mas alunos da Complementação Educacional, que na época chamava-se EPI, Escola de Período Integral. Então a Glória nos perguntou: “como vamos desenvolver um projeto e o que faremos para esse público que virá aqui semanalmente?”, havia em média oito ou nove EPIs na época.

As crianças realizavam diversas atividades, e uma vez por semana iriam até a Escola de Educação Ambiental no Portinho, que ainda era naquela casinha de madeira. Então preparamos um curso mesmo, um curso de formação para esses alunos, pois não iriam lá apenas para contemplar, eu achava que eles já tinham passado dessa fase, precisavam de algo maior.

Esse projeto chamava-se “Viva Bem a Vida”, vivenciando valores em benefício da vida. E a Educação Ambiental nada mais é do que você construir valores, conhecimento, desenvolver habilidades naquelas crianças para que tenham a competência de atuar no seu meio. Esse projeto começou quando eu entrei na Educação Ambiental já com foco nesse público.

Nós construímos o projeto em conjunto. Inicialmente, havia a necessidade de conhecer o público e suas necessidades, para depois propor as ideias e a intenção daquele projeto, pois claro que tudo é intencional. Temos que dar Educação Ambiental, mas que tipo de Educação Ambiental, uma vez que eu tenho um público que fica no contraturno da escola? Como o projeto era vivenciando valores em benefício da vida, começamos a trabalhar valores

peçoais, sociais e ambientais, pois hoje não se fala apenas do ambiente físico, a primeira casa está aqui, seu corpo.

Então essas relações do indivíduo com ele mesmo, com o outro e com o ambiente serviram de base para construir o projeto. E claro que não era apenas a professora Vandilma, tudo era multidisciplinar. Essa questão da Educação Ambiental em Praia Grande ser multidisciplinar é sensacional porque você tem os componentes curriculares contribuindo na sua linguagem para que o conhecimento seja construído pelo aluno. Quando há o envolvimento de um professor de arte, um de biologia, um pedagogo, você forma aquele aluno de maneiras e linguagens diferentes, e foi uma experiência maravilhosa, pois vimos que dava resultado.

Sempre que elaborávamos um projeto discutíamos os conceitos, os parâmetros curriculares, as ações, pois todo projeto precisa de um referencial teórico e o carro-chefe das discussões eram os parâmetros curriculares. Hoje há as diretrizes curriculares nacionais, mas todos os documentos falam da importância de se trabalhar a Educação Ambiental de forma transversal dentro da escola, e esse é outro desafio.

A Escola de Educação Ambiental funcionava perfeitamente, havia professores de diferentes disciplinas e cada um dentro da sua linguagem trabalhava a Educação Ambiental. Arte, por exemplo, trabalhava a questão da reciclagem, da transformação de materiais descartados, da valorização, discutindo a questão do consumo, pois toda vez que se dava uma oficina para os alunos, não se falava apenas em transformar o material, havia uma intenção, por isso sempre afirmo que na Educação Ambiental é preciso conhecer a cadeia produtiva desse material, saber de onde ele veio para chegar às suas mãos e depois que está em suas mãos saber o que fará com ele. Então essa sempre foi a nossa preocupação na Educação Ambiental, sempre com muita informação, para que essa informação se tornasse conhecimento, pois nem toda informação é conhecimento. Havia também a preocupação com relação à quantidade de informação, “não vamos dar muita informação para a criança, mas o suficiente para que ela tenha a compreensão do que está fazendo”.

Um grande desafio do “Projeto Viva Bem a Vida” foi sua aplicação em relação a horário, número de alunos, faixa etária desses alunos, pois recebíamos alunos de 7 a 14 anos, dos pequenininhos até os adolescentes, e todos juntos. Então o desafio era a linguagem que deveríamos utilizar para a compreensão de todos, levando em consideração que os alunos de sete anos parecem esponjinhas, absorvem mais, porém não questionam muito; diferente dos adolescentes de 14 anos, que não sei se absorvem tanto quanto, mas questionam e absorvem apenas o que é significativo para eles.

Havia turmas no período da manhã e no período da tarde, não parávamos, todo dia da semana recebíamos as turminhas, de segunda a sexta-feira. Eles chegavam por volta das oito horas e permaneciam na Escola até as onze horas, havia um ônibus que levava e depois buscava esses alunos. Eles ficavam um pouco comigo, professora de Educação Ambiental e Ciências, e com os outros professores, passávamos bastante informação de forma lúdica também, pois você não pode colocar as crianças ali e apenas dar uma palestra, elas ficam perdidas, por isso naquele dia, fechava-se um tema, preparavam-se situações de aprendizagem e os alunos passavam por um circuito.

Havia um plano com conteúdos conceituais, que era o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e conviver, os quatro pilares da educação também estavam presentes ali. No entanto, isso era pouco, nós não queríamos apenas isso, queríamos que eles atuassem também, nós falávamos: “eles aprendem tanto aqui, fazem horta, compostagem, trabalham a questão do resíduo sólido, então por que não comecem a atuar na sua escola?”. Quando você vê o resultado, percebe que pode e dá para ampliar um pouquinho mais.

Aí veio a proposta de outros projetos que complementavam esse, que era o “Projeto Ecoação nas Escolas” e o “Projeto Mãos na Terra”, um estava ligado ao outro. O que foi muito bom também porque aquela turminha que atuava na Educação Ambiental no Portinho levava aquela ideia e aplicava na sua escola, e os professores da Educação Ambiental também acompanhavam esses alunos em suas escolas, não era simplesmente “o aluno irá para a escola e aplicará”, existia outro momento, havia dias de atendimento na Escola de Educação Ambiental no Portinho e dias em que nós professores íamos até a escola do aluno fazer o acompanhamento.

Eu participei do “Projeto Mãos na Terra” e foram 44 escolas com horta. O espaço destinado à horta não era grande, mesmo encostado no muro, fazíamos um canteirinho, e ali produzíamos muito alimento, de diversos tipos, de hortaliças a tubérculos, tudo que se pode imaginar, até bananeira plantávamos nesses canteirinhos e tudo dava. No entanto, era aquela história, apenas enquanto havia professor junto com os alunos, e essa necessidade do professor da Educação Ambiental estar sempre acompanhando os projetos na escola é outro desafio, pois não são muitos que trabalham lá, e na escola parece que para funcionar deve haver aquela pessoa para motivar e incentivar, porém eu tenho certeza que é algo que dá muito certo.

Os dois projetos foram construídos juntos e com o envolvimento de todos. Nós elaborávamos o projeto, analisávamos, fazíamos a avaliação, dentro da avaliação observavam-se as possibilidades e a partir dessas possibilidades tentávamos ir ampliando. Sem contar depois da mudança da casinha de madeira para aquela outra escola, outro sonho que tive o privilégio de acompanhar desde a primeira pedrinha que foi colocada. Sonhamos juntas, a Glória e toda a equipe, como equipar aquele ambiente de modo que se tornasse um espaço educador sustentável, pois como as crianças o frequentavam, era necessário haver espaços para que as atividades fossem desenvolvidas e elas percebessem que aqueles espaços poderiam inspirar outros espaços, o que foi muito bom. Esses cinco anos, quase seis anos que eu passei por lá eu vi que realmente deu muito resultado e hoje eu falo assim: “nossa, eu faria tudo de novo”. Isso é muito bom e eu aprendi muito, o importante é que você vai aprendendo e vai construindo junto.

Nesse novo prédio tivemos mais estrutura, conseguimos colocar mais projetos em prática e o número de pessoas atendidas foi muito maior. Estávamos trabalhando dentro de uma estufa em que podíamos falar assim: “agora nós vamos fazer a nossa horta”, que lá na escola deles era um canteirinho, pequenininho, e ali ele podia aprender a prática do cultivo orgânico, da hidroponia, a fazer produção de mudas, a fazer compostagem, porque ali era o espaço destinado para isso.

O museu com aquelas peças para poder conhecer e aprender mais sobre a vida marinha. A biblioteca, meus olhos brilham só de falar, sou apaixonada pela biblioteca, um espaço onde é possível se fazer Educação Ambiental com o que há na literatura, do livro infantil até aqueles livros mais elaborados, foi uma grande conquista para a Escola de Educação Ambiental, uma biblioteca com um acervo maravilhoso. Podíamos levar as crianças até a biblioteca e aí assim realizar o letramento científico, trazer informação, discutir e fazer roda de leitura.

Uma atividade que amei fazer foi trabalhar também com conferências, pois eles estudavam os temas e depois fazíamos miniconferências, discussões e dali surgiam ideias para projetos, eles sugeriam ideias. O nosso objetivo era que os projetos não viessem prontos pelos professores, mas que os alunos também tivessem a capacidade de elaborar os seus próprios projetos, pois quem vai atuar nas comunidades são eles, e cada comunidade deve ter o seu projeto por isso aquela sensação de pertencimento, “eu pertencço a esse local, olho, observo, faço o diagnóstico, elaboro um projeto e vou atuar”, essa sempre foi a nossa ideia.

Abriamos espaço para que os alunos atuassem também na formulação e condução dos projetos, e eles conseguiam, o que era muito bom. Se colocássemos o esqueleto de um projeto para eles, com uma introdução, uma justificativa, o objetivo, o porquê de realizar aquele projeto, a intencionalidade, eles conseguiam. Claro, com crianças e adolescentes, qual era o desafio? Chego na escola com todo o entusiasmo, mas e agora? Daí nós precisávamos ter uma parceria entre Escola de Educação Ambiental e escolas de período integral. O que foi perfeito porque aquelas escolas que abraçavam as ideias dos alunos e acreditavam na Educação Ambiental, nossa, apresentavam projetos maravilhosos. Hoje os processos estão documentados, com as fotos, com o registro de tudo que foi realizado por eles, foi maravilhoso, acredito que tenha sido a melhor fase, uma das melhores fases da minha vida.

Paralelamente, havia outros projetos em desenvolvimento, ali é muito trabalho. Se uma escola queria uma palestra ou uma oficina, por exemplo, a respeito dos resíduos sólidos, agendava-se e havia um grupo de professores para poder fazer aquela palestra, aquela oficina, havia também os atendimentos às escolas, que aconteciam de acordo com a necessidade de cada público, estudo do manguezal, do mar, agendava-se e realizava-se a visita monitorada, outra coisa muito interessante que a Escola faz.

Era muito dinâmico, sem contar os eventos que aconteciam também envolvendo o protagonismo dos alunos, como Semana da Água. No mês de março havia muita preparação para fazer aquelas caminhadas porque a Escola sempre teve parceria com o Comitê de Bacias da Baixada Santista, Semana do Meio Ambiente, Semana da Mata Atlântica, Dia da Árvore, e em datas comemorativas a Escola sempre realizava algum evento também, então era muito trabalho, muito trabalho mesmo, mas foi sempre muito bom.

Lembro-me inclusive que na Semana da Água, por exemplo, realizávamos ações como limpeza na área de manguezal com os alunos e até visita à cachoeira do Guariúma no bairro Jardim Melvi. Naquela área, existem sete cachoeiras, mas tínhamos acesso a apenas uma delas, onde há uma estação de tratamento, a água é coletada diretamente da cachoeira e já

distribuída para Praia Grande, fato que muitas pessoas desconhecem, por isso levávamos os alunos até lá.

Queríamos que eles percebessem de onde vinha a água que abastecia suas casas, uma parte de Praia Grande, e também visitávamos a estação de tratamento de água em Cubatão, para que vivenciassem cada situação, o que normalmente culminava com a caminhada.

Uma caminhada sensacional que fizemos foi a que saiu da praça próxima ao Palácio das Artes, foi uma caminhada maravilhosa. Participavam alunos de outros municípios também, pois essa caminhada era realizada a cada ano em um município diferente, na época que eu trabalhava na Escola coordenei junto com a Glória, foi muito bom.

Sempre realizando muitos eventos, e sempre levando os nossos alunos e recebendo outros de outras escolas. Só que nós percebíamos que os alunos que estavam ali diariamente tinham outra postura em relação àqueles que iam pontualmente, que recebiam a informação e pronto. Meus olhos devem brilhar porque é diferente para quem estava ali e acompanhou esse processo.

Assim como na escola regular em que eu trabalhava, eu realizava lá as mesmas atividades da Escola de Educação Ambiental, com a colaboração de outros professores também. Não era um polo de Educação Ambiental, mas também ocorria Educação Ambiental, e os alunos atuaram e transformaram o local, pois eu acredito muito nesta Educação Ambiental: participação/ação; eu vou, conheço, faço o diagnóstico e atuo; vou, conheço, tenho outro olhar para aquele recurso, então percebo que tenho de preservar. Penso que esses sejam os resultados que nós esperamos, e acredito que ainda estamos caminhando lentamente nesse processo.

Então eu conseguia aplicar essas experiências da Escola de Educação Ambiental de Praia Grande no Estado, talvez com menos recursos, no entanto, eu tinha no Estado o recurso maior que era o ser humano, os recursos humanos. Eu tinha todos os alunos muito próximos de mim, e todas as atividades que eu realizava na Escola de Educação Ambiental eu realizava na escola estadual, posso dizer até dezembro do ano passado.

O projeto nunca morreu; a horta, a questão da arborização, os resíduos sólidos, todas essas questões ambientais, que depois acabamos ampliando para socioambientais, eu desenvolvia com o mesmo entusiasmo. Claro, os recursos eram diferentes, na Educação Ambiental de Praia Grande eu tinha tudo montado, com todos os recursos, na escola do Estado não, eu tinha que improvisar. Na Educação Ambiental, por exemplo, havia um laboratório com um microscópio em que eu podia mostrar o fitoplâncton, tudo para o aluno; na escola do Estado, por sua vez, eu tinha que fazer desenhinhos na lousa, mas as crianças compreendiam da mesma forma, claro que é diferente, mas eu estava sempre trabalhando, sempre ali atuando junto com eles.

Fiquei na Escola de Educação Ambiental do ano de 2005 até final de 2010, início de 2011. Passei vários momentos em Praia Grande, fui municipalizada, depois prestei o concurso pelo processo seletivo, saí porque acabei passando

para efetivar em outro município, depois peguei licença sem vencimento no Estado e continuei trabalhando em Praia Grande pelo processo seletivo. Depois tive que voltar para o Estado, por quê? Por conta da aposentadoria, eu tinha que voltar para poder continuar contribuindo, pois o tempo que você está de licença prêmio não conta para a aposentadoria, pelo menos eu achava que não contava, e hoje tenho certeza que não conta mesmo porque para eu me aposentar no Estado eu tinha que ter a portaria de professor, e em Praia Grande eu já estava como ATP, Assistente Técnico Pedagógico, portanto esse período eu não contribui para o Estado.

Daí eu precisei fazer uma opção na minha vida e foi o que eu fiz, afastei-me, cumpri o meu tempo, por isso completei 30 anos de trabalho no Estado, sendo que precisaria de apenas 25 anos. O tempo que me afastei tive que depois pagar o pedágio, mas foi a época que eu mais aprendi na minha vida, não me arrependo em nenhum momento, demorou um pouquinho para sair a aposentadoria, mas saiu. Então eu realmente me afastei da Educação Ambiental por conta disso, pois tinha que voltar para sala de aula para poder sair logo essa aposentadoria.

Hoje, continuarei falando do Estado porque faz pouco tempo que saí apesar de ainda atuar em São Vicente, na minha escola continuamos a trabalhar Educação Ambiental mesmo porque faz parte do PPP, Projeto Político Pedagógico, da escola, então isso já está enraizado e não tem como fugir. Os projetos de meio ambiente continuam com a horta, pois é o nosso laboratório, e muitos ainda questionam: “mas em que a horta pode contribuir para a questão ambiental?”, é lá que a criança percebe a relação que existe entre todos os elementos da natureza e os seres vivos, é lá que o aluno se dá conta que ele precisa se relacionar bem com aquele espaço, é de lá que ele tira seu bem talvez mais precioso: o alimento, é de onde vem sua energia, então é lá que ele percebe onde estabelece relações, a teia da vida, e a partir dali você prepara o aluno para receber qualquer tipo de informação, pois ele sabe quais são os elementos e qual a importância de cada um deles.

Então esse projeto da horta continua na escola do Estado em que eu atuava, saí, mas há alguns seguidores, vamos dizer assim, que vão dar conta, e a partir do segundo semestre, pois estou descansando agora, eu irei como voluntária, toda sexta-feira, para dar continuidade ao projeto, não porque acredite que acabará, mas porque eu preciso disso, aquilo me deixa viva, é outra coisa que me deixa viva. O tempo aqui é pouco, mas essa minha história de Educação Ambiental, de vínculo com a natureza e de saúde mesmo, tem algo muito maior, muito maior, sentir-se útil.

Uma coisa que nunca acabou foi meu vínculo com a Escola de Educação Ambiental, sempre que eu preciso levar os meus alunos ou professores de São Vicente para Praia Grande, a Escola de Educação Ambiental está sempre de portas abertas. Quando preciso de um material, um equipamento ou um modelo explicativo para dar uma aula legal sobre água, eu vou lá; se eu preciso de um livro, de uma cartilha, vou lá; então essa nossa parceria, minha com Praia Grande, nunca, em momento algum, acabou, as portas estão sempre abertas, as pessoas me recebem muito bem.

Em São Vicente, por outro lado, é complicado porque além dos recursos, existe uma resistência muito grande ainda com relação à Educação Ambiental do ponto de vista estrutural, pois nós não temos estrutura como a Escola

de Educação Ambiental, então lá nós incentivamos os professores, incentivamos as escolas a inserir a proposta de Educação Ambiental em seus PPPs, a trabalhar de forma transversal como são ou que pelo menos orientam os parâmetros, porém é possível perceber que uma ou outra escola faz. Trabalham-se ações pontuais, o Dia da Água, o Dia da Árvore, o dia disso, mas poucas escolas atuam realmente, fazem um diagnóstico do seu entorno.

O ano passado nós tínhamos uma equipe pequenininha na Seduc, éramos quatro professores, e nós escrevemos um projeto chamado “Consciência Planetária”, elaborado a partir dos problemas socioambientais gravíssimos diagnosticados em São Vicente. Ensinamos a metodologia da árvore dos sonhos que foi desenvolvida pelo Instituto Ecoar. Essa metodologia é muito interessante, a escola sonha com o seu entorno ou seus espaços de aprendizagem, a nossa ideia era que as escolas refletissem o que é um espaço educador sustentável, e a partir daí faz-se essa árvore dos sonhos e dali se construiria uma agenda ambiental de atuação.

Eu sempre incentivo que a Educação Ambiental primeiro tem que conhecer, diagnosticar e tentar atuar no seu entorno, nós falamos de consciência planetária, o que é essa consciência planetária, como desenvolver essa consciência planetária nos alunos, partindo do princípio de que a primeira casa começa com ele, depois é a casa, depois é a rua, depois é a escola, depois é o bairro, a cidade, o bioma no qual ele está inserido, até chegar à consciência maior que é o planeta. Algumas escolas fizeram, algumas, porque nós percebemos que ainda há muita resistência com relação a atuar Educação Ambiental.

Então é muito difícil, mas nós não desistimos, vamos fazendo, as escolas gostam de levar os alunos para conhecer os locais, mas e depois quando o aluno chegar na escola, quando chegar em casa, quando chegar na sua rua, o que ele fará? Eu ainda sou muito reflexiva com relação a essa Educação Ambiental.

Quando já não estava mais trabalhando em Praia Grande, levei os alunos para conhecer a proposta de trabalho na Escola de Educação Ambiental, porque existem possibilidades de você aprender, conhecer e atuar. Os alunos moram, a maioria, nas palafitas, e por que eu levava para Praia Grande? Para que eles tivessem o olhar de Praia Grande para São Vicente. Quando eu estou em Praia Grande, eu vejo São Vicente, e vice-versa, então percebo que se trata do mesmo ecossistema, do mesmo espaço; e o que eu faço aqui reflete lá, e o contrário também é o mesmo, é quando o aluno percebe que está tudo conectado, na verdade acredito que seja isso mesmo, conexão.

Eu sonho com algo maior, sonho que os nove municípios da Baixada Santista sintam-se juntos, conectados, pois o que você fizer aqui vai repercutir ali, ali e aqui. Então é essa visão que eu levo para o meu aluno, essa percepção de que tudo está conectado, como uma grande teia da vida.

Estamos em uma região metropolitana e não dá mais para se tomar ações pontuais. Nesse meu tempo de caminhada, não atuei apenas em escolas, atuei em comitês, na Agência Metropolitana da Baixada Santista, AGEM, no Comitê de Bacias Hidrográficas, há pouco mesmo, em São Vicente, terminamos no ano passado o Plano Municipal Integrado

de Resíduos Sólidos, de Saneamento Básico, e onde me davam abertura eu fui entrando, pois como eu posso levar uma problemática de lixo para o meu aluno se eu não conheço as políticas públicas? Então o meu olhar hoje também é levar o meu aluno a participar das políticas públicas. Digo: “Tem audiência pública? Vamos lá participar, você é cidadão você pode, você tem que conhecer para poder atuar, para poder criticar, vamos conhecer a problemática.”

Não é apenas pôr o lixo na porta de casa, mas se perguntar para onde vai esse lixo, pois não tem mais local. Na Baixada Santista, a última célula para colocar os resíduos sólidos já está saturada na região continental de Santos. O lixo de Praia Grande vai para lá, o lixo de São Vicente vai para lá, o lixo de tudo, e aí? Os governantes não sentam para dizer: “Espere aí, o problema do lixo é nosso. Não é seu, não é seu, seu.” Hoje eu estou me infiltrando nessa arezinha também, enquanto sociedade civil, pois acho que é isso que deve acontecer, despertar em si mesmo o cidadão que de fato é e atuar nessas causas também.

Tenho muitos alunos que entraram nessa área. Hoje quando vão apresentar o TCC, convidam-me, falam sobre seu tema, e eu fico encantada. O maior prazer da minha vida foi quando um aluno me mandou mensagem no Facebook: “Professora, eu vou apresentar, você pode dar uma olhadinha na minha apresentação? Ver se está legal ou se não está?”. Aí eu choro, choro, e repito que valeu a pena, faria tudo de novo, tudo de novo.

Eu perdi um pouco o vínculo com os alunos da Complementação de Praia Grande, mas me lembro que, antes do Facebook e WhatsApp, nos comunicávamos por meio do Orkut, e alguns falavam que tinham a intenção de fazer um curso técnico de meio ambiente, mas acabei perdendo contato, seria muito bom saber onde eles estão, que caminho seguiram. Seria interessante.

Havia alunos bastante atuantes na Escola 19 de Janeiro, na Escola Maria Nilza, onde os alunos já eram adolescentes, lembro-me inclusive de um aluno, Ítalo, nunca vou me esquecer desse menino, superengajado, superarticulado. Quem sabe alguém dessa turminha seguiu essa área, é algo para se pesquisar. É bom resgatar para dar continuidade.

E eu continuo acreditando nessa proposta da Educação Ambiental de forma interdisciplinar, hoje multidisciplinar, pois o *inter-* eu percebo que é muito difícil porque ainda não há uma compreensão do que seja a interdisciplinaridade, mas com relação à multidisciplinaridade acredito que seja possível fazer sim, e não desistir. Penso que as secretarias de educação poderiam se inspirar na Secretaria de Educação de Praia Grande e ter um departamento, uma coordenadoria, um espaço para que essas questões fossem debatidas, que nós pudéssemos trazer essa questão mais próxima dos nossos alunos, e não deixar livre.

Não digo que a Educação Ambiental deva ser uma disciplina, não, mas acredito que ela deve ser discutida em sala de aula, ela deve ser discutida no chão da escola, não apenas pontualmente em visitas. Tentar refletir a questão de como tornar um espaço educador sustentável, hoje falamos muito nessa questão de a escola se tornar um espaço educador sustentável, não só com horta, com plantio de árvore, mas com questões mais profundas que são necessárias

para a sociedade atual.

Acredito que é preciso abrir um pouco esse leque da Educação Ambiental, não ficar focado só em visitas, mas em discussões dentro da sala de aula. Uma proposta: as conferências, as miniconferências que você pode fazer desde a educação infantil, utilizando a linguagem, e discutir para que dali apareçam propostas que atendam as necessidades da sua comunidade. Acredito que hoje estou mais madura para discutir sobre isso.

Enfim, fico muito agradecida pela equipe lembrar-se dessa minha passagem, dessa minha contribuição, e agradeço a Deus pela oportunidade de ter conhecido a Escola de Educação Ambiental, de ter participado e construído um pouquinho dessa história, e que Deus me abençoe e me dê força porque eu vou continuar a batalhar e a lutar. E continuarei a estudar, vou tentar realizar o meu mestrado na Universidade de São Paulo, USP, dentro dessa questão da Educação Ambiental, agora aposentada, acho que terei um tempinho, eu tenho história para contar.

Meu nome completo é Rejane Cortes Pinheiro França, sou formada em Pedagogia e tenho Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. Trabalho na rede municipal de Praia Grande há 17 anos, sendo que, desde 2007, atuo no Departamento de Educação Ambiental. Trabalhei durante cinco anos na rede estadual também como professora, mas hoje atuo apenas na rede municipal de Praia Grande na Educação Ambiental.

Comecei a atuar na Rede Municipal de Ensino como professora do Fundamental I na Escola Amazonas¹, no bairro Samambaia, depois percorri várias escolas da rede. Trabalhei na Educação Infantil por três anos, na Recreação, e já percorri vários níveis da educação durante esses 17 anos de magistério.

Mesmo em sala de aula, a Educação Ambiental já era minha paixão. Muitas vezes, até sem saber, por gosto mesmo, eu já trabalhava com muitos dos meus colegas a questão do reaproveitamento de materiais, da horta, essa inclusive é a minha paixão. Sempre procurei trabalhar horta com os alunos mesmo que em um cantinho da escola onde tivesse terra. Na Escola Amazonas, por exemplo, havia um funcionário que cuidava da horta da escola e eu sempre levava os alunos lá, então essa relação com a questão ambiental começou em sala de aula mesmo. E depois fui convidada para trabalhar no Departamento.

Recebi esse convite por já trabalhar com essa temática nas escolas. Uma das diretoras com quem trabalhei, Sônia Marise Pessolatte, viu meu trabalho e comentou com a dona Glória Bruno. Ela me fez o convite, passei por uma entrevista, porém em primeiro momento não fui chamada para trabalhar na Educação Ambiental, outros professores foram chamados e eu continuei em sala de aula. Um tempo depois, como precisavam de profissionais na Ambiental, as professoras Vera e Liliane, que trabalhavam aqui naquele período, lembraram-se do meu nome, do trabalho que eu desenvolvia com essa temática, fizeram o convite e eu fui trabalhar no Departamento.

O processo seletivo era por meio de uma entrevista, não havia necessidade de apresentar projeto específico, o que selecionava um professor ou outro era a afinidade mesmo com o trabalho voltado à questão ambiental. Verificava-se se o professor gostava e tinha afinidade com essa temática, se realizava algo com esse tema na escola, e fazia-se o convite; passávamos por uma entrevista com a dona Glória, que era a bióloga coordenadora na época; se aprovados, integrávamos a equipe de Educação Ambiental.

Quando comecei a trabalhar no Departamento em 2007, ainda tinha minha sala de aula no Estado, então eu trabalhava meio período na escola estadual e meio período na Educação Ambiental. Nesse mesmo ano, exonerei-me do Estado e comecei a trabalhar período integral no município de Praia Grande na Educação Ambiental; até o ano passado, pois este ano, 2017, trabalho apenas meio período, mas por opção mesmo.

1. Hoje a Escola Municipal Estado do Amazonas atende apenas alunos da Educação Infantil; os alunos do Ensino Fundamental I migraram para a Escola Municipal Dr. Wilson Guedes, também no bairro Samambaia.

Todos os projetos desenvolvidos na Educação Ambiental são muito significativos para mim, há o “**Projeto Amar o Mar**” [atualmente, “**Projeto O Mar é Nosso**”], há o “**Projeto Praia Grande Natural**”, que envolve os três ecossistemas: Manguezal, Mar e Mata Atlântica, no entanto, o que eu amo mesmo fazer é o “**Projeto Horta**”.

No “**Projeto Horta**”, nós vamos até a escola, apresentamos o projeto, falamos como ele deve ser desenvolvido, capacitamos os professores, e se a escola tiver interesse, nós damos continuidade, implantando a horta no espaço escolar juntamente com professores e alunos. Desde a implantação dos canteiros, formação dos canteiros, formação das sementeiras, transplante de mudas até a colheita, todo o processo é feito na escola com os alunos. Apenas a produção de mudas é realizada tanto na escola quanto no Departamento.

Usamos terra fornecida pela Prefeitura e há uma quantidade de terra que também é enviada para as escolas que participam desse projeto. O composto orgânico é feito no Departamento e também nas escolas, esse processo de construção de composteira faz parte do projeto, produzimos composto orgânico por meio de cascas de legumes e frutas que não são utilizadas na merenda, já fazendo um link com as pessoas que trabalham na cozinha da escola. Cada escola participante faz a sua composteira para ter adubo orgânico e utilizar em sua horta.

Além dessa parte prática, tentamos implantar nas escolas que a horta também pode ser desenvolvida em sala de aula pelo professor relacionando a outros conteúdos pedagógicos como português, matemática, geografia, e não apenas ciências como muitos professores pensam.

Na hora de fazer a horta, por exemplo, nós trabalhamos qual o formato do canteiro na hora da sua produção, sua medida, quantas mudas foram plantadas, produção de texto ao fazer as placas de identificação da horta; mostrando que existe a possibilidade de trabalhar essa questão da transversalidade do meio ambiente, da horta, junto aos conteúdos programados com os professores em todas as disciplinas.

Toda a apresentação e orientações iniciais do projeto são realizadas em HTPC com todos os professores da escola. Na maioria das vezes, o Projeto Político Pedagógico abrange a questão ambiental e muitos incluem a horta também, então inicialmente nós fazemos esse link com o PPP da escola para apresentar o projeto, e depois o apresentamos aos alunos e já iniciamos a parte prática para dar continuidade durante o ano letivo.

É claro que há professores que não têm afinidade, não gostam de mexer na terra, mas acaba se tornando uma paixão quando eles começam a ver as crianças se envolvendo com o projeto; quando eles veem que aquela sementinha de rúcula ou alface, que foi plantada ali e está crescendo, foi plantada pelos seus alunos, e que eles vão colher e comer na merenda, daí esses professores acabam se envolvendo e gostam bastante.

O “**Projeto Horta nas Escolas**” é desenvolvido desde o início da Educação Ambiental. Sempre fizemos produção de mudas aqui, desde a casinha de madeira já fazíamos os canteirinhos; na época, nós recebíamos as crianças da

Complementação, as antigas Escolas de Período Integral, EPIs, elas vinham e realizavam o projeto duas vezes por semana, passavam por todo o processo também, desde a sementeira até a colheita, além de o projeto já ser desenvolvido nas escolas.

É um projeto que vem sendo realizado há 20 anos. A grande maioria das escolas já tem sua horta, deram continuidade ao projeto, outras, no entanto, por conta de mudanças de direção, por exemplo, não deram continuidade. Depois, retomam, solicitam que façamos a capacitação dos professores novamente, até porque existe uma rotatividade muito grande de professores, e nem sempre o mesmo professor permanece na mesma escola.

Além disso, acredito que a equipe gestora da escola seja determinante para a continuidade dos projetos porque o professor sozinho não conseguirá, às vezes, até consegue, mas com muito sacrifício, deve sempre haver um respaldo. A Educação Ambiental realiza palestras, capacitações, porém a equipe técnica é determinante para que o projeto de fato tenha uma continuidade, nós sempre falamos isto nos HTPCs: “não basta você implantar a horta, a horta precisa de cuidado diário”. Implanta-se a horta, por exemplo, constroem-se os canteiros, está tudo lindo e maravilhoso, mas é preciso verificar se há lagartas naquele local, a rega precisa ser feita constantemente, existem os tratos durante todo aquele processo. Então a manutenção da horta é imprescindível para a continuidade do projeto, é necessário haver o envolvimento de um funcionário que ajude naquele processo, a compra de ferramentas, o envolvimento da comunidade; nós costumamos frisar que a comunidade é muito importante nesse projeto, os pais que gostam de plantar, um tio que de repente trabalhou em uma fazenda, em um sítio e gosta, todos podem ajudar.

Quando falamos do projeto para os professores, um dos itens que abordamos é o envolvimento da comunidade. Trazer um pai, um tio, uma avó, falamos muito dos avós que geralmente gostam de plantas aromáticas, medicinais, chás, as próprias crianças falam: “tia, minha vó tem horta”, “minha vó tem um canteirinho que ela faz chá para a minha dor de barriga”, então as próprias crianças apresentam esses pais, esses avós como participantes, eles gostam, por isso sempre falamos da importância de convidar a comunidade; e isso não apenas nesse projeto, mas em todos os projetos da Educação Ambiental, nas palestras, oficinas de reaproveitamento, nós também tentamos envolver essa comunidade, pois sabemos que a escola precisa desse envolvimento, os alunos sozinhos, os professores sozinhos, às vezes, não conseguem algumas coisas, por isso a importância desse envolvimento dos pais e da comunidade nos projetos.

Os nossos projetos, então, envolvem horta, manguezal, mar, Mata Atlântica e também há o projeto mais recente que é o “Projeto Vem Passarinhar”. Esse projeto foi desenvolvido pelo professor Leonardo de Oliveira Casadei, ele é biólogo e também observador de aves. Por ser um estudioso do assunto e estar inclusive fazendo mestrado nessa área, ele desenvolveu esse projeto para a Educação Ambiental. Todos nós nos envolvemos, todos nós damos a aula do Passarinhar, mas ele foi o idealizador.

Trata-se de um projeto de observação de aves e de preservação ambiental, aborda-se muito a questão da observação

de aves, dos cuidados, da preservação ambiental para que essas aves existam, das funções positivas que exercem na natureza, a polinização, por exemplo, sem isso não haveria frutos, então nós tentamos transmitir nesse projeto essa importância das aves no meio ambiente, na preservação ambiental. É um projeto que tem quatro, cinco anos, e todos adoram.

Ele é desenvolvido para alunos dos 4º anos, entre nove e dez anos, aqui mesmo no Departamento de Educação Ambiental. Eles assistem a uma aula teórica sobre observação de aves, preservação ambiental, animais ameaçados de extinção, tráfico de animais silvestres, depois há a parte prática com a vivência no parque, momento em que se pratica mesmo a observação das aves. Além de observarem as aves da Mata Atlântica no parque, vistas a princípio nos slides durante a aula teórica, os alunos também observam as aves do Manguezal, por meio da vivência com o barco. Há muitas aves típicas do Manguezal, como garça-moura, guará-vermelho, então as crianças podem ver de perto essas aves, o que é muito interessante.

As escolas agendam a visita conforme a disponibilidade, o ônibus vai buscá-los, traz até o nosso espaço e os alunos têm toda essa vivência, trata-se de um projeto bastante abrangente. Os professores normalmente comentam que já abordaram o assunto sobre extinção de pássaros ou mesmo quando vamos às escolas depois do projeto, eles falam da conscientização de alguns alunos em relação à captura de passarinhos, das atividades que eles continuam desenvolvendo sobre o tema, dos vídeos que passam ligados ao assunto, então há um link entre o projeto e os conteúdos abordados em sala de aula pelos professores.

Realizamos uma avaliação do trabalho desenvolvido por meio de sondagens inicial e final para os alunos, também há questionários em que os professores avaliam o nosso projeto mediante e-mail, então conseguimos ter esse feedback. Alguns projetos nós conseguimos prestigiar a sua continuidade nas escolas, pois costumamos ir às feiras de ciências e às mostras durante o ano.

Há também projetos, como o “**Projeto Cidadania Ambiental**”, oficinas de reaproveitamento de material, oficina de óleo, que saem da esfera da educação formal dentro da escola e vão para a parte da educação informal. Eles são realizados aqui, nas escolas e principalmente na comunidade; também mediante agendamento, são realizados nas Unidades de Saúde da Família, USAFAS, onde temos parceria, nos Centros de Referência Especializados de Assistência Social, CREAS, agenda-se com a comunidade e os professores do Departamento vão até lá realizar a oficina de reaproveitamento de óleo, que é a de sabão, oficina de carteira com caixa de leite, que é uma oficina muito pedida também essa de reaproveitamento de Tetra Pak, a de horta, palestras, falamos sobre a coleta seletiva, fazendo parceria com a Secretaria do Meio Ambiente por conta da implantação dos Ecopontos. Fomos muito solicitados o ano passado inclusive para falar da questão do reaproveitamento e da separação do lixo, realizamos palestras em ginásios para atingir não só as crianças que participam dos projetos esportivos, mas também os pais, trabalhando questões fora da sala de aula, direto com o cidadão.

Nós não atendemos apenas os alunos do município, apesar de ser prioridade, também atendemos escolas particulares, desde a educação infantil até o ensino médio, escolas estaduais ou de outros municípios, alunos de graduação, basta agendar que atendemos todas as faixas etárias, adequando a linguagem para cada tipo de aluno.

A equipe é composta por seis professores e há funcionários também que nos auxiliam muito, principalmente no trabalho com a horta, ajudam-nos a ensacar a terra, na produção de mudas. Sempre que há funcionários novos procuramos no início do ano capacitá-los, realizamos as palestras, falamos sobre os projetos e como funcionam; a maioria dos funcionários já está há algum tempo, já sabe como funciona o trabalho, mas sempre que há professores ou funcionários novos damos essa orientação.

A nossa equipe hoje é formada por uma chefe de departamento, uma assistente técnica pedagógica, a ATP, que orienta os professores sobre a questão pedagógica, os projetos, realiza os agendamentos, faz a parte burocrática também, e os biólogos.

Temos reuniões semanais com a ATP para passar o agendamento, alguma troca no agendamento, alguma orientação, e sempre que há um assunto pertinente a todos a nossa chefe de departamento, a Eliane, realiza as reuniões para tratar de algum assunto pertinente à Prefeitura, à Rede, ela sempre repassa as informações para que fiquemos a par de tudo.

Trabalhar aqui durante tantos anos representa a minha vida, quase metade de toda a minha carreira foi aqui na Educação Ambiental. Apesar de já gostar e trabalhar essa temática em sala de aula, aqui foi e é totalmente diferente, pois não adianta só gostar, amar, são necessários cursos e aprimoramento, e eu fiz muitos cursos aqui, presenciais e online, sempre buscando informações, pois tudo muda a toda hora. Em sala de aula, de repente, eu não teria a oportunidade de focar nessa temática da Educação Ambiental, da horta, então aqui no Departamento construí um alicerce bem firme para a minha carreira, para a minha extensão profissional.

Esse trabalho de anos na Educação Ambiental mudou inclusive o meu olhar para o mundo. Como havia dito, eu já gostava desse tema, mas muita coisa a gente nem imagina o quanto é importante na questão ambiental; pequenas coisas, como quando questionamos: “mas para que eu vou separar o lixo?”, “por que eu vou plantar meu próprio alimento, ter um temperinho na horta?”, quando você vê a importância disso, isso te faz mudar em muitos aspectos.

Na questão do lixo, por exemplo, eu separava o lixo em casa, mas os outros não, e conforme você vai sendo o exemplo, aquilo muda você e muda quem está ao seu redor, o que é muito gratificante: ver a mudança do outro a partir do seu exemplo. E isso não apenas na questão da separação do lixo, mas também na questão de gostar de uma planta, de um animal. Muitas vezes, no início, a própria família ficava de gracinha: “a Rejane só come mato” ou “para que eu vou separar esse lixo?”, e depois você vê a sua mãe separando, a sua irmã separando, o seu vizinho separando, isso é muito gratificante. Muda tudo, muda a vida.

Sinto-me muito gratificada e lisonjeada por fazer parte dessa história, desses 20 anos de Educação Ambiental. É um projeto pioneiro, que fez com que muitos estados e municípios viessem visitar a Praia Grande por conta do nosso trabalho, pois muitos não têm esse trabalho alicerçado e pedem dicas realmente de como fazer e de como implantar.

Espero que a Educação Ambiental perdure, pois não se trata mais de uma questão de conscientizar, mas sim de agir. Educação Ambiental é ação, nós temos que agir no nosso dia a dia para que as coisas fiquem mais amenas, melhores do que já estão.

A Educação Ambiental deve fazer parte do dia a dia não só nas escolas, na comunidade, mas permear tudo, como para mim é uma coisa natural, espero que para muitas pessoas seja também.

A minha educação em relação a respeito começou dentro de casa quando eu era pequenininho. Quando eu fui para a escola, já tinha a consciência de que lá aprenderia Matemática, História, Física, Línguas e, acima de tudo, deveria dar continuidade ao respeito que deveria ter como cidadão, como ser humano, o que já havia aprendido em casa. A preocupação que eu tenho hoje como turismólogo surgiu lá atrás, eu fui apenas beneficiado com toda a educação, com todo o recurso que a escola me forneceu como instrumentos de avançar nesse processo “intelectual” na minha formação como profissional, na qual desenvolvemos todo o instrumental aprendido na escola.

Em relação a esse instrumental aprendido na escola, a História, a Geografia, a Matemática, a Física, a Química, eu li um texto de um ex-aluno em que ele comentava sobre como uma pessoa percebe que aprende em casa, como se respeita dentro das instituições, e como que esse instrumental pode auxiliá-la como um futuro profissional. Como entender isso? Onde está essa separação? Porque a pessoa também aprende química em casa vendo a sua mãe cozinhando, fazendo seu feijão, fritando seu ovo, a sua carne, fazendo o macarrão; tudo isso é uma química, e você precisa saber dessa química; e na escola, a química é a mesma, mas em um contexto diferente. Dentro de casa, a pessoa aprende porque a necessidade familiar a obriga fazer isso, na escola, a necessidade profissional é que irá obrigá-la a realizar determinados afazeres. Eu acredito que, graças a todo esse contexto, fui bem educado; primeiro, pelos meus pais e, depois, pela escola tradicional.

Como eu disse, sou turismólogo, formado em Turismo pela segunda turma de bacharéis em Turismo pela Ibero-Americana; e se eu tivesse cursado Arquitetura, como meus pais achavam que eu seria um arquiteto, talvez não tivesse conhecido o mundo como eu conheci, eu viajei muito em função da profissão. Daí nós observamos que quando você busca um caminho profissional, você encontra portas e janelas abertas para você olhar, observar, dizer “não é isso que eu quero”, e voltar; ou você encontra a porta e sai, e foi isso que eu fiz.

Logo que me formei em Turismo, fui estudar essa mesma área na Espanha. Poderia ser um artista plástico, um bailarino, mas não, a profissão foi o meio de condição para fazer com que eu viesse a me mostrar como indivíduo capaz de desenvolver alguma coisa. É uma pena que na minha época não se dava tanto valor como se dá hoje a um artista. Nós sofriamos muito e ainda sofremos; eu, como fui dançarino, sabia que essa história de viver e querer viver sendo dançarino não é a mesma coisa de você querer ser um profissional na área e, de certa forma, dar a possibilidade para que as pessoas viessem a conhecer um outro mundo, um mundo maior do que a dança, do que o indivíduo ver a sua interpretação no palco ou um quadro na parede, que é tão importante quanto um livro, pois você olha o quadro e observa o que esse quadro significa e, ao mesmo tempo, no contexto todo, você começa a ver detalhes, e ele comunica; então o artista tem essa facilidade.

Foi exatamente isso que eu fiz na minha carreira, eu uni àquilo que eu queria fazer: viajar, pois desde moleque eu organizava excursões para fazer visita de estudo do meio em São Paulo, nas bienais de Arte, em usinas hidrelétricas no interior, desde os meus 11, 12 anos de idade. Isso incorpora no seu processo, você passa a achar que é uma situação interessante pela qual você possa passar e conhecer todo um mundo que não estava preparado para conhecer, mas

você está sendo indutor desse processo. Só percebi isso depois de muito tempo, antes eu não sabia, eu falei: “não é isso”, mas naquele processo eu estava imbuído, eu queria ver gente se movimentando como o átomo faz, movimentasse, é a formação mesmo que tivemos dentro de casa. Os três irmãos são assim, cada um na sua, mas os três têm o mesmo procedimento.

A primeira questão ambiental em que me envolvi foi, na realidade, urbana, não foi uma preocupação com a floresta. Eu estava em Rio Claro, cidade onde nasci, morava lá ainda, e a preocupação era com relação ao convívio da cidade de Rio Claro.

O meu aquário não era um aquário de vidro em que as pessoas veem e observam de fora, não, no meu aquário tinha que colocar a cara dentro para ver que lá existia um mundo, e isso foi o que meu pai me mostrou dentro de uma manilha, nós construímos um aquário dentro dessa manilha, e essa manilha tinha pedras e vegetais montando esse aquário, e para que víssemos aqueles peixinhos, tínhamos que enfiar a cara dentro do aquário. Nessa de enfiar a cara dentro do aquário, eu enfiei a cara realmente no mundo do ambiente natural, e fomos conhecê-lo.

Daí dentro da minha profissão, eu analisei, como profissional, já retornando da minha especialização na Itália, o que era mais adequado buscar para que eu pudesse sensibilizar não só a mim, mas, mais ainda, as pessoas a minha volta, que foi estudo e implantação do ecoturismo no governo do estado de São Paulo no final dos anos 1980, na época, o governador era o Franco Montoro.

Anteriormente, no ano de 1983, quando eu fui à Itália para estudar, havia acabado de ocorrer o tombamento da Serra do Mar, e aí eu fiz o link de observar o que poderia fazer com essa preocupação de não apenas cuidar, mas de fazer com que essa explosão que é a Mata Atlântica viesse a ser respeitada e pudesse ser visitada.

Na realidade, Educação Ambiental foi um termo para que se colocasse toda essa transversalidade dentro da escola tradicional, mas a nossa maior preocupação, no meu caso, por exemplo, era de vivência ambiental, era outro contexto. Além de você aprender, você deveria estar dentro desse processo para observar e ver o que esse processo natural, ambiental da Mata Atlântica ou da floresta poderia provocar em você. Entendo Educação Ambiental como uma educação formal atrelada à vivência.

No ano de 1987, porém, estávamos propondo que a Educação Ambiental fosse incorporada à educação tradicional, pois também não era assim. A educação tradicional dada em escola, em grupos escolares, nos ginásios, nos colégios, não tinha essa preocupação voltada à conservação, à preservação e ao conhecimento das matas, dos cerrados e tudo mais, mas ela tinha que ser incorporada. “A Educação Ambiental, de certa forma, foi criada também para que o ensino tradicional viesse se empoderar desse processo todo”. Iniciou-se então uma polêmica gigantesca.

O Montoro foi muito cético em relação a todo esse processo porque anterior a isso já existia um grupo, que

era chamado Grupo da Terra, formado de vários profissionais, que fazia um levantamento de toda a margem das encostas da Serra do Mar e da civilização até onde estava chegando e invadindo.

A princípio, trabalhei na Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, como funcionário da Prodesp, depois fui para a Fundação SEADE, órgão hoje inclusive da Secretaria de Economia e Planejamento, iniciei logo após sua criação. O gabinete dessa Secretaria funcionava dentro do Palácio dos Bandeirantes, ao lado do governador, o que possibilitou um conhecimento maior do que estava acontecendo não apenas no município de São Paulo, mas em toda a região, um conhecimento do que estava acontecendo com todas essas manchas de vegetação nativa dentro do conjunto estadual.

Na realidade, essa Secretaria de Planejamento tem como função organizar e planejar ações do Governo do Estado em todos os setores. O meu setor era Turismo, e dentro do meu setor, a minha preocupação era o Meio Ambiente, por isso a escolha de desenvolver o ecoturismo.

Não sozinho, mas já formador de algum grupo pensando sobre como poderíamos fazer com que a vivência ambiental e a Educação Ambiental pudessem estar dentro dos parques, desenvolvemos vários cursos, curso para guarda-parques, criando o guia de parque, curso para os moradores de parque, para os caixas aqui na região, tive a oportunidade de trabalhar no Projeto Picinguaba, que foi o primeiro projeto de desenvolvimento de vivência ambiental e de ecoturismo, e ao mesmo tempo de recebimento de escolas.

Picinguaba é um dos 22 núcleos estudados para implantação dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, e esse foi o primeiro a ser implantado. E dentro desse trabalho todo, eu implantei um acervo de obras de arte. Eu levei aproximadamente 30 artistas, cada um na sua especificidade, e esses artistas documentaram todo o núcleo e o conjunto ambiental que existia dentro da Picinguaba, desde a praia até a construção do centro de visitantes.

Foi muito bem pensado e estudado como nós tínhamos que receber esses estudantes, já que estávamos possibilitando abrir o Parque e não deixá-lo estaque, apenas nas mãos do Estado, da administração e dos seus centros de pesquisa, do Instituto Florestal, por exemplo, que o administrava na época. Como abríamos esse Parque para visitação pública? Foi feito todo um projeto arquitetônico e de estudo de como isso deveria ser feito. Criou-se então o centro de visitantes, alojamentos feminino e masculino, refeitório, e seria aberto à população estudantil para visitar o núcleo em áreas onde era permitida a visitação, ainda havia áreas em que não era permitida a visita porque a floresta carecia de um tempo para que se frutificasse novamente, para tornar-se floresta de novo.

Tudo isso dentro do núcleo Picinguaba, dentro do núcleo do Parque Estadual da Serra do Mar, administrado pelo Instituto Florestal, aberto no ano de 1990. Eu tive a oportunidade de implantar trilha interpretada e, de certa forma, todo o processo de como fazer. Era uma trilha que não visava só o público jovem, mas desde criança até idoso, uma trilha plana, que mostrava vários momentos de desenvolvimento da Mata Atlântica e da interferência do

homem nesse processo porque exatamente onde estava Picinguaba, na Mata Atlântica, foi construída a Rio-Santos, e nessa construção foi retirada muita terra e esse processo criou, com chuva e tudo mais, vários bancos de água, posso chamar de pequenas lagoas, que com o avanço e o desenvolvimento da estrada, passaram a fazer parte do processo.

Uma das coisas interessantes que devemos observar com relação ao ambiente natural é que ele incorpora esses procedimentos que o homem acredita não estar só destruindo, ele começa a dar uma nova vida àquele processo. Foi o que aconteceu naquele ambiente em Picinguaba, dessas pequenas lagoas e com a enchente dos rios criaram-se lagos de peixes, e aquele rio/mar passando dentro da floresta gerou um volume muito grande de peixes.

Relacionado a esse processo do ecoturismo, em que no local onde foi implantado há uma vila de pescadores, foram realizados cursos para os moradores do Parque para entenderem porque estavam ali e porque era um privilégio morar ali. Muitas vezes, temos a noção de que quem mora dentro de uma área natural protegida está longe do desenvolvimento, muito pelo contrário, está muito mais próximo do desenvolvimento de si mesmo como cidadão. A pessoa tem o melhor ar para respirar, a melhor água para se beber e tantas outras coisas que favorecem esse desenvolvimento, essa percepção da natureza. Na realidade, o que fazíamos não era para modificar nada, mas para que os moradores entendessem que poderiam fazer parte sim de todo esse conjunto, mas como membro participante, e não como membro destruidor.

Essas populações não se percebiam assim, tivemos de realizar um trabalho de identidade. O movimento ecológico surgiu de certa forma criando algumas barreiras; e aí que me perdoem os ambientalistas e ecologistas, mas nesse processo eles entraram quase que proibindo: “nós não queremos nada disso, nós não queremos que vocês fiquem mais aqui, vocês têm que sair daqui”, e o movimento da preocupação da vivência ambiental junto com a Educação Ambiental foi o de aproximar esse processo: “nós não queremos que vocês saiam, nós queremos que vocês cuidem, que vocês continuem morando, mas que cuidem e que saibam porque estão aqui, qual é o objetivo de vocês estarem aqui como cidadão, de estarem com essa beleza toda na sua frente; não é todo mundo que abre sua janela e vê esse mar maravilhoso, não é todo mundo que sai caminhando pela sua trilha e ouve um tucano pousando em uma árvore, não é todo mundo que vê isso”. Essa percepção está muito próxima deles, e nós, como moradores urbanos, esquecemos, não observamos mais; então se voltou a esse processo para que eles entendessem e fizessem parte dele. Nós que moramos na rua estamos do lado do vizinho, mas não vemos que ele plantou um pinheiro, por exemplo, e que o pinheiro cresceu, nunca mais você vai observar que aquele pinheiro você viu crescer; esse processo todo é o que beneficia esse conjunto de preocupação de cuidar da mata ou do seu próprio ambiente urbano.

Em relação à cidade de Praia Grande, eu tive o grande prazer de trabalhar em um projeto chamado Balneários Praianos no ano de 1975. Era um projeto que o próprio Governo do Estado de São Paulo havia pensado, mas ainda não adotado, sobre como organizar o turismo social, como autorizar, colocarei entre aspas porque acho esse termo horrível, o “turismo de farofeiro”. É um termo horrível realmente, mas acredito que até mesmo o termo turismo de massa não seja tão apropriado porque imagina eu chamar turismo de massa quem visita Roma e os quatro milhões

de pessoas que passam todo ano pelo Louvre, então, um turismo normal, como qualquer outro turismo, mas que lamentavelmente a partir de pensamentos de economistas não trazia benefícios.

Tivemos que mostrar que esse turismo trazia benefício, e o benefício foi de como organizar a vinda de ônibus para que esse turista visitasse a praia, tivesse um momento de lazer na praia e, ao mesmo tempo, não a destruísse, essa era a grande preocupação, uma das preocupações na verdade. Pensaram-se então nesses redutos e como esses ônibus chegariam, aonde chegariam e como deveriam chegar; o Governo Federal encampou esse processo e Praia Grande foi um dos primeiros locais que teve esse Balneário Praiano, que eu tive a oportunidade de trabalhar. Eu tinha acabado de me formar, foi o meu primeiro projeto de turismo, saindo e cortando todo o nosso litoral com helicóptero, nós deveríamos ver onde o Governo tinha espaço, áreas do próprio Governo, para implantação desses balneários, pois não estava acontecendo apenas em Praia Grande. Esse momento da década de 1970 foi a grande explosão do turismo, inclusive do nosso turismo aqui da região industrial, São Caetano, São Bernardo, Osasco, pois como estava em um grande movimento, tinha que, de certa forma, buscar um jeito de ter lazer, e a nossa praia estava mais próxima.

Esses balneários eram locais para onde vinham os ônibus fretados pela indústria ou por grupo de trabalhadores que os alugavam para passear aqui. Esses turistas vinham de certa forma com a sua comida, sua bebida, seu traje de banho, e esses locais eram para organizar a chegada desses ônibus, que permaneciam ali. Os turistas tinham orientação dentro do ônibus de que não poderiam deixar absolutamente nada na praia e que tinham de retornar; saíam, iam para a praia, também havia banheiros para que pudessem tomar banho e fazer suas necessidades físicas e ir embora; passavam horas agradáveis na praia, e isso não foi só aqui, em Ubatuba também. Nós tivemos a implantação de um terminal em Praia Grande, acho que era o Terminal Paquetá, era de concreto, bonito inclusive, que foi financiado pelo Governo Federal.

Nós não acompanhávamos esse turista. Nós nos prontificamos a perceber que esse movimento estava acontecendo e que o Governo do Estado tinha de organizar em função das solicitações feitas pelas administrações municipais. Nós não ficávamos fazendo gestos para seguir, por exemplo, nós observávamos qual seria a forma de melhor recepção deles no local onde eles estavam fazendo sua visita e querendo ter um momento de lazer.

Praia Grande sofria muito com essa questão do turismo porque o impacto era muito grande, mas acredito que tudo tenha um começo, e esse começo foi para melhorar o desenvolvimento do processo, para entender esse processo, e para dar esse desenvolvimento que existe hoje com relação ao turismo.

Acredito que atuar nessa área das questões ambientais já faça parte do meu DNA, não sei se consigo transmitir isso, mas já faz parte. A todo o momento eu penso em como nós devemos nos portar perante o ar que estamos respirando aqui e agora. Isso já incorporou em mim, e continuo trabalhando na área, agora na Agência Metropolitana da Baixada Santista e já indo para a 6ª Semana da Mata Atlântica, que por nossa felicidade a primeira Semana foi aqui no Departamento de Educação Ambiental em Praia Grande, que era Coordenadoria de Educação Ambiental, no

ano de 2012, em função de nós estarmos com uma preocupação gigantesca que era o aquecimento global.

Na realidade, a 1ª Semana da Mata Atlântica realizada aqui em Praia Grande não teve essa conotação de ser a primeira, ela teve a conotação de fazer com que pensássemos na natureza, na Mata Atlântica, e que os nove municípios da Região Metropolitana, que hoje se avizinham, mas nós fazemos parte dele, houve essa separação, é lamentável, nós estamos voltando a dizer que não deve existir mais essa separação, nós somos habitantes da Mata Atlântica, temos que respeitar o espaço natural protegido e vivermos aqui sem provocar destruição. Então, dentro dessa preocupação como base, é que eu e Glória, antiga coordenadora, estudamos, aperfeiçoamo-nos e nos estruturamos. Essa ideia surgiu na Semana da Água em março, em Itanhaém, no Dia Mundial da Água, eu era coordenador de Educação Ambiental do Comitê de Bacia nessa época.

Nós nos prontificamos a dizer: “Bom, se o aquecimento global está provocando diminuição das calotas, destruição do ozônio, buraco na nossa estratosfera, entre outros, o que nós temos que fazer? Vamos manter a floresta intacta e vamos plantar árvore”. Daí surgiu a ideia de se fazer a Semana da Mata Atlântica, que não era a princípio metropolitana, mas, no ano seguinte, em 2013, passou a ser com o intuito de ser metropolitana.

Com relação à Região Metropolitana, eu acho fundamental que existam pensamentos diferentes para que se prolifere a discussão sobre as questões ambientais, e essa discussão é aquela que melhor se adequa ao processo que estamos vivendo. O Mario Covas criou pela primeira vez nas Américas, não tenho essa informação, mas acho que no mundo, um Conselho de Região Metropolitana, que é o CONDESB, envolvendo os nove municípios.

São Paulo não é a primeira Região Metropolitana oficialmente declarada, é a Região Metropolitana da Baixada Santista. E junto com isso, veja como é importante o processo, vieram dois outros grandes movimentos institucionais, o Comitê de Bacias Hidrográficas, que também fez 20 anos no ano de 2016, e a Escola de Educação Ambiental, que é a Coordenação de Educação Ambiental, que também fazia 20 anos no ano de 2016. Então são grandes aspectos o CONDESB, Conselho da Região Metropolitana e o Comitê de Bacias Hidrográficas, e era incrível nós nos apercebermos dentro da Região Metropolitana que não se sabia o que era o Comitê de Bacias Hidrográficas. Nós realizamos caminhadas monumentais, buscando e trazendo estudantes de todos os municípios para fazer cada ano em um município, que era a Caminhada da Água.

O Comitê de Bacias disponibilizava dois ônibus e o município levava mais um ônibus com crianças do seu próprio município. E aí está o meu lado de turismólogo de fazer com que as pessoas interajam e viajem. Nós começamos a fazer com que esses estudantes de cada município interagissem com outros estudantes em uma caminhada em benefício e em cuidado da água. Era a Caminhada Metropolitana, foi muito interessante esse processo.

Hoje o movimento, o Comitê, todo o mundo já tem uma noção maior do que seja, mas foi assim que iniciou. O social não é um cálculo matemático, em que você soma dois e dois são quatro, não, o processo social é lento, ele

não é uma impressão digital, ele vai se incorporando de vários contextos sociais e é isso. Acho importantíssimo que exista o Comitê de Bacias Hidrográficas, que exista a Agência Metropolitana e que se preocupe com essas ações metropolitanas, até há a possibilidade de certa forma de ser implantado um planejamento metropolitano, como está sendo estudado pela Agência, e seriam os nove municípios participantes.

A Semana da Mata Atlântica então é anual, e nós estamos na 6ª edição. Na primeira edição, em 2012, a primeira preocupação foi exatamente de tentar observar como a priori o município de Praia Grande poderia auxiliar e minimizar o processo do efeito estufa, um pedacinho dentro do Globo, mas era uma preocupação importantíssima e continua sendo, e que deu resultado, passou a ser regional e depois, metropolitana.

Na segunda Semana, que foi em Cubatão, a preocupação foi de fazer com que a sociedade se incorporasse ao processo, quer dizer, as ONGs, as OSCIPs viessem juntas em uma grande exposição, além de toda a temática e a apresentação de trabalhos técnico-científicos, como foi na primeira também. Houve grandes palestras, a preocupação com pássaros, com as orquídeas, na primeira, a preocupação com a própria Mata. Na segunda, a preocupação de como aquele município está tão perto da Mata Atlântica e o que podemos fazer com relação a isso, e com vários sugerindo essa aproximação e dinâmicas também.

Isso vem acontecendo em todas as Semanas, a apresentação de trabalhos técnico-científicos, com experts nos assuntos que de certa forma trariam resultados e benefícios para a Região Metropolitana, como o envolvimento da sociedade local, da classe estudantil, tanto universitária como do ensino regular, as escolas.

Na terceira Semana, em São Vicente, no Centro de Convenções, também com a mesma preocupação, mas sem ainda buscar um resultado final, o que nós mereceríamos ter dentro desse conjunto como um benefício maior, tanto em relação ao município, onde estava sendo realizado o evento, como em relação a toda a região.

Na quarta edição, aqui em Praia Grande, foi quando se buscou realmente uma diretriz, um objetivo maior e que surgiu a possibilidade de se criar e implantar viveiros da flora nativa do Parque para arborização urbana. Fomos atrás de um especialista, ele veio fazer uma apresentação e dessa apresentação obteve-se esse resultado, não como o mais importante, mas um dos resultados metropolitanos de fato. Então hoje passa a ser discutido, e nós vamos discutir nessa Semana da Mata Atlântica, que será montada e desenvolvida em Santos, a volta de como deve ser feita a implantação desses viveiros.

Outra preocupação da Semana da Mata Atlântica do ano passado, 2016, foi de que além de nós estarmos morando no quintal, chamávamos de quintal, mas na realidade não é um quintal, é a própria Mata Atlântica, chamávamos assim para as pessoas perceberem; existem dois grandes conjuntos, o bioma da Mata Atlântica e o Oceano Atlântico, por isso, nesse ano de 2017 será incorporada à sexta Semana da Mata Atlântica a primeira Semana do Oceano Atlântico. Serão eventos que funcionarão juntos, com início no dia 05 e término no dia 08 de junho.

Em relação à questão do caiçara e sua cultura, acredito que existam dois grandes momentos que nós tínhamos de nos empoderar novamente. Um é a questão indígena, e aí parte do respeito que devemos dar a essa cultura, e que lamentavelmente está fragilizada, mas eu acredito que volte a ser motivo de estudo e preocupação para o próprio cidadão morador da Região Metropolitana, e que saia como exemplo para outras regiões. O outro é a questão do caiçara, que é uma sequência de habitantes dentro da Mata Atlântica.

Como eu poderia dizer, os caiçaras estão mais em processo da miscigenação de grupos étnicos, eles estão mais incorporados à nossa sociedade cultural, portanto conduzi-los no processo é mais fácil, eles são moradores daquelas áreas e já começaram a entender que devem cuidar delas e mantê-las de forma que as futuras gerações possam perder tudo isso.

Existem festivais de cultura caiçara, por exemplo, em que o caiçara, às vezes, não é representado ali, colocam como tema a alimentação e a gourmetizam, sem haver um estudo, um reconhecimento do que a população caiçara traz, volta-se muito para o turismo como venda de produto, daí acredito que seja uma questão que realmente deveria ser pensada.

Todavia o processo de fazer com que nós observemos que eles estão dentro de uma área natural protegida e que nós estamos no centro urbano, e que esse link deve ser feito, caiçara e centro urbano, nada melhor do que nós conhecermos as coisas através da boca. Isso é uma coisa muito interessante, nós viajamos para conhecer uma paella na Espanha ou comer uma maravilhosa massa na Itália, e o mesmo acontece com esse processo da economia solidária, que é fundamental nesse processo. Não sei de certa forma qual será o resultado, mas eu acho que começou bem por essa introdução da cozinha tanto indígena como caiçara, e como a de populações nativas de determinadas áreas e determinadas matas, para o nosso convívio.

Todo desenvolvimento social, contudo, em termos inclusive de incorporação de novas ideias e novas culturas, é lento. Estamos passando por esse processo, e acho isso ótimo porque nada está sendo imposto, e sim conduzido, e quando é conduzido, nós temos vários pensamentos discutindo sobre o processo, e isso é muito bom; no meu ponto de vista, é uma forma democrática de fazer com que realmente e harmoniosamente a sociedade comece a se apoderar daquilo que é dela mesmo e a se respeitar fundamentalmente.

Tive o prazer de participar também da Eco-92. Na realidade, a minha participação estava ligada a abertura do Museu Florestal de São Paulo, que é o museu da madeira, Museu Octávio Vecchi, que esteve fechado por 20 anos, foi para que eu fizesse uma política de reabertura, em dois anos eu tinha que reabrir esse Museu.

Esse Museu da década de 1930 foi fundado e criado para ter um acervo de peças de madeira feitas com as árvores nativas brasileiras, aquelas que eram destruídas. O Museu tinha uma parceria muito boa com o Liceu de Artes e Ofícios, pois os estudiosos, pesquisadores científicos do Museu, desenhavam e mandavam para o Liceu de Artes

e Oficinas o desenho florístico do vegetal, um ramo e tudo mais, e ele era gravado em baixo relevo em pranchas de madeira; e essas pranchas de madeira até hoje são expostas no Museu, é possível pegá-las para sentir seu peso e admirar artisticamente tudo aquilo, por isso acredito que a arte esteja muito ligada ao processo da preocupação e do cuidado ambiental, então você pode pegar e sentir o peso, o cheiro e, ao mesmo tempo, a ramificação que aquela prancha representa daquela árvore.

Nesse processo todo, falando desse Museu que realmente foi uma grande experiência na minha vida, eu tive uma oportunidade muito grande e um grande universo de conhecimento. As pessoas que tiverem a oportunidade de visitá-lo devem ir porque realmente é muito bom. Eu abri o Museu Florestal para a população para ver esse acervo e, ao mesmo tempo, eu trouxe, para a volta do Museu, show de orquestra sinfônica, show de conjuntos musicais, show de teatro, shows importantes, como a Orquestra Sinfônica de São Paulo, nós trabalhamos na época com a Universidade Livre de Música. Trouxemos na periferia, porque estavam distantes o Horto Florestal, o Parque da Cantareira e a comunidade onde ele estava sediado, a população; buscamos os escoteiros, a sociedade civil organizada, para se apoderar daquele processo todo de consciência ambiental. Esse foi um trabalho de dois anos.

O Horto Florestal inclusive é um lugar muito bonito, será sempre. A história dele na realidade é que todo aquele espaço que nós vemos na Cantareira era para ser no Jardim da Luz, ali onde há a Estação da Luz, foi o primeiro parque do Alberto Lofgren, que era do governo sueco e quem criou aquele espaço, aí há uma ligação entre o governo sueco com o Instituto Florestal e o Museu Florestal. Ele era sueco, botânico e biólogo, engenheiro, que criou o Instituto Florestal, saindo do Parque da Luz e indo para o Horto Florestal.

Em função desse trabalho no Museu é que o governador do estado de São Paulo nos convocou e nos chamou para fazer a sala de negociações da Eco-92 no Rio de Janeiro, que foi no Palácio das Artes da cidade. Daí, pela primeira vez, os móveis do Museu foram liberados para que essas peças montassem essa sala de negociações no Palácio. Como eu era diretor, tive de acompanhar e escolher esses móveis para melhor representar o estado de São Paulo e, ao mesmo tempo, fazer com que os investidores na preocupação, no cuidado com o ambiente urbano e natural, viessem a investir no Governo de São Paulo. Então essa sala foi montada com móveis do Museu dentro do Paço, e grandes negociações foram realizadas ali com relação ao cuidado, inclusive ao tratamento que deveria ser realizado no Rio Tietê.

Há também outra realização que eu acho muito interessante em relação à questão da Educação Ambiental não apenas em Praia Grande, mas na Baixada como um todo, o Conselho da Região Metropolitana da Baixada Santista, o CONDESB. Ele possui várias Câmaras Temáticas e uma delas é do Meio Ambiente, a qual eu também faço parte, e dentro dessa preocupação foi-me solicitado no ano de 2016 que eu viesse a trazer uma ação eficaz e eficiente para que o processo da Educação Ambiental fosse aplicado e continuado, continuado e aplicado, constantemente. Eu fiquei um pouco perdido nesse processo todo porque até então tudo que nós havíamos visto relacionado à Educação Ambiental eram ações, que são importantes também, de coleta de lixo na rua, na praia, ações envolvendo a população,

mas não em um processo global, mais abrangente, termo mais coerente.

Daí conversando com a Eliane, comecei a observar que seria interessante que a Região Metropolitana tivesse em cada município um departamento de Educação Ambiental, e exatamente Praia Grande já tinha esse Departamento e já tinha uma história, como de fato são 20 anos de preocupação com Educação Ambiental. Então eu fui conversar com todos os secretários do Meio Ambiente, da Cultura e de Educação para que isso pudesse acontecer.

Realmente foi aprovado na Câmara Temática de Meio Ambiente que seria interessante que cada um dos municípios viesse a ter um departamento de Educação Ambiental, mas com um objetivo maior, de que ele pudesse se preocupar com a política de economia reversa. O que é essa economia reversa? É diminuir a extração da natureza e voltar seus olhos a dar nova utilidade aos produtos que hoje nós consideramos lixo. Esse foi o grande enfoque desse processo.

Então eu acredito que daqui para frente os municípios passarão a ter um departamento de Educação Ambiental com a preocupação de arborização urbana, fazendo essa intersecção que existe entre a Mata Atlântica e o ambiente urbano com nativos, isso será lento também porque não é de hoje para amanhã, mas nós poderemos ver pássaros da Mata Atlântica com maior frequência dentro do próprio município, e as pessoas começarão a observar que é legal ter aquele indivíduo no quintal de suas casas ou na árvore em frente a ela. Essa é uma preocupação que é lenta, mas que é possível de ser realizável. Além da preocupação de que, de certa forma, o departamento de Educação Ambiental possa vir a desenvolver essa política de economia reversa.

Não são todos os municípios que já possuem o seu departamento e, na realidade, o ambientalista, o estudioso, não está preocupado se ficará dentro de uma Secretaria de Educação ou de uma Secretaria do Meio Ambiente, ele está preocupado na existência dele. Ele pode estar dentro do Gabinete do Prefeito, ele pode estar dentro da Secretaria de Educação, ele pode estar dentro da Secretaria do Meio Ambiente, ele pode estar dentro de qualquer outro órgão que possa ter essa visão de preocupação com o ambiente urbano e o ambiente natural. E por meio do departamento, ele pode conseguir isso com mais facilidade.

Não seria apenas a questão da educação formal, seria uma abrangência maior, acaba saindo desse processo de que nós temos que aprender a cuidar da natureza na escola, todo cidadão tem que cuidar a todo o momento. Trata-se de uma preocupação mais global, e isso a Região Metropolitana por meio do Conselho é que deve ser utilizado, deve ser buscado.

Dentro de uma Secretaria você tem essas ações intersetoriais, aqui em Praia Grande, por exemplo, o Departamento de Educação Ambiental é um órgão da Secretaria de Educação, atua nas questões pedagógicas, mas tem essa relação intersetorial com outras Secretarias, o que é fundamental para que nós possamos ampliar esse conceito de empoderamento de todo o espaço que nós vivemos tanto urbano quanto natural, e agora mais ainda com o Oceano

Atlântico, que será uma loucura, mas muito bom.

Então agradeço ao Departamento de Educação Ambiental, agradeço à Prefeitura de Praia Grande que acreditou no trabalho que a gente vem desenvolvendo e que possibilitou a existência dele em todo o município, além de conseguir uma abrangência metropolitana. Isso é muito satisfatório para quem é técnico, e eu só tenho que agradecer.

Minha mensagem é que acredito que nós devemos olhar para baixo, para frente e para cima e ver se todo esse conjunto que nós conseguimos enxergar, nós possamos fazer com que exista a harmonia e o equilíbrio, e que nós consigamos com essa nave Gaia, com essa Terra aqui, continuar a viver muito, muito, muito bem e equilibradamente.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções (1789 – 1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MAGALHÃES, Vladimir Garcia; NAVEIRA, Marcela Contardo Moscoso; GOLÇALVES, Carmem Dolores Carvalho Rodrigues. O Bioma Mata Atlântica. In: *Leopoldiano: Meio Ambiente na Zona Costeira I*. Santos: Editora Leopoldianum, 2009.

MEIHY, Jose Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

NASTASI, Fernando Rebello; Gestão pública e Agenda 21 de Cubatão: a experiência de uma instituição de ensino no processo de gerenciamento das ações. In: *Leopoldiano: Meio Ambiente na Zona Costeira II*. Santos: Editora Leopoldianum, 2009.

PIRES, Sandra Aparecida; BRUNO, Glória Cristina Carréri. *Viajando nos Caminhos da Mata Atlântica*. Praia Grande: Prefeitura Municipal de Praia Grande, 2011.

ProNEA/ Ministério do Meio Ambiente. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, Monica Solange Rodrigues; SILVA E SILVA, Rafael da. *História e Traços de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal de Praia Grande, 2016.

_____. *O desenvolvimento da Secretaria de Educação de Praia Grande: um olhar sobre a narrativa dos ex-secretários de Educação*. In: XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Santos-SP, 2014.

SILVA, Nadja Ferreira da. *Um estudo da coordenadoria de Educação Ambiental de Praia Grande com política de Meio Ambiente*. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. Santos-SP, 2015.

SIQUEIRA, Fátima Valéria; CÁLIS, Magna Flora; SILVA, Mônica Solange Rodrigues; *Paisagens da Memória: História de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal de Praia Grande, 2001.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Outros documentos consultados

Agenda 21 – 1995.

Carta de Belgrado – 1975.

Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Declaração de Estocolmo) – 1972.

APOIO CULTURAL



COMPLEXO EMPRESARIAL
ANDARAGUÁ



C B H - B S
comitê da bacia
hidrográfica da
baixada santista

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-921028-1-4



9 788592 102814